



**Universidade Católica do Salvador**  
**Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação**  
**Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea**

**ROSA MARIA DA MOTTA AZAMBUJA**

**O CUIDAR DOS AVÓS VISTO PELOS NETOS EM IDADE ESCOLAR**

Salvador  
2016

**ROSA MARIA DA MOTTA AZAMBUJA**

**O CUIDAR DOS AVÓS VISTO PELOS NETOS EM IDADE ESCOLAR**

Tese apresentada à Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich

Salvador  
2016

Revisão e Formatação: Vanda Bastos

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

A991 Azambuja, Rosa Maria da Motta.

O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar/ Rosa Maria da Motta  
Azambuja.– Salvador, 2016.

244 f.

(Doutorado) - Universidade Católica do Salvador.

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família  
na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich

1. Avós-cuidadores 2. Relação Avós e Netos - Crianças

3. Teoria Bioecológica - Desenvolvimento Humano I. Título.

CDU316.356.2-053.9

TERMO DE APROVAÇÃO

**Rosa Maria da Motta Azambuja**

“O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar”.

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 04 de março de 2016.

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup> Doutora Elaine Pedreira Rabinovich - UCSAL

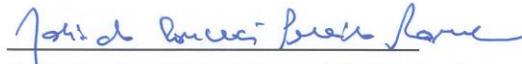
Orientador(a).



Prof.<sup>a</sup> Doutora Alda Brito da Motta - UFBA



Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Maria de Souza Brito Dias – UNICAP



Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria da Conceição Pereira Ramos - UP



Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Natália Pereira Ramos - UAB



Prof.<sup>a</sup> Doutora Miriã Alves Ramos de Alcântara – IFBA

Dedico este trabalho aos seis sobrinhos-netos, Ana Júlia, Lorenzo, Laura, Manuela, Átila Neto e Isabella, aos quais deixo o legado das ideias e incentivo para que sejam os meus percussores nesta caminhada de estudos e pesquisas.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me guiado, sustentado e permitido chegar ao final. Somente cheguei até aqui porque o Senhor me ajudou.

A minha mãe, Maria Ondina, pelo amor, compreensão, incentivo nos momentos difíceis e apoio incondicional na conquista dos meus sonhos.

A minha irmã, Teresinha, sempre terna e generosa, que patrocinou os congressos nacionais e internacionais.

Aos meus sobrinhos, Taís, Antônio Carlos, Bibiana e Tatiana, que sempre se alegraram com as minhas conquistas acadêmicas e profissionais.

À Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich, minha orientadora, interlocutora sempre interessada e atenta. Agradeço pelos esclarecimentos, exigências, desafios lançados e companheirismo constante em todas as etapas de construção deste trabalho.

Às Professoras Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias e Dra. Maria Natália Pereira Ramos, que analisaram este trabalho desde o seu início, como projeto, até este momento final. Agradeço a receptividade e o acolhimento em Recife e Lisboa para a realização do doutorado sanduíche. Deixo registrada a minha gratidão pela disponibilidade em me acolher, orientar e oferecer acesso a um rico material bibliográfico.

Às Professoras Dra. Alda Britto da Motta, Dra. Miriã Alves Ramos de Alcântara e Dra. Maria da Conceição Pereira Ramos, que compõem a banca examinadora deste trabalho, por aceitarem o convite com toda a gentileza e amabilidade.

À Bacharela em Letras, Vanda de Magalhães Bastos, que me acolheu como sua cliente e pelo profissionalismo na revisão deste trabalho.

Às avós e netos que participaram das entrevistas e que, de um modo tão envolvente, compartilharam comigo as suas vivências.

## RESUMO

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. **O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar**. Salvador, 2016. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, UCSAL, Salvador, 2016. 244f.

Este estudo toma como objeto o cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar tendo como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Entre os núcleos apresentados na teoria, priorizou-se a análise da pessoa, processo, contexto e tempo observados na interação entre a díade. Com o objetivo de compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos recíprocos entre avós-netos, focalizando a visão dos netos, a partir do contexto bio-sócio-histórico, realizou-se estudos de casos múltiplos em uma escola particular de classe média na cidade do Salvador, Bahia, Brasil e que oferece sistema de bolsa para alunos filhos dos funcionários de baixa renda. Participaram do estudo seis crianças, três estudantes do sexo feminino e três do sexo masculino, na faixa etária de 6 a 9 anos de idade, de classe média e três de classe baixa de ambos os sexos do Ensino Fundamental juntamente com suas avós. A partir de questões básicas acerca do modo como os netos percebem o significado de seu relacionamento com os avós cuidadores e como as relações intergeracionais podem ser diferentes em função do gênero quanto ao desenvolvimento e formação pessoal e social dos netos, realizou-se quatro procedimentos: entrevista com os netos, utilizando instrumentos da perspectiva educacional (roda de conversa e álbum de imagens) e a análise da interação avós-netos a partir de instrumentos da teoria sistêmica (jogo compartilhado) e psicopedagógica (caixa lúdica). Os principais resultados apontam que o significado dos avós segundo o olhar das crianças varia de acordo com o tipo de convivência: para os netos de tempo integral, os avós são vistos como cuidadores, para os do tipo sistemático, como companheiros; e para os esporádicos, brincalhões. Há diferença nas relações intergeracionais em função de gênero: enquanto as avós realizam atividades em espaços internos, como jogo educativo e eletrônico, os avós preferem os espaços externos, como jogo de salão, futebol na praia para interagir com os netos. Deste modo, compreender a criança como membro da família e como objeto de cuidado corresponde a uma visão de desenvolvimento como molar, em que, para as crianças, o cuidar envolve uma articulação estreita com a convivência e a interação.

**Palavras-chave:** Avós-cuidadores. Netos. Crianças. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

## ABSTRACT

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. **Grandchildren care by grandparents, from the perspective of school age children.** Salvador, 2016. Thesis (Ph.D.) - Family in Contemporary Society, Catholic University of Salvador UCSAL, Salvador, 2016. 244f..

This study takes as its focus grandparent caregivers as seen by schoolchildren, based on the Bioecological Theory of Human Development. This theory assumes the standpoint of the analysis of the person, process, context and time, by observing the interaction between the dyad adult/child. In order to understand the bonding circumstances and reciprocal positions between grandparents and grandchildren, through the eyes of grandchildren and based on the bio-socio-historical context, multiple case studies were performed in a private school with middle- and low-income students, located in the city of Salvador. The study, submitted and approved by the Committee of Ethics in Research, included six elementary school students, three female and three male, between the ages of six and nine years, along with their grandparents. From basic questions about how the grandchildren view the significance of their relationship with grandparents, and how intergenerational relations with grandparents may differ by gender as to the development of personal and social education, four procedures were performed: interviews with the grandchildren using instruments of educational perspective (circle of conversation and album of images); and analyses of the interaction between grandparents and grandchildren using psycho-pedagogic instruments (game boxes) and those of systems theory (shared game). The main results show that the meaning of grandparents varies according to the mode of co-habitation, for the full-time caring for grandchildren, the grandparents were seen as caretakers; for the systematic, as companions; and the sporadic, as pranksters. There was a difference in intergenerational relationships according to gender: In order to interact with their grandchildren, women perform activities in internal spaces with educational and electronic games, while men prefer activities that occur in external spaces, such as parlor games or football on the beach. Thus, understanding the child as a family member and as the object of care corresponds to a vision of development as molar, in which, for the children, being taking care of involves close articulation with coexistence and interaction.

**Keywords:** Grandparent-caregivers. Grandchildren. Children. Bioecological Theory of Human Development.



## RESUMEN

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. **El cuidado de los abuelos visto por los nietos en edad escolar**. Salvador, 2016. Tesis (Doctorado en Familia en la Sociedad Contemporánea) Universidad Católica de Salvador, UCSAL, Salvador, 2016. 244f..

Este estudio toma como objeto el cuidado de los abuelos visto por los nietos en edad escolar basado en la Teoría Bioecológica de Desarrollo Humano. Entre los núcleos que se muestran en la teoría, fue priorizado la análisis de la persona, proceso, contexto, y el tiempo observado en la interacción entre la díada. Con el fin de entender las circunstancias vinculares y las posiciones recíprocas entre abuelos-nietos, centrándose en la visión de los nietos, a partir del contexto bio-socio-histórico, que se llevó a cabo varios estudios de caso en una escuela privada de la clase media en la ciudad de Salvador, Bahia, Brasil, que ofrece un sistema de becas para los estudiantes hijos de empleados de bajos ingresos. El estudio incluyó a seis niños, tres estudiantes de sexo femenino y tres masculino, de 6 a 9 años de edad, de clase media y baja de escuela primaria, junto con sus abuelos. A partir de las preguntas básicas acerca de cómo los nietos se dan cuenta de la importancia de su relación con los cuidadores y cómo las relaciones entre las generaciones abuelos pueden ser distinta según el género en el desarrollo y la educación personal y social de los nietos se llevó a cabo cuatro procedimientos: entrevista con los nietos utilizando instrumentos de perspectiva educativa (círculo de conversación y álbum de fotos) y análisis de interacción entre abuelos y nietos con instrumentos de la teoría de los sistemas (juego compartido) y psicopedagógico (caja lúdica). Los principales resultados muestran que el significado de los abuelos a través de los niños varía según el tipo de convivencia: para los nietos de cuidado integral los abuelos son vistos como cuidadores, los tipo sistemático, como compañeros; y esporádica, bromistas. Hay diferencias en las relaciones intergeneracionales por género: mientras que los abuelos realizan actividades en los espacios internos, tales como juegos educativos y electrónicos, y los abuelos prefieren espacios externos, tales como juegos de salón, fútbol en la playa para interactuar con sus nietos. Por lo tanto, la comprensión del niño como un miembro de la familia y como objeto de atención corresponde a una visión del desarrollo como molar, que para los niños, el cuidado implica una estrecha relación con la convivencia y la interacción.

Palabras clave: Abuelos-cuidadores. Nietos. Niños. Bioecológica teoría del desarrollo humano.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Etapas da entrevista .....	118
Figura 2 Esquema do cuidar/Contexto .....	158
Figura 3 Esquema do cuidar/Processo .....	166
Figura 4 Esquema do cuidar/Tempo .....	179
Figura 5 Esquema do cuidar/Pessoa .....	182

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Perfil sociodemográfico das avós pesquisadas – Salvador, 2015 .....	120
Quadro 2 Perfil sociodemográfico dos netos pesquisados – Salvador, 2015 .....	121
Quadro 3 Roda de Conversa: como é a convivência com os avós? O que fazem juntos? – Salvador, Bahia, 2015 .....	126
Quadro 4 Resumo do Álbum de Conversa – Salvador, Bahia, 2015 .....	129
Quadro 5 Resumo do Jogo Compartilhado – Salvador, Bahia, 2015 .....	131
Quadro 6 Atividade Lúdica – Salvador, Bahia, 2015 .....	135

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões – Brasil, 2013 .....	36
Tabela 2	Dados demográficos e expectativa de vida da população brasileira – Brasil, 2012 .....	37
Tabela 3	Número de estudos por regiões brasileiras .....	79
Tabela 4	Número de estudos selecionados nos continentes da Europa e América do Norte e América Latina .....	80
Tabela 5	Entrevistados na coleta de dados da Europa, América do Norte e América Latina .....	80
Tabela 6	Entrevistados na coleta de dados nas regiões brasileiras .....	81

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AARP	Associação de Reformados dos Estados Unidos
CEDEPLAR	Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPCT	Pessoa-Processo-Contexto-Tempo
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEPLAN	Secretaria do Planejamento
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano
UCSal	Universidade Católica do Salvador

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 ESTUDOS DE AVÓS E NETOS</b> .....	27
1.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS NOS ÚLTIMOS 60 ANOS .....	27
1.2 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NA ATUALIDADE .....	32
1.3 ANÁLISE DE ESTUDOS DA DÉCADA DE 2004 A 2014 .....	38
<b>1.3.1 Conceção de cuidar</b> .....	38
1.3.1.1 <i>Significado do cuidar</i> .....	42
1.3.1.2 <i>O cuidado das avós em diferentes culturas</i> .....	45
1.3.1.3 <i>Aspectos positivos/facilitadores e negativos do cuidar</i> .....	49
<b>1.3.2 Papel dos avós cuidadores</b> .....	52
1.3.2.1 <i>Apoio ao recém-nascido</i> .....	52
1.3.2.2 <i>Apoio aos netos hospitalizados e deficientes</i> .....	53
1.3.2.3 <i>Suporte afetivo, econômico e social</i> .....	55
1.3.2.4 <i>Tipo tradicional rígido</i> .....	56
1.3.2.5 <i>Tipo contemporâneo flexível</i> .....	57
1.3.2.6 <i>Diferença das atividades realizadas pelos avôs e avós</i> .....	60
1.3.2.7 <i>Promoção de vida saudável aos netos</i> .....	62
1.3.2.8 <i>Apoio escolar dos avós</i> .....	63
<b>1.3.3 Motivos do cuidado</b> .....	66
1.3.3.1 <i>Gravidez na adolescência</i> .....	66
1.3.3.2 <i>Separação/Divórcio dos pais</i> .....	67
1.3.3.3 <i>Corresidência</i> .....	69
1.3.3.4 <i>Trabalho</i> .....	70
1.3.3.5 <i>Doença mental, dependência química e morte dos filhos</i> .....	72
1.3.3.6 <i>Migração dos pais</i> .....	72
1.3.3.7 <i>Guarda judicial</i> .....	73
<b>1.3.4 Significado da relação entre avós e netos para crianças e adolescentes</b> .....	74
1.3.4.1 <i>Preferência pela avó materna</i> .....	74
1.3.4.2 <i>Relacionamento marcado por brincadeiras</i> .....	75
1.3.4.3 <i>Relacionamento marcado por troca de conhecimentos</i> .....	78
1.3.4.4 <i>Síntese</i> .....	79

<b>2</b>	<b>ABORDAGEM BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO</b>	82
2.1	A CONCEPÇÃO DA ABORDAGEM BIOECOLÓGICA .....	85
<b>2.1.1</b>	<b>O modelo inicial</b> .....	85
2.1.1.1	<i>Microssistema</i> .....	86
2.1.1.2	<i>Mesosistema</i> .....	91
2.1.1.3	<i>Exossistema</i> .....	93
2.1.1.4	<i>Macrossistema</i> .....	94
<b>2.1.2</b>	<b>Mudança do modelo ecológico para bioecológico</b> .....	95
2.1.2.1	<i>O modelo modificado e ampliado</i> .....	95
2.2	A FAMÍLIA PARA URIE BRONFENBRENNER .....	101
2.3	O CUIDAR NA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA .....	106
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	110
3.1	A OPÇÃO PELA PESQUISA QUALITATIVA .....	110
3.2	A INSERÇÃO ECOLÓGICA E O MODELO PPCT .....	111
3.3	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA .....	113
3.4	LOCAL E PARTICIPANTES .....	113
3.5	CRITÉRIOS DE ESCOLHA .....	114
3.6	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS .....	116
3.7	ELEMENTOS DE ANÁLISE .....	118
<b>3.7.1</b>	<b>Fluxograma das etapas das entrevistas</b> .....	118
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	119
4.1	PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS AVÓS E NETOS .....	119
<b>4.1.1</b>	<b>Neta e Avó: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica média</b>	121
<b>4.1.2</b>	<b>Neto e Avó: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica baixa</b>	122
<b>4.1.3</b>	<b>Avó e Neto: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica média</b> .....	122
<b>4.1.4</b>	<b>Avó e Neta: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica baixa</b> .....	122
<b>4.1.5</b>	<b>Avó e Neta: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica média</b> .....	123
<b>4.1.6</b>	<b>Avó e Neto: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica baixa</b> .....	123
4.2	RODA DE CONVERSA .....	124
4.3	ÁLBUM DE IMAGENS .....	128
4.4	JOGO COMPARTILHADO .....	130

4.5 CAIXA LÚDICA .....	134
4.6 RETOMANDO OS SEIS CASOS: RELAÇÃO ENTRE NETOS E AVÓS .....	138
<b>4.6.1 Avó e Neta: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica média</b> .....	138
<b>4.6.2 Avó e Neto: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica baixa</b> .....	138
<b>4.6.3 Avó e Neto: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica média</b> .....	139
<b>4.6.4 Avó e Neta: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica baixa</b> .....	139
<b>4.6.5 Avó e Neta: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica média</b> .....	140
<b>4.6.6 Avó e Neto: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica baixa</b> .....	140
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	141
5.1 CUIDAR E A PESSOA: GÊNERO DOS AVÓS .....	142
<b>5.1.1 As diferenças e semelhanças de gênero: avós-mulheres e avós-homens</b> .....	142
5.1.1.1 <i>Avós-mulheres</i> .....	143
5.1.1.2 <i>Avós-homens</i> .....	144
<b>5.1.2 Modo de contato das linhagens: solidariedade feminina e matrilinearidade</b> .....	146
5.1.2.1 <i>Solidariedade feminina</i> .....	146
5.1.2.2 <i>Matrilinearidade</i> .....	146
5.1.2.3 <i>Preferência dos gêneros</i> .....	148
5.2 CUIDAR E O CONTEXTO: LOCAL DE INTERAÇÃO E ATIVIDADES LÚDICAS .....	152
<b>5.2.1 Residência dos avós</b> .....	152
<b>5.2.2 Tipos de interações</b> .....	153
<b>5.2.3 Brincadeiras dentro e fora de casa</b> .....	154
5.3 CUIDAR E O PROCESSO: CONVIVÊNCIA COM OS AVÓS .....	161
<b>5.3.1 Significado da convivência</b> .....	161
<b>5.3.2 Motivos do cuidado</b> .....	164
<b>5.3.3 Papéis dos cuidadores</b> .....	166
5.4 CUIDAR E O TEMPO: COTIDIANO DOS NETOS NA CASA DOS AVÓS .....	169
<b>5.4.1 Microssistema</b> .....	169
5.4.1.1 <i>Tempo de convivência</i> .....	169



5.4.1.2 <i>Transmissão intergeracional: valores morais, religiosos e novas tecnologias</i> .....	172
<b>5.4.2 Mesotempo</b> .....	175
5.4.2.1 <i>Regularidade dos encontros (dias da semana e rotina)</i> .....	175
5.4.2.2 <i>Percepção dos limites (horários e regras de convivência)</i> .....	177
<b>5.4.3 Macrotempo</b> .....	178
5.4.3.1 <i>Expectativas de mudanças: envelhecimento e fragilidade na saúde</i> .....	178
5.5 SÍNTESE .....	182
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	185
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	190
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE A</b> TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AVÓS .....	212
<b>APÊNDICE B</b> TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS .....	214
<b>APÊNDICE C</b> TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENOR .....	215
<b>APÊNDICE D</b> CARTA CONVITE AOS PAIS DAS CRIANÇAS .....	216
<b>APÊNDICE E</b> PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UCSAL .....	217
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO A</b> CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL (CCEB) .....	222
<b>ANEXO B</b> FICHA DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA AVÓS MATERNO E PATERNOS .....	227
<b>ANEXO C</b> FICHA DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA PAIS .....	228
<b>ANEXO D</b> RODA DE CONVERSA .....	229
<b>ANEXO E</b> ÁLBUM DE IMAGENS .....	231
<b>ANEXO F</b> JOGO COLABORATIVO ENTRE AVÓS E NETOS .....	233
<b>ANEXO G</b> SESSÃO LÚDICA ENTRE AVÓS E NETOS .....	236
<b>ANEXO H</b> REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	237
<b>ANEXO I</b> PUBLICAÇÃO DO TEMA .....	239
<b>ANEXO J</b> LEVANTAMENTO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS NOS ESTUDOS .....	241
<b>ANEXO K</b> ESQUEMA DO CUIDAR .....	243
<b>ANEXO L</b> CONFIGURAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS FAMILIARES .....	244

## INTRODUÇÃO

---

Para nos referirmos à infância, devemos considerar alguns conceitos que contextualizam estas ideias, iniciando pela etimologia da palavra, oriunda do latim *infans*, que significa “o que ainda não fala”. Já, se recorrermos ao Dicionário de Língua Portuguesa, encontramos alguns conceitos como: “infância, período de crescimento que vai, no ser humano, do nascimento à puberdade”; “infantil, próprio para a infância, pueril, ingênuo”. Entretanto, para o Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro (ECA) – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – “criança é a pessoa que possui até 12 anos de idade incompletos” (BURCKARDT; SCHWENGBER, 2014).

Essas definições revelam uma concepção “naturalizada” que acaba generalizando que todas as pessoas vivem a mesma etapa da mesma maneira. Diferentemente destas ideias, não se compreende a infância como fenômeno natural, mas como uma construção social que possui localização temporal e espacial e que acontece de forma plural, sendo afetada por efeitos sociais que modificam sua condição, estando em constante movimento e construção (FERNANDES, 2013).

A ideia de que as crianças são sujeitos que estão se constituindo socialmente desafia novas pesquisas e novos olhares para compreender quem é este sujeito hoje, que tanto difere do exposto por Ariès ao descrever que, na Idade Média, “as crianças [...] pertenciam ao universo feminino, junto ao qual permaneciam até terem capacidade de trabalho, de participação na guerra ou de reprodução, isto é, até serem rapidamente integrados na adultez precoce” (1981, p. 11). As crianças eram encaradas como adultos em miniatura até o século XVIII, quando Rousseau e outros pensadores vieram reclamar que a infância fosse perspectivada como um período de desenvolvimento diferenciado, com especificidade própria. Até quase nossos dias, o conceito durkheimiano de infância nos impedia de reconhecer a autonomia existencial da criança, considerando-a estritamente como um ser em devir, um ser-futuro, uma pessoa em vias de formação, frágil e delicada (BOTELHO, 2012).

Contudo, os sociólogos da infância, através de suas pesquisas, têm buscado desconstruir esta imagem, propondo-se a trazer para o debate a infância como um fenômeno sociológico, apontando para a sua construção social e sua constituição enquanto categoria social do tipo geracional (SARMENTO; PINTO,

1997). Ao se pensar a infância como uma construção social e cultural, reconhece-se, antes de tudo, que as crianças são atores sociais (DELGADO; MULLER, 2006) porque criam e recriam as realidades e dão outros sentidos ao mundo.

Além do mais, como atores sociais, as crianças estão em constante interação entre elas, com os adultos, com as instituições e buscam formas de participação no mundo social: “Nesta interação, apreendem e contestam regras, constroem visões de mundo e significam o tempo e o espaço em que vivem a partir da compreensão que têm deles” (SCHERER, 2009, p. 3).

Nesta perspectiva, ao considerarmos a criança como ator social, estamos permitindo que sua voz se faça ouvir e isto é condição fundamental para a conhecermos e para compreendermos como se constituem e se organizam estas apreensões, construções e significações. Deste modo, passamos a percebê-la para além de nossas certezas pré-estabelecidas configuradas em uma lógica adulta.

Além disso, o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar outra realidade social que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos modos de vida (RAMOS, 2011). O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente, como asseveram Sarmiento e Pinto: “Interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças” (1997, p. 25).

Nesse sentido, considerar as crianças como atores sociais é percebê-las também como sujeitos plenos, com direitos que necessitam ser garantidos, respeitando-as em sua condição. Este respeito se estende à percepção da infância como plural e à valorização de sua diversidade, marcada pela classe social, gênero, cultura, etnia, pelo espaço geográfico em que as crianças habitam, enfim, seus diferentes mundos de vida (SCHERER, 2009).

Há quem diga que a infância estaria passando por um processo de desaparecimento e que estaríamos nos encaminhando para uma fase marcada pelo fim da infância, frente à sua precoce “adultização” e erotização (POSTMAN, 1999); porém, há quem defenda que a infância contemporânea não está desaparecendo e sim se modificando, apresentando-se como plural e recebendo o investimento de novos papéis e estatutos sociais (SARMENTO; PINTO, 1997). Fazem parte deste segundo grupo os sociólogos da infância que consideram as mudanças sociais que

ora se configuram em nível mundial, também, nos modos de perceber e representar a infância, diferente daqueles institucionalizados na Modernidade. Portanto, estaríamos vivenciando hoje um processo de reinstitucionalização da infância, como afirma Sarmento:

Os tempos contemporâneos incluem as diferentes mudanças sociais que caracterizam a reinstitucionalização da infância. As idéias e representações sociais sobre as crianças, bem como suas condições de existência, estão a sofrer transformações significativas, em homologia com as mudanças que ocorrem na estruturação do espaço-tempo das vidas quotidianas, na estrutura familiar, na escola, nos *mass-media*, e no espaço público. Contrariamente à proclamada 'morte da infância', o que a contemporaneidade tem aportado é a pluralização dos modos de ser criança, a heterogeneização da infância enquanto categoria social geracional e o investimento das crianças com novos papéis e estatutos sociais (2004, p.1).

Estender um olhar significativo para como se dá o processo de reinstitucionalização é condição fundamental para compreendermos a infância, que se personifica na figura das crianças em seus modos de ser e de viver, investida de novos papéis e estatutos sociais como resultado dos novos tempos que estão se configurando (SCHERER, 2009).

No entanto, os estudos que buscam dar voz às crianças ainda são poucos e recentes, tendo sido impulsionados, como dito acima, pelo campo da Sociologia da Infância, no início dos anos 1990 (RAMOS, 2011), porém, pouco sabemos acerca do que as crianças pensam sobre suas vivências, opções, capacidades de ação, decisão e transformação social dos mundos sociais em que são inseridas e que criam entre si (BOTELHO, 2012).

Contudo, as falas das crianças, suas brincadeiras, desenhos e, muitas vezes, até mesmo seu silêncio revelam muito de suas percepções em relação ao mundo que as cerca. "Auxiliam-nos também a compreender como as crianças organizam seu pensamento, como estabelecem suas relações sócio-culturais e como vão construindo suas visões de mundo a partir da forma como se percebem inseridas neste" (SCHERER, 2009, p. 7).

Escutar as crianças sobre suas próprias experiências é reconhecê-las como indivíduos plenos que têm o que contar sobre si mesmas e suas experiências. A escuta e o olhar atento reduzem as distâncias geracionais e nos aproximam de estudos e pesquisas que permitirão ampliar o conhecimento da relação entre avós e netos (PASSEGGI; ROCHA, 2012).

Por meio do diálogo entre avós e netos, oportunidades para compartilhar experiências, lembranças e desabafos surgem como uma forma de reviver o prazer da troca e da escuta de ambos sobre suas próprias experiências, além de legitimar suas narrativas como fonte de pesquisa e evidenciar como a criança se constituiu em um caminho para o aprendizado da convivência (MOURA, LIMA, 2014).

Mas, o que aprendemos com elas?

Aprendemos a escutá-las e a reconhecê-las como indivíduos plenos que têm o que contar sobre si mesmas e suas experiências. Aprendemos que a criança tem o que contar que ela sabe sobre o que refletir ao narrar suas experiências de vida (PASSEGGI; ROCHA, 2012, p. 19).

Corroborando esse pensamento, Corsaro aponta que o uso de técnicas que prezam pela escuta da criança possibilita a construção de sentido desses sujeitos, ao dar voz às preocupações infantis e considerar as interpretações possíveis das crianças sobre as vivências de sua própria infância.

Esses métodos têm grande potencial porque não se concentram tanto sobre como as crianças se tornam adultos – que é o objetivo da pesquisa mais tradicional em socialização –, mas sim no que as crianças podem nos ensinar e comunicar sobre suas experiências de vida compartilhada (2011, p. 61).

Para a autora, as atividades com crianças demandam técnicas e materiais específicos, com planejamento prévio e flexibilidade no momento de execução. A consideração quanto aos diferentes modos de se comunicar e à compreensão que as crianças têm da linguagem leva à adoção de métodos participativos, tendo em vista possibilitarem diversas linguagens, verbais e não verbais, que são significativas e fundamentais para a caracterização e a melhor compreensão do mundo que as rodeia (MEDEIROS; FRANCISCHINI, 2014).

Contudo, nessa perspectiva, a atuação com crianças exige do adulto uma flexibilidade, durante a realização das atividades, de forma a proporcionar um espaço de abertura no qual as crianças tenham voz ativa, podendo colocar suas opiniões e narrativas de cuidado na casa dos avós e mostrar, por meio de seus saberes, que o convívio com os avós contribui para a própria constituição do *eu* infantil (RAMOS, 2011).

A motivação para a escolha do relacionamento netos-avós pelo olhar dos netos surgiu tanto do interesse profissional quanto da oportunidade de aprofundamento teórico sobre as relações familiares intergeracionais.

Quando o tema avós/cuidadores de crianças começou a emergir em minhas percepções profissionais como psicopedagoga, percebi que os avós, mais velhos ou mais novos, estavam muito atuantes na vida dos netos, telefonando para marcar avaliação psicodiagnóstica, conduzindo-os ao consultório e participando da entrevista de anamnese. Ou seja: percebi, em minha prática clínica, a importância dos avós na vida dos netos e isto despertou curiosidade de melhor compreender como estas relações vêm ocorrendo.

Com relação ao aspecto pessoal, a escolha do tema não somente emergiu do contexto do consultório como também de uma análise introspectiva a partir da participação no grupo de pesquisa “Família (auto)biografia e poética”, da Universidade Católica do Salvador (UCSal), em que estavam sendo analisados os capítulos do livro de Cervený (2011), *Intergeracionalidade: heranças na produção do conhecimento*. A partir do compartilhamento de experiências com as colegas, pude me autoanalisar e chegar à conclusão de que a escolha do meu tema estava relacionada à minha história intergeracional pelo fato de não ter convivido com avós, desconhecer esta relação e desejar ouvi-la através do relato das crianças.

Desta maneira, pude compreender que minha “curiosidade” a respeito do relacionamento avós/netos, aparentemente intensos na vida cotidiana de muitos de meus clientes, brotava também de um vazio que eu poderia vir a preencher por meio deste estudo. De modo algum, isto é um subjetivismo: ao contrário, alertou-me para a importância do tema a partir da minha “falta”.

Devido ao fato de não ter convivido com meus avós biológicos, fui uma criança que buscava nas pessoas mais velhas esta compensação. No relato autobiográfico, a partir da história dos sobrenomes, descrevi ser filha de pais hoteleiros, que ofereciam serviço de restaurante para os hóspedes e que eu ficava observando as pessoas e escolhia as que eram maduras, com aspectos de avós, para que me contassem uma história. Ao selecionar alguém, pedia a minha mãe que preparasse o meu prato igualzinho ao seu pedido e que me servisse a mesma bebida; caso fosse um cálice de vinho, pedia que me servisse, em um cálice pequenino, vinho misturado com água e açúcar. Então, me aproximava da mesa e pedia licença para me sentar e fazer companhia. Logo em seguida, sem cerimônia,

perguntava se sabia contar histórias e eles, então, narravam algum clássico infantil. Depois que escutava atentamente, contava-lhes outra: contava a história de minha família, sem nomeá-los (AZAMBUJA, 2013b).

Assim, percebo o quanto o vazio de origem me motivou a olhar em direção das relações entre avós e netos, sentindo o desejo de encontrar nas vozes das crianças como é ser neto de avós cuidadores.

Ainda relacionado ao aspecto pessoal para a escolha do tema de pesquisa, tenho constatado que as pessoas da minha geração estão se tornando avós e isto remete ao ciclo vital. Barros (2000), baseada nas etapas de Erick Erickson, afirma que esta etapa seria a de geratividade, onde a pessoa se encontra na meia idade e vai adquirindo o senso de colaboração, envolvendo-se em projetos que auxiliem as pessoas. E é nesta fase em que me encontro, interessada em contribuir no papel de tia-avó materna.

Estou acompanhando o desenvolvimento do meu sobrinho-neto desde a sua idade de dois anos e três meses: atualmente, ele está com quatro anos de idade. Naquela ocasião, ofereci-me para cuidar dele profissionalmente e, para tal, desenvolvi um planejamento com o objetivo de analisar a sua forma de brincar, explorando os tipos de brinquedos do seu interesse, promovendo uma rotina de sala de aula e identificando a concepção que o sobrinho-neto estabelecia com a figura da tia-avó. Ao longo de doze semanas, ele explorou todos os brinquedos disponíveis e selecionou aqueles pelos quais tinha maior interesse; estabeleci, então, uma rotina diária que envolvia a livre escolha dos brinquedos e prosseguia com filmes, exploração de livros, histórias com fantoches, danças e atividades compartilhadas. Houve boa relação vincular comigo e ele passou a me perceber como educadora tanto que, um dia, ao me ver, correndo ao meu encontro, expressou: “*Rosinha, ensina-me!*”.

Nesse aspecto, partimos do pressuposto de que as avós contribuem para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social e que a qualidade do vínculo intergeracional colabora no processo interativo e coeducativo no qual tanto os mais velhos quanto os mais novos aprendem e ensinam. Contudo, Ramos (2011) afirma que estudar as relações intergeracionais a partir dos relatos dos pais e avós não é a mesma coisa que estudá-las a partir dos relatos dos netos.

A importância de se investigar a relação intergeracional entre avós e netos parte da constatação de que alguns estudos têm pesquisado esta interação;

no entanto, grande parte deles não analisa o ponto de vista dos netos e mais raros ainda são aqueles que se debruçam a estudar a perspectiva dos netos-crianças. As crianças muito têm a dizer sobre a cultura societal na qual estão inseridas. Por meio de seus saberes, elas nos permitem apreender não apenas seus jogos e brincadeiras, mas, também, um amplo conhecimento sobre o mundo e a sociedade em que vivem (RAMOS, 2011).

Atualmente, relações intergeracionais se tornou um tema dominante nas pesquisas, no âmbito dos avós, promovendo a existência de estudos que focam, especificamente, o papel dos avós ou apenas a perspectiva dos netos sobre a sua relação. No entanto, os estudos que buscam dar voz às crianças ainda são bastante recentes, tendo sido impulsionados pelo campo da Sociologia da Infância, no início dos anos 1990. Por isto, ainda temos um longo caminho a trilhar, se quisermos colocá-las no cerne de nossas pesquisas.

A literatura consultada revela que os avós são necessários para o desenvolvimento equilibrado dos netos, que estes não têm um papel neutro neste processo de desenvolvimento e que os netos tendem a ver os avós como figuras adultas especiais. Há, também, como vimos, autores que defendem que este relacionamento intergeracional é um fator de prazer para os avós que, ao serem úteis e interagirem com os netos, se sentem realizados no seu papel, o que contribui para o seu próprio equilíbrio emocional.

As relações intergeracionais estão ligadas às mudanças na sociedade e na própria família, tendo alcançado alguma maturidade teórica para poder se tornar objeto de estudo, dando provas da sua importância, mostrando a influência que exercem sobre os dois grupos (avós e netos), acabando por comprometer indiretamente os outros elementos da sociedade (OLIVEIRA, 2011).

Recentemente, ao analisarmos a pesquisa de Rabinovich e Moreira (2008) sobre a concepção das crianças acerca do que é ser avô/avó, identificamos tipologias de avós: esporádica, sistemática, substituta e integral.

Assim, com base na revisão de literatura efetuada, levantamos algumas suposições:

- os avós são importantes na vida dos netos e vice-versa;
- o vínculo requer uma relação interpessoal e atividade compartilhada;



- os cuidados com os netos são fundamentais para os avós e proporcionam satisfação e bem-estar;
- os cuidados com os netos incluem cuidados físicos, emocionais e materiais-financeiros, na saúde e na doença;
- a relação entre avós e netos é intermediada pela relação com os pais e dela dependente, favorecendo ou prejudicando o relacionamento entre avós/netos;
- os avós podem fornecer cuidados substitutos, complementares e eventuais;
- as avós parecem ser mais presentes nos cuidados do que os avós; e
- há diferenças referentes a classe social, geração e gênero.

Mas, se for verdade, também, que há poucos estudos sobre o relacionamento avós/netos sob a ótica dos netos, então, surge como **indagação principal**: do ponto de vista dos netos, como estes percebem o significado de seu relacionamento com os avós-cuidadores? e como as relações intergeracionais podem ser diferentes, em função do gênero, quanto ao desenvolvimento e formação pessoal e social dos netos?

Portanto, podem ser consideradas **questões orientadoras** da presente investigação:

- 1) Que significados os netos atribuem às suas relações com os avós?
- 2) Dos avós, qual é a figura mais presente na vida das crianças? De que maneira?
- 3) Em que aspectos da vida dos netos os avós estão mais presentes?
- 4) Em que aspectos do dia a dia se verificam as maiores diferenças na interação com os avós, face ao gênero dos netos?
- 5) Como pode ser descrita a relação entre avós e netos?

Assim, o presente estudo tem como **objetivo geral** compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos dos netos a partir do contexto bio-sócio-histórico na sua relação com seus avós.

Como **objetivos específicos**, pretende-se:

- › conhecer os motivos que levam os netos a serem cuidados pelos avós e determinar o tipo de cuidadores;
- › perceber o significado dos avós cuidadores segundo o olhar das crianças;

‣ identificar como e em que direção os avós influenciam a vida dos netos e outras indicações futuras do ponto de vista dos netos;

‣ verificar como as relações entre avós e netos têm conformações diversas a partir de diferenças associadas a gênero.

Portanto, a organização do presente estudo se deu em torno dos seguintes eixos, que nortearão tanto a coleta das informações quanto a sua análise:

a) Realização de um extenso levantamento sobre o estado da arte acerca de estudos relativos ao relacionamento avós/netos para nos situar frente à temática e às questões por ela suscitadas.

b) Utilização das abordagens bioecológica do desenvolvimento, de Urie Bronfenbrenner (2011) para compreender tanto a relação entre os contextos em que tal relacionamento ocorre quanto às dimensões pessoa/processo/contexto/tempo.

Pode-se supor que o olhar da criança a respeito dos avós é constituído em sua interação ativa e seletiva com o ambiente familiar imediato – um microssistema –, com outros ambientes sociais, tais como a escola – cujas relações com a família e com outros microssistemas compõem mesossistemas – e, ainda, com os valores e concepções prevalentes no contexto social mais amplo (exossistema) e no macrossistema, contexto sócio-histórico do qual o exossistema faz parte (BRONFENBRENNER, [1979] 1996; 2004).

c) Finalmente, o método decorre das questões propostas objetivando respondê-las. Para tal, serão realizadas entrevistas com avós e netos que consistirão em quatro etapas: rodas de conversa; álbum de imagem; jogo colaborativo em família; e sessão lúdica. A análise ocorrerá por derivações sucessivas a partir dos dados coletados pelos instrumentos acima nomeados, tendo como guia a abordagem bioecológica.

Esta tese está organizada em torno dos seguintes capítulos, que irão compor seu *corpus*:

O primeiro capítulo apresenta o título “**Estudos de avós e netos**” e apresenta o estado da arte a partir da relação entre avós e netos nos aspectos sócio-históricos nos últimos 60 anos; traz dados sociodemográficos do envelhecimento populacional na atualidade e analisa os estudos da década de 2004 a 2014 em relação à concepção do cuidar, papel dos avós cuidadores, motivos do cuidado e significado da relação entre avós e netos para crianças e adolescentes.

O segundo capítulo, “**Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano**”, expõe a teoria, a família e a infância e o processo do cuidar na perspectiva da abordagem bioecológica.

O terceiro capítulo, “**Método**”, aborda a opção pela pesquisa qualitativa, os aspectos éticos da pesquisa, o local e os participantes, os critérios de escolha e os instrumentos utilizados.

O quarto capítulo, “**Resultados**”, apresenta o perfil sócio-demográfico dos avós e netos; os elementos advindos da roda de conversa, assim como do álbum de imagens, do jogo colaborativo e da caixa lúdica.

O quinto capítulo: “**Discussão**” discorre sobre as quatro categorias da análise de dados: Cuidar e a Pessoa: gênero dos avós; Cuidar e o Contexto: local de interação; Cuidar e o Processo: convivência com os avós; Cuidar e o Tempo: cotidiano dos netos.

E, por fim, o sexto capítulo, “**Considerações Finais**”, responde aos objetivos, geral e específicos, registra as constatações percebidas no lócus de pesquisa e sugere novas pesquisas sobre o tema.

## CAPÍTULO 1

---

### ESTUDOS DE AVÓS E NETOS

Iniciaremos este item apresentando os aspectos sócio-históricos do estudo dos avós nos últimos 60 anos, a seguir os dados sociodemográficos sobre velhice no Brasil. E, por fim, apresentaremos o estado da arte contendo os artigos, dissertações e teses nacionais e internacionais da década de 2004 a 2014.

#### 1.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS NOS ÚLTIMOS 60 ANOS

O estudo das relações intergeracionais entre avós e netos se tornou alvo de investigações nas quais se torna necessário abordar uma perspectiva bidirecional e interativa, pois cada questão que se discute depende da interação de ambas as perspectivas. A importância da mutualidade na relação entre avós e netos foi reconhecida, sobretudo, durante a década de 80, ao mesmo tempo em que o interesse sobre a avosidade cresceu consideravelmente. Dentre os fatores que contribuíram para esta situação, está o aumento na expectativa de vida, o que tem levado a um maior tempo de permanência dos indivíduos na função de avós (DIAS; SILVA, 1999; OLIVEIRA; VIANA; CÁRDENAS, 2010;).

As relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes etapas do desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e contribuindo para a unidade dentro da multiplicidade. Tendo por base essas condições, constatamos que as relações intergeracionais entre avós e netos podem ser identificadas como uma das práticas mais antigas na civilização, permanecendo até os dias de hoje como chave lógica para toda a comunidade (OLIVEIRA, 2011).

Nem sempre o modelo de ser avó foi como é atualmente. A História mostra que os avós mudaram, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, mas, inevitavelmente, o conceito está ligado à idade, aos mais velhos (ATTIAS-DONFUT; LAPIERRE; SEGALIN, 2002). De qualquer forma, os avós hoje são avós diferentes dos de ontem.

Por muito tempo, o olhar que se tinha para uma avó era o de uma mulher com cabelos brancos presos em forma de coque, pele enrugada, corpo encurvado,

sentada em uma cadeira de balanço, contando histórias e fazendo doces para seus netos. Contudo, a avó idosa contemporânea dos grandes centros urbanos brasileiros não atende a essa visão tradicional. Há avós idosas que participam de novas experiências, como lazer em grupo e retorno ao mercado de trabalho. Buscam ser joviais e estar bem para a idade, sem que isto interfira no afeto que sentem pela terceira geração. Elas relatam ser apaixonadas por seus netos. Descrevem um amor desinteressado, sem o ônus do compromisso. Enfim, as avós podem ter mudado seu posicionamento social, mas o amor pelos netos não mudou (MELCA, 2013; MEDEIROS; FRANCISCHINI, 2014).

As relações entre avós e netos, embora sempre tenham existido, apenas a partir da década de 1940 se tornaram alvo de investigações as quais têm acompanhado o desenvolvimento da sociedade e as evoluções a que esteve sujeita (OLIVEIRA, 2011).

António (2010) considera que o período da II Grande Guerra Mundial evidenciou profundas alterações na estrutura e no funcionamento da família, com a particularidade da existência de duas fases distintas, no decorrer do conflito e no pós-guerra, as quais reuniram as condições para que os avós ocupassem um lugar de destaque enquanto substitutos dos pais e enquanto sustento do modelo de família extensa.

Segundo estudos, com o término da Segunda Guerra Mundial, as primeiras pesquisas se voltaram para a análise do suporte oferecido pelas avós em tempos de guerra, quando seus filhos, genros e maridos se encontravam em combate, e em tempos de pós-guerra, quando as jovens famílias começaram a migrar de forma mais intensa para as áreas urbanas, o acesso à escolarização aumentou e a proporção de mulheres que entrava no mercado de trabalho começou a crescer (RAMOS, 2011; DURÃO, 2012).

Nesse mesmo período, os pesquisadores, fortemente inspirados pelos estudos de Parsons, se inclinaram a analisar as relações entre um possível isolamento da família nuclear e o papel dos avós nas relações de cuidado. “Os Estados Unidos também estavam conhecendo uma nova realidade demográfica: era o início de uma era de grande pico na taxa de natalidade. Estava chegando a chamada geração dos ‘*baby boomers*’” (RAMOS, 2011, p. 17).

A geração nascida nos anos **40/50** assistiu a mudanças sociais, como a configuração de novos modelos de relação conjugal, a novos tipos de educação, ao

acesso à contracepção e à interrupção da gravidez bem como à participação massiva das mulheres no mercado de trabalho (ATTIAS-DONFUT; LAPIERRE, SEGALLEN, 2002).

Em relação ao perfil das avós, devido ao contexto sociocultural, seriam avós rígidas e menos participativas no cotidiano de seus netos. Um dos fatores que influenciou este perfil se deve ao fato de a sociedade dos anos **1950** ser composta, em sua grande maioria, por famílias nucleares, com papéis rígidos, onde a mulher tinha a função de procriar, cuidar dos afazeres domésticos e, além disto, mediar relações intrafamiliares (SILVA et al., 2010).

Além disso, deve-se levar em conta o fato de que a expectativa de vida nesta época era baixa. Sendo assim, poucas destas mulheres conheceram ou conviveram com seus netos. (LOPES; NERI; PARK, 2005).

O expressivo número de nascimentos registrado no período pós II Guerra influenciaria as pesquisas da década de **1960**, quando as funções e os diferentes estilos assumidos pelos avós foram colocados em foco. Os estudos multigeracionais ganharam espaço e, na construção deste mapeamento, avós e netos passaram a ser importantes fontes de pesquisa. Nessa época, Neugarten e Weinstein (1964)<sup>1</sup> escreveram um trabalho pioneiro sobre o tema, tentando agrupar e categorizar os estilos encontrados. A criação de um campo gerontológico, impulsionado pelo aumento da expectativa de vida e da população de idosos, também iria influenciar os estudos sobre as relações intergeracionais, uma vez que o papel e as atividades dos avós seriam assunto de interesse da Gerontologia. O aumento do número de separações e de divórcios experimentados nesta época também faria com que as pesquisas sobre os avós em tempos “de crise familiar” entrassem em debate (OLIVEIRA, 2011; RAMOS, 2011; OLIVEIRA; PINHO, 2013;).

Na década de **1960**, os avós, desempenhavam um papel mais tradicional, contando histórias às crianças, por exemplo (DIAS, SILVA, 1999). Nos anos 60, assistiu-se à generalização do modelo de família nuclear isolado e à anulação da posição dos avós. O aumento da taxa de natalidade e do número de casamentos promoveu o modelo de família nuclear e afastou o avô para segundo plano (ANTÓNIO, 2010).

---

<sup>1</sup> NEUGARTEN, B.; WEINSTEIN, K. The changing American grandparent. *The Journal of Marriage and the Family*, p. 199-204, May 1964.

No final dos anos 1960 e início dos 1970, a Teoria do Desengajamento<sup>2</sup> entraria em cena e teria forte influência sobre as pesquisas, mostrando que “o papel de avós” era um dos poucos papéis ainda significantes para os idosos, dado que estes estariam supostamente desengajados do mundo social e do ambiente de trabalho. O aumento do número de separações e divórcios experimentados nessa época também faria com que as pesquisas sobre os avós em tempos “de crise familiar” entrassem em debate.

Já nos anos **1970 e 1980**, os avós estavam mais associados a papéis de poder, apoio emocional e financeiro. Na década de **70**, houve uma redefinição e revalidação do papel dos avós e uma subida da taxa de atividade feminina fora do lar, o que contribuiu para a generalização da ideia de que os avós seriam os únicos salvadores da família face às dificuldades que estas enfrentavam, como a generalização do uso de drogas, o crescimento de ocorrências de gravidez precoce, o aumento da taxa de mulheres a trabalhar, o divórcio e o agravamento das dificuldades econômicas (ANTÓNIO, 2004; OLIVEIRA, 2011; DURÃO, 2012). A partir dos anos **80**, os estudos sobre a avosidade “[...] emergem como um tópico de pesquisa em seu próprio direito, ao invés de um apêndice do cuidado intergeracional e das relações familiares” um novo perfil de ser avó surge. Na obra de Monteiro Lobato, *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, a personagem Dona Benta representa bem esse perfil de avó cuidadora, que se envolve nas brincadeiras de seus netos e que não mede esforços para agradá-los, seja através da culinária, confecção de brinquedos artesanais ou qualquer outra atividade (RAMOS, 2011; OLIVEIRA, 2011).

Nos anos **1990**, constatou-se a existência de um modelo familiar que possibilitava as relações entre avós e netos a partir de muito afeto e pouca repreensão, fazendo a mediação entre os pais e os netos, como fonte de compreensão em momentos tempestuosos da criança e no relato dos acontecimentos de sua própria infância e da infância de seus filhos (FALCÃO; SALOMÃO, 2005; OLIVEIRA, 2011; AZEVEDO; RABINOVICH, 2012).

---

<sup>2</sup> A Teoria do Desengajamento foi uma das importantes teorias sociológicas do envelhecimento, defendendo em seus preceitos que o afastamento do velho é algo natural, funcional e universal. Esse período foi chamado de “anos dourados” e considera o desengajamento como um processo mútuo, em que a sociedade se desengaja do velho para dar espaço à mão de obra jovem e o velho se desengaja da sociedade para se preparar para a morte (Cumming & Henri, 1961 apud RAMOS, 2011).

No **século XXI**, a imagem dos avós difere do que era no passado, devido a vários fatores, nomeadamente, os sociodemográfico sem que os avós estão, hoje, associados a pessoas social e profissionalmente ativas (DURÃO, 2012).

A figura dos avós – outrora vistas como responsáveis pela história da família, transmissão de valores, herança cultural, o elo entre passado e presente, a quem cabia acarinhar e acompanhar o crescimento dos netos à distância, - há algum tempo co-existe com novas funções (LINS DE BARROS, 2006; GOLDFARB; LOPES, 2006; GERONDO, 2006; COUTRIM et al., 2007; SCHMIDT, 2007; MINUZZI, 2007; MACEDO, 2008; MACHADO, 2008; AZEVEDO, 2009; CARDOSO, 2010; MELCA, 2013)

Nos dias atuais, é comum identificar crianças e/ou adolescentes criados por avós, considerando o sentido mais amplo da palavra, haja vista que esta relação acontece em lares cujos pais estão ausentes ou em lares multigeracionais (ou transgeracional), isto é, compostos por pais, avós e até mesmo bisavós. Assim sendo, avós, no século XXI, passam a atuar como pais (CAMARANO, 1999; SILVA, SALOMÃO, 2003; VITALE, 2008).

Na contemporaneidade, os avôs têm ocupado lugar de destaque dentro das famílias. Novos papéis surgem e avós e avôs são apontados como o principal suporte social na infância, co-responsáveis pelo cuidado e educação dos netos (DIAS, 2002; FALCÃO; SALOMÃO, 2005; ROA, 2006; COUTRIM; FIGUEREDO, 2007; MARANGONI, 2007; GALLARDO, 2007; OLIVEIRA, 2007; DUTRA, 2008; FLORES, 2008; MORAES, 2008; BERNAL et al., 2010; CARDOSO, 2010; DIAS HORA; AGUIAR, 2010; PIRES, 2010; DOMINGUEZ, VITORINO; MORGADO, 2011; PINAZO-HERNANDIS; LLUNA, 2011; LUZ, FAVRETO, 2013; MENESES, 2014; REIS, 2014).

Muitas gerações de uma mesma família estão convivendo na atualidade, o que foi possibilitado pela maior longevidade humana (ARATANGY; POSTERNACK, 2005; OSUNA, 2006). Essa maior convivência tem provocado mudanças nos laços intergeracionais o que, por sua vez, implica em diferenças no significado do papel desempenhado pelos avós na relação com seus filhos e netos (LOPES; NERI; PARK, 2005; OLIVEIRA, 2009). Devido ao maior contato entre eles, há uma maior influência mútua que se traduz em experiências, aprendizagens e cuidados compartilhados, mas, também, em conflitos e tensões.



Diversos fatores podem contribuir para o exercício do papel de avós e para o estabelecimento de um relacionamento harmonioso ou difícil entre as gerações: a estrutura psíquica do indivíduo; a história familiar; o meio social e cultural; a configuração familiar; o relacionamento anterior estabelecido entre avós e filhos; a idade; o gênero; a vinculação paterna ou materna; a distância geográfica; o estado de saúde; a mediação dos pais; o fato de os avós trabalharem ou não, entre outros. Embora o desempenho no papel dos avós seja mais livre, por não haver funções delimitadas para eles como ocorre com os pais, existe o consenso de que eles deveriam ficar na posição de cuidadores e conselheiros dos pais, quando solicitados, mantendo o equilíbrio entre dar afeto aos netos, sem exagerar nos mimos, e ajudar os filhos, sem oprimi-los ou tirar-lhes sua autoridade (OLIVEIRA, 1993; MORAGAS, 1997; ARATANGY;POSTERNACK, 2005).

No Brasil, dados demográficos apontam o crescimento do número de idosos que, atualmente, está em vinte milhões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Relacionado a esse crescimento, as avós têm sido cada vez mais estudadas quanto ao seu papel na família devido à sua importância no grupo familiar, seja como apoio afetivo, educacional ou/e financeiro (LINS DE BARROS, 1987; ARAÚJO; DIAS, 2002; MOTTA, 2004; PEIXOTO, 2004).

## 1.2 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NA ATUALIDADE

Vários autores têm destacado o aumento do número de avós em virtude da maior longevidade da população brasileira, além das mudanças com relação ao papel do idoso na sociedade e na família contemporânea (SILVA; SALOMÃO, 2003; NERI; PARK, 2005; ARAÚJO; DIAS, 2010; LOPES; OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010; CARDOSO, 2011).

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) um país é considerado velho quando tem uma percentagem superior a 7% de idosos na sua população geral. O Brasil, apesar de ser visto como um país de jovens, não somente pela sua história mais recente, mas também pela sua população jovem, apresenta índice social e demográfico de envelhecimento de 12,1%, o que é bastante superior ao estabelecido pela OCDE, em 2009 (MELCA, 2013).

O índice de envelhecimento das pessoas no país é medido por meio da razão entre o número de pessoas de 60 anos ou mais para cada 100 pessoas com menos de 15 anos de idade. Em dez anos, a taxa passou de 31,7 para 51,8. Isto significa que, atualmente, há aproximadamente um idoso para cada duas pessoas de menos de 15 anos. O índice brasileiro é bem parecido com a média mundial, que é de 48,2 (SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS - SIS, 2010).

Dados de 2010, processados por Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014), apontam que o crescimento do número de idosos no Brasil é de cerca de 20.622,19, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A esperança de vida tem aumentado o que, aliado à queda dos índices de natalidade, tem provocado o envelhecimento das sociedades. Em termos demográficos, este fato tem implicações importantes na tessitura da família e nos papéis dos seus membros.

A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia da Secretaria do Planejamento (SEPLAN), divulgou, no dia 6 de outubro de 2013, o estudo “Projeções Demográficas para a Bahia 2010-2030”, elaborado pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (CEDEPLAR), órgão especializado em projeções demográficas e analisado pela Coordenação de Pesquisas Sociopopulacionais da SEI. A pesquisa aponta, entre outras questões, o aumento da expectativa de vida dos homens, de 71 anos (entre 2005-2010) para 76 (entre 2025-2039), e das mulheres, de 77 (entre 2005-2010) para 81 (entre 2025-2039). Além disto, o estudo também indica a redução do incremento populacional entre 2010 e 2030, o que refletirá em uma diminuição do ritmo do crescimento populacional na Bahia. Até 2030, as projeções apontam que o envelhecimento populacional contribuirá para a tendência de declínio do crescimento da população (SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA, 2013).

Segundo a pesquisa, décadas atrás, o crescimento natural da população brasileira era bastante elevado e relativamente constante e a Bahia não era exceção. Na Bahia, por exemplo, as alterações no perfil demográfico, como a redução da mortalidade e a maior expectativa de vida, ocorreram de forma bastante acentuada a partir da década de 80. Em anos mais recentes, o acelerado declínio da fecundidade, o avanço na queda da mortalidade e as mudanças na distribuição

espacial da população alteraram a dinâmica populacional e reforçaram a necessidade de projeções demográficas para os municípios e suas localidades.

Ainda em relação ao envelhecimento e longevidade, o estudo aponta que o declínio da fecundidade influenciará bastante no perfil da população baiana nos próximos anos, porque diminuirá a influência da população dos grupos etários mais jovens (menos de 15 anos) na estrutura etária e aumentará o peso relativo da população idosa (mais de 65 anos). No entanto, é a população de idades intermediárias que permanecerá com o maior peso relativo na estrutura etária e este peso será incrementado durante o período. De acordo com a pesquisa, em 2010, o grupo acima de 60 anos de idade era composto por cerca de 1,4 milhões ou 10,3% do total da população. Já em 2030, estes valores serão, respectivamente, 16,7% e 40,7%, refletindo a redução na base da pirâmide e o alargamento no topo da pirâmide etária.

A Superintendência de Estudos Econômicos (SEI) revela os resultados da pesquisa

O envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida dos homens e mulheres baianos demandará, segundo o estudo, uma forte demanda de serviços ao idoso o que pode mudar o foco das políticas de seguridade social, saúde e educação. Deste modo, iniciativas voltadas à população idosa (acima de 60 anos) serão cada vez mais importantes no âmbito das políticas públicas, enquanto ocorrerá menor pressão para as demandas relacionadas à infância e à adolescência (SEI, 2013).

De acordo com estudos efetuados, entre 2000 e 2050, a percentagem de pessoas com mais de 65 anos irá duplicar. Este envelhecimento se deve a vários fatores, dentre os quais a diminuição da taxa de natalidade, a melhoria das condições de vida, a melhor cobertura das necessidades sociais e de saúde, a diminuição das taxas de mortalidade, o aumento da esperança média de vida e o resultado do desenvolvimento das sociedades, que superaram as adversidades e os percalços da natureza (MARTINS, 2007; FLORES, 2008).

Nesse sentido, há um aumento de número de gerações que convivem (HARPER, 2006) com membros de famílias de três ou quatro gerações, com, principalmente, as mulheres se tornando longevas.

As mulheres atuais, mais longevas, ao longo do curso da vida frequentemente viúvas, vão tecendo outra centralidade: trabalhadoras, emancipadas ou pensionistas, crescentemente tornando-se chefes de família, entre a maturidade e a velhice mantendo as chefias ou com chefias reais até silenciosamente contestadas, quando bastante velhas (MOTTA, 2004, p. 54).

Há uma linha matriarcal e matrilinear imperante em vários núcleos familiares e encontrada ainda atualmente, por exemplo, em Salvador, Bahia (REIS; RABINOVICH, 2006; RABINOVICH, DINIZ; BASTOS, 2009)

O poder das avós se encontra reforçado atualmente por muitas delas (18,3%) deterem o poder econômico através de suas aposentadorias (CAMARANO, 2003; PNAD, 2013), mas este poder pode estar assentado também em sua “autoridade” como líder matriarcal. Além disto, com o aumento dos divórcios e a custódia dos filhos até recentemente dada à mãe, os vínculos matrilineares ficavam fortalecidos e os homens tendiam a ficar marginalizados das famílias (EULER; MICHALSKI, 2007).

A população brasileira está com 195,2 milhões de habitantes em 2011 (PNAD, 2009), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012). No Censo Brasileiro realizado em 2000, o número de idosos era de 14,5 milhões (8% da população total). Hoje, o Brasil tem 26,1 milhões acima dos 60 anos de idade e aumentou a população dos que têm mais de 40 anos: esta faixa registrou na pesquisa 75,7 milhões de pessoas contra as 62,3 milhões de crianças e adolescentes (faixa de 0 a 19 anos) (PNAD, 2013).

A expectativa de vida no país tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas. No início do século XX, o brasileiro vivia, em média, 33 anos. Em 1990, a média era de 66,9 anos e, no Censo 2010, a expectativa de vida dos brasileiros passou para 74,01: gênero masculino, 70,6 anos e o feminino, 77,7 anos.

As mulheres idosas são maioria assim como a população feminina em geral. Percebe-se que há uma feminilização da população em âmbito nacional. A população feminina e a masculina envelhecem de maneiras diferentes. A principal explicação para a diferença de gênero, segundo o IBGE (2010), é que as mortes violentas em acidentes automobilísticos, homicídios e o abuso de bebidas alcoólicas atingem com mais intensidade a população masculina. Geralmente, os homens adotam menos cuidados com a saúde pessoal, negligenciando exames médicos preventivos periódicos bem como o tratamento adequado de doenças crônicas. Estes podem ser também fatores que justifiquem a pior qualidade da saúde masculina quando comparada à saúde das mulheres em faixas mais avançadas. A maior longevidade feminina é confirmada, ainda, pelos dados dos últimos censos demográficos realizados no país (2013). De uma população de 195,2 milhões de

habitantes, 100,5 milhões ou 51,5% é de mulheres e 94,7 milhões de homens – 48,5% do total. A síntese dos dados demográficos da população brasileira pode ser observada na Tabela 1.

Tabela 1 – Proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões – Brasil, 2013

GRANDES REGIÕES	PROPORÇÃO DE PESSOAS DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE (%)					
	Total	Grupos de Idade				
		60-64	65-69	70-74	75-79	80 ou mais
<b>Brasil</b>	<b>13,0</b>	<b>4,2</b>	<b>3,1</b>	<b>2,3</b>	<b>1,6</b>	<b>1,8</b>
Norte	8,8	3,0	2,2	1,5	1,0	1,1
Nordeste	12,4	3,8	3,0	2,3	1,6	1,8
Sudeste	14,2	4,5	3,4	2,5	1,0	2,0
Sul	14,5	4,8	3,5	2,7	1,8	1,8
Centro-Oeste	11,1	3,6	2,7	2,1	1,4	1,3

Fonte: IBGE, PNAD, 2013

Na composição da população de idosos brasileiros, a Região Sul, em 2013, apresentou a maior proporção de pessoas de 60 a 74 anos, seguido do Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte. A Região Sul também liderou a quantidade de idosos entre 75 e 79, seguido do Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Norte. A Região Sudeste apresentou o maior número de idosos entre 80 anos ou mais, em seguida, o Sul e o Nordeste apareceram com o mesmo percentual; com menor proporção, a Centro-Oeste e o Norte.

As mudanças observadas na população brasileira e na organização do grupo sociofamiliar variam por regiões, devido aos impactos temporais distintos do processo de modernização sobre o Território Nacional. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2013), as mudanças na composição e características dos arranjos familiares ocorreram, inicialmente, nas regiões cujo maior dinamismo socioeconômico levou à incorporação de novos hábitos e valores ao processo de reprodução social das famílias brasileiras – regiões Sul e Sudeste (IBGE, 2014, p. 69).

O envelhecimento da população e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho estão provocando uma revolução nas famílias brasileiras. O aumento da proporção de mulheres e idosos – homens e mulheres – chefes de família é o principal fenômeno apontado pelo Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada (IPEA), a partir de dados da última Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD, 2013). Segundo essa mesma pesquisa, 13,8 milhões de idosos brasileiros chefiavam famílias, sendo maior o percentual de pessoas do sexo feminino. Entre aqueles que tinham 60 anos ou mais, 56% eram mulheres e 44%, homens. Dos 23,8% de idosos que estavam na condição de cônjuges, 81,4% eram mulheres. Em cerca de 6,2 milhões de lares onde o idoso era chefe ou cônjuge, havia filhos adultos residindo.

Destaca-se, ainda, que, segundo o PNAD (2013), em 2,3 milhões de famílias, havia netos. Na última década, aumentou para 1 milhão e 700 mil o número de netos e bisnetos criados por avós e bisavós. De fato, o papel dos avós como provedores tem sido apontado por vários autores. Desemprego, divórcio, viuvez, filhos que não saem nunca de casa seriam as razões porque, no Brasil, as gerações mais velhas coabitam cada vez mais com jovens, principalmente nas famílias das camadas populares (ARAÚJO; DIAS, 2002; LINS DE BARROS, 1987; PEIXOTO, 2004).

Tabela 2 – Dados demográficos e expectativa de vida da população brasileira – Brasil, 2012

POPULAÇÃO BRASILEIRA (Nº em milhões)						EXPECTATIVA DE VIDA (em anos)		
Total	Idosos	Mulheres		Homens		Média	Mulheres	Homens
		Nº	%	Nº	%			
195,2	23,5	100,5	51,5	94,7	48,5	74,08	77,7	70,6

Fonte: IBGE, 2012

Outro aspecto relevante é que as oportunidades de maior interação entre gerações têm aumentado devido ao crescente número de avós vivos e ao período de velhice saudável e, por isso, é mais provável que os avós construam com os netos uma relação que se prolongue. Por exemplo, o papel de avô/avó surge, em média, aos 50 e 60 anos de idade, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver, em comum, duas a três décadas, sendo que a terceira década ocorrerá já com os netos adultos e com os bisnetos (SOUSA, 2006).

Esse maior tempo de convivência pode ocorrer em um contexto de dependência ou independência dos avós; daí que não se pode desejar apenas que os avós cuidem dos netos: cada vez mais poderá se esperar que também os netos cuidem dos avós. “Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós

cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior debilidade” (HARPER, 2006, p.40).

### 1.3 ANÁLISE DE ESTUDOS DA DÉCADA DE 2004 A 2014

Para selecionarmos os estudos, inicialmente, buscou-se identificar a relação dos avós cuidadores de netos publicados em fontes de impacto, de modo a possibilitar um maior direcionamento das pesquisas sobre este construto, discutir as tendências apontadas por estas publicações bem como as perspectivas de produção na área, pelas bases de dissertações e teses nacionais e internacionais indexados entre 2004 e 2013, a partir dos descritores: “avós cuidadores + netos”; “*abuelos cuidadores*” + “*nietos*”; “*grandparents*” + “*caregivers*” + “*grandchildren*”. Com base nesses critérios de seleção, foram recuperadas 44 pesquisas, sendo 31 nacionais e 13 internacionais (ANEXO H).

Através dos títulos nacionais e internacionais, observou-se aumento de interesse nas produções que tratam do tema, principalmente no período de 2007 e 2008, bem como uma prevalência de estudos sobre o tema envolvendo as mulheres-avós cuidadoras (ANEXO I).

A fim de identificar os sujeitos investigados, foram agrupados por autoria e localidade, constatando-se que, em trinta e quatro trabalhos, os avós foram os entrevistados, em quatro pesquisas, as mães, em cinco estudos, os adolescentes, e em oito trabalhos, as crianças (ANEXO J).

As leituras dos estudos selecionados resultaram em uma organização que vêm sendo realizados no contexto nacional e internacional no que se refere aos seguintes temas (1) concepção de cuidar; (2) papel dos avós cuidadores; (3) motivos do cuidado; e (4) significado da relação entre avós e netos para crianças e adolescentes. Cada uma dessas variáveis, por sua vez, encontra-se subdividida em itens, conforme a seguir.

#### 1.3.1 **Concepção de cuidar**

O verbo cuidar, no idioma português, denota atenção, cautela, desvelo, zelo. Assume, ainda, a característica de sinônimo de palavras como imaginar,

meditar, empregar atenção ou prevenir-se (BOFF, 1999; GERONDO, 2006; BIASOLI-ALVES, 2008). Representa, porém, mais que um momento de atenção: é, na realidade, uma atitude de preocupação, ocupação, responsabilização e envolvimento afetivo: “O cuidado é fundamento para qualquer interpretação do ser humano, o cuidado imprimiu sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano” (BOFF, 1999, p. 190).

Há três acepções do termo cuidar: como cura, como cogitar, pensar e como cultivar. O Novo Dicionário Aurélio (1975) assim define cuidar: do latim, *cogitare*: “imaginar, pensar, meditar, cogitar”; “julgar, supor”; “aplicar a atenção, o pensamento, o sentimento, a imaginação”; “ter cuidado”. Vemos, assim, que *cogitare* implica, no caso, em fazer preparativos tanto para se prevenir, se cuidar, baseado em julgamentos e suposições.

Boff elabora um texto seminal, apoiado em Heidegger, inicialmente, para dizer que cuidar é o mesmo que ser-humano. Conforme Boff, Heidegger fala do cuidado como o solo em que toda a interpretação do ser humano se move, significando:

[...]o cuidado é o fundamento para qualquer interpretação que dermos do ser humano. Se não tomarmos o cuidado como base, não conseguiremos compreender o ser humano. Ele funda um novo *ethos*[...] a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza (2005, p. 2).

O autor recorda que a cura queria expressar a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação pelo objeto ou pela pessoa amada. Cogitar, igualmente, é colocar a atenção no outro, pensar nele, mostrar interesse, desvelo, preocupação por ele. Aponta, assim, que o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim, implicando em um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude.

Em termos evolutivos, a propensão ao cuidado pode ser entendida pelo mecanismo de seleção de parentes (afinidade genética), como se debate no caso do cuidado por avós maternos (RABINOVICH; AZEVEDO, 2012). O que caracterizaria o cuidado seria ser uma relação assimétrica, isto é, uma pessoa que dá sem, necessariamente, haver uma expectativa de troca, de retorno, cuja ocorrência pode, no entanto, se verificar.



O cuidar significa as práticas socio-simbólicas dirigidas pelos adultos ao ser-em-desenvolvimento, de modo a que este ser, nascido humano, passe a pertencer a um grupo específico e social-humano. Este cuidador, por sua vez, não é um ser isolado que se ocupa de outro ser isolado: eles estão inseridos em redes sócio familiares.

A Psicologia classifica como próprios a diferentes culturas, diferentes modos de cuidar. Heidi Keller (2008), por exemplo, faz equivaler parentalidade a cuidados, apontando alguns universais, como sistemas de cuidados que estariam presentes de modo diferencial em diferentes culturas: cuidados primários; contato corporal; interação face-a-face; estimulação corporal; estimulação por objetos; e envelopes narrativos, que corresponderiam a práticas narrativas iniciais.

Cuidar e rede social têm uma intimidade conceitual maior do que a que é geralmente vista. Cada gesto de cuidar uma criança está inserido nesta rede, seja pela presença ou pela ausência, pois a ausência é uma forte forma de estar presente pelo negativo. Tanto o adulto é ator de uma rede quanto é por ela assujeitado. No caso de uma mãe só, por exemplo, ela terá o desafio de tentar criar uma rede de apoio, mas isto vai depender de sua história pregressa e de seu repertório acumulado, das possibilidades reais para ela presentes, dos limites a ela impostos, dos circunscritores, do que define como cuidar.

Portanto, o cuidar pode ser visto sob um triplo conjunto de significados: um mais geral e de caráter ontológico equivalente a tornar o homem humano; outro significado que seria o que identificaria cada pessoa ao seu grupo sociofamiliar através das práticas socioeducativas dos cuidadores; e, finalmente, estas mesmas práticas em sua concretude singular.

É importante considerar que o ato de cuidar e ser cuidado assume formas que diferem de acordo com as particularidades de cada pessoa com que se relaciona, com a origem de cada indivíduo. Relacionamento e cuidado estão ligados intimamente, um não vive sem o outro, e as relações se solidificam na medida em que se é cuidado e em que se cuida dos demais (GERONDO, 2006).

Existem várias definições para a expressão “cuidadores” e uma delas está relacionada ao vínculo relativo àquele a quem a pessoa dispensa os cuidados e, neste caso, estão classificados em formais, informais e terciários, como explica Santos:

Os cuidadores formais são todos os profissionais e instituições que realizam atendimento sob a forma de prestação de serviços. Os cuidadores informais são os familiares e demais atores do grupo doméstico, podendo-se incluir amigos, vizinhos, membros da igreja ou de grupos de voluntários. Os terciários são aquelas pessoas que auxiliam, esporadicamente ou quando solicitadas, no desenvolvimento de atividades instrumentais da vida diária mais relacionada às tarefas especializadas (SANTOS, 2003, p. 16).

Percebe-se, assim, que as avós, por fazerem parte dos familiares das crianças, se inserem entre as cuidadoras informais, categoria que também pode ser classificada em primária, secundária e terciária (GERONDO, 2006): primárias, quando assumem totalmente a responsabilidade pelo neto, em caso de negligência ou abandono da mãe; secundárias, quando prestam cuidado aos netos na ausência temporária dos pais, frequentemente, por motivos de trabalho, viagem, etc.; e terciárias, nos casos em que são solicitadas para uma tarefa específica.

A posição das avós como cuidadoras primárias em relação aos netos ocorre, particularmente, nos casos de gravidez adolescente, separação dos pais, trabalho da mãe fora de casa, excepcionalidade da criança, uso de drogas ou, mesmo, de morte dos pais (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005). Outro fenômeno dos dias atuais que tem convocado as avós a assumir essa posição está relacionado à migração dos pais (SILVA et al., 2010; RAMOS, 2014; SCHULER; DIAS, 2015;).

As avós-cuidadoras portam algumas características: com vida ativa cada vez mais longeva, são autônomas, têm independência financeira, bom estado de saúde, são abertas socialmente ao lazer, viagens, distrações, a novas amizades e à luta pela vida (LEITE, 2004; COUTRIM et al., 2006; GERONDO, 2006; GOLDFARB; LOPES, 2006; MACHADO, 2008; OLIVEIRA et al., 2010).

No atual contexto de relações familiares, alguns pais e mães, diante de responsabilidades referentes ao cuidado dos filhos, encontram sérias dificuldades para conciliar as atribuições profissionais, pessoais e parentais. Desta forma, muitas vezes são os avós que participam efetivamente da criação dos netos para que mãe e pai possam desempenhar suas funções profissionais, situação já assinalada por alguns autores como Lins de Barros (2006), Coutrim et al. (2007) e Peixoto (2004). São tempos em que os avós, alguns já aposentados e estabilizados financeiramente, apresentam mais disponibilidade para cuidar das crianças do que os pais. No contexto brasileiro, os avós jovens, muitas vezes, ainda estão inseridos no mercado de trabalho e, nesses casos, não conseguem cuidar dos netos. Mas,

nos estudos desenvolvidos por Silva e Salomão (2003) com mães adolescentes, foi observado que, nessas situações, as avós acabam incorporando o papel de mães na relação com os netos, o que contribui para alavancar conflitos entre mãe e avó (CARDOSO, 2010). As avós, nessas situações, muitas vezes, acabam assumindo as responsabilidades referentes aos pais, tomam para si todos os cuidados com as crianças e essa configuração que vai sendo tecida pode não ser percebida pelos membros da família (CARDOSO; BRITTO, 2014).

Portanto, o tema dos avós cuidadores é um fenômeno que está adquirindo importância nos últimos anos, porém, o número de investigações ainda é insuficiente para se estabelecer parâmetros sociodemográficos e contextuais comparativos à realização destes cuidados, já que as características dos avós cuidadores somente se podem compreender dentro de um contexto familiar em que estes cuidados sejam realizados em situações diferentes. Além disso, na atualidade, não existe um tempo determinado para a duração dos cuidados: o fator tempo depende de cada realidade.

A seguir, serão listados estudos sobre o significado de cuidar; o *cuidado das avós em diferentes culturas*; aspectos positivos/facilitadores e negativos do cuidar.

#### 1.3.1.1 *Significado do cuidar*

O vocábulo *cuidado* admite sentido mais amplo. Os avós passam a assumir significação de pais substitutos e sentimentos positivos e negativos do cuidar.

A literatura aponta que, para compreender o significado do cuidar, é preciso distinguir os avós que cuidam dos netos por um pequeno período do dia, considerados auxiliares, também chamados de integrais, daqueles que o fazem aos finais de semana ou eventualmente. Muitos desses tipos sentem satisfação de poder cuidar dos netos pois encontram um significado nessa tarefa e apresentam menos sentimentos conflituos (NERI; PARK, 2005; LOPES; TRIADÓ et al., 2008; WEISBROT; GIRAUDO, 2012; CARDOSO; BRITTO, 2014).

Machado (2010), ao investigar sobre o lugar das avós de bairro popular em Belém, na Região Norte do país, constatou que as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas trouxeram a composição de novos arranjos familiares,

especialmente no contexto urbano brasileiro, e que várias gerações coabitam no espaço domiciliar constituindo grupos domésticos extensos. A autora realçou o lugar das avós na transmissão de bens materiais e de legados, através das práticas de cuidado com netos e netas, estabelecendo trocas de ordem material, afetiva e simbólica, pautadas em obrigações morais entre a parentela e a rede social.

Porém, há resultados contraditórios diante dessa situação, pois, enquanto alguns avós referem o cuidado como algo prazeroso, outros o veem como um fardo de responsabilidade (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005; DIAS, 2008).

Como aponta o estudo de Melca (2013), que investigou 13 avós de classe média, moradoras no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro (Região Sudeste) cuidadoras de netos com idades de zero a seis anos, sendo que três deles viviam com os avós, elas contavam com a colaboração das próprias mães (bisavós das crianças), dos maridos e de empregadas ou babás. As entrevistadas revelaram que isto já era esperado e que sempre foi assim na família, pois elas também tiveram a ajuda das próprias mães para poderem trabalhar. Agora, elas para estavam fazendo a mesma coisa para os pais das crianças poderem trabalhar. Também acrescentaram que é difícil para uma pessoa idosa cuidar de uma criança em tempo integral, mesmo com o apoio familiar. A maioria das avós considerou que cuidar de um neto é um costume de família, é como uma tradição que deve ser mantida, a despeito das interferências que incidem na sua vida social, familiar e pessoal.

A mesma constatação ocorreu na investigação realizada por Weisbrot e Giraud (2012), que analisou os conceitos e percepções das avós pertencentes ao *Plan de Salud del Hospital Italiano de Buenos Aires*, na Argentina, sobre o cuidado dos netos. Foram realizados grupos focais com avós entre 50 e 75 anos de idade, cuidadoras de netos pelo menos 9 horas na semana. Os resultados apontaram que as avós maternas são as mais convocadas. A maioria concordou que cuidar de netos constitui um ato gratificante, de satisfação, sensação de utilidade e dinamismo. As avós que cuidam dos netos ou que moram com eles sentem maior estresse, reclamam de falta de reconhecimento, da sensação de sobrecarga, esgotamento, de problemas de saúde e conflito com os pais.

Um dos papéis que as avós assumem é de responsabilidade financeira, como aborda Alves (2013), que realizou uma pesquisa com 20 famílias em Maracanaú (Região Nordeste), a fim de explorar o significado de cuidador presente no pensamento das avós que tomam para si a responsabilidade para com seus

netos. Os resultados evidenciaram que as relações compreendidas pela avosidade, no âmbito familiar moderno, ultrapassam a imagem que outrora ocupava o imaginário coletivo, ou seja, a das avós como meras transmissoras de legados geracionais. Atualmente, elas assumem papel de protagonistas na vida dos netos, inclusive no tocante ao seu sustento, independentemente da presença ou ausência dos genitores destas crianças e/ou adolescentes, tomando para si obrigações com filhos adultos e netos.

Por outro lado, tornar-se avós pode significar, para alguns, fazer melhor do que fizeram quando pais. Mas esta seria a grande justificativa dos avós fazerem com os netos aquilo que não puderam fazer com seus respectivos filhos? A resposta é relativa, pois não se deve generalizar essa relação como permissiva ou repreensiva. A relação amigável entre avós e netos ocorrerá onde a autoridade estiver dissociada da mesma: quanto mais os avós estabelecerem um relacionamento de proximidade, camaradagem, confiabilidade e confidencialidade com os netos, maior será o sentimento de responsabilidade para com eles e a reciprocidade no respeito às suas opiniões (DIAS, 2008).

É, portanto, através dos netos que os avós passam a elaborar os questionamentos a respeito dos papéis desempenhados no núcleo familiar, a fim de não repetirem os erros e poderem compensar as faltas (GERONDO, 2006). Os avós contam com a ajuda das suas experiências para que esse relacionamento com os seus netos possa ser agradável. Através da discrepância entre o passado, como pais, e seu presente, como avós, traçam o caminho dessa relação, resgatando com esses netos aquilo que não lhes foi possível no papel de pais, havendo, a partir disto, uma reflexão acerca de suas atitudes passadas (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005).

Esses estudos evidenciam que o ato de cuidar toma proporções mais extensas haja vista que se vincula também à preocupação de ensinar moralmente o que é correto aos seus netos e à responsabilidade que as avós têm na formação de sua personalidade. Há também que reconhecer que algumas avós não aceitam exercer apenas o papel de avó e fazem questão de manter um ou mais netos junto a si como uma forma de ainda se sentirem exercendo a função de mães (SILVA; SALOMÃO, 2003; KIPPER; LOPES, 2006).

É possível inferir que, além desses significados, o cuidado com os netos pode acarretar o sentimento de renovação e propiciar uma reeducação entre avós e

netos (OLIVEIRA, 1999), fortalece a solidariedade e a reciprocidade geracional (MACHADO, 2008), propicia o sentimento de missão cumprida e de utilidade (ATALLA, 1996), mas, também, cansaço, sobrecarga e preocupação com o futuro dos netos, especialmente quando estes apresentam alguma deficiência (MAINETTI;WANDERBROOKE, 2013).

### 1.3.1.2 O cuidado das avós em diferentes culturas

O Relatório Demográfico *Grand Parents Plus* (2013), estudo europeu realizado na Inglaterra, França, Dinamarca e Suécia (Escandinávia), Alemanha, Holanda, Bélgica, Áustria e Suíça (Europa Ocidental), Espanha, Itália e Grécia (Sul da Europa) objetivou analisar os contextos das políticas culturais e laborais em diferentes países que ajudam a explicar o nível e a intensidade da prestação de cuidados infantis por parte das avós. Os resultados indicam que, em toda a Europa, as avós estão desempenhando um papel importante nesta prestação de cuidados.

Na Itália e Grécia, por exemplo, quase um quarto dos avós toma conta dos netos sem a presença dos pais, durante 30 horas por semana e, mais de uma em cada cinco avós presta cuidados quase diariamente. Nestes países, há menos oportunidades para as mães trabalharem em tempo parcial e, assim, aquelas que trabalham tendem a trabalhar em tempo integral.

Na França, Dinamarca, Suécia e Holanda, até 60% dos avós prestam alguns cuidados infantis e, na Grã-Bretanha, os números são de 63% relativamente aos avós com netos de idade inferior a 16 anos. Nestes países, há muito mais probabilidades de as mães trabalharem, estando os avós a atuarem como um “exército de reserva” a nível da prestação de cuidados. Em muitos casos, é provável que os avós prestem cuidados para apoiar mães que trabalham, por exemplo, durante as férias escolares, quando as crianças estão doentes e em outras emergências familiares ou prestar cuidados infantis regulares menos intensivos para complementar as estruturas formais de acolhimento de crianças.

Na Grã-Bretanha, 28% dos avós com netos de idade inferior a 16 anos têm um pai ainda vivo, 6 em cada 10 ainda trabalham e quase 8 em cada 10 estão prestando cuidados aos netos. Quando consideramos as experiências de outros países da Europa, é nítido que o Reino Unido enfrenta uma escolha difícil. Podemos dar prioridade às avós que permanecem no mercado de trabalho durante mais

tempo, apoiando a sua própria família, mas reconhecendo que, ao longo do tempo, isto criará provavelmente uma lacuna, para os pais que trabalham, ao nível dos cuidados prestados, tendo um enorme impacto nos empregos das mães de crianças pequenas (*GRAND PARENTS PLUS*, 2013). O número de avós que tomam conta dos netos tem aumentado. No Reino Unido, informação do *British Social Attitudes Survey*, para 2001, sugere que haja cerca de 100 mil crianças com idades inferiores a 13 anos aos cuidados de avós.

Nos Estados Unidos, de acordo com o *United States Census* de 2000, de 2,3 a 2,5 milhões de avós têm a primeira responsabilidade de cuidar dos netos (SOUSA, 2006).

No Canadá, entre 1991 e 2001, registrou-se um aumento progressivo de 20% no número de crianças menores de 18 anos que viviam com os avós, sem os pais. Verificou-se que os avós de gerações de emigrantes, vivendo em casas onde coabitam avós e netos, sem pais, tios, primos ou outros familiares corresidentes (*Skipped Generation Households*) estavam em desvantagem, quando comparados com outros avós cuidadores. Observou-se que, historicamente, os avós das comunidades indígenas dos Estados Unidos e Canadá ajudaram a socializar e instruir os seus netos e, ao cuidarem deles, desempenharam um importante papel facilitador da integração dos pais no mercado de trabalho (DUTRA, 2008).

Segundo Gomes-Pedro (2006), tem havido um aumento considerável de casos em que os avós passam a desempenhar o papel de pais, com todas as funções que lhes são inerentes, deixando de viver a experiência de serem simplesmente avós.

As avós afro-americanas refletem um modelo contínuo de coresidência e cuidados partilhados com as famílias, assumindo o papel de donas de casa, apesar das exigências sociais, económicas e de saúde que podem ocorrer. As avós com custódia enfrentam uma sobrecarga financeira e um fardo social (SOUSA, 2006; DUTRA, 2008; DURÃO, 2012).

Os imigrantes filipinos que vivem com os seus netos menores de 18 anos constituem a mais elevada percentagem de avós asiático-americanos nos Estados Unidos. Estes avós evidenciavam problemas de saúde pré-existent: asma, diabetes, hipertensão e problemas cardíacos. As avós achavam que o seu papel de cuidadoras era um papel “natural e esperado”. As dificuldades manifestadas se relacionaram com as exigências de desempenho do papel parental e disciplinador,

com problemas de saúde decorrentes do cuidar, com privação de sono e estresse. (SOUSA, 2006; DUTRA, 2008).

Contudo, mesmo com o reconhecimento da importância do papel dos avós na sociedade, segundo Rabinovich e Azevedo (2012), estes não têm ocupado um lugar privilegiado nas discussões no Brasil. Três foram as principais indicações deste estudo, sendo uma referente ao gênero, outra ao nível socioeconômico e a terceira, à geração.

Quanto ao gênero, as avós maternas participam significativamente mais dos cuidados dos netos do que os demais, coabitando ou não, enquanto a avó paterna foi citada muito menos, mas bastante mais do que os avôs. Ambas as avós proporcionariam mais cuidados do que ambos os avôs. Deste modo, as avós participam significativamente mais do que os avôs dos cuidados e o lado materno o faz muito mais do que o paterno. Algumas explicações encontradas estão na proximidade residencial, na maior confiança da mãe da criança em sua mãe como avó e em seu pai como avô.

Outro aspecto se refere ao nível socioeconômico (NSE): as avós maternas tendem a ajudar mais quando este é baixo, enquanto a avó paterna se diferencia por estar mais presente quando alto. As avós de NSE baixo estiveram preferencialmente mais presentes nos cuidados de tipo complementar e principal, enquanto as avós de NSE alto se concentraram nos cuidados esporádicos. Esta diferença associada ao NSE se manifestou em vários tipos de cuidados, como comprar brinquedo, roupa, comida. Tais resultados parecem corresponder a uma maior necessidade de ajuda de famílias de NSE baixo, sendo que as avós do NSE alto corresponderiam ao descrito pelas crianças nos estudos realizados por Rabinovich e Moreira (2008) e Moreira, Rabinovich e Silva (2009).

Em relação à geração, foram constatadas diferenças significativas, estando os avós mais recentes mais presentes do que os mais velhos. Pode-se compreender que isto se deva a uma maior inserção da mulher no campo do trabalho externo à moradia, exigindo que outra(s) pessoa(s), geralmente mulheres – avó, tia, babá – se ocupem dos cuidados infantis (RABINOVICH; AZEVEDO, 2012, p. 234).

Contudo, o principal elemento suscitado por esta análise, mais do que pelas respostas, é uma linha de indagações que se refere à participação dos avós nos cuidados: Por que tão poucos avós são citados, afastando-se, assim, da



literatura? Será porque a ajuda dos avós, quer como apoio nos cuidados quer financeiramente, não é percebida como tal, por se dar de modo esporádico? Será que uma mudança no estilo de vida dos avós, trabalhando, participando de grupos, viajando, explica suas maiores condições de autonomia? Como o trabalho feminino está afetando as relações intergeracionais?

Outra linha de questionamento se refere à questão de gênero, em que as tarefas classicamente femininas denotaram estar mais relacionadas com as avós do que com os avôs: como entender a permanência deste padrão intergeracionalmente?

Também, como explicar a predominância da avó materna sobre os demais avós nos cuidados aos netos? Além de uma possível afinidade entre mãe e filha e/ou conflito entre nora e sogra, poderia haver uma influência matrilinear nos cuidados com os netos? Em outros locais, ocorreria o mesmo predomínio? Como discutir estes dados face à teorização quanto ao investimento parental?

Além disto, ao lado do envelhecimento da população em geral, qual a idade e o nível socioeconômico das avós das duas gerações? Estariam ocorrendo diferenças, já que os nascimentos dos filhos estão se dando com a idade materna mais avançada? Como participam dos cuidados dos netos as avós que têm atuação profissional e moram sozinhas?

Ter-se-ia, portanto, de levar em consideração elementos de terceira geração tais como distância da moradia dos avós maternos e paternos em relação aos netos; número de avós vivos e números de netos; tipo de cuidado diferencial para diferentes netos, por ordem de nascimento e/ou por sexo; frequência de contatos por visitas, telefonemas, internet etc.; estado marital dos avós; relação entre idade dos netos, dos avós, dos avós e dos filhos; condição do filho único e posicionamento/sexo na irmandade e a qualidade do relacionamento entre avós e filhos. Além disto, estudos de caso qualitativos e em profundidade poderiam esclarecer os itinerários de vida e os motivos das escolhas realizadas tanto pelos avós quanto pelos pais, ou mesmo pelos netos, dado haver muitos netos morando com avós por terem assim escolhido.

Todos esses questionamentos levantados por Rabinovich e Azevedo (2012, p. 234-236) emergem como sugestões para futuras pesquisas. Porém, para as autoras, o que importa é que o olhar para gerações do ponto de vista de cuidados dos filhos e dos netos obriga a ampliar tal olhar.

Essa série de estudos focaliza, especialmente, a mulher avó e, por seu número, não indica apenas ser mais abordado do que os dos avôs, mas, também, a maior importância atribuída, em geral, à mulher como cuidadora. Descreve a avó cuidando não apenas física e emocionalmente, como prestando ajuda financeira, tema bastante abordado no Brasil, devido à aposentadoria de mulheres com maridos já falecidos como principal renda familiar. Este conjunto de estudos vem da Espanha, de Portugal, do Brasil e dos Estados Unidos, do meio rural e urbano; no entanto, parecem descrever um quadro muito semelhante, embora se deva atentar para as diferenças neles reveladas com o fim de orientar a interpretação do nosso.

### *1.3.1.3 Aspectos positivos/facilitadores e negativos do cuidar*

Diversos aspectos positivos ou negativos do cuidar podem facilitar ou dificultar a relação avós e netos são estas questões que apresentaremos destes estudos.

Em sua revisão de literatura nacional, Gomes (2013) visou mapear os fatores que facilitam e que dificultam a convivência entre avós e netos. Os resultados apontaram que os fatores facilitadores são: a) o afeto, a ajuda e a aprendizagem que se desenvolvem entre as gerações; b) o respeito às diferenças; e c) o apoio dos pais estimulando a relação e o suporte que os avós fornecem, especialmente nos momentos de crise vividos pela família dos filhos. Dentre os fatores de risco estão: a) a gravidez na adolescência por parte dos filhos e a conseqüente coabitação; b) a idade dos avós; c) os desentendimentos entre as diferentes gerações; d) a falta de mediação dos pais; e) a intromissão dos avós na criação dada pelos filhos; e f) a sua infantilização.

A literatura confirma esses dois aspectos: no positivo, a satisfação em prover a nova geração; o senso de renovação pessoal e de dever cumprido; a companhia dos netos; o afastamento do sentimento de solidão; a satisfação, a sensação de utilidade e o dinamismo que o cuidado dos netos proporciona; no negativo, a queda na qualidade da saúde física e emocional; alterações na vida social e familiar; sobrecarga financeira, esforço físico; estresse; falta de tempo pessoal; transtornos na saúde; e conflitos com os pais (LOPES; NERI; PARK, 2005; DIAS; COSTA, 2006; CARDOSO, 2010; DIAS, HORA; AGUIAR, 2010; SANTANA, 2011; WEISBROT; GIRAUDO, 2012; OLIVEIRA; PINHO, 2013)

Essa ambivalência de sentimentos é identificada nos estudos que apresentamos a seguir, em que a maioria das avós ao mesmo tempo em que demonstraram apego aos netos, se sentiam sobrecarregadas pela situação do cuidado.

Dias, Costae Rangel (2009) realizaram uma investigação com 62 avós – 32 avós e 30 avôs – que criavam netos sozinhos e com os filhos, na cidade do Recife (Região Nordeste), a fim de verificar como se percebem e se sentem neste papel. Os resultados revelaram, com relação às avós, a presença de mais tristeza por ocasião da decisão de criar o(a) neto(a) bem como de estresse e cansaço, o que as leva a se sentirem sobrecarregadas, mas, ao mesmo tempo, a acharem que o relacionamento com o(a) neto(a) é melhor com elas do que com a mãe. Já os avôs, por sua vez, consideraram a criação dos netos como normal.

Esses resultados corroboram com estudos internacionais que apontam que avós cuidadores sofrem mudanças drásticas, tais como: falta de liberdade para fazer o que desejam; conflitos e alterações nas relações com a família; frustração e perda da liberdade; conflitos e alterações nas relações de amizade e sociais em geral; dor pela incapacidade do seu próprio filho ou filha; agressividade e mal-estar associados à imposição de responsabilidades; problemas derivados da relação e educação dos netos sob sua responsabilidade; cansaço tanto físico como psicológico; dificuldades para o segmento escolar e social dos netos; problemas econômicos; temor do fracasso; falta de tempo para si mesmos; estresse; problemas de saúde; transtornos depressivos (WILLIAMSON; SOFTAS-NALL; MILLER, 2003; CONWAY; 2004; PERDIGÃO; VITORINO; CUNHA, 2004; PLANILLO, 2004; OSUNA, 2006; GALLARDO, 2007; PORTERFIELD, 2007; WHITE, 2007; HUGHES, 2007; BERNAL; ANUNCIBAY, 2008; DUTRA, 2008; TIMONEN; DOYLE, 2009; BACKHOUSE, 2009; MARTÍNEZ, 2010; PINAZO-HERNANDIS; LLUNA, 2011; MESTRE-MIQUEL, 2011; GUILLEN-PALOMARES; CLARO-BLANCO, 2012; GARCIA; VEJA, 2013;

Pinazo-Hernandis e Lluna (2011) investigaram 20 avós que participavam do Programa de Intervenção Psicoeducativo, na cidade de Torrente, na região metropolitana de Valência, na Espanha que foram divididos em dois grupos de avós e netos: 50% das avós entre 35-50 e em que a idade dos netos oscilava entre 0 a 6 anos de idade; e 50% de avós entre 45 e 60 anos cuja idade dos netos variava entre 7 e 14 anos. O estudo teve como objetivo analisar a situação em que vivem as avós

que têm a guarda dos netos. Os resultados revelaram consequências positivas, como a relação com os netos, e negativas, como estresse, depressão, perda das relações sociais, problemas econômicos e de escolarização nos netos. É necessário destacar a necessidade de apoio psicossocial e instrumental para adequadas formas de intervenção desde as instituições e agentes sociais.

Conway (2004) entrevistou 44 avós que criavam netos, na região rural de Montana, nos Estados Unidos. O estudo teve como objetivo analisar os fatores de estresse parental vivenciados por cuidadores rurais, incluindo período de tempo na função de cuidador primário, nível de renda e bem-estar psicológico. Os resultados mostraram que há diferenças significativas entre americanos cuidadores índios e caucasianos. Por exemplo, os cuidadores de índios americanos informaram dedicação maior no cuidado com os netos, rendimentos econômicos mais baixos e maior evidência de sintomas depressivos em relação aos brancos.

Vale salientar que, na investigação de Strawbridge et al. (1997 apud GALLARDO, 2007), foram entrevistadas avós cuidadoras de raça branca e negra, sendo possível constatar que entre as de raça negra, o cuidado dos netos tinha menos efeitos negativos em sua saúde mental e nas relações sociais do que em avós de raça branca. Segundo a autora, as mulheres entre 48 e 68 anos de idade são mais vulneráveis, pois se sentem sobrecarregadas por terem que conciliar trabalho fora de casa, às vezes tendo familiares idosos sob a sua responsabilidade, e a ajuda aos filhos com os cuidados com os netos que estão sob sua responsabilidade. Em contrapartida, os efeitos positivos destacados pelos autores são: sentimento de solidariedade e utilidade; convivência com os netos; satisfação de vê-los crescer; sentimento de ajuda, amor aos filhos e netos; sensação de encontrar sentido para a vida no cuidado com os netos; e sensação de vitalidade e juventude na relação com os netos.

Estes estudos indicam que a motivação para os cuidados com os netos, se associam elementos facilitadores ou dificultadores que, embora de óticas diferentes, apontam para situações semelhantes que resultam na “maturidade” econômica e/ou emocional dos pais de assumirem seus filhos, o que pode implicar em relações conflitantes ou não entre avós e pais ou mesmo entre avós e netos. Estes motivos variam entre suporte e trocas afetivas e/ou intrusividade, capacidade de autogestão emocional e econômica e/ou dependência e solidez e/ou instabilidade do relacionamento parental.

### 1.3.2 Papel dos avós cuidadores

Tendo em vista que, na atualidade, os avós desempenham diversas funções, serão apresentadas algumas pesquisas relacionadas ao papel dos avós cuidadores e suas variações, subdivididas em vários tópicos: apoio ao recém nascido; apoio aos netos hospitalizados e deficientes; suporte afetivo, econômico e social; tipo tradicional rígido; tipo flexível contemporâneo; diferença das atividades realizadas pelos avôs e avós; promoção de vida saudável e apoio escolar dos avós.

#### 1.3.2.1 Apoio ao recém-nascido

Oliveira (2007) realizou pesquisa com 87 mulheres divididas em dois grupos, um composto por 45 grávidas, primíparas ou não, e outro formado por 42 com bebês de até seis meses de idade. A coleta de dados ocorreu em Centros de Saúde do Distrito Federal, Região Centro Oeste. O objetivo do estudo foi descrever, sob a perspectiva das mães, a rede social de apoio durante o período de gestação e imediatamente após o nascimento de filhos, enfatizando a participação e o apoio do pai e dos avós de seus filhos. Os resultados mostraram que houve mudanças na família durante a gestação e o nascimento dos filhos, especialmente quanto ao apoio psicológico e à divisão de tarefas domésticas. A maioria das mães relatou que os avós não interferiam na vida da família; quando os avós interferiam, usavam como estratégia principal o aconselhamento, sobretudo em relação à educação dos netos e ao relacionamento do casal.

Dias, Viana e Aguiar (2003) entrevistaram 84 avós precoces, em Recife (Região Nordeste), tendo como objetivo investigar a percepção das avós acerca dos seus netos, da gravidez dos seus filhos e do novo papel que terão que desempenhar neste momento, tendo a amostra sido dividida em 42 avós maternas e 42 paternas. A média de idade das avós maternas é de 41 anos e das paternas, 43 anos. Os resultados mostraram ambivalência de sentimento, o que, no início, foi tido como decepção e insegurança com o nascimento da criança, paulatinamente, vai dando lugar, cada vez mais, à realização de ter um neto.

Entretanto, há, pelo menos, três situações típicas a serem observadas nos relacionamentos avós-mães adolescentes, em que os avós assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil porque sentem pouca confiança na

maturidade da adolescente (FALCÃO; SALOMÃO, 2005). Essa situação de inexperiência pode ocorrer tanto no meio urbano como no meio rural.

Santos, Silva e Pontes (2011) investigaram duas famílias ribeirinhas do Amazonas, Região Norte, sobre os papéis desempenhados por pais e avós após a chegada do primeiro neto na família. Os resultados apontaram que, nesta comunidade, os avós tendem a adotar seu primeiro neto como um último filho. Esta tendência predominaria por conta da extrema pobreza em que vivem, agravada pela inexperiência dos pais acerca dos cuidados necessários ao recém-nascido.

Neste item, constatou-se, claramente, o apoio que os avós oferecem aos filhos, por meio de suporte emocional e instrumental beneficiando a segunda e terceira geração.

#### 1.3.2.2 *Apoio aos netos hospitalizados e deficientes*

Os avós são figuras valorizadas no apoio a crianças hospitalizadas e deficientes, conforme os estudos a seguir.

Em relação aos netos hospitalizados, Gerondo (2006), entrevistou 20 avós idosas cuidadoras de netos hospitalizados em um hospital infantil pediátrico de grande porte localizado na cidade de Curitiba, Região Sul, com a intenção de interpretar o significado de ser avó idosa cuidadora de neto hospitalizado. Os resultados apontaram que ser avó cuidadora significa, para elas, proteger o neto e que elas demonstram intensa felicidade em cuidar do neto, um amor incomensurável, sem limites: elas apoiam a mãe ou assumem o neto legalmente.

Quanto aos netos com deficiência, Marques et al. (2011) entrevistaram famílias de crianças de risco nascidas no município de Maringá, na mesma região, com a intenção de identificar o papel das avós no processo de cuidado aos recém-nascidos de risco no primeiro ano de vida. Os resultados demonstram que a mãe é a principal responsável pelos cuidados ao filho e que o apoio recebido na realização dos cuidados com o bebê é pequeno, porém significativo, principalmente nos momentos difíceis. A presença das avós possibilita às mães se sentirem mais seguras e amparadas para o cuidado com o bebê que necessita de cuidados mais frequentes.

Mariano e Fiamenghi Jr. (2011), na Região Sudeste, corroboram com a pesquisa anterior em relação ao apoio que as avós dão às mães para aliviar o

estresse que sobrevém com o nascimento de uma criança com deficiência. Nesta pesquisa, realizada com quatro avós e seus respectivos netos (bebês com 10 a 27 meses) foi possível observar a interação entre as díades de avós/cuidadoras e seus netos com deficiência em uma atividade musical. Os resultados sugerem que a musicoterapia pode auxiliar no desenvolvimento da saúde emocional de famílias de crianças com deficiência.

O estudo de Matsukura e Yamashiro (2012), do qual participaram cinco mães, cinco avós e cinco irmãos de crianças com necessidades especiais de Clínica Escola vinculada a uma Instituição Federal de Ensino Superior e nas residências de alguns participantes em uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo, Região Sudeste, teve como objetivo investigar o relacionamento intergeracional e as práticas de apoio presentes no cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. Verificou-se que as avós se apresentam como importante fonte de apoio à família, ao dedicarem, inclusive, atenção e cuidado ao irmão da criança com necessidades especiais. O estudo revela um relacionamento intergeracional positivo entre avós e netos.

Couto (2010) entrevistou 11 familiares responsáveis por crianças ou adolescentes que não estavam vivendo com seus pais e que estavam matriculadas na Associação de Pais e Amigos dos Especiais (APAE), de Poços de Caldas, Região Sudeste, buscando conhecer as vivências de familiares que se responsabilizaram por crianças e adolescentes com deficiência, entendendo as escolhas, as expectativas, os sentimentos e a rotina do cuidar. Os resultados apontaram que todas as crianças sofreram, desde o início da vida, situações de negligência, rejeição por parte dos pais e/ou algum tipo de abandono. Assim, coube a alguém da rede de parentesco mais próximo assumir o cuidado da criança, sendo as avós as principais cuidadoras dos netos.

Proteger o neto de tais situações foi a razão fundamental de as avós terem assumido o cuidado. Outras motivações estão relacionadas a sentimentos de afeição pelos netos, de responsabilidade familiar e de dever moral. Acreditam que é papel delas cuidar do neto, confirmando a ideia de que, para a população empobrecida, a família é vista como uma rede onde cada um tem responsabilidades e obrigações para com o outro. A maioria das avós revelou que a atitude de se responsabilizar pelo neto com deficiência foi permeada por sentimentos ambíguos, de aceitação da situação e de revolta pela violência a que a criança estava

submetida. Muitas avós se sentem sobrecarregadas, explicando que a deficiência do neto aumenta suas responsabilidades, tarefas e o esforço físico. Pensar no futuro é algo angustiante para elas, uma vez que não há perspectivas de mudança na situação da criança ou do adolescente.

Estas pesquisas foram selecionadas por se dedicarem ao estudo da relação avós–netos especiais, mostrando, com maior ênfase, a importância do cuidar e da proteção aos netos pelas avós, embora relatem, também, os custos que isto pode trazer a elas.

### 1.3.2.3 *Suporte afetivo, econômico e social*

Dias, Costa e Rangel (2008) pesquisaram em Recife, Região Nordeste, 60 avós da idade entre 41 e 86 anos, de classe média, que criavam netos. Vinte e um avôs criavam apenas um(a) neto(a); seis criavam dois netos; dois criavam três netos; e um criava quatro netos. Dezoito avôs criavam filhos de filhas; dez avôs criavam filhos de filhos; e dois criavam netos oriundos de filhos de ambos os sexos. Com relação aos motivos que levaram os avós a criarem seus netos, os itens que prevaleceram foram: “separação dos pais”, com 37,14%, para as avós, e 26,31%, para os avôs; “gravidez na adolescência por parte de um(a) filho(a)”, com 20%, para as avós, e 18,42%, para os avôs; “dificuldades financeiras por parte dos pais”, com 20%, para as avós, e 15,78%, para os avôs.

Silva (2012) entrevistou avós, sendo oito entrevistas com mulheres-avós e duas (02) com homens-avôs que moram numa área da cidade denominada de conjunto e invasão do Almirante Tamandaré, localizada no Bairro Santos Dumont, na Zona Norte de Aracaju, Região Nordeste. O objetivo do estudo foi compreender a dinâmica e as condições de vida dos sujeitos envolvidos nestas relações e as razões que levam à formação deste tipo de arranjo familiar, no universo das relações familiares contemporâneas. O que mais se evidenciou nessas relações foi a presença da mulher-avó, coabitando com filhos e netos, em condições de precariedade material, levadas pela necessidade de prestar apoio aos membros mais jovens da família em situação de crise financeira ou instabilidade emocional. As mulheres que vivem a condição de avós criadoras geralmente assumem o sustento e a manutenção da família, o que acarreta para elas maior responsabilidade, mas, ao



mesmo tempo, amplia a sua autoestima e assegura o respeito e a consideração dos membros da família.

Este estudo corrobora com pesquisas internacionais realizadas em Portugal e Espanha que mostram que as funções em que os avós colaboram é na solidariedade intergeracional, esperando-se que os avós estejam disponíveis para acudir e ajudar a resolver situações de ordem afetiva e econômica, servir de suporte social face às exigências do mundo do trabalho e como complemento para o exercício das funções dos pais.

Nesse sentido, Pires (2010) investigou em Águeda, região de Aveiro, em Portugal, 300 famílias. O estudo teve como objetivo analisar a presença e o papel dos avós e refletir sobre a evolução da família como lugar de encontro, convívio, partilha, afeto e cuidado entre gerações, confirmando (ou não) a prevalência do papel dos avós como apoios naturais e a preponderância da influência matrilinear pela maior proximidade e presença dos avós maternos. Os resultados mostraram que os avós são chamados a participar na prestação de apoio e de ajuda aos filhos, contribuindo para o pleno desenvolvimento dos netos.

Já o relatório da Espanha dirigido por Ortiz (2006) constata que o motivo de as avós assumirem o cuidado dos netos, em 84,2% dos casos, se deve ao trabalho dos genitores.

Nesta parte, observou-se que a maioria dos estudos citados tomou como base avós cuidadores integrais. É importante ressaltar que o fato de cuidar dos netos esporadicamente, de uma forma geral, é bem aceita pelos avós e “olhar os netos” confere a eles um sentido ainda maior para as suas próprias vidas, pois eles se sentem mais participativos, colaboradores, em um meio que, cotidianamente, é intenso de afazeres e compromissos (DIAS; COSTA, 2006).

#### *1.3.2.4 Tipo tradicional rígido*

Santos (2006) investigou seis idosos do sexo masculino participantes do projeto da 3ª idade (Universidade Aberta da 3ª idade) realizado na cidade de Paulo Afonso, Região Nordeste. O estudo teve como objetivo investigar sua percepção acerca dos papéis vivenciados ao longo do ciclo vital da família. Foram realizadas entrevistas individuais as quais foram transcritas e analisadas por temas. O estudo mostra a rigidez dos papéis do homem idoso em nossa cultura, iniciando-se com o

papel de filho, tio, irmão, marido, provedor do lar e avô. Estes idosos vieram de famílias tradicionais, onde papéis eram rígidos e hierarquizados, sem abertura para o diálogo. O filho não tinha voz e o pai era o provedor, distante emocionalmente, e não mantinha um relacionamento de afeto nem de abertura com os filhos e com a esposa. Notam-se, também, contradições entre os dois grupos: ambos afirmaram que os idosos, antigamente, eram mais respeitados e queridos, apesar de haverem poucas leis protegendo-os; no entanto, em relação a si mesmos, disseram que os jovens os respeitam e que, no relacionamento familiar e social atual, não têm do que reclamar.

Paula et al. (2011) investigaram 12 idosos no município de Fortaleza, na mesma região. O objetivo do estudo foi conhecer os discursos dos idosos quanto às relações intergeracionais, quando crianças e hoje; e identificar essas mudanças percebidas pelo idoso no contexto da família atual e de seus antecedentes. Os resultados mostraram que houve mudanças na relação entre avós e netos, antigamente, havia um bom relacionamento e com regras claras. Atualmente, há uma série de conflitos, dentre os quais se destaca a perda da autoridade, do afeto e do medo.

Segundo Dias e Silva (1999), os avôs, durante muito tempo, eram figuras que atingiam os extremos de autoritarismo. Por isso, devemos entender que estamos convivendo com avós que passaram por revoluções, vieram de uma geração em que muitos foram ativistas, lutaram contra a ditadura, sacudiram o modelo burguês. Por isto, quando contextualizamos, passamos a entender a origem de tal comportamento austero. Porém, há outro tipo moderno.

#### 1.3.2.5 *Tipo contemporâneo flexível*

Estudos já estão apontando para mudanças no papel parental de avós em relação ao fato de terem sido, como pais, conservadores. Atualmente, em geral, assumem este papel em plena maturidade, são atletas, vaidosos, com vida profissional e social ativa e mais liberal.

Pedrosa (2006) investigou em São Paulo, Região Sudeste, quatro homens idosos avós, com idade entre 65 e 73 anos, que possuíam uma convivência intensa com os netos, abrindo a possibilidade para a observação do relacionamento intergeracional. O estudo teve como objetivo apreender como o idoso interpreta a

relação avô-neto, o intercâmbio de experiências entre gerações e os sentimentos que se evidenciam no dia a dia. Os resultados revelaram que existe diferença entre ser avô e ser pai: como pais, eram mais rígidos e, como avôs, proporcionam liberdade de expressão, criatividade e brincadeiras. Na convivência com os netos, os avôs falam de amizade, cumplicidade, respeito e satisfação em tê-los por perto, proporcionando maior liberdade de expressão, sem formalidades.

Rocha (2013) entrevistou cinco avôs, três mulheres e dois homens, na faixa etária entre 60 e 68 anos de idade, de nível socioeconômico médio, nível de escolaridade superior completo, residentes em Salvador, Região Nordeste e com algum domínio de algumas ferramentas da internet. O objetivo do estudo foi analisar a relação dos avôs que acompanham o crescimento dos netos através do espaço virtual. Os resultados apontaram que o uso das tecnologias aproxima as relações, além de oferecer apoio intergeracional prestado pelos avôs através do *Skype*. Assim, os avôs podem acompanhar o crescimento dos netos, dando conselhos, ajudando nas tarefas escolares, ouvindo as queixas contra os pais.

Acerca da relação entre avôs e netos, a dinamização através das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e da Internet, proporciona a aquisição de competências básicas para a interação/comunicação, além de oferecer apoio intergeracional (GONÇALVES; PATRÍCIO, 2011; MACIEL; PECIN; TENÓRIO, 2012).

Através dessas investigações, percebeu-se que, na atualidade, os laços geracionais têm se tornado maleáveis e tolerantes, proporcionando maior liberdade de expressão e que o uso da tecnologia viabiliza a aproximação entre avôs e netos para a convivência.

Estudos internacionais realizados em Portugal e Espanha também evidenciam tais mudanças, tanto sobre a concepção da avosidade quanto acerca das funções que desempenham com os netos.

Dominguez, Vitorino e Morgado (2011) entrevistaram 104 sujeitos, de ambos os sexos, pertencentes a um grupo de avôs cujos filhos fizeram o Curso de Preparação para o Parto e Parentalidade, no Centro Pré e Pós-Parto de Entrecampos, em Lisboa, Portugal, tendo como variável independente gênero, constituído por 58,65% do sexo feminino e 41,35% de homens. O objetivo do estudo foi analisar as percepções dos avôs quanto ao conceito e papel que atualmente desempenham junto aos netos e filhos. Os resultados revelaram que, inicialmente, os

avós concebiam que ser avós é ser mãe ou pai novamente. Após o evento, alteraram a sua opinião, passando a pensar que poderão “viver com os netos o que não viveram com os filhos” e, ao mesmo tempo, “serem amigos e companheiros dos netos”. Esta visão entra no conceito de “avô que quer desempenhar efetivamente o seu papel”, um papel despreocupado e sem a responsabilidade de ser pai ou mãe.

Bernal e Anuncibay (2008) investigaram 603 avós, 345 da capital de Burgos e 258 da província de Burgos, na Espanha, com idade entre 65 e 85 anos, sendo 61,2% mulheres e 38,8% de homens. O objetivo do estudo foi identificar as funções que realizam os avós com os netos. Os resultados indicaram que a imagem dos avós da relação com seus netos é de que cumprem, em maior medida, a função de mimar, malcriar, de serem indulgentes, fonte de amor incondicional e transmissor de conhecimentos e valores. Outras funções que afirmam realizar são de cuidadores, contadores de contos, historiadores familiares e transmissores de legado do passado, de modelo de envelhecimento e companheiro de jogos, fonte de compreensão, ponte entre pais e filhos e ajudadores em tempo de crises.

A atitude de mimar é facilmente verificada em Dias (2008), que evidencia que os avós que mimam excessivamente os netos, boicotando a educação e as ordens dadas pelos pais, não respeitando os limites de sua interferência se tornam prejudiciais ao relacionamento dos netos com seus pais. Esse é um dos fatores de risco que pode levar essas crianças a serem rebeldes, desobedientes, dependentes e excessivamente frágeis, pois podem vir a achar que sempre terão tudo muito fácil através dos avós, e que todos ao seu redor devem agradá-los e tornar sua vida doce e feliz como seus avós o fazem(DIAS; SILVA,1999).

Portanto, para as referidas autoras as proporções de mimos e regalias precisam ser bem dosadas para que não venham a ocasionar um desajuste no relacionamento entre avós e netos.

Gallardo (2007) investigou três grupos de avós em Granada, na Espanha, o primeiro, com idade até 65 anos, caracterizado como formado por sujeitos jovens e trabalhadores; o segundo, com idade de 65 a 74 anos, a maioria composta por aposentados; e o terceiro, de 75 em diante, que tivessem condições de serem prestativo. O estudo teve como objetivo analisar o papel dos avós na sociedade atual, as tipologias e os problemas que implica o desempenho das funções de ser avô/ó. Os resultados apontaram que a maioria dos avós menores de 65 anos que declara que os netos gostam muito de ouvir as histórias que eles contam e fazem

muitas perguntas, presenteiam com mais frequência, são seus confidentes, conselheiros e educadores, assim como transmissores de normas morais e tradicionais familiares, através das histórias e contos que narram. Porém, à medida que aumenta a idade dos avós, esta porcentagem diminui de maneira significativa.

Esses estudos mostraram que os avós, independente de adotarem o estilo de autoridade ou flexibilidade, ajudam os pais na socialização dos filhos. No caso de avós mais jovens, existe a possibilidade de proporcionar aos netos um maior divertimento na infância.

#### *1.3.2.6 Diferença das atividades realizadas pelos avôs e avós*

As pesquisas estão se voltando para as crianças para compreender a distinção das atividades realizadas pelos avós de gêneros masculino e feminino.

Em estudos nacionais, encontramos Ramos (2012), que entrevistou 36 meninos e meninas, na faixa etária entre oito e dez anos, oriundos de família nucleares, monoparentais, reconstituídas e conviventes e pertencentes à classe média da cidade de Porto Alegre, Região Sul, cujo objetivo busca compreender como as relações de gênero operam nas relações entre as gerações a partir da perspectiva dos netos crianças.

Os resultados mostraram um forte entrelaçamento entre as relações de gênero e as relações intergeracionais. De um lado, as relações entre avós e netos são influenciadas pelas afinidades e pelos estilos de avosidade desempenhados pelos avôs e pelas avós; de outro, esta relação é permeada pelas relações familiares e pela própria linhagem na qual os avós se encontram. Os avôs são menos envolvidos no cuidado intergeracional, mas foi possível observar um movimento dos homens neste sentido, que, normalmente, se direciona para atividades fora do ambiente doméstico – como buscar ou levar o neto à escola – e a brincadeiras mais dinâmicas e perigosas. Estes são aspectos relevantes tanto para os meninos quanto para as meninas, não havendo grandes diferenças de gênero quanto às expectativas e experiências intergeracionais das crianças entrevistadas.

Moreira, Rabinovich e Silva (2009) também entrevistaram 60 crianças, com idade variando entre 6 e 10 anos, sendo 24 do sexo masculino e 36 do feminino, cujos pais tinham nível socioeducacional entre baixo e médio, residentes no Estado da Bahia, Região Nordeste – a metade morava na capital e a outra metade

em cidades do interior. O objetivo do estudo foi investigar a concepção das crianças sobre sua definição dos membros da família, inclusive de avós. Os dados evidenciaram que os papéis dos avós são relevantes, sendo o avô mais lúdico e a avó mais afetiva e cuidadora, acrescentando-se o aspecto do agrado, principalmente das avós.

Em estudos internacionais, encontramos Smorti, Tschiesner e Farneti (2012) que entrevistaram 373 avós italianos (153 do sexo masculino; 220 do sexo feminino) com idade entre 53 e 88 anos, sendo 205 maternose 168 paternos, em centros de convivência para idosos em Bressanone, Itália, cujo objetivo foi investigar os sentimentos e atividades realizadas pelos avós do lado materno e paterno. Os resultados mostraram que os avós apresentam sentimentos positivos em relação aos netos e atribuem uma grande importância ao seu papel de educador e auxiliar. Quanto às atividades, a linhagem paterna realiza mais atividades compartilhadas do que a materna. Em relação ao tipo de atividades, as mulheres realizam atividades linguísticas, como contar histórias de fábulas ou sobre sua própria família, enquanto que os homens se dedicam às atividades ao ar livre e à prática esportiva.

Em Portugal, Rodrigues (2008) entrevistou 17 avós e 17 mães todas pertencentes ao mesmo núcleo familiar. As avós, tanto maternas como paternas, deveriam estar presentes nos cuidados aos seus netos. O estudo teve como objetivo compreender qual a importância das avós no contexto familiar e a sua importância no cuidar das crianças num contexto rural, tendo sido escolhida a localidade de Foros de Salvaterra, no concelho de Salvaterra de Magos. Os resultados apontaram que as avós continuam sendo muito importantes na transmissão de saberes culturais, apoio financeiro e cuidados infantis. Há um maior envolvimento dos homens nas tarefas domésticas e nos cuidados infantis, como banho, o adormecimento, o vestir, a alimentação e mesmo atividades lúdicas. A avó que mais ajuda é aquela que está mais presente, independentemente de ser a avó materna ou paterna.

Pode-se dizer que os estudos envolvendo avós e netos e gênero são ainda incipientes. Nota-se que, no Brasil, há uma tendência de os homens se envolverem em atividades lúdicas com os netos mais do que propriamente no cuidado doméstico. Porém, a nível internacional, além de se constatar a tendência lúdica dos avós e a transmissão de saberes pelas avós, é possível perceber a participação dos avós nos cuidados infantis.

### 1.3.2.7 *Promoção de vida saudável aos netos*

Há estudos relevantes sobre o papel das avós cuidadoras na prevenção e promoção da qualidade de vida junto aos netos.

No Brasil, Moraes (2008) investigou 9 avós compreendidos na faixa etária de 38 a 70 anos, responsáveis pelos netos com idade entre 21 a 36 meses, inseridos no Programa de Atenção Odontológica Precoce “Crescendo sem Cárie”, do ambulatório do Hospital Geral de Areias, em Recife, Região Nordeste. O estudo teve como um dos objetivos identificar os significados atribuídos pelos avós no cuidado com a saúde bucal dos netos. Os resultados apontaram que o papel que os avós assumem no âmbito familiar é importante para promover discussões e questionamentos sobre atitudes e comportamentos no controle e prevenção da cárie dentária, apesar de permitirem aos netos, como transferência de amor e carinho, o consumo de açúcar prejudicial à saúde bucal dos mesmos, comprovado através do exame clínico.

A pesquisa de Fonseca e Yamin (2010) investigou as condições de sete famílias de avós no espaço do campo em um assentamento agrário no Mato Grosso do Sul, Região Centro-Oeste, estabelecendo uma relação entre os cuidados prestados pelos avós e a qualidade de vida dos(as) netos(as). A metodologia de pesquisa, embasada na Sociologia da Infância, abarcou a realização de entrevistas e o registro de imagens pelas crianças. Os resultados apontam que, mesmo tendo consciência das dificuldades, as crianças sabem como a presença dos avós é importante em suas vidas, reconhecem que eles são parte fundamental do cotidiano da família e, por isto, se preocupam com os mais velhos. Da mesma forma, a incumbência de criar os(as) netos(as), se tornou, inicialmente, um desafio para os avós, mas, com o passar do tempo, eles se tornaram “dependentes” das crianças, valorizando a presença delas em suas vidas, apesar de todos os percalços que enfrentam.

Em Portugal, Dutra (2008) investigou 107 avós cuidadoras de netos de dois e três anos de idade, da Ilha Terceira, em Açores. O estudo teve como objetivo verificar se as avós promovem estilos de vida saudáveis junto aos netos. Os resultados evidenciaram que as avós se preocupam em promover condições saudáveis de crescimento para os netos que criam; valorizam a alimentação

saudável e as refeições tomadas nas horas certas; promovem a sesta relativamente à frequência, quantidade e qualidade do sono; impulsionam a autonomia nas rotinas do quotidiano; estimulam a atividade física, ao não delimitarem zonas de interdição na casa, permitem e favorecem as brincadeiras no exterior, no quintal e na natureza; promovem a brincadeira e despendem muito do seu tempo com os netos; desenvolvem a relação no quotidiano com muita comunicação e afetividade; e salvaguardam as questões da segurança diretamente relacionadas com perigos da idade.

Contatou-se que as avós contribuem positivamente para a prevenção e cuidados da saúde dos seus netos e promovem estilos de vida saudáveis através de rotinas na prática cotidiana

#### 1.3.2.8 *Apoio escolar dos avós*

Pesquisas apontam que a educação escolar é bastante valorizada pelos mais velhos, que percebem aí um caminho para a ascensão social.

Em estudos nacionais, Silva (2010) investigou 70 mulheres, com idade média de 66,2 anos, avós de crianças de 7 a 10 anos de idade, alunos de uma escola particular na cidade de Juiz de Fora, Região Sudeste. O objetivo do estudo foi investigar a percepção de avós cuidadoras maternas sobre as práticas educativas e o acompanhamento de seus netos em idade escolar e suas concepções sobre o desenvolvimento, educação e relacionamentos intergeracionais. A análise de conteúdo destas entrevistas evidenciou que o trabalho e a separação dos filhos são as principais razões que motivam o cuidado dos netos pelas avós. Em relação à concepção sobre a educação e a criação dos netos, as avós concebem este papel de uma forma restritiva e diferenciada dos filhos, desempenhando-o de forma secundária. Em relação ao desenvolvimento infantil dos netos, as avós evidenciaram dificuldades relacionadas à nutrição, constituição familiar e carência dos mesmos, declarando ainda que os cuidados prestados aos netos conferem a elas mais benefícios que prejuízos. Os resultados permitiram concluir que as avós cuidadoras representam suporte prático, para os filhos, e afetivo, para os netos, embora desempenhem um papel secundário na educação deles.

Coutrim et al. (2007) investigaram professores e alunos de duas cidades do município de Mariana, Minas Gerais, e de São Paulo, capital, Região Sudeste.



Inicialmente foram aplicados questionários a todos os professores que tinham alunos criados por avós em suas salas de aula. O objetivo do estudo foi compreender como se dá a relação intergeracional entre avós e netos e quais os reflexos que esta relação pode trazer para o cotidiano escolar destas crianças que têm os idosos como seus responsáveis ou corresponsáveis. A pesquisa foi feita por meio da metodologia qualitativa e abrangeu crianças do introdutório à 4ª séries do ensino fundamental (6 a 10 anos, aproximadamente) de duas escolas públicas do município de Mariana/MG que moram com seus avós ou que estão sob seus cuidados durante determinado período do dia. Os resultados revelaram que entre os 27 professores que responderam os questionários, a maioria declarou que não existe diferença de comportamento em sala de aula entre as crianças que têm os avós como educadores ou coeducadores, contudo, na escola de periferia, dos seis questionários aplicados, cinco professores afirmaram que o grupo observado apresenta comportamento diferenciado, como mimados e inseguros. Todavia, o desempenho escolar destes alunos não se diferencia dos demais no que diz respeito às notas e à apresentação dos deveres passados em sala; os avós participam das atividades oferecidas pela escola, como festas e reuniões de pais, e somente não comparecem quando a mãe ou o pai assumem esta responsabilidade. Os professores não entendem que o convívio intenso das crianças com os avós influencie negativamente os pequenos, o que se reflete no bom relacionamento com professores e funcionários.

Luz e Favreto (2013) investigaram 15 professores de educação infantil do Município de Concórdia, Santa Catarina, Região Sul. O objetivo do estudo foi compreender a influência da presença dos avós no desenvolvimento psicossocial de crianças que frequentam a educação infantil; Identificar as facilidades e dificuldades das crianças que convivem com os avós; verificar se ocorrem contribuições no relacionamento interpessoal com colegas por crianças que convivem mais tempo com os avós. Os dados obtidos na pesquisa trouxeram, de forma consistente, a questão da afetividade como significativamente presente nas crianças que convivem de alguma forma, com seus avós e, conseqüentemente, como aspecto facilitador no processo de desenvolvimento. Outro ponto relevante apontado pelos professores pesquisados, diz respeito à questão dos limites, considerado um aspecto no qual há interferência de maneira negativa. Os avós são mais permissivos e acabam cedendo não só às necessidades, mas, também, às vontades da criança, o que pode

atrapalhar em diversos aspectos do seu desenvolvimento. Porém, também se constatou que os avós possibilitam mais tempo de qualidade para as atividades necessárias para que a criança possa explorar o mundo à sua volta, o que, no caso em questão, muitas vezes não acontece por parte dos pais, devido às suas diversas atividades do dia a dia.

Em estudo internacional, Roa (2006) investigou 13 avós de meninos e meninas da escola Bellavista-Tomé, no Chile, 10 netos dos avós entrevistados, 5 mães e 5 professores destas crianças. O estudo teve como objetivo descrever o papel que desempenham os avós na formação dos netos e netas. Os resultados mostraram que, no conjunto das famílias estudadas, 76,9% dos avós que convivem com os netos são da linha materna. Em geral, o apoio e a colaboração dados pelos avós foram acompanhá-los em espaços de lazer, apoio em tarefas domésticas, ensinar atitudes, valores e formas de comportamento na sociedade. Os avós valorizam o sentimento de alegria que os netos dão à sua vida, sentem-se ativos, úteis e valorizados pela família. Quando o papel de avós é assumido de forma voluntária é mais gratificante do que quando imposto. Portanto, a relevância do papel atribuída por eles é continuar sendo pais, porém, com menos responsabilidade e mais carinho. Os netos percebem os avós como forma de colaboração e apoio. As mães entrevistadas declaram que os seus pais e sogros são pilares fundamentais em suas famílias, compartilham decisões e confiam na influência destes sobre seus filhos. Os professores apreciam e concebem o aporte dos avós na formação das crianças, destacando dois tipos de avós: as cuidadoras que moram com os netos e as que participam da escola.

Evidenciou-se que, nos estudos acima mencionados, há um aspecto importante para a troca de conhecimentos entre as gerações mais jovens e as mais velhas: é o “convívio constante”. Esta convivência permeada de significados se insere em outra temporalidade na qual o compromisso maior não é com as tarefas objetivas que os pais se esforçam para que os filhos apreendam. Os avós se preocupam em passar, para seus descendentes, lições morais extraídas, em grande parte, dos casos, de suas próprias histórias de vida, como legados que as gerações mais velhas se esforçam para transmitir aos mais jovens e que podem ser classificados em legados, ensinamentos orientadores de condutas que nem sempre encontram receptividade por parte dos mais jovens. Tais ensinamentos, passados

pelos avós por meio de lições cotidianas, oferecem aos mais jovens elementos necessários para a vida.

### **1.3.3 Motivos do cuidado**

A seguir, serão apresentadas algumas pesquisas relacionadas aos motivos que ocasionaram o cuidado dos netos pelos avós, como: gravidez na adolescência; separação e divórcio dos pais; corresidência; trabalho; doença mental, dependência química e morte dos filhos; migração dos pais; doença ou deficiência dos netos; e guarda judicial.

#### *1.3.3.1 Gravidez na adolescência*

Pesquisas que abordam esse tema têm constatado a existência de conflitos na delimitação de papéis entre ser mãe e ser avó dos bebês.

No estudo de Araújo e Dias (2010), as autoras investigaram as vivências e as percepções de nove avós e um avô, residentes em uma comunidade carente do Recife (Região Nordeste), que criavam de um a cinco netos e possuíam renda mensal média de um salário mínimo. Os principais resultados apontaram que: 1) os motivos que levaram os avós a criarem os netos foram variados, destacando-se a gravidez na adolescência, por parte de um(a) filho(a), ou sua separação; 2) a iniciativa, em geral, partiu dos próprios avós e os sentimentos experimentados foram de satisfação e felicidade, embora todos tenham se queixado da difícil situação financeira e da dificuldade para colocar limites para os netos; 3) a relação com os pais das crianças se caracterizou por distanciamento e não intromissão na criação dada pelos avós; 4) os filhos ajudavam esporadicamente; e 5) a criação dos netos deveria continuar com os próprios avós.

Dias (2008) afirma, ainda, que uma gravidez mal planejada pode vir a causar problemas familiares maiores, pois, no caso de uma separação ocorrer, verifica-se o retorno da mãe à casa dos pais, passando a existir uma relação de “corresidência”. Nesta situação, a mãe pode chegar a ficar infantilizada, por não ocupar o papel de mãe e sim o de irmã de seu filho, o que acarreta uma certa confusão na percepção da criança, que passa a enxergar sua verdadeira mãe como alguém que não conseguirá orientá-la, por ter deixado a responsabilidade de criá-la aos seus avós, deixando-a assim na dúvida de a quem deva obedecer.

Possivelmente essas crianças chegarão ao ponto de não respeitar mais a mãe, o que, por conseguinte, vem a gerar conflitos.

Falcão e Salomão (2003) realizaram uma pesquisa com 25 mães adolescentes (faixa etária de 13 a 19 anos) e 25 avós maternas, da camada social menos favorecida em Brasília, na região Centro Oeste. O estudo teve como objetivos investigar a reação inicial diante da notícia da gravidez, as concepções sobre o exercício da maternidade pela adolescente e o papel das avós nesta situação. Foi utilizada uma entrevista estruturada com as participantes, que foi analisada de acordo com a análise de conteúdo.

Os principais resultados, no que se refere às avós, indicaram que: 1) 72% delas também foi mãe na adolescência; 2) a maioria teve uma reação desfavorável à gravidez da filha, inclusive algumas a induziram a fazer o aborto; 3) a maioria percebeu o desempenho da filha como mãe de uma forma positiva, embora algumas tenham admitido que as filhas maltratavam o bebê ou eram imaturas e impacientes com ele; 4) seu papel primordial foi o de cuidar e apoiar a filha, seguido de orientar; 5) muitas se mostraram confusas acerca dos limites entre ser mãe e avó; 6) outros familiares, o pai do bebê, os sogros e os vizinhos também são figuras que auxiliam no cuidado.

No que tange às adolescentes, os resultados mostraram que: 1) 56% continuaram a morar com a família de origem, o que facilita a indefinição de papéis; 2) a maioria teve uma reação desfavorável diante da notícia; 3) a grande maioria se percebeu cuidando adequadamente do(a) filho(a); e 4) muitas abandonaram a escola para cuidar do bebê. As autoras concluem mostrando a necessidade de implantar redes de apoio às famílias e às adolescentes.

Nesse item abordado, os pesquisadores são unânimes em enfatizar que para que ocorra uma boa relação entre os avós e os pais das crianças, é necessário que os avós só deem conselhos e opiniões quando solicitados e que haja delimitação de papéis entre pais e avós do recém-nascido.

#### 1.3.3.2 *Separação/divórcio dos pais*

Estudos mostraram que os avós podem desempenhar um relevante papel para os netos, no caso de separação dos pais, fornecendo assistência tangível e intangível, como explica Dias (2002):

No caso de separação ou recasamento dos pais, os avós são figuras de apoio instrumental, fornecendo cuidado e ajuda financeira, como também do ponto de vista emocional, funcionando como verdadeiros 'apagadores de incêndios' nos momentos de crise (DIAS, 2002, p.36).

Araújo e Dias (2002) realizaram uma pesquisa com 30 avós de João Pessoa, no Estado da Paraíba (Região Nordeste), que não moravam com os netos, antes nem após a separação/divórcio dos pais. As pesquisadoras adotaram o critério da idade dos netos ser até 12 anos, pois estes tendem a ser mais atingidos pelos efeitos negativos da separação/divórcio dos pais, como também é provável que os netos compreendidos nesta faixa etária precisem mais do apoio dos avós. O objetivo do estudo foi averiguar os tipos de apoio oferecidos pelos avós aos netos, antes e após situações de separação/divórcio dos pais, bem como a existência ou não de alterações nas formas de apoio. Os resultados indicaram uma preferência, por parte dos avós, pelas atividades do tipo emocional, notando-se um aumento, em geral, após a separação/divórcio, das seguintes atividades: dar conselhos, transmitir informações sobre a família, telefonar e uma diminuição na atividade de visitar.

Em Portugal, Rodrigues (2013) investigou 24 avós de netos de pais separados/divorciados de idade entre 52 e 75 anos, residentes em Lisboa, sendo que 66,7% eram do sexo feminino e 33,3% , masculino. Quanto à variável linhagem, 62% dos participantes eram avós paternos e 37,50%, maternos. Esses avós tinham netos entre 5 e 12 anos de idade, sendo que a maioria vivia com as mães. O objetivo do estudo foi descrever a relação entre avós e netos após a separação conjugal, avaliando-se diferentes parâmetros desta relação (frequência de contato e de atividades realizadas, tipo de apoio prestado e satisfação da relação) e analisando-se variáveis de natureza demográfica e relacional. Os resultados obtidos apontam: 1) a relação entre avós e netos após a separação conjugal como majoritariamente satisfatória; 2) a relação é também caracterizada por contato semanal, presencial e não-presencial, pouco frequente que poderia ser explicado pela distância geográfica; 3) quanto às atividades que os avós realizam mais vezes com os seus netos são conversar e dar conselhos, o que parece ir ao encontro do papel dos avós como confidentes, conselheiros e mentores; já as menos realizadas são: ajuda na realização dos trabalhos escolares e levar a consultas médicas, pelo fato do contato entre avós e netos serem menos frequentes; 4) os tipos de apoio

foram emocional, instrumental e financeiro;5) em termos de satisfação dos avós na relação com os netos, esta se apresenta moderadamente associada ao apoio emocional e fortemente ligada ao apoio instrumental.

Assim como no Brasil, em Portugal, Irlanda e Estados Unidos, o papel dos avós nas famílias divorciadas e separadas é considerado importante nos aspectos de apoio financeiro; habitação (corresidência); guarda legal e apoio emocional corroborando outros estudos (BAKER; SILVERSTEIN; PUTNEY, 2008; TIMONEN, DOYLE, O'DWYE, 2009).

### 1.3.3.3 *Corresidência*

Esta palavra configura o retorno dos filhos à casa dos pais por diversos motivos, dentre os quais: separações/divórcios, suicídios, envolvimento com drogas, acidentes, doenças, negligência e abandono por parte de um ou ambos os pais. A seguir, estudos que apresentam outros motivos.

Dias, Hora e Aguiar (2010) investigaram 43 netas e 35 netos, com idade entre 11 e 24 anos e tempo de convivência com avós e pais de 15 anos, em Recife, Região Nordeste. O estudo teve como objetivo investigar como os jovens criados por avós e pais percebem e vivenciam tal situação bem como o relacionamento estabelecido entre eles. Os resultados mostraram que: a) o comportamento dos cuidadores e a disponibilidade de tempo são aspectos diferenciais entre pais e avós; e b) os netos investigados apresentaram uma concepção bastante favorável dos seus cuidadores e da educação dada por eles, relatando sentimento de felicidade acerca desta experiência. Por outro lado, a pesquisa revelou, ainda, que houve um afastamento natural do pai que não convive com os filhos, pois, segundo os dados, geralmente é a mãe que continua residindo com eles após o divórcio ou o abandono. Por consequência, o convívio dos jovens com os avós paternos fica prejudicado.

Em estudos internacionais, Albuquerque (2008) indica que a coresidência com os avós é comum em Portugal. A proporção de famílias corresidentes aumentou entre 1994 e 2001. Uma razão frequentemente mencionada para o aumento do número de avós corresidentes é o apoio oferecido pelos avós para tomar o lugar dos pais ausentes. Este é um recurso muito valioso para as famílias, em um país que não fornece serviços de apoio público suficientes para crianças e onde a proporção

de mulheres ativas é alta. Imigrantes no país não parecem usar este recurso. A coresidência com os avós é mais comum na região urbana de Lisboa.

Chen, Liu e Mair (2011) declaram que a taxa de coresidência entre avós e netos na China é consideravelmente elevada pela necessidade dos pais de trabalharem fora de casa, em comparação com muitas outras sociedades. Apesar do aumento da disponibilidade de creches, os avós continuam a servir como importantes prestadores alternativos de acolhimento de crianças. Zeng e Xie (2014) asseveram que as possíveis razões subjacentes para o retorno das famílias multigeracionais são a esperança de vida, o aumento do custo de vida, a instabilidade econômica e um número crescente de imigrações.

Nestas pesquisas, foi possível perceber outros motivos para a coresidência, dentre elas o aumento do custo de vida, imigrações e ausência dos pais por motivo de trabalho.

#### 1.3.3.4 *Trabalho*

Fonseca e Yamin (2010) entrevistaram sete avós no Assentamento São Pedro, localizado em Sidrolândia, estado de Mato Grosso do Sul, Região Centro Oeste com o objetivo de investigar os motivos que levam os netos daquela localidade a residirem com os/as avós. Os resultados revelaram que as crianças moram com seus avós por motivos diferenciados que abarcam diversas situações: gravidez indesejada; opção e necessidades dos pais/filhos trabalharem ou estudarem fora do assentamento.

Cardoso (2010) entrevistou doze avós que cuidavam de netos, sendo uma delas bisavó, com idade entre 81 e 82 anos idade e de classe média do Rio de Janeiro e Niterói, Região Sudeste. O número de dias da semana em que as vovós cuidavam dos netos variava de dois a sete dias por semana, sendo que sete delas tomavam conta dos netos todos os dias úteis da semana, quando os pais das crianças estavam no trabalho. O estudo teve como objetivo entender as considerações dos avós quanto à tarefa de cuidar dos netos cujos pais trabalham fora. Os resultados alcançados sugerem dificuldades das avós em lidar com a atribuição de cuidar dos netos, pois reclamam que os pais não educam adequadamente os filhos, necessitando, em alguns casos, de suas interferências o

que gera conflitos entre avós, pais e netos. A ausência dos pais no dia a dia dos filhos é a principal alegação delas para as dificuldades na educação das crianças.

Silva (2010) entrevistou 10 mulheres, com idade igual ou superior a 60 anos, avós de crianças de 7 a 10 anos de idade, alunos de uma escola particular na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Região Sudeste. A pesquisa objetivou investigar a percepção de avós cuidadoras maternas sobre as práticas educativas e o acompanhamento de seus netos em idade escolar e suas concepções sobre o desenvolvimento, educação e relacionamentos intergeracionais. Os resultados revelaram que o trabalho e a separação entre os filhos são as principais razões que motivam o cuidado dos netos pelas avós.

Na Argentina, Weisbrot e Giraudo (2012) entrevistaram avós entre 50 e 75 anos, cuidadoras de netos, pelo menos, 9h na semana. O objetivo do estudo foi explorar conceitos e percepções das avós pertencentes ao Plano de Saúde do Hospital Italiano de Buenos Aires, sobre o cuidado dos seus netos. Os resultados mostraram que as avós maternas são as mais convocadas. O motivo principal é ajudar a família enquanto os pais trabalham. Ser avó cuidadora parece um dever implícito no pensamento instituído como a melhor provedora de cuidados. A maioria das avós concordaram que cuidar netos constitui uma atitude gratificante e prazerosa. Porém, o estudo revelou que as avós que dedicam mais horas de cuidado ou que convivem com eles apresentam maior estresse, reclamam do não reconhecimento, do sentimento de sobrecarga e exaustão, além da perda de saúde. De fato, a convivência entre avós e netos pode ser benéfica para ambos, principalmente porque ambos podem aproveitar uma relação que não é tão complicada por responsabilidades, obrigações e conflitos, como a relação pais-filhos.

Percebe-se que, para os avós, o motivo do cuidado é, principalmente, a realização de um sonho, pois este laço é sentido como a concretização do desejo de continuidade, oferece a possibilidade de exercer uma variedade de papéis e a oportunidade de interações significativas e permite ver os próprios filhos serem pais. Para os netos, os avós representam a possibilidade de viver uma relação educativa e afetiva diferente: têm mais tempo para brincar, passear enquanto os pais têm pouco tempo, trabalham muito e chegam em casa cansados e chateados. Acresce que os avós têm um potencial de imaginação e criatividade superior, pois têm mais maturidade, experiência de vida e disponibilidade (SOUSA, 2006; GALLARDO,



2007;BERNAL; ANUNCIBAY, 2008; MACHADO, 2008; CARDOSO, 2010;SILVA, 2010; MESTRE-MIQUEL; GUILLEN-PALOMARES; CLARO-BLANCO, 2012).

#### 1.3.3.5 *Doença mental, dependência química e morte dos filhos*

Mainetti e Wanderbroocke (2013) entrevistaram 10 avós, com idades entre 52 e 72 anos, em duas escolas municipais de um mesmo bairro na periferia da cidade de Curitiba, Região Sul, com o objetivo de investigar as implicações da criação de netos pelas avós, uma vez que o ciclo de vida familiar tradicional não prevê que mulheres tenham que assumir a criação de uma criança na fase tardia. Os resultados mostraram que estas avós vieram a substituir pais falecidos, pais despreparados, por serem adolescentes ou adultos imaturos, pais negligentes, desconhecidos, dependentes químicos, abusadores, portadores de deficiências físicas e de transtornos mentais. A criação foi assumida preferencialmente por elas, porque, na maioria dos casos, essas avós já participavam dos cuidados dos netos, quando os pais coabitavam ou quando tomavam conta dos netos para os pais trabalharem. Porém, houve casos em que a criança passou por outros responsáveis legais antes de a avó assumir a guarda, como abrigos e outros avôs.

Alves (2013) acrescenta que a morte dos genitores, dentre outras situações já mencionadas, faz dos avós figuras relevantes na socialização como, também, na criação dos netos.

Além do mais, nos dias atuais, as avós passam a ser responsáveis diretas, inclusive no tocante ao sustento dos netos, independente da presença ou ausência dos genitores destas crianças e/ou adolescentes, por motivos diversos.

#### 1.3.3.6 *Migração dos pais*

O grande número de avós que assumem a total responsabilidade de cuidar dos netos, enquanto os pais emigram para outros países é um fenômeno observável cotidianamente e que tem crescido com frequência significativa em nosso país.

No estudo de Silva et al. (2010) participaram da pesquisa cinco avós (do sexo feminino), maternas ou paternas, de 50 a 60 anos de idade, residentes na cidade de Anápolis, estado de Goiás, Região Centro Oeste. Elas cuidam de um ou

mais netos (do sexo masculino ou feminino), enquanto o(a) filho(a) está em outro país. O objetivo foi investigar a forma como elas significam e experienciam este processo. Os resultados apontaram que, ao serem cuidadoras primárias dos netos, elas experimentam sentimentos contraditórios. Se, por um lado, as avós se sentem felizes com a presença do neto em seu cotidiano, por outro, sentem-se, muitas vezes, sobrecarregadas. Das cinco avós entrevistadas, quatro delas já moravam e cuidavam dos netos mesmo antes de a filha ir para o exterior. As causas que levaram os netos a morarem com as avós, desde o nascimento, foram gravidez precoce e divórcio do casal parental.

Nota-se que as avós que assumem a responsabilidade desses netos, por mais que sintam amor incondicional, se mostram cansadas e sobrecarregadas com essa situação, especialmente quando os netos estão vivenciando a adolescência, sentindo-se confusas quanto à criação.

#### 1.3.3.7 *Guarda judicial*

Cardoso e Costa (2014) realizaram uma pesquisa com seis famílias cujos avós requereram à Justiça a busca da regularização legal da guarda judicial dos netos na Vara de Família do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, Região Centro Oeste. O estudo teve como um dos objetivos identificar quais são os principais motivos que levaram o avô requerente a solicitar a guarda judicial do neto em questão. Os resultados apontaram para: (1) gravidez na adolescência; (2) falecimento da progenitora e futuro incerto do progenitor portador do vírus HIV; (3) filha viúva usuária de drogas; (4) filha que viajava e deixava a criança de 7 anos sozinha em casa; (5) necessidade de tratamento das vias respiratórias e melhor possibilidade de ensino formal; e (6) os pais adolescentes deram o filho para uma vizinha e os avós paternos requerem a guarda do neto.

Santana (2011) realizou uma pesquisa de análise documental de 25 processos de guarda em trâmite nas Varas de Família e de Infância e Juventude do Estado da Bahia, Região Nordeste. O estudo teve como um dos objetivos identificar a influência dos fatores demográficos na ocorrência da guarda de crianças e adolescentes por avós e sua relação com a atualização dos papéis familiares. Os dados indicam que, dos 25 processos analisados, 11 foram solicitados por um ou pelos dois avós da criança ou adolescente, representando 44% dos processos,

sobrevindo a necessidade de regularização por motivos diversos, como matrícula escolar, para pedir alimentos de um dos genitores, inclusão em plano de saúde e garantia de benefícios previdenciários ou mesmo casos mais trágicos como para obter a autorização para uma cirurgia médica em criança internada, já que os genitores se encontrava em local incerto e desconhecido. Os resultados indicam que os pedidos de guarda realizados por avós são importantes quantitativamente no universo pesquisado. Estes pedidos de guarda representam uma forma de proteção e garantia dos direitos humanos de crianças e adolescentes privados do convívio com seus genitores, concretizando-se como forma possível de manutenção de importantes vínculos familiares e comunitários.

Estudos internacionais apontam que os avós aos quais foi entregue a custódia dos netos se defrontam com responsabilidades financeiras– inclusão nas apólices de seguros de saúde, necessidade de matriculá-los nas escolas locais ou suportar os encargos de um alojamento condigno onde possam educar a sua segunda ou, em alguns casos, mesmo, terceira família (HARPER, 2006).

Estes estudos colocam a ênfase na possibilidade de os avós se tornarem substitutos e ressaltam que o impacto de tais cuidados pode se configurar em aspectos positivos e negativos. Se, antes, os avós cuidavam dos netos, na maioria das vezes, de maneira esporádica e casual, atualmente, e com certa frequência, entramos em contato com histórias de avós que ajudam os filhos a cuidarem das crianças ou, ainda, que se tornam cuidadores integrais e até legais dos netos, ocupando mesmo um papel de pais substitutos.

#### **1.3.4 Significado da relação entre avós e netos para crianças e adolescentes**

A partir de agora será apresentado o significado da relação com os avós para crianças e adolescentes. Como nos temas anteriores, este foi subdividido em itens: preferência pela avó materna; relacionamento marcado por brincadeiras; e relacionamento marcado por troca de conhecimentos.

##### *1.3.4.1 Preferência pela avó materna*

Cunha e Matos (2010) investigaram 316 netos adolescentes, entre os 13 e os 21 anos, de ambos os sexos, residentes no Porto, em Portugal. O objetivo do estudo foi conhecer os significados da relação com os avós, no geral, e a figura preferida, em particular. Os resultados do estudo revelaram que os netos adolescentes pontuam mais a dimensão amigabilidade, como bondosos, simpáticos, generosos, atenciosos, honestos, solidários, amigos, carinhosos, maduros e conselheiros, e que a figura da avó materna surge como preferida, a qual parece ter uma função charneira na medida em que conecta os netos à história familiar e sociocultural.

Arrais et al. (2012) entrevistaram 87 adolescentes em suas próprias escolas, constituídos por dois grupos: um com 31 adolescentes que residem com os avós (que chamaremos apenas de “residentes”) e outro com 56 adolescentes que não residem com os avós (que chamaremos apenas de “não residentes”). Todos os sujeitos tinham entre 14 e 19 anos e estudavam no ensino médio, em duas escolas públicas em Brasília, Região Centro Oeste. O estudo teve como objetivo identificar e compreender o lugar dos avós na configuração familiar de netos adolescentes. Os resultados apontaram que há uma maior influência por parte da mãe da mãe sob seus netos jovens, apenas quando estes residem com seus avós. Além do mais, são vistos por seus netos como “mãe/pai com açúcar”, mas uma vez que desempenham a função de mãe/pai junto com a filha/filho, por estarem morando todos juntos, acaba-se o “açúcar” devido à tarefa da função parental mais presente.

Talvez a preferência pela figura materna esteja relacionada à maior expectativa de vida das mulheres e ao maior tempo de convivência intergeracional, bem como, também, a características das avós como cuidadoras, que tendem a ser emocionalmente mais próximas aos netos (DIAS; SILVA, 1999; 2003; OSUNA, 2006; ROBILA; SEUNG-LEE; TAYLOR, 2005). Outra explicação poderia ser encontrada na etologia, que deriva o vínculo com a avó materna do investimento parental seguro e da reciprocidade entre os vinculados (RABINOVICH; AZEVEDO, 2012).

#### 1.3.4.2 *Relacionamento marcado por brincadeiras*

Oliveira (2008) investigou 17 avós e 8 netos recrutados de dois ambulatórios de Pediatria, sendo um deles particular e o outro em hospital da rede pública. Todos os entrevistados eram domiciliados no Distrito Federal, Região

Centro Oeste. As avós estudadas acompanharam seus netos às consultas pediátricas realizadas nos ambulatórios citados.

Foi realizada entrevista semiestruturada com avós (idade igual ou superior a 60 anos) que possuíam, no mínimo, um neto ou neta com idade entre 6 e 12 anos. O estudo teve como objetivo avaliar a relação entre avós e netos no período da infância, de acordo com a perspectiva de ambos os sujeitos. Os resultados evidenciaram que as avós entrevistadas estão fortemente vinculadas a seus netos, mantendo contato praticamente diário com eles, sentindo-se satisfeitas com esta relação. A frequência do contato com os netos se mostra fator importante para as avós irem aumentando os efeitos positivos desta relação. O relacionamento entre avós e netos é marcado pelo prazer e por brincadeiras. Na análise dos discursos dos netos, os dados obtidos indicaram que os netos ou netas se sentiam alegres e satisfeitos quando realizavam determinadas atividades com as avós. Além disso, valorizavam o carinho dispensado por elas e evidenciavam as suas qualidades pessoais.

Silva(2012) investigou 120 crianças do 1º ciclo do ensino básico, oito professores e 200 avós e pais, de duas escolas públicas, uma em meio urbano e outra em meio rural, da Ilha de São Miguel-Açores, em Portugal, com idades compreendidas entre sete e nove anos. O estudo teve como objetivo constatar que tipos de relação existe entre avós e netos, os valores passados pelos avós aos netos e compreender o papel das relações intergeracionais avós-netos no desenvolvimento das crianças. Os resultados apontaram que os avós são referidos pelos netos, na sua maioria (80%), como as pessoas mais importantes da sua vida, que a relação entre eles é de autoridade e que eles são repreendidos quando não obedecem aos avós. O que as crianças mais referem que os avós fazem (92%) são os cuidados com a alimentação, vestuário e contação de histórias. Segue-se, com (64%), as brincadeiras/jogos e prepararem os alimentos que mais gostam. Os avós são referidos (70%) como carinhosos e afetuosos. Nas entrevistas aos avós e pais, verificamos que os avós (22%) têm mais dificuldade em acompanhar os netos nos trabalhos de casa, computador e internet e, para colmatarem este déficit, arranjam estratégias, nomeadamente vizinhos disponíveis, primos, tios, padrinhos, amigos, entre outros. Os pais referem, na sua maioria (76%), que os avós são uma grande ajuda, que sem os mesmos seria muito difícil cuidar dos filhos; (20%) dizem que os avós são responsáveis pela educação dos filhos.

Por outro lado, Ramos (2006) realizou entrevistas com 16 meninos e meninas, na faixa etária de 8 a 10 anos de idade, moradores da periferia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, cujo objetivo era compreender os saberes que a criança tem sobre a relação delas com seus avós, abordando aspectos relacionados às diferenças e às semelhanças existentes entre seus avôs e suas avós; ao modo como as linhagens paternas e maternas estabelecem o contato intergeracional; e como as questões de gênero influenciam a própria eleição de suas preferências. Os resultados apontaram que, de um lado, as relações entre avós e netos são influenciadas pelas afinidades e pelos estilos de avosidade desempenhados pelos avôs e pelas avós; de outro, esta relação é permeada pelas relações familiares e pela própria linhagem na qual os avós se encontram. Como grande parte das situações de coabitação se dá com os avós maternos; grande parte dos avós cuidadores pertence à linhagem matrilinear.

A intensa convivência, assim como o cuidado que elas direcionam aos netos são vistos por eles como fatores importantes, o que faz com que as crianças, muitas vezes, as identifiquem como uma “segunda mãe”. São as avós que, principalmente, ajudam nas tarefas escolares e domésticas, cozinham, dão remédios, fazem curativos e lêem para seus pequenos antes de dormir, enquanto que os avôs foram, em menor quantidade, envolvidos no cuidado intergeracional, sendo possível observar que os homens normalmente se direcionam a atividades fora do ambiente doméstico – como buscar ou levar o neto à escola – e a brincadeiras mais dinâmicas e perigosas. Estes são aspectos relevantes tanto para os meninos quanto para as meninas, não havendo grandes diferenças de gênero quanto às expectativas e experiências intergeracionais das crianças entrevistadas.

Este item destacou a relação que se estabelece através da ludicidade. Outros estudos, já citados, mencionaram as brincadeiras (PEDROSA, 2006; BERNAL; ANUNCIBAY, 2008).

Vale salientar que esses dados corroboram com o estudo de Silva, Dias e Dias (1999) em que as crianças entre 4 e 5 anos percebem os avós em termos exclusivamente concretos como provedores de alimento e doadores de presentes. Já os de 8 e 9 anos demonstram reciprocidade no relacionamento, enfatizam o tipo de diversão ou atividades e valorizam os avós por suas características e companheirismo. Já os adolescentes de 13 a 15 anos apreciam mais os avós pelo que são como pessoas do que pelo que têm em termos materiais para oferecer,

contudo, nesta fase os netos tendem a criticá-los e a distanciar-se, confirmando assim, os estudos elucidados.

#### 1.3.4.3 *Relacionamento marcado por troca de conhecimentos*

Schmidt(2007) investigou oito, jovens com idades entre 15 e 18 anos, e 12 idosos, dos 62 aos 78 anos, residentes no município de São Leopoldo no estado do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo compreender como se constitui a relação entre adolescentes, na condição de netos, e seus respectivos avós, no âmbito familiar. O resultado intergeracional mediado pelas relações familiares possibilita uma coeducação, visto que existe uma troca de conhecimentos, de afetividade, de valores, de cuidados, evidenciando a reciprocidade entre as gerações.

Pesquisadoras brasileiras, Dias e Silva (2003) efetuaram breve revisão da literatura internacional sobre o relacionamento de avós e netos jovens e o desenvolvimento de uma pesquisa com jovens brasileiros universitários. As autoras concluíram que seus achados corroboram com a literatura nacional no sentido de que os netos, já na idade adulta, possuem a imagem de seus avós como fontes de sabedoria e experiência, que serviriam de modelos para suas vidas, influenciando na formação de seu caráter e que as atividades realizadas que predominaram entre eles foram: conversar, visitar e ouvir histórias.

Na investigação realizada por Rabinovich e Moreira (2008) sobre os significados que crianças de seis a dez anos, oriundas de diferentes camadas sociais e locais de São Paulo (no caso, Franca e São Paulo capital), atribuem a sua família; os resultados concernentes aos avós foram positivamente retratados por todos os participantes. Os principais significados atribuídos aos avós foram os seguintes: 1) os avôs contam histórias, inclusive de suas vidas, transmitem informações como herança; 2) as avós agradam; 3) na cidade de São Paulo, os avós viviam em casas separadas dos pais e sua presença se dá por mimar, brincar, ensinar, ajudar e cuidar; 4) em Franca, os pais também viviam em casas separadas dos avós, mas estes parecem ser mais presentes, substituindo as mães em determinados momentos, cuidando e dando atenção; 5) as crianças de pais com nível socioeducacional alto têm avós, mas estes têm vida independente dos pais e vice-versa, sendo responsáveis por mimar, passear, viajar. Em Franca, as avós

estão mais presentes, inclusive como substitutas maternas. A maior proximidade com os avós e com a família extensa se liga a se perceberem como parte de uma família extensa; 6) as crianças cujos pais são de nível socioeducacional alto se diferenciam por seu nível verbal e pela noção de temporalidade, mas não foram observadas diferenças intragrupo ligadas a sexo e idade. Este estudo confirma a importância das diferenças associadas ao gênero.

Nesses estudos, destaca-se a importância do contato intergeracional que surge como um processo interativo e coeducativo no qual ambos têm a oportunidade de aprender e ensinar juntos.

#### 1.3.4.4 Síntese

Nesta análise de estudos envolvendo os quatro temas— (1) concepção de cuidar; (2) papel dos avós cuidadores; (3) motivos do cuidado; (4) significado da relação entre avós e netos para crianças e adolescentes—, já descritos, elaborou-se tabelas contendo o número de estudos por regiões brasileiras e continentes, bem como identificou-se os entrevistados nas coletas de dados nos estudos nacionais e internacionais.

As leituras dos estudos selecionados resultaram em uma organização de estudos realizados no contexto nacional e internacional no que se refere aos seguintes temas: número de estudos e quem foi neles entrevistado por regiões brasileiras, por países na Europa, América do Norte e Latina.

Tabela3 – Número de estudos por regiões brasileiras

<b>REGIÃO</b>	<b>Nº DE ESTUDOS</b>	<b>%</b>
Nordeste	16	36,36
Sudeste	10	22,73
Centro Oeste	09	20,45
Sul	07	15,91
Norte	02	4,55
<b>Total</b>	<b>44</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaboração própria

Dos 44 estudos mencionados, a região que apresentou maior número de estudos foi a Nordeste (16); em segundo lugar, temos a região Sudeste (10); em



terceiro, o Centro Oeste (09) seguido da região Sul (07); e, por último, o Norte (02). Embora tenhamos usado os meios usuais de acesso aos estudos publicados, inclusive o banco de dissertações e teses da CAPES, causa espécie este expressivo número de estudos no Nordeste (36,3%), sugerindo que este dado venha a ser analisado mais detalhadamente no futuro. (Tabela 3).

Tabela 4 – Número de estudos selecionados nos continentes da Europa , América do Norte e América Latina

<b>CONTINENTE</b>	<b>Nº</b>	<b>PAÍS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Europeu	<b>10</b>	Portugal	07
		Espanha	02
		Itália	01
América do Norte	<b>01</b>	Estados Unidos	01
América Latina	<b>03</b>	Argentina	02
		Chile	01
<b>Total</b>	<b>14</b>		<b>14</b>

Fonte: Elaboração própria

Dos 14 estudos expostos, o maior número identificado está no continente europeu, seguido da América Latina e América do Norte. Na Europa, os países mencionados foram Portugal (07), Espanha (02) e Itália (01). Quanto à América Latina: Argentina (02) e Chile (01). E na América do Norte, Estados Unidos (01) pesquisa (Tabela 4). Neste item, o acesso às línguas portuguesa e espanhola deve ser o responsável por tal seleção.

Vale salientar que, na maioria dos estudos, as entrevistas com os avós predominaram na Europa, América do Norte e América Latina.

Tabela 5 – Entrevistados na coleta de dados da Europa, América do Norte e América Latina

<b>CONTINENTES</b>	<b>Nº ESTUDOS</b>	<b>AVÓS</b>	<b>MÃE</b>	<b>CRIANÇAS</b>	<b>ADOL.</b>	<b>PROF.</b>
Europeu	<b>10</b>	10	-	01	-	-
América do Norte	<b>01</b>	01	-	-	-	-
América Latina	<b>03</b>	03	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>14</b>	14	-	01	-	-

Fonte: Elaboração própria

Na Europa, todos os estudos foram realizados com avós e avôs; somente um incluiu crianças na entrevista, em Portugal (Tabela 5).

Da mesma forma ocorre no Brasil: as entrevistas são predominantes com os avós, conforme a Tabela6.

Tabela 6 – Entrevistados na coleta de dados nas regiões brasileiras

<b>REGIÃO</b>	<b>Nº ESTUDOS</b>	<b>AVÓS</b>	<b>MÃES</b>	<b>CRIANÇAS</b>	<b>ADOL.</b>	<b>PROF.</b>
Nordeste	<b>16</b>	13	–	02	01	–
Sudeste	<b>10</b>	07	01	01	–	01
Centro Oeste	<b>08</b>	05	01	01	01	–
Sul	<b>06</b>	01	01	02	01	01
Norte	<b>02</b>	02	–	–	–	–
Total	<b>42</b>	27	03	06	03	02

Fonte: Elaboração própria

Na Região Nordeste, dos 16 estudos, 13 foram com avós, 2 com crianças e 1 com adolescentes; no Sudeste, das 10 pesquisas, 7 envolveram avós, 1, mães e 1, crianças. Da mesma forma ocorreu na Região Centro Oeste: dos 8 estudos, 5 ocorreram com os avós, 1 com as mães e 1 com crianças. Igualmente as avós foram as preferidas na coleta de dados, na Região Norte, em duas pesquisas. Mas, na Região Sul os resultados foram diferentes, dos 6 estudos, (02) envolveu crianças, (01) avós, (01) mães, (01) adolescentes e (01) professoras.

Portanto, tendo em vista que o maior número de entrevistados nestes estudos foi de avós, destaca-se a importância de escutar as crianças.

A seguir, será apresentado o capítulo teórico que sustenta o presente estudo.

## CAPÍTULO 2

---

### ABORDAGEM BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para melhor compreender Bronfenbrenner, suas ideias, suas habilidades para traduzir abstrações teóricas em formas de intervenções, intenções de pesquisa em políticas sociais e sua capacidade para criar domínios de diálogos entre várias áreas de conhecimento científico, far-se-á, inicialmente, uma breve retrospectiva de sua vida, sendo destacado o período da infância, a formação acadêmica e a vida profissional. A seguir, serão explanados três tópicos: primeiro, a concepção da abordagem ecológica, sendo apresentado o modelo inicial e o modelo modificado e ampliado; segundo, a família para Urie Bronfenbrenner; e terceiro, o cuidar na perspectiva bioecológica.

#### **Infância**

Nasceu em Moscou no dia 29 de abril de 1917, ano marcado pela queda do Império e pela vitória da Revolução Russa. Em 25 de setembro de 2005, este grande pensador, conhecido como “ecologista humano”, veio a falecer vítima de complicações de diabetes. Bronfenbrenner era descendente de judeus e pertencia a uma classe social de bom nível cultural – o pai era médico e cientista, e a mãe, apreciadora das artes e letras. O tempo de intensa crise política, econômica e social levou a família de Bronfenbrenner a imigrar para os Estados Unidos, em 1923, quando Urie tinha apenas 6 anos. A família fixou residência no norte do estado de New York, em uma pequena vila chamada Letchworth. O pai de Bronfenbrenner, além de sua excelente qualificação profissional na área de Neuropatologia, tinha também o grau de doutor em Zoologia. Segundo o próprio Bronfenbrenner (1979/1996), ele era um naturalista de campo. Graças a este perfil, seu pai conseguiu um emprego como médico em uma instituição para tratamento de pessoas portadoras de sofrimento psíquico ou necessidades especiais. A instituição, que funcionava como uma comunidade rural, era mantida pelo estado e atendia a pessoas cujas idades variavam de três a oitenta anos. Situada em um local de mais de três mil acres de terras agrícolas, os pacientes passavam a maior parte do tempo fora das enfermarias, em salas de aula ou trabalhando na fazenda e nas oficinas.

Seu pai o alertava para o funcionamento da natureza, destacando a interdependência funcional entre os organismos vivos e seu ambiente (YUNES; JULIANO, 2010).

Este foi o mundo da minha infância. Meu pai me levava em inúmeras caminhadas, de seu laboratório às enfermarias, oficinas e fazenda – onde ele preferia ver e conversar com os seus pacientes – e ainda mais frequentemente além da cerca de arame, através dos bosques e colinas que começavam na porta da nossa casa. Onde quer que estivéssemos, ele alertaria meus olhos pouco observadores para o funcionamento da natureza, apontando a interdependência funcional entre os organismos vivos e seu ambiente (BRONFENBRENNER, 1996, p. VII apud YUNES; JULIANO, 2010, p.350).

Segundo o autor, as experiências concretas vividas nesse local levaram um longo tempo para que se refletissem em ideias conscientes a respeito da ecologia do desenvolvimento humano. Bronfenbrenner afirma que elas começaram a surgir em um seminário semanal, com a duração de um ano, realizado pelo corpo docente da universidade. Nesta oportunidade, a partir de discussões com os colegas sobre o desenvolvimento humano, percebeu o poder da fenomenologia e do contexto social (MOREIRA et al., 2007).

### **Formação Acadêmica**

Em 1938, graduou-se duplamente, pela Universidade de Cornell, em Psicologia e Música. Durante os anos como acadêmico em Cornell, Bronfenbrenner teve a oportunidade de conhecer Kurt Lewin que, na época, estava escrevendo a sua Teoria de Campo. Lewin foi convidado a lecionar em Cornell por Frank Freeman, que era tutor acadêmico de Bronfenbrenner. Ambos tiveram papéis de influência na sua formação científica. Em 1940, com seus interesses voltados para a Psicologia do Desenvolvimento, Bronfenbrenner recebeu o grau de Mestre pela Universidade de Harvard e, em 1942, o grau de Doutor (PhD) pela Universidade de Michigan.

### **Vida Profissional**

Devido às limitações financeiras, a vida profissional de Bronfenbrenner começou cedo. Logo após ter concluído o curso de Psicologia, começou a trabalhar como assistente na Clínica Psico-Educacional da Universidade de Harvard enquanto concluía seu Mestrado. Durante o doutorado, trabalhou como psicólogo da Escola-Laboratório da Universidade de Michigan e, durante este período, ainda ministrou

cursos de verão na Universidade de Cornell, lecionando as disciplinas Medidas Psicológicas e Estatística. Aproximadamente um ano após a conclusão de seu doutorado, Bronfenbrenner foi recrutado para servir ao Exército e atuar em funções totalmente diferentes de sua formação e qualificação. Reclamando junto aos seus superiores por funções mais condizentes com sua experiência, foi transferido para o serviço secreto no qual trabalhou com alguns dos psicólogos mais famosos da época, como Kurt Lewin, Harry Murray, Ted Newcomb, Edward Tolman e David Levy. Com o final da guerra, regressou à vida acadêmica e, em 1946, foi contratado como professor assistente de Psicologia na Universidade de Michigan, onde, além de suas funções de docência, pôde se dedicar à pesquisa (YUNES; JULIANO, 2010). Embora Bronfenbrenner tenha um grande número de publicações acadêmicas, desde os anos 40 até a sua morte em 2005, ele nunca esteve muito envolvido com coleta de dados (TUDGE, 2008).

Ao invés disso, ele preferiu muito mais comentar a pesquisa de outros investigadores que, segundo ele, aproximava-se do tipo de estudos que ele acreditava deveriam ser realizados. Por exemplo, em vários trabalhos (BRONFENBRENNER, 1993, 1995, 1999, 2001/2005b; BRONFENBRENNER & CECI, 1994; BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998) (TUDGE, 2008, p.7).

Para estas pesquisas, despendeu grande dedicação e pôde conhecer o aspecto plural e social-histórico das questões humanas. Despertou para o potencial que os seres humanos têm para criar ecologias sociais nos ambientes em que vivem e se desenvolvem, o que possibilita o advento de ecologias ainda não experimentadas: possibilitar a encontrar dois elementos essenciais para os esforços científicos: vitalidade e validade (BRONFENBRENNER, 1974, p. 1).

Em 1979, Bronfenbrenner escreveu seu livro *A ecologia do desenvolvimento humano*, expondo ao campo científico importantes premissas para o planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais. Seus escritos faziam uma séria crítica ao modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano, referindo-se, entre outras coisas, à grande quantidade de pesquisas concluídas sobre desenvolvimento “fora do contexto” (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Para ele, essas investigações focalizavam, somente, a pessoa em desenvolvimento dentro de um ambiente restrito e estático, sem a devida

consideração das múltiplas influências dos contextos em que os sujeitos viviam (BRONFENBRENNER, 1996). Porém, nunca acreditou que o contexto determina o desenvolvimento; ele sempre usou as palavras “ecologia” ou “ecológico” para ressaltar a interdependência indivíduo-contexto, a essência de sua teoria. Com tal experiência, o autor identificou também o poder das políticas públicas em afetar o desenvolvimento e o bem-estar dos seres humanos, pois determinam as suas condições de vida. (TUDGE, 2008).

Bronfenbrenner e Morris (1998) expuseram que tem havido um grande desenvolvimento científico nesta área e estudos realizados com crianças e adultos em situação de vida real, tanto nos Estados Unidos como na Europa, porém, apesar destes estudos fazerem referência à sua teoria, examinando e relatando os impactos de vários níveis de contextos na vida do indivíduo em desenvolvimento, o que se nota é que há muitos estudos em “contexto sem desenvolvimento” (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

O próprio desenvolvimento deste grande ecologista humano, os caminhos que ele escolheu e a construção de sua Bioecologia do Desenvolvimento Humano denotam influências facilmente visíveis tanto do trabalho de seu pai, que o ensinou a observar a natureza e a interdependência dos fenômenos, como de sua mãe, apreciadora do mundo artístico (YUNES; JULIANO, 2008).

Segundo os referidos autores, Koller (2004) em seu emocionante relato de visita a Bronfenbrenner, em 2002, três anos antes de seu falecimento, revela:

Nesta visita, pude conhecer Bronfenbrenner como uma pessoa simples e cheia de vida, que quer ser feliz e quer fazer a diferença. Ele tem aquela vaidade bondosa, de quem se alegra por ser prestigiado, mas quase não entende bem o porquê. (2004 apud YUNES; JULIANO, p. 352).

Juntamente com sua modéstia, Urie Bronfenbrenner foi reconhecido e aclamado por sua obra *Ecologia do Desenvolvimento humano*.

Na sequência, será apresentado o modelo inicial da abordagem ecológica do desenvolvimento.

## 2.1 A CONCEPÇÃO DA ABORDAGEM BIOECOLÓGICA

### 2.1.1 O modelo inicial

Bronfenbrenner compreende a ecologia do desenvolvimento humano como uma “mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente” (1979/1996, p.5). Consiste em um processo de progressiva e mútua acomodação entre o ser humano ativo, em crescimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos. Além de privilegiar os aspectos saudáveis do desenvolvimento, os estudos realizados em ambientes naturais e a análise da participação da pessoa focalizada no maior número possível de ambientes e em contato com diferentes pessoas—díades, tríades, etc. (BIASOLI ALVES, 1997; MOREIRA et al., 2007).

Para Bronfenbrenner (1979/1996), a pessoa em desenvolvimento é identificada como uma entidade dinâmica que está em crescimento e que, progressivamente, penetra no meio em que reside e o reestrutura e é por ele reestruturada. Esta interação entre a pessoa e o meio ambiente se caracteriza pela reciprocidade sendo, portanto, bidirecional. Isto se dá pelo fato de o meio ambiente também exercer a sua influência, requerendo um processo de acomodação mútua (MOREIRA et al., 2007).

O meio ambiente, para Bronfenbrenner, inclui as interconexões entre os ambientes imediatos, mas, também, as influências externas provenientes de meios mais amplos. Originalmente, ele usa a imagem das bonecas-russas para representar as principais estruturas: “uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas” (1979/1996, p. 5).

Algumas metáforas têm sido usadas para ilustrar a organização sistêmica dos ambientes de influência ou contextos de desenvolvimento, como, por exemplo, as camadas da cebola ou caixas grandes de presentes que contêm outras caixas menores usadas para “enganar” o presenteado. Tais representações têm como objetivo explicar os níveis estruturais do mapa ecológico, que são: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema. “Bronfenbrenner nunca publicou um desenho, uma figura ou um diagrama que ilustrasse estes sistemas. Entretanto, muitos seguidores de suas ideias vêm apresentando suas diferentes visões gráficas do ecossistema humano” (YUNES; MARTINS, 2010, p.345).

#### 2.1.1.1 *Microssistema*

Primeiro nível de estrutura ecológica está relacionado ao efeito de influências proximais, ambientais e orgânicas que advêm do interior do indivíduo, de suas características físicas e de objetos do ambiente imediato, que caracterizam a relação face a face (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006):“é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas” (BRONFENBRENNER,1979/1996, p. 18).

Para o autor, o ambiente ecológico é entendido como um sistema de estruturas agrupadas, independentes e dinâmicas.

Bronfenbrenner (1979/1996) ressalta que “um termo crítico na definição do microsistema é ‘experienciado’”,noção de ambiente fenomenológico que é herança do pensamento e da influência do mestre Kurt Lewin para quem o espaço psicológico ou espaço vital seria os objetos, pessoas, acontecimentos aos quais a pessoa atribui significados relevantes, de qualquer meio ambiente e não apenas suas propriedades objetivas, como também a maneira pela qual estas são percebidas pelas pessoas naquele contexto.

Para o autor, raramente, influências externas que afetam significativamente o comportamento e o desenvolvimento humanos podem ser descritas unicamente em termos de condições físicas e eventos objetivos; os aspectos do meio ambiente mais relevantes na formação do curso do crescimento psicológico são aqueles que têm significado para a pessoa em uma dada situação. A partir desta percepção, pode-se ter uma interpretação mais próxima do pensamento do sujeito, ao invés de substituí-lo, apenas, pelo significado concreto que ela tem física ou objetivamente, além do que prestar atenção as pessoas e a eventos é desenvolvimentalmente significativo, por constituir a condição necessária para a aprendizagem observacional (MOREIRA et al., 2007; ROSIER; STOLTZ, 2008; YUNES; JULIANO, 2010).

Ao aprofundar os elementos do microsistema, Bronfenbrenner apresenta uma discussão sobre as **atividades molares**, **os papéis** e as **relações interpessoais** que, segundo ele, constituem a principal e mais imediata manifestação do desenvolvimento do indivíduo e das forças ambientais poderosas que influenciam e instigam o desenvolvimento: o comportamento das outras pessoas. “Uma atividade molar é um comportamento continuado que possui um momento (quantidade de movimento, impulso) próprio e é percebido como tendo



significado ou intenção pelos participantes do ambiente” (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 37).

**Atividade molar:** “é um comportamento ou tensão própria percebido pelo sujeito como tendo um significado ou intenção” (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p.59). O termo molar é utilizado para enfatizar que uma atividade é mais do que um evento momentâneo caracterizado por quantidade de movimento, impulso, persistência, resistência até a atividade ser completada. Na maioria dos casos, este momento é produzido pelo desejo de fazer aquilo que a pessoa está fazendo, por si mesma ou como um meio para atingir um fim. Segundo o autor, embora muitas atividades molares possam ser conduzidas a sós, algumas, necessariamente, envolvem interações com outras pessoas. Porém, esta ideia foi superada e revisitada por Bronfenbrenner et al., recebendo a denominação de processo proximal primário que são as relações interpessoais ou diádicas.

**Relações Interpessoais:** Bronfenbrenner (1996) considera-a como a estrutura interpessoal mais simples e, conseqüentemente, como o contexto mais imediato do desenvolvimento humano. Em ecologia humana, para a existência de uma díade, é necessária a presença de uma relação em ambas as direções. Para Bronfenbrenner (1979/1996, p. 46), “sempre que uma pessoa em um ambiente presta atenção às atividades de uma outra pessoa, ou delas participa, existe uma relação”. Para o autor, em termos de seu potencial para fomentar o crescimento psicológico, a díade pode assumir três formas funcionais diferentes: (1) díade observacional; (2) díade de atividade conjunta; e (3) díade primária.

1) *Díade observacional:* “ocorre quando um membro está prestando uma cuidadosa e continuada atenção à atividade do outro, que, por sua vez, pelo menos reconhece o interesse sendo demonstrado” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 46);

2) *Díade de atividade conjunta:*

[...] apresenta condições especialmente favoráveis não apenas para a aprendizagem no transcurso de uma atividade comum, mas também para aumentar a motivação na busca e aperfeiçoamento da atividade quando os participantes não mais estão juntos (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 56).

Segundo Bronfenbrenner (1979/1996), consiste naquela em que ambos os participantes se percebem como fazendo algo juntos e em que as atividades que cada um realiza tendem a ser um pouco diferentes, mas complementares. Uma das

mais expressivas contribuições da abordagem ecológica se refere às propriedades atribuídas ao potencial de desenvolvimento da díade de atividade conjunta para a qual, segundo o autor, três características são essenciais: (1) reciprocidade; (2) equilíbrio de poder; e (3) relação afetiva. Essas características não são exclusivas e podem estar presentes em vários tipos de díades.

a) Reciprocidade – segundo Bronfenbrenner(1979/1996). A esse respeito Yunes e Juliano esclarecem que está relacionada à maneira como os participantes interagem entre si, como um influencia o desenvolvimento do outro, pois, quando um membro de uma díade sofre um processo de desenvolvimento, o outro também o sofrerá. Em uma relação diádica, um membro pode ser mais influente que o outro, embora a ideia de reciprocidade sugira igualdade de poder. O ideal é que essa maior influência seja alternada entre os participantes da díade, havendo, então, um equilíbrio de poder (2010, p. 356).

b) Equilíbrio de poder –Para Bronfenbrenner (1979/1996), há evidências que sugerem que a situação ótima para a aprendizagem e o desenvolvimento é aquela em que o equilíbrio do poder, gradualmente, se altera em favor da pessoa em desenvolvimento; ou seja, quando esta última recebe uma crescente oportunidade de exercer controle sobre a situação. Enfatiza o autor:

No caso de uma criança pequena, a participação em uma interação diádica oferece a oportunidade para aprender a conceitualizar e a lidar com relações de poder diferenciais. Essa aprendizagem contribui simultaneamente para o desenvolvimento cognitivo e social, uma vez que as relações de poder caracterizam os fenômenos físicos e sociais encontrados pela pessoa em crescimento em uma variedade de ambientes ecológicos durante toda a sua vida. O equilíbrio de poder é significativo ainda num outro aspecto, mais dinâmico, pois há evidências sugerindo que a situação ótima para aprendizagem e o desenvolvimento é aquela em que o equilíbrio do poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento, em outras palavras, quando esta última recebe uma crescente oportunidade de exercer controle sobre a situação (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 47).

Na medida em que ocorrem interações diádicas, desenvolvem-se sentimentos diferenciados e duráveis entre seus membros. Para que os processos de desenvolvimento ocorram em favor do indivíduo, as relações afetivas devem ser positivas e genuínas.

c)Relação afetiva– terceiro elemento constituinte do microssistema, baseia-se no contato que as crianças têm com adultos de forma a oferecer

segurança, se o vínculo for positivo, e com outras crianças, que propiciam uma exploração maior e conjunta àquilo que enfrentam (ROSIER; STOLTZ, 2008). Conforme os participantes se envolvem em interações diádicas, é provável que desenvolvam sentimentos mais pronunciados um em relação ao outro. Tais sentimentos podem ser mutuamente positivos ou negativos– como sentimentos de raiva, rejeição e outras emoções percebidas como negativas que poderão vir a ser prejudiciais e comprometer os processos de ensino-aprendizagem– e também podem ser ambivalentes ou assimétricos.

Estas relações afetivas tendem a se tornar mais diferenciadas e pronunciadas no decorrer da atividade conjunta. Na extensão em que elas são positivas e recíprocas no início e se tornam cada vez mais positivas, é provável que aumentem o ritmo e a probabilidade de ocorrência dos processos desenvolvimentais. Além disto, as relações afetivas facilitam a formação de um terceiro tipo de sistema, uma díade primária, que é o tipo mais duradouro de interação. As díades primárias existem para os participantes mesmo que eles não estejam fisicamente juntos.

3) *Díade primária*– é aquela que continua a existir fenomenologicamente para ambos os participantes, mesmo quando eles não estão juntos. Os dois membros aparecem nos pensamentos de cada um, são objeto de fortes sentimentos emocionais e continuam a influenciar o comportamento um do outro mesmo quando separados. Considera-se que estas díades exercem uma poderosa influência na motivação para a aprendizagem e na orientação do curso do desenvolvimento, tanto na presença quanto na ausência da outra pessoa. Desse modo, é mais provável que uma criança adquira habilidades, conhecimentos e valores de uma pessoa com a qual estabeleceu uma díade primária, do que de uma outra pessoa que só existe para a criança quando ambas estão concretamente presentes no mesmo ambiente.

As díades observacionais, de atividade conjunta e primárias não são mutuamente exclusivas e podem ocorrer simultaneamente em uma mesma atividade molar. Para o autor, as três formas de díades podem ocorrer simultaneamente, assim como separadamente. Estas estruturas combinadas têm um impacto desenvolvimental mais poderoso do que as díades limitadas a um único tipo.

Em prosseguimento à análise dos elementos do microsistema, além das atividades e interações diádicas, estão os diversos papéis que são experienciados pela pessoa no decorrer de sua vida.

Papel –“é uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa” (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 68). Para o autor, estas interações e os novos papéis são elementos críticos do microsistema, desenvolvem atividades cada vez mais complexas, estimulam e influenciam os processos de aprendizagem e o desenvolvimento das pessoas. O papel, na verdade tem suas raízes no macrosistema de ordem mais elevada e em suas estruturas institucionais e ideologias associadas, visto que estas expectativas são definidas no nível da subcultura ou da cultura como um todo. É justamente a inserção dos papéis nesse contexto mais amplo que lhes dá o poder especial de influenciar, assim como compeli-lo modo pelo qual a pessoa se comporta em uma determinada situação, as atividades nas quais ela se engaja e as relações que se tornam estabelecidas entre esta e outras presentes no ambiente. O autor levanta a hipótese de que “o desenvolvimento humano é facilitado pela interação com pessoas que ocupam uma variedade de papéis, como também pela participação num repertório de papel cada vez mais amplo” (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 83).

O segundo nível de estrutura ecológica é o mesossistema.

#### 2.1.1.2 *Mesossistema*

O mesossistema é formado pelo conjunto de microsistemas que uma pessoa frequenta e na inter-relação estabelecida entre os mesmos, ampliando-se cada vez que uma pessoa passa a frequentar e participar de um novo ambiente de forma ativa (BRONFENBRENNER, 1996). Refere-se aos elos e aos processos entre dois ou mais ambientes (a casa dos avós, por exemplo) e é ampliado sempre que a pessoa passa a frequentar um novo ambiente “tais como, para uma criança, as relações em casa, na escola e com amigos da vizinhança; para um adulto, as relações na família, no trabalho e na vida social. (BRONFENBRENNER, [1979] 1996, p. 21).

O mesossistema compreende as inter-relações entre dois ou mais ambientes da pessoa em desenvolvimento. Bronfenbrenner propõe quatro tipos de

relações entre estes ambientes, a saber: participação em múltiplos ambiente—, multiambiental; laços indiretos; comunicação interambiental; e conhecimento interambiental.

a) participação em múltiplos ambientes: ocorre quando uma pessoa participa de dois ambientes diferentes, assumindo um papel ativo, como, por exemplo, a criança na casa dos avós e na escola. Essa participação cria uma rede direta ou de primeira ordem entre os diversos contextos de que a pessoa participa, criando-se, assim, um vínculo primário. É identificado quando a pessoa em desenvolvimento se envolve em mais de um ambiente. Por outro lado, os vínculos complementares ilustram a participação de outras pessoas no ambiente, mantém relações face a face. Por isso, quanto mais experiências de transições ecológicas a criança tiver, mais rico será o seu mesossistema. Bronfenbrenner enfatiza:

uma vez que tal participação necessariamente ocorre em sequências, a participação multiambiental pode também ser definida como de uma rede social direta ou de *primeira ordem* entre os ambientes dos quais a pessoa em desenvolvimento participa (1979/1996, p. 161).

b) ligação indireta: segundo Bronfenbrenner (1979/1996), quando um indivíduo não participa diretamente em nenhum dos ambientes que caracterizam uma participação multiambiental, isto representa um tipo de *laço indireto* que é garantido por uma terceira pessoa que irá servir de vínculo intermediário entre as pessoas dos dois ambientes. A relação consiste no que Bronfenbrenner considera uma rede social de segunda ordem, na medida em que os membros do ambiente não interagem diretamente entre si.

c) comunicação entre ambientes: para efeitos de desenvolvimento humano, pressupõe-se que os ambientes microssistêmicos que compõem o mesossistema devem se comunicar, ou seja, toda informação ou mensagem deve ser intencionalmente transmitida de um ambiente para outro. Essas comunicações interambientais podem ocorrer de forma unilateral ou bilateral, dependendo das características e condições dos ambientes em que os comunicantes se encontram. Por exemplo, as comunicações por via telefônica são bilaterais, pois as pessoas se ouvem, interagem pessoal e verbalmente e há reciprocidade; as informações transmitidas por via televisiva são unilaterais, pois não se caracterizam

porreciprocidade e interação pessoal imediata (PEDROSO, 2008; YUNES; JULIANO, 2010).

d) conhecimento interambiente: representa as informações, experiências, percepções e expectativas que existem em um ambiente em relação ao outro, oriundas de fontes distintas de comunicação. Este conhecimento é importante quando uma pessoa ingressa em um ambiente totalmente novo, pois poderá ajudá-la nessa transição ecológica (BRONFENBRENNER, 1979/1996). O potencial de promoção de desenvolvimento do mesossistema será aumentado diante das seguintes condições: a) se a transição inicial para o novo contexto for feita na companhia de uma ou mais pessoas com quem já se estabeleceu relações em contextos anteriores; b) se as exigências nos diferentes contextos forem compatíveis; c) se os papéis, atividades e díades em que a pessoa se envolve permitirem o desenvolvimento de processos de confiança mútua, orientação positiva e consenso de objetivos entre contextos e um equilíbrio de poder promotor da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1979/1996).

O desenvolvimento, segundo Urie Bronfenbrenner, é intensificado em função do número de diferentes contextos de que a pessoa participa, com atividades conjuntas e relações primárias estabelecidas com indivíduos maduros e experientes. O potencial de promoção de desenvolvimento de um contexto em um mesossistema é também função do número de ligações de segurança ou de apoio existentes entre um e outro contextos, sobretudo se estas ligações se estabelecem com indivíduos com quem já foram desenvolvidas díades primárias.

O terceiro nível de estrutura ecológica é o exossistema.

### 2.1.1.3 *Exossistema*

O contexto apresentado por Bronfenbrenner denominado *exossistema* diz respeito a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, referindo-se à comunidade envolvente em que as famílias se inserem e ao mundo do trabalho.

Um exossistema se refere a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento. (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 21).

Segundo o autor, consiste em um sistema de microssistemas, sendo formado ou ampliado toda vez que a pessoa em desenvolvimento entra em um novo ambiente (MOREIRA et al., 2007).

Para Bronfenbrenner, no exossistema, ao contrário do mesossistema, são ambientes mais afastados nos quais o indivíduo pode nem estar presente, mas cujos acontecimentos influenciam o seu desenvolvimento (TUDGE, 2008), ou vice-versa, podem ser afetados por acontecimentos do ambiente imediato onde a criança se encontra (MARTINS; SZYMANSKY, 2004). Estes tipos de ambientes podem ser, por exemplo, o local de trabalho dos avós, a situação de desemprego dos pais, a escola do irmão ou a rede de amigos da família.

Segundo Yunes e Juliano, esses efeitos, geralmente, ocorrem em uma sequência causal que, primeiramente, conecta os efeitos externos dos ambientes aos processos microssistêmicos da pessoa em desenvolvimento. Neste sentido, faz-se necessário destacar os seguintes aspectos: a) a comunicação bidirecional em contraposição à unidirecional; b) a existência de informações precisas e fidedignas; c) o sentimento de objetivos comuns de dois ou mais sistemas envolvidos; d) a confiança mútua; e e) o equilíbrio de poder. São elementos que favorecem o desenvolvimento de todos os participantes. (2010, p.362).

O quarto nível de estrutura ecológica é o macrossistema.

#### 2.1.1.4 *Macrossistema*

Remete para a cultura social, para os valores, as crenças e os modos de agir de uma determinada sociedade, para a forma como ela se organiza, desde o espaço mais privado (microssistema) à esfera nacional (DELGADO, 2009), mais especificamente “na forma e conteúdo de seus micro-, meso- e exossistemas constituintes assim como a qualquer sistema de crença ou ideologia subjacente a estas consistências” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 21).

Para o autor, o macrossistema tem a ver com maneiras de ser ou fazer, hábitos, estilos e formas de viver características de determinadas sociedades ou culturas, veiculados ao nível dos subsistemas, mas não somente isso. Por outro lado, na definição avançada, o autor amplia o conceito de macrossistema para além do que é estabelecido pelo *status quo*, considerando não só o que já existe, mas também o que “poderia existir”, com tudo o que implica de desejo,

vontade, concretizado nas ações necessárias à transformação, “contestando as formas de organização social, sistemas de crença e estilos de vida prevalentes numa determinada cultura ou subcultura” (BRONFENBRENNER, 1996, p.221).

O autor critica os experimentos clássicos que tratam das questões macrossistêmicas apontando as diferenças de comportamentos entre classes sociais ou étnicas sem contribuírem com análises e informações sobre a estrutura e a substância dos meio ambientes nos quais ocorrem os comportamentos e atitudes investigadas.

Nesse sentido, Pedroso menciona alguns exemplos, como a cultura na qual os pais foram educados, os valores e crenças transmitidos por suas famílias de origem bem como a sociedade atual em que eles vivem, que influenciam a maneira como educam seus filhos. O macrossistema é o sistema mais distante da pessoa: abrange a comunidade na qual os outros três sistemas estão inseridos e que pode afetá-los, como, por exemplo, “estereótipos e preconceitos de determinadas sociedades, períodos de greve, situação econômica dos países globalizados” (2008, p. 30)

A esse respeito, Tudge assevera que não é simples determinar qual é o macrossistema de uma pessoa e menciona como exemplo a nação brasileira e seus estados, em que há diferentes influências culturais e, por isto, segundo o autor, “há boas razões para se acreditar que classe social, crença religiosa e cor da pele também estão relacionadas a diferentes padrões ideológicos e de organização das instituições sociais (TUDGE, 2008, p.10).

Portanto, a explanação sobre os contextos de desenvolvimento deixa claro que Bronfenbrenner vai muito além de explicitar um único e qualquer ambiente e as relações entre os ambientes e os amplos contextos nos quais estes se inserem.

## **2.1.2 Mudança do modelo ecológico para bioecológico**

### *2.1.2.1 O modelo modificado e ampliado*

O primeiro modelo teórico delineado por Bronfenbrenner (1979/1996) tinha no ambiente o seu foco principal. O contexto em que o indivíduo estava inserido e a forma como ele o percebia, mais do que como ele se configurava



objetivamente, era fundamental para compreender o desenvolvimento (PRATI et al., 2008; TUDGE, 2008).

Nas décadas posteriores, durante as quais Bronfenbrenner ampliou a sua abordagem, as novas reformulações do modelo ecológico de desenvolvimento humano, realizadas por Bronfenbrenner e Morris (1998), incluem uma nova forma de olhar as propriedades da pessoa em desenvolvimento.

Nesta teoria, o uso do termo do desenvolvimento humano é revisto e complementado: “desenvolvimento refere-se à estabilidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos durante o ciclo de suas vidas e através das gerações” (BRONFENBRENNER, 1995, p. 995). Segundo o autor, o processo se estende no curso da vida, através de gerações sucessivas e do tempo histórico, tanto no passado como no futuro (BRONFENBRENNER, 2004).

Outro aspecto proposto no novo modelo é o construto teórico “processos proximais”, entendido como “formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 994). No modelo bioecológico, são reapresentados quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: “pessoa, processo, contexto e tempo”.

Contudo, apesar das inúmeras mudanças realizadas na teoria, desde os anos 1940 até a sua morte, em 2005, ele nunca esteve muito envolvido com coleta de dados empíricos e nunca propôs um método de pesquisa claramente operacionalizado (TUDGE, 2008). Sabe-se que, para adotar um modelo de pesquisa baseado nesta teoria, os pesquisadores devem construir seu delineamento e sua análise a partir de seus quatro elementos-chave (modelo PPCT). Mas as formas através das quais esses âmbitos afetam os delineamentos de pesquisa não são muito exploradas (PRATI et al., 2008).

O tema da primeira propriedade definidora do modelo bioecológico é a dimensão pessoa.

1) Pessoa – refere-se ao fenômeno de constâncias e mudanças na vida do ser humano em desenvolvimento no decorrer de sua existência, suas características, convicções, nível de atividade, temperamento, além de suas metas e motivações (MARTINS; SZYMANSKY, 2004).

Bronfenbrenner reconheceu a relevância, no desenvolvimento da pessoa, dos fatores biológicos e genéticos que interagem constantemente com seu contexto e são produtos deste processo de interação. Além do mais salientou que interações ocorrem com pessoas, mas, também, delas com símbolos e seus contextos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Segundo Prati et al., o autor usou o termo interação com uma conotação espiral, multicausal e processual. Ou seja,

[...] o desenvolvimento humano ocorre através de ampliações e aproximações entre a pessoa e os diversos elementos do contexto que se influenciam mutuamente de forma não linear e dinâmica, alterando-se qualitativamente ao longo do tempo (2008, p.161).

Reconhecendo a importância dos fatores biológicos e genéticos, Bronfenbrenner traz o conceito de Pessoa (TUDGE, 2008). Constituindo-se como segundo elemento do modelo bioecológico, a pessoa pode apresentar características distintas quanto à demanda, aos recursos e à força que se apresentam (NARVAZ; KOLLER, 2004).

a) Demanda – diz respeito às qualidades das pessoas que podem despertar no “outro” sentimentos diversos, de bem-estar e afeto genuíno, ou, ao contrário, expressões afetivas de rejeição e mal-estar presencial (YUNES; JULIANO, 2010).

Para Tudge, as características da demanda foram utilizadas por Bronfenbrenner já em seus primeiros trabalhos quando utilizou o termo estímulo pessoal, tais como idade, gênero, cor da pele, aparência física, etc. Essas características podem influenciar as interações iniciais em função das expectativas que se formam instantaneamente. Seriam os aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, favorecendo ou não o estabelecimento dos processos proximais (2008, p.4).

b) Recursos – são habilidades, experiências, conhecimentos requeridos para o funcionamento efetivo dos processos proximais nos diferentes estágios de desenvolvimento (MOREIRA et al., 2006). São características parcialmente relacionadas com recursos cognitivos e emocionais (por exemplo, experiências passadas, habilidades e nível de inteligência) e também com recursos sociais e materiais (por exemplo, acesso à boa comida, moradia, cuidado parental,

oportunidades educacionais apropriadas a uma determinada sociedade, etc.) (TUDGE, 2008).

c) Força – as características da força dizem respeito às peculiaridades de motivação, persistência e temperamento de cada sujeito. São elementos que, segundo Narvaz e Koller (2004), colocam os processos proximais em movimento e os sustentam. Podem ser características geradoras, quando se referem a orientações ativas; e desorganizadoras, quando impedem o sujeito de manter o controle sobre seu comportamento. São exemplos de características geradoras a curiosidade, o empreendedorismo, a disposição e a iniciativa e de atividades desorganizadoras a apatia, a insegurança, a timidez em excesso, a irresponsabilidade.

Esses três aspectos combinados formam a estrutura da Pessoa e podem direcionar e fortalecer o seu desenvolvimento (ANTONI; KOLLER, 2001).

O tema da segunda propriedade definidora do modelo bioecológico é a dimensão processo.

2) Processo – tem a ver com as ligações entre os diferentes níveis e se acha constituído pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento. Para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente, um ser humano, criança ou adulto, requer – para todos eles – a mesma coisa: participação ativa em interação progressivamente mais complexa, recíproca, com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato (MARTINS; SZYMANSKY, 2004). Encontra-se exemplos de padrões duradouros destes processos na relação pais–criança e atividades de criança–criança em grupo ou jogo solitário, lendo, aprendendo habilidades novas, resolvendo problemas, executando tarefas complexas e adquirindo conhecimento e experiências novas (BRONFENBRENNER; CECI, 1994, p. 6). O autor aponta ainda que “processos proximais” são como máquinas ou motor do desenvolvimento.

Esses exemplos constituem as engrenagens do desenvolvimento porque é engajando-se nessas atividades e interações que o indivíduo se torna capaz de dar sentido ao seu mundo, entender o seu lugar neste mundo e, ao mesmo tempo em que nele ocupa um lugar, transforma-o (TUDGE, 2008). Entretanto, o poder de tais processos de influenciar o desenvolvimento varia substancialmente em função das características da Pessoa em desenvolvimento, dos Contextos ambientais

imediatos e mais remotos, e do período de Tempono qual os processos proximais acontecem (MOREIRA et al., 2007).

Bronfenbrenner (1999) destacou a importância da presença simultânea de cinco aspectos na sua definição de processo proximal: 1) para que o desenvolvimento ocorra, é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade; 2) para ser efetiva, a interação deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo, não sendo possível ocorrer efetivamente durante atividades meramente ocasionais; 3) as atividades devem ser progressivamente mais complexas, daí a necessidade de um período estável de tempo; 4) para que os processos proximais sejam efetivos, deve haver reciprocidade nas relações interpessoais; e, finalmente, 5) para que a interação recíproca ocorra, os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (CECCONELLO; KOLLER, 2003).

As referidas autoras defendem que o processo proximal surge através da interação recíproca, complexa e com base regular de pesquisadores, participantes, objetos e símbolos presentes no contexto imediato, constituindo a base de toda investigação que adota a Inserção Ecológica. O processo proximal, além de ser o foco da investigação, é o que permite o desenvolvimento da pesquisa.

Prati et al. (2008, p.161) explicam que o processo de investigação no contexto, como o proposto pela Inserção Ecológica, envolve o compartilhamento de informações, percepções e sentimentos dentro da equipe em que as experiências individuais e os aspectos observados no ambiente são comunicados. Desta forma, o processo de pesquisa também gera processos proximais no desenvolvimento da própria equipe que se insere diretamente neste contexto.

O tema da terceira propriedade definidora do modelo bioecológico é a dimensão Contexto.

3) Contexto –quando o autor fala em contexto de desenvolvimento, está se referindo ao meio ambiente global em que o indivíduo está inserido e onde se desenrolam os processos desenvolvimentais (MARTINS; SZYMANSKY, 2004). O ambiente tem papel decisivo no desenvolvimento, sendo compreendido em termos físicos, sociais e culturais.

Segundo Prati et al.,na abordagem bioecológica, o ambiente não é concebido simplesmente como uma fonte de estimulações que elicia respostas

independentes; o indivíduo tem um papel ativo e intencional, não se constituindo como elemento isolado. “O contexto atua como uma fonte de informações com a qual a pessoa interage em vários níveis de complexidade” (PRATI et al., 2008, p.162).

A esse respeito Martins e Szymansky (2004) acrescentam que os vários ambientes subdivididos por Bronfenbrenner, abrangendo tanto os ambientes mais imediatos nos quais vive a pessoa em desenvolvimento como os mais remotos, em que a pessoa nunca esteve, mas que se relacionam e têm o poder de influenciar o curso de desenvolvimento humano são denominados micro, *meso*, *exo* e *macrossistemas* que já foram descritos anteriormente.

O tema da quarta e última propriedade definidora do modelo bioecológico é a dimensão Tempo.

4) Tempo– consiste na sequência de eventos que constituem a história e as rotinas de uma pessoa. Funciona como um organizador social e emocional que aponta para a estabilidade ou instabilidade dos eventos no ciclo vital. Para Bronfenbrenner e Morris (1998), eventos históricos podem alterar o curso de desenvolvimento humano, em qualquer direção, não só para indivíduos, mas para segmentos grandes da população. A passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos em todas as sociedades, por exemplo, pequenos episódios da vida familiar, como a entrada da criança na escola, o nascimento de um irmão ou a mudança de trabalho dos pais, podem ter significativa influência no desenvolvimento das pessoas da família em um dado momento de suas vidas. “Outro exemplo de como o tempo influencia o desenvolvimento da pessoa, é a diferença na maneira dos pais criarem seus filhos, na década de 40 e na década de 80, ou na atualidade” (MARTINS; SZYMANSKY, 2004, p.66).

Um outro aspecto designado por Bronfenbrenner (1979/1996) é o cronossistema que consiste na sequência de eventos que constituem a história e as rotinas de uma pessoa. Funciona como um organizador social e emocional que aponta para a estabilidade ou instabilidade dos eventos no ciclo vital ou diário. O cronossistema se divide em: microtempo, mesotempo e macrotempo(BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

1)Microtempo – diz respeito à medida de atividades em pequenos momentos dos processos proximais. Em geral, é marcado por continuidades e descontinuidades dos episódios relativos ao processo proximal.

2) Mesotempo – refere-se à frequência, à periodicidade desses episódios através de intervalos amplos, como os dias e as semanas, envolvendo as rotinas, o estabelecimento de organização disciplinar, a percepção dos limites, horários e regras de convivência em que ocorrem os processos proximais no ambiente imediato do sujeito.

3) Macrotempo – está centrado na história de vida da criança (e de todas as pessoas e contextos nos quais interage) e nas expectativas de mudanças e de ocorrência de eventos que possam ter influência no desenvolvimento durante o ciclo vital. Este aspecto tem impacto direto no projeto de vida e nas perspectivas (e expectativas) de futuro da criança e da equipe (ANTONI; KOLLER, 2001).

Assim, segundo Poletto e Koller (2008), a análise do tempo dentro destes três níveis deve focalizar a pessoa em relação aos acontecimentos presentes em sua vida, desde os mais próximos até os mais distantes. Bronfenbrenner e Morris (1998) ressaltam que as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, nas quatro propriedades do modelo bioecológico, são produtos e também produtores da mudança histórica.

A seguir será abordada a família para Urie Bronfenbrenner.

## 2.2 A FAMÍLIA PARA URIE BRONFENBRENNER

Para o referido autor, de todos os ambientes que ajudam a construir o humano, a família provê as condições desenvolvimentais mais importantes: o amor e o cuidado que a criança necessita para fazer florescer o seu potencial. Uma criança saudável e o adulto futuro é alguém que tem tais pessoas ativamente devotadas e engajadas em sua vida – alguém que a ame, que gaste tempo com ela, que a desafie e que esteja interessada no que ela faz e deseja fazer, alguém que a complemente no dia-a-dia. Outros contextos tais como a escola e a creche são importantes para o desenvolvimento da criança, mas nenhuma pode substituir essa unidade básica de nosso sistema social: a família é a mais humana, a mais poderosa e o sistema mais econômico para fazer e manter seres humanos. Além disto, conforme o autor, é a família que determina nossa capacidade de funcionar efetivamente e de se beneficiar de experiências em outros contextos em que o ser humano vive e cresce – a escola, grupos de pares, educação superior, negócios, comunidade e a nossa sociedade como um todo. Em todos esses locais, o que nós

aprendemos, bem como aquilo que nós podemos contribuir, depende da nossa família de origem e da nossa família atual. Isto é verdade desde a nossa infância precoce até o dia da nossa morte (BRONFENBRENNER, 2004).

O contexto da família assim como o do trabalho representa, para o autor, as atividades centrais necessárias para a sobrevivência humana. O trabalho serve como meio para transformar o nosso ambiente. Do ponto de vista evolutivo, os seres humanos são notáveis na sua capacidade de promover transformações. Os pais são primariamente aqueles que nos mostram como o ambiente pode ser mudado e que nos preparam para o mundo do trabalho. Quando comparada com outra criatura vivente, a capacidade da cria humana para sobreviver e se desenvolver depende do cuidado e da proximidade em atividades com membros mais velhos de sua espécie. Sem esta parentalidade, nós somos incapazes de ter uma ação no mundo. Além disto, para o autor, hoje, particularmente nos EUA, estes dois principais contextos do desenvolvimento humano, família e trabalho, são constantes postos um contra o outro.

Dado o aumento das desordens na vida das famílias e das crianças, nossa sociedade necessita reunir essas duas esferas de atividades-chave. Para o autor, muitos pais que trabalham sentem o dilema que se segue: muito frequentemente uma pessoa não pode fazer um bom trabalho em uma esfera sem fazer sacrifícios na outra. Em nossos dias, com ambos os pais trabalhando, muitas vezes por necessidades econômicas, menos por decisão do que por necessidade, permite-se a nossas famílias e a nossas crianças absorverem o estresse e sofrerem as suas consequências (BRONFENBRENNER, 2004). Tais colocações servem para destacar a relevância de projetos de pesquisa sobre a conciliação das atividades familiares e profissionais.

De forma concisa, duas condições ambientais e sociais são mais cruciais para o desenvolvimento do ser humano desde a sua infância precoce. Em termos técnicos, há duas assertivas sobre o tema:

1) a fim de se desenvolver normalmente, a criança necessita do envolvimento duradouro de um ou mais adultos no cuidado e em atividade conjunta com ela. Em resumo, deve ter alguém louco por esta criança. Alguém também tem de estar lá e fazendo alguma coisa, não sozinha, mas em conjunto com a criança;

2) o envolvimento de um ou mais adultos em atividade conjunta com a criança requer políticas e práticas públicas que promovam oportunidade, *status*,

encorajamento, estabilidade, exemplo e, acima de tudo, tempo para a parentalidade, primariamente pelos pais, mas, também, por outros adultos do ambiente da criança, tanto dentro de casa quanto fora dela.

Essas duas formulações, conforme o autor, resumem muito sobre o que conhecemos acerca do desenvolvimento humano. Para o estabelecimento da identidade, essas duas condições ambientais são necessárias e desejáveis para a aprendizagem e o desenvolvimento humano e fazem com que nos tornemos humanos (BRONFENBRENNER, 2004).

O autor assinala, contudo, que é preciso que a criança tenha uma participação progressivamente mais complexa e uma interação responsável com um ou mais membros mais velhos da mesma espécie com os quais tal criança desenvolve uma forte ligação irracional e mútua.

Como mencionado anteriormente, esta ligação deve ser irracional, no sentido de que tem de haver alguém que seja “doido” por esta criança, alguém que a considere como alguém especial. Considerar que o filho é a criança mais inteligente, mais bonita e mais maravilhosa que existe não é muito objetivo, porém, para o autor, esta ilusão tem um papel crucial no futuro da criança. Para o autor:

[...] é difícil tornar humano um ser humano. Leva tempo, consome energia, esforço e é frustrante. É imprescindível toda a vossa atenção, força de vontade, ingenuidade, têm que ‘agarrar aquilo’ e não desistir aconteça o que acontecer; estão fartos, acham que já nada pode resultar, estão cansados, fartos e não podem desistir e é o irracional que faz com que não desistam (BRONFENBRENNER, 1995, p. 117).

Nesse sentido, ele compara o desenvolvimento a um jogo de ping-pongem queum jogador é mais velho do que o outro, entre eles há uma adoração mútua e um aprende com o outro. Mas, no processo de desenvolvimento, são necessárias mais do que duas pessoas. É preciso haver alguma disponibilidade e envolvimento por parte de um outro adulto, uma terceira parte, que encoraja, dá assistência, que ocupa o lugar do primeiro, possibilitando-o ir ao banheiro e que, além disto, também dê importância, exprima sua admiração e se envolva na atividade da criança.

Para o autor, esta pessoa é o pai, pois não é fácil encontrarmos pessoas que sejam doidas pelos nossos filhos, tal como ocorre, por exemplo, com o pai.



Porém, esta terceira pessoa pode também ser uma avó, uma colega de trabalho ou qualquer pessoa que se preocupe com a criança.

Então, para entrar na dança do desenvolvimento, para o autor, são necessárias três pessoas.

O processo da interação mútua só resulta se ocorrer regularmente na vida da criança e se realizar em condições que não estejam sujeitas a interrupções (o telefone a tocar) e tensões provenientes do meio ambiente. Por quê? Porque eles estão a ensinar um ao outro e, se estão a aprender, têm que prestar atenção. É necessário ir à escola regularmente. De outro modo, o adulto e a criança não se encontrariam suficientemente sensíveis para captarem os ensinamentos e para poderem responder aos estímulos um do outro. Assim, as atividades conjuntas não se desenvolvem e não podem ser aprofundadas, o que resulta num fraco desenvolvimento da criança ou mesmo na sua estagnação, não podendo a criança atingir todo o seu potencial – a não ser que se restabeleçam todas as condições necessárias para a realização deste jogo de ping-pong (BRONFENBRENNER, 1995, p. 119-120).

Finalmente, para Bronfenbrenner([1979] 1996), os primeiros ambientes nos quais, cada vez mais, as crianças entram ao sair de casa são a creche e as pré-escolas. De uma perspectiva ecológica, o autor sugere que o impacto da creche e da pré-escola sobre as famílias do país e na sociedade em geral pode ter uma consequência muito mais profunda do que quaisquer efeitos diretos para o desenvolvimento dos seres humanos nas sociedades modernas industrializadas.

A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano apresenta, tal como outras teorias, vantagens e limitações que são apontadas por Narvaz e Koller (2004).

Vantagens: 1) a atenção ao contexto sociocultural: gênero, raça/etnia e nível socioeconômico; 2) a sensibilidade à diversidade e à pluralidade do desenvolvimento em diferentes culturas e em determinados períodos históricos; 3) a articulação entre vários níveis de análise; 4) a integração entre ciência teórica e empiricamente fundada; 5) a proposta da observação naturalística; 6) a valorização da aprendizagem cotidiana que se dá através das interações face-a-face; e 7) a integração dos aspectos políticos ao processo de pesquisa.

Limitações: a operacionalização prática da articulação de tantos níveis na pesquisa.

Na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a família é vista como o coração do sistema social. Ela provê as condições desenvolvimentais mais importantes: o amor e o cuidado que a criança necessita para florescer o seu

potencial. Assim, ela é a favor da criação de políticas familiares que favoreçam a criação dos vínculos.

Para Bronfenbrenner (1996), a relação diádica ocorre sempre que uma pessoa, em um ambiente, presta atenção às atividades de outra pessoa ou delas participa. Há diferentes tipos de inter-relações que ocorrem dentro dos ambientes como: “díade observacional”, quando um dos dois presta atenção na atividade do outro; “díade de atividade conjunta”, quando as duas pessoas acreditam estar fazendo juntos, que não precisa ser necessariamente a mesma coisa, mas podem ser atividades complementares; “díade primária”, quando um tipo de relação continua a acontecer mesmo na ausência de um dos pares, permanecendo a lembrança no pensamento. Estes diferentes tipos de díades não se excluem, pelo contrário, podem ocorrer simultaneamente e quanto mais se combinam maior o impacto desenvolvimental.

Dentre esses três tipos, a “díade de atividade conjunta” é a construtora no processo de aprendizagem porque, devido à proximidade maior entre os participantes, potencializa as propriedades comuns a qualquer tipo de interação que seriam: a “reciprocidade”, que diz respeito à influência que os pares exercem sobre si; “o equilíbrio de poder”, que deve se alternar em uma situação agradável de aprendizagem; “a relação afetiva”, que tende a se aprofundar, à medida que os participantes se envolvem positiva ou negativamente:

[...] o impacto desenvolvimental de uma díade aumenta como uma função direta do nível de reciprocidade, mutualidade do sentimento positivo e uma gradual alteração do equilíbrio do poder em favor da pessoa em desenvolvimento. (BROFENBRENNER, 1996, p. 49).

O autor afirma que a evolução natural da díade “observacional” para a “conjunta” e desta para a “primária” ocorre à medida que os envolvidos passam a realizar atividades de forma conjunta, aumentando, conseqüentemente, a convivência entre si. Nessas interações, ambos sofrem modificações no seu desenvolvimento, não só a criança, mas os pais, o professor, o colega, enfim, o sujeito com quem se estabelece a relação.

A seguir, será abordado o cuidar na perspectiva bioecológica.

## 2.3 O CUIDAR NA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA

Bronfenbrenner acredita que o amor é essencial para cuidar, mas o próprio autor refere que apenas este sentimento não basta, sendo necessário um motor, uma espécie de mola propulsora, chamada atividade, termo que está relacionado ao vigor e à disposição. Além disto, o desenvolvimento é descrito por ele como sendo “um processo que envolve estabilizações e mudanças das características biopsicológicas de um ser humano, não apenas ao longo do ciclo de vida, mas também através de gerações” (BRONFENBRENNER, 1995, p.191).

Como já referido, esse processo é comparado a um jogo de ping-pong envolvendo dois sujeitos entre os quais existe um grande vínculo afetivo. Os jogadores, um mais velho e um mais novo, são convidados a aprender entre si. Esta relação recebe o nome de díade, defendida por Bronfenbrenner (1996) como atenção oferecida às atividades de outra pessoa. Mas este jogo é longo, despende grande energia e promove fadiga. Para garantir um final prazeroso para os envolvidos, faz-se necessária a disponibilidade de um terceiro jogador que pode oferecer assistência e encorajamento. Momentos de pausa, descanso, oferta de reforços e modelos comportamentais são importantes no processo de cuidar.

O ato de cuidar e ser cuidado assume formas que diferem de acordo com as particularidades de cada pessoa com a qual se relaciona, com a origem de cada indivíduo. Relacionamento e cuidado estão ligados intimamente, um não vive sem o outro e as relações se solidificam na medida em que se é cuidado e em que se cuida dos demais (GERONDO, 2006).

Na concepção de Bronfenbrenner (2011), os ambientes e as estruturas interpessoais na família são importantes contextos de desenvolvimento, uma vez que a relação da criança com seu cuidador pode ser analisada em uma perspectiva bioecológica destacando-se os elementos que traduzem tanto as características pessoais como as contextuais.

Nesse sentido, os avós são pessoas que estão dispostas a ajudar na condução da vida familiar, tornando-se figuras ativas e presentes nesse contexto ecológico, nos moldes em que pensou Bronfenbrenner (1996).

Na convivência cotidiana em família, os avós se preocupam em passar para os descendentes, em especial para os netos, as lições por eles extraídas dos acontecimentos de suas próprias histórias de vida. Esta convivência, sob a ótica

proposta pelo autor, pode ser vista como relações microssistêmicas, envolvendo contatos de proximidade com interações face a face, entre avós e netos, estabelecidos no cotidiano e em seu ambiente imediato.

As pessoas com as quais as crianças pequenas interagem em uma base regular, em períodos longos de tempo, são os pais, mas, especialmente no caso de crianças pequenas, os avós desempenham importante função nos processos proximais.

No modelo bioecológico, o conceito de processos proximais tem um significado altamente específico. Segundo Bronfenbrenner (1999, p. 5), para que esses processos ocorram, a pessoa tem que se ocupar em uma atividade de desenvolvimento. Para que sejam efetivos, a atividade tem que acontecer em uma base bastante regular, em um período estendido de tempo. Os processos de desenvolvimento proximais efetivos não são unidirecionais: deve haver influência em ambas as direções. No caso de interação interpessoal, as iniciativas não vêm de uma só pessoa, devendo ocorrer algum grau de reciprocidade na troca, o que, frequentemente, ocorre na relação avós-netos.

Outra propriedade dos processos proximais é que estes não são limitados a interações com pessoas; eles também podem envolver interação com objetos e símbolos. “Nas interações recíprocas, por exemplo, os objetos e símbolos no ambiente imediato devem ser convidativos, de um tipo que atraia a atenção para a sua exploração, manipulação, elaboração e imaginação” (BRONFENBRENNER, 1999, p. 6).

É por isso que a capacidade de uma díade de funcionar como favorecedora de um contexto de desenvolvimento irá depender da existência e natureza de outras formações diádicas com terceiras pessoas.

Pensando na importância destas relações nos momentos de interação promovidos pelas brincadeiras dentro da família, pode-se antecipar que tais atividades contribuem para que as práticas educativas da família resultem em elementos que podem favorecer o desenvolvimento da criança (MARTINS; SZYMANSKY, 2004, p.70).

De fato, uma das mais expressivas contribuições da abordagem ecológica se refere às propriedades atribuídas à díade. Segundo Bronfenbrenner (1979/1996), três características são essenciais para o desenvolvimento de atividade conjunta: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva.

A reciprocidade está relacionada à maneira como os participantes interagem entre si, como um influencia o desenvolvimento do outro, pois, quando um membro de uma díade sofre um processo de desenvolvimento, o outro também o sofrerá. Isto é possível dizer que ocorre no relacionamento entre avós-netos devido à sua continuidade e frequência.

Em uma relação diádica, um membro pode ser mais influente que o outro, embora a ideia de reciprocidade sugira igualdade de poder. O ideal é que esta maior influência seja alternada entre os participantes da díade, havendo, então, um equilíbrio de poder. No caso em pauta, pode-se supor que, por ser uma relação baseada no afeto, haja alternância de poder.

Nesse sentido, Bronfenbrenner (1979/1996) enfatiza que, no caso de uma criança pequena, a participação em uma interação diádica oferece a oportunidade de aprender a lidar com a relação de poder e desenvolver capacidades para o exercício de controle sobre a situação. No caso dos netos, estes podem receber, por exemplo, conselhos dos avós. “Na medida em que ocorrem interações diádicas, desenvolvem-se sentimentos diferenciados e duráveis entre seus membros” (BRONFENBRENNER, 1996, p.47). Nesta medida, pode-se pressupor que, destas trocas lúdicas, uma relação de trocas de longo prazo possa estar sendo estabelecida.

Para o referido autor, relações afetivas positivas e genuínas evoluem para um tipo de relação denominada díade primária, que é o tipo mais duradouro de interação. As díades primárias existem para os participantes mesmo que eles não estejam fisicamente juntos.

Essa convivência que, como já dito, pode ser vista como relações microssistêmicas e envolve contatos de proximidade entre avós e netos, estabelecidos no cotidiano e em seu ambiente imediato ocorre também em mesossistemas, em função da interação existente em outros contextos, como a moradia dos avós e locais onde circulam.

Portanto, as concepções fundamentais do modelo ecológico de Bronfenbrenner pressupõem que, além destes indivíduos e seus ambientes estarem em mútua e recíproca interação através dos processos proximais, é preciso atentar para a importância do aprendizado do que ele chama de “experiência humana” (1979/1996, p. 43), essencial para o desenvolvimento individual e coletivo, com

vistas ao aprendizado da convivência, das práticas de cuidados de si, de outrem e dos ambientes, com prioridade para a solidariedade.

Nesses termos, pode-se afirmar que os avós que cuidam das crianças funcionam efetivamente como contextos de desenvolvimento humano, na medida em que contemplam um complexo de atividades, papéis e relações que caracteriza o ambiente ecológico (BRONFENBRENNER, 1996).

De forma concisa, duas condições ambientais e sociais são importantes para o desenvolvimento do ser humano:

1) cuidador – além da rotina, que necessita ser controlada, a criança necessita de alguém que realize atividades em conjunto;

2) papel de desempenho dos avós – tem sido bastante destacado pela literatura. A peculiaridade desses membros familiares está relacionada à maior experiência que possuem quanto à criação de outras pessoas e por subsidiarem apoio emocional e instrumental ao grupo, dado o seu conhecimento acerca da situação de cuidado.

Em resumo, de todos os ambientes que ajudam a construir o humano, a família provê as condições desenvolvimentais mais importantes: o amor e o cuidado que a criança necessita para fazer florescer o seu potencial (BRONFENBRENNER, 2004).

Diante do exposto, verifica-se a eficácia desta abordagem na busca do entendimento das relações que envolvem avós e netos em ambiente natural.

## CAPÍTULO 3

---

### MÉTODO

Neste capítulo será descrito o caminho que norteou a pesquisa, definindo os eixos de investigação, a fim de esclarecer e tornar possível a compreensão do objeto de estudo e dos objetivos a que se propõe. A primeira parte consiste na exposição acerca da opção pela pesquisa qualitativa na inserção ecológica e, logo em seguida, os aspectos éticos da pesquisa, a apresentação dos sujeitos, local e participantes e, por fim, procedimentos, instrumentos e elementos de análise.

#### 3.1 A OPÇÃO PELA PESQUISA QUALITATIVA

A presente pesquisa contempla propriedades contemporâneas para a realização da investigação científica, representada aqui pelo modelo ecológico de Bronfenbrenner que privilegia o estudo em ambiente natural.

Nessa perspectiva, procurou-se coletar dados de netos que convivem com os avós. Deste modo, foram utilizados instrumentos que possibilitassem descrever aspectos das interações entre avós e netos e analisá-los na perspectiva da bioecologia do desenvolvimento humano.

Essa abordagem entende que o ambiente natural é o lócus do desenvolvimento da pesquisa, com destaque para métodos e análises que viabilizem a descrição e a compreensão dos sistemas, da maneira mais contextualizada possível (BRONFENBRENNER, 1979/1996). Neste sentido, o delineamento da estratégia de pesquisa se coaduna com a investigação qualitativa.

Foi utilizado o estudo de casos múltiplos que se configura como um método qualitativo descritivo de pesquisa. Os pressupostos teórico-epistemológicos sobre os quais se assentaram as questões e o referencial de análise foram orientados para compreender a singularidade das situações estudadas e para a identificação de diferenças sutis entre situações aparentemente semelhantes (HERMANN, 2003).

Martins e Bicudoressaltam a relevância de uma pesquisa qualitativa voltada para a compreensão de fenômenos da subjetividade e do particular.

A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda. Uma ideia mais geral sobre tal pesquisa é de que ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis. A generalização é abandonada e o foco de sua atenção é centralizado no específico, no particular, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 23).

Essa posição a favor de uma abordagem qualitativa para a compreensão de singularidades e de estudos particulares é reforçada por Lahire:

Nunca devemos nos esquecer que estamos diante de seres sociais concretos que entram em relação de independência específicas [...] levar em consideração situações singulares, relações afetivas entre seres sociais interdependentes, formando estruturas particulares de coexistência 'uma família', em vez de correlações entre variáveis que são recomposições sociológicas de realidades sociais (2004, p. 32).

Esta pesquisa visa compreender a dinâmica familiar diante da relação avós–netos, com o intuito de identificar qual o significado que os netos atribuem aos avós bem como a forma como as relações intergeracionais podem ser diferentes, em função do gênero, no desenvolvimento e na formação pessoal e social dos netos. Para tal, utilizou um estudo de caso que, segundo afirma Gil:

[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. (2002, p. 54).

O estudo de caso possibilita explorar os dados obtidos na análise dos resultados e, como afirmam Marconi e Lakatos (2004, p. 272), “por meio do método qualitativo, o investigador entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada permitindo um contato de perto com os informantes”.

### 3.2 A INSERÇÃO ECOLÓGICA E O MODELO PPCT

A Inserção Ecológica, proposta metodológica desenvolvida por Cecconello e Koller (2003), envolve a sistematização dos quatro aspectos do modelo PPCT – Pessoa, Processo, Contexto e Tempo. Este método tem como objetivo avaliar os processos de interação das pessoas com o contexto no qual estão se desenvolvendo.



Essa proposta surgiu como uma alternativa àqueles estudos psicológicos que enfatizam apenas as características dos indivíduos, sem valorizar o contexto ou, sendo mais específico, sem apreender o processo de desenvolvimento. O ambiente, neste tipo de investigação, tem, portanto, papel chave, já que é nele que as interações e os processos proximais acontecem (entre pessoas, objetos e símbolos). A seguir, serão brevemente apresentados os elementos do modelo PPCT e como estes se articulam com a proposta da Inserção Ecológica.

Na Inserção Ecológica, apoiada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), postulada por Bronfenbrenner (1979/1996), os pesquisadores estão preocupados em compreender o processo de desenvolvimento das pessoas, isto é, pretendem investigar as relações (processos) que elas estabelecem durante seu crescimento pessoal ou social, no curso de sua história (tempo) em um determinado contexto.

Portanto, esta teoria permite compreender os processos que se estabelecem no desenvolvimento humano enquanto a pesquisa se realiza, uma compreensão que envolve desde o relacionamento entre duas pessoas até alterações no contexto cultural mais amplo no qual estas se encontram. É uma visão dinâmica e complexa que enfatiza e permite o acesso à instabilidade e à mudança sempre presente no desenvolvimento humano (CECCONELLO; KOLLER, 2003).

Nessa perspectiva, a caracterização do ambiente onde convivem avós e netos bem como as investigações realizadas com as crianças só puderam ser realizadas em decorrência da inserção ecológica, baseada, principalmente, na interação da pesquisadora com os avós e netos. Neste sentido, a inserção ecológica realizada na escola avalizou a validade ecológica desta pesquisa.

No caso específico deste trabalho, a inserção ecológica ocorreu desde o primeiro contato com a coordenadora da escola para a indicação de alunos que conviviam com avós, a família, para a autorização da pesquisa, até as entrevistas realizadas.

Abaixo serão descritos os passos seguidos para a compreensão dos instrumentos e procedimentos de aplicação do material utilizado, enfatizando a escolha de dar voz aos netos pesquisados como recurso mais adequado para a compreensão da realidade de vida e para a colaboração que esta tese deve trazer tanto no âmbito acadêmico como das práticas sociais.

### 3.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Os objetivos e a natureza do estudo bem como a apresentação acerca do sigilo, do anonimato, sobre o uso que se faria dos dados, o direito de participar ou não ou o desejo de interromper ou desistir a qualquer momento do processo foram esclarecidos para os sujeitos da pesquisa, considerando-se o que preconiza a Resolução nº 196/96, sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa em Seres Humanos (BRASIL, 2003). Após este esclarecimento, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices A, B e C).

A proposta de pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), sob o Parecer nº 1.053.125 /2015, tendo sido aprovada pelo Comitê em 5 de maio de 2015 (Apêndice E).

### 3.4 LOCAL E PARTICIPANTES

Este capítulo relata a inserção ecológica da pesquisadora no lócus da pesquisa, privilegiando os processos proximais que se efetivaram ao longo da pesquisa com os participantes do estudo e com os membros da equipe de pesquisa. A inserção da pesquisadora foi baseada no modelo bioecológico de Bronfenbrenner (1979/1998), por meio da metodologia de Inserção Ecológica (CECONNELLO; KOLLER, 2003). Considerou, portanto, para a sua análise e a consequente validade ecológica, os quatro elementos essenciais a um estudo sobre o desenvolvimento no contexto: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. (PRATI et al., 2008). Neste sentido, pode-se afirmar que a inserção ecológica possibilitou interações entre a pesquisadora e os elementos envolvidos no ambiente investigado (participantes, objetos e símbolos), que se constituíram em processos proximais. Estes processos foram efetivados pelo compartilhamento de informações e sentimentos entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa durante a investigação, tornando possível, assim, a análise dos processos realizados não só na comunidade, mas também, dentro do próprio grupo de pesquisa.

Para a realização desta pesquisa, foram considerados os quatro aspectos apontados por Bronfenbrenner em relação à definição dos processos proximais, através dos quais Cecconello e Koller (2003) caracterizaram as etapas do processo

de Inserção Ecológica e, por conseguinte, as etapas da inserção do pesquisador na escola da comunidade bem como nas famílias dos alunos.

Nesse sentido, a presença de processos proximais nesta pesquisa é confirmada, uma vez que esta seguiu os critérios estabelecidos por Bronfenbrenner (1999) para a sua efetivação, ou seja, de modo geral, é necessário o envolvimento em atividades que devem ser cada vez mais complexas, em função de períodos de tempo estendidos, possibilitando interações que se efetivam pela reciprocidade de ações, no sentido de estimular a atenção e o interesse da pessoa em desenvolvimento.

No caso deste estudo, tratou-se de uma escola privada do Ensino Fundamental, na cidade do Salvador, Bahia. A instituição se localiza em um bairro nobre da cidade, o bairro Itaipara, atende a um público de classe média alta e oferece sistema de bolsa para alunos filhos dos funcionários de baixa renda. Apresenta como missão a transmissão de valores cristãos, um ensino de excelência, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, que contribua na formação de cidadãos reflexivos e sensíveis, capazes de modificar a realidade em que estão inseridos.

A Escola atende estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio, nos turnos matutino e vespertino. O horário de funcionamento da escola é das 7h40 às 12h. Todos os professores têm curso superior completo. No ano de 2014, estavam matriculados 104 alunos no Ensino Fundamental I, nas seguintes turmas: 1º ano: 25 alunos; 2º ano: 18 alunos; 3º ano: 21 alunos; 4º ano: 22 alunos e 5º ano: 18 alunos. Além das atividades com a professora regente, as crianças têm, ainda, aulas de inglês e de música.

Solicitou-se que a Coordenação Escolar indicasse seis alunos que tivessem algum tipo de convivência com avós. Os estudantes indicados foram três meninos e três meninas, entre seis e nove anos de idade, cursando do Segundo ao Quinto ano do Ensino Fundamental.

### 3.5 CRITÉRIOS DE ESCOLHA

Os critérios de inclusão e exclusão na amostra foram os seguintes:

Inclusão dos netos: 6 alunos matriculados na escola em 2015; ter idade entre 6-11 anos; conviver com avô ou avó; estar disponível para participar da coleta de dados.

Inclusão dos avós: 06 avós; ter idade entre 50-75 anos de idade; estar disponível para participar da coleta de dados.

Exclusão dos netos: não estar matriculado na escola em 2015; ter idade abaixo de 6 e acima de 11 anos; não conviver com avós cuidadores de tempo integral, sistemático ou esporádico; não estar disponível para participar da coleta de dados.

Exclusão dos avós: não ter neto na escola; ter idade abaixo de 50 e acima de 75 anos; não estar disponível para participar da coleta de dados.

As seis famílias que foram encaminhadas para a pesquisa receberam um comunicado da escola em que foi solicitada a participação na entrevista da pessoa responsável pelos cuidados e educação da criança.

A amostra foi composta por seis grupos familiares que pertencem a dois níveis socioeconômicos assim distribuídos: seis crianças e seis avós de classe média e baixa subdivididos em três grupos: avós de tempo integral, sistemático e esporádico, com seus respectivos netos, totalizando 12 participantes.

Os critérios adotados para a formação dos grupos foram os seguintes: duas crianças de sexo diferente conviventes com os avós de tempo integral, sistemático e esporádico, sem objeção quanto à linha matriarcal ou patriarcal, sendo que, das seis famílias, quatro eram da linha materna, uma paterna e outra sócio-afetiva.

Existem várias expressões para designar a família ou os avós que cuidam de seus netos: “família substituta”, “pais substitutos”, “pais à revelia”, “avós em tempo integral”, “avós com custódia” (quando estes têm legalmente a custódia do neto) e “avós guardiões” (ARAÚJO; DIAS, 2010). Neste trabalho, optamos por avós cuidadores em tempo integral, sistemático e esporádico.

Conforme sugerido pela abordagem bioecológica do desenvolvimento humano, considera-se que a interação do pesquisador com o participante culmina em processos proximais em ambos, conforme pontuam Cecconello e Koller:

Neste tipo de pesquisa, o investigador faz parte do processo proximal, assumindo um papel essencial enquanto gerenciador desta energia. Assim, em determinados delineamentos, o processo proximal, além de constituir o foco da pesquisa, adquire uma função de viabilizar a sua realização, revelando-se um procedimento através do qual o pesquisador conduz a investigação (CECCONELLO; KOLLER, 2003, p. 519).

Por conta disto, os avós deveriam estar sendo acompanhados pela pesquisadora, pois se acredita que o vínculo afetivo estabelecido favorece a criação de um clima de confiança entre os pares e propicia maior naturalidade durante a entrevista. Da mesma forma, conhecer de forma mais próxima a convivência dos avós e netos possibilita a percepção mais atenta e sensível aos dados a serem coletados.

### 3.6 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Para atender aos requisitos éticos da pesquisa foi elaborado uma Declaração da Direção Escolar autorizando a realização da pesquisa; Termos de Consentimento e Assentimento Livre Esclarecidos contendo objetivos, método, finalidade e risco da pesquisa (Apêndices B, C e D).

Após o consentimento da direção da escola, foi agendada uma entrevista com a coordenadora do Ensino Fundamental I para a apresentação do projeto e a solicitação do levantamento de seis crianças, de 6 a 11 anos de idade que convivessem com os avós. A coordenadora, então, acrescentou outras seis crianças prevendo a possibilidade de desistência. Nesta mesma ocasião, a pesquisadora entregou um convite para pais e avós comparecerem na escola, em dia e horário determinado pela instituição.

O primeiro contato teve como meta o esclarecimento dos objetivos, métodos, finalidade da pesquisa, seguindo-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, uma permanecendo com os responsáveis e outra com a pesquisadora (Apêndices B e C). Nesta ocasião, as doze famílias presentes aceitaram participar da coleta.

Nesse momento, coletaram-se os dados através da Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Anexo B), sendo os avós caracterizados quanto a idade, sexo, estado civil, bairro de moradia, distância geográfica, escolaridade, renda familiar, nível sócio-econômico, tipo de moradia, dedicação ao cuidado do neto. Quanto aos netos, os dados foram preenchidos pelos pais e distinguidos por sexo, idade, escolaridade, tempo de convívio com os avós. Avós e netos foram identificados por uma letra aleatória, não associada ao nome.

Em seguida, em uma sala com os netos, aconteceu a Roda de Conversa (Anexo D), cujo objetivo foi escutar as crianças sobre suas próprias experiências e legitimar suas narrativas de convivência com os avós. O procedimento se apoiou nos critérios de avaliação propostos por Passeggi e Rocha (2012). A seguir, a fim de detectar impressões que as crianças têm desta relação, foi mostrado, individualmente, o Álbum de Imagens de Avós e Netos baseado na tipologia de Gomes-Pedro (2006) e Dominguez, Vitorino e Morgado (2011) para levantamento de novas categorias (Anexo E).

Em outro momento, previamente agendado com os avós e com o consentimento da coordenadora, ocorreu, nas dependências da escola, o Jogo Compartilhado cujo objetivo era conhecer a relação das crianças com os avós através do jogo, focalizando-se, especialmente, a perspectiva das crianças. Este instrumento foi inspirado no Jogo Colaborativo da Família desenvolvido por Faria (1998) a fim de oferecer ao pesquisador a possibilidade de conhecer a dinâmica familiar, utilizado na minha dissertação de mestrado (AZAMBUJA, 2011a). Entretanto, as perguntas foram inspiradas em questionários semiestruturados aplicados por pesquisadores (SILVA, 2010; PIRES, 2010; OLIVEIRA, 2011; RAMOS, 2011) que estudaram a relação entre avós e netos. O procedimento para a realização do jogo apoiou-se nos critérios de Faria (1998) (Anexo F). Logo após, houve uma Atividade Lúdica entre avós e neto (a)s a fim de verificar a forma como ambos interagem e detectar o tipo de vínculo que predomina nesta relação. Essa técnica foi inspirada na sessão lúdica desenvolvida por Chamat (2004) para ocorrer entre mãe e filho. O procedimento e os critérios de análise se apoiaram na referida autora. (Anexo G).

Para a gravação das entrevistas, foi utilizado o celular Apple Iphone 3gs 8 gb da pesquisadora.

Finalizada a coleta de dados, os instrumentos foram guardados conforme as disposições legais para a pesquisa com seres humanos (5 anos). Quanto ao risco dos participantes na pesquisa, este era mínimo, ou seja, emocionar-se ao conversar ou ler.

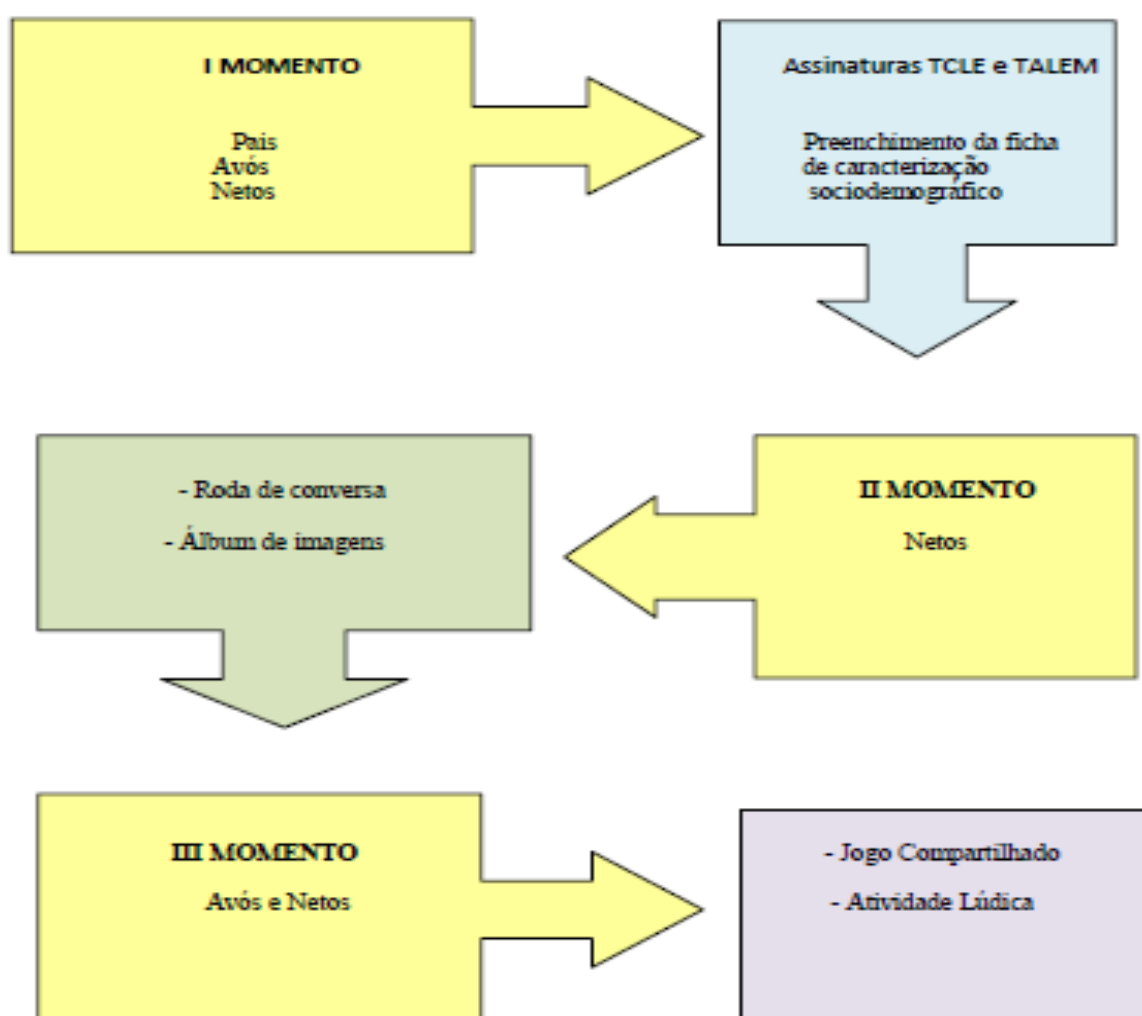
No que diz respeito à identidade dos envolvidos na pesquisa, ressalta-se que esta foi tratada com padrões profissionais de sigilo.

### 3.7 ELEMENTOS DE ANÁLISE

A análise foi realizada por meio de derivações sucessivas, orientadas pela teoria bioecológica, partindo de dados concretos decorrentes dos dados obtidos por meio dos instrumentos utilizados, em uma direção cada vez mais abstrata, conforme poderá ser apreciado nos tópicos que se seguem: resultados (dados obtidos), discussão (integração destes dados com a teoria) e síntese (integração dentro da teoria).

#### 3.7.1 Fluxograma das etapas das entrevistas

Figura 1 – Etapas da entrevista



## CAPÍTULO 4

---

### RESULTADOS

A sistematização dos dados coletados resultou em uma descrição minuciosa dos focos de interesse do presente estudo, que se desdobraram em quatro seções concernentes a formas de pensar e interagir dos netos com os avós.

A primeira seção, nomeada como Perfil sociodemográfico dos avós e netos, apresenta os sujeitos da pesquisa. A segunda seção descreve a roda de conversa com os netos. A terceira seção converge para os aspectos do álbum de Imagens, na escolha das crianças. A quarta sessão evidencia o jogo compartilhado entre avós e netos. Finalmente, a quinta sessão descreve uma sessão de atividades lúdicas ente a díade.

#### 4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS AVÓS E NETOS

A descrição seguinte se refere ao perfil sociodemográfico dos seis avós que participaram da pesquisa.

O grupo de avós foi dividido em duas classes econômicas, média e baixa, como forma de classificação das famílias, com a utilização do Critério de Avaliação Econômica Brasil (2012), também conhecido como “Critério Brasil”, que visa estimar o poder de compra de indivíduos e famílias urbanas, sem, no entanto, classificá-los em classes sociais, mas em classes econômicas (Anexo A).

Tal instrumento se encontra dividido em duas partes: na primeira, o respondente fornece informações referentes à posse e ao número de determinados itens; já na segunda parte, o informante fornece dados referentes ao grau de instrução do chefe da família. A partir de tais dados, calcula-se em qual classe econômica aquela determinada família ou indivíduo se encaixa, sendo que tais classes variam em ordem decrescente de renda média e de pontuação de A1 a E. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESA DE PESQUISA, 2014).

No Quadro 1, apresenta-se o perfil sociodemográfico das avós participantes do estudo.



Quadro 1 – Perfil sociodemográfico das avós pesquisadas – Salvador, 2015

TIPO DE CUIDADO	AVÓS						
	Idade	Escolaridade	Profissão	Situação Conjugal	Moradia	Linhagem	Classificação Socioeconômica
Integral	65	Ensino Médio	Professora aposentada	Casada	Casa	Socioafetiva	B2
	70	Ensino Fundamental	Pensionista	Viúva	Casa	Materna	C1
Sistemática	63	Ensino Superior	Bancária aposentada	Divorciada	Apto	Materna	B2
	56	Ensino Médio	Autônoma	Casada	Casa	Materna	C1
Esporádica	72	Ensino Médio	Servidora pública aposentada	Viúva	Apto4	Paterna	B2
	61	Ensino Superior	Assistente Social	Casada	Apto	Materna	C1

Nota: Classe B2: renda média familiar de R\$ 3.118; Classe C1: renda familiar de R\$ 1.861, segundo dados do Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2014).

Fonte: Elaboração própria

A partir dos dados apresentados no Quadro 1, as avós foram classificadas como sendo de tipo: integral – as que se dedicam ao cuidado diário; sistemáticas – as que se responsabilizam em algum dia específico ou final de semana; enquanto que as esporádicas são convocadas eventualmente para cuidar dos netos.

Quanto à idade dos avós maternos que compuseram o grupo, esta variou entre 59 a 62 anos. Acerca da situação conjugal, um casal de avós estava casado e as outras duas avós eram divorciadas. O nível de escolaridade dos avós, um avô declarou ter o ensino médio completo, enquanto que as demais avós têm o ensino superior completo. Sobre a ocupação profissional, o casal declarou exercer atividade remunerada fora de casa, uma referiu ser dona de casa, enquanto que a outra é aposentada. A classe econômica dos avós variou da classe A e C, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2014).

Apresenta-se a seguir no Quadro 2, o perfil dos netos participantes do estudo.

Quadro 2 – Perfil sociodemográfico dos netos pesquisados – Salvador, 2015

Tipo Cuidado	Nome	Gênero	Idade	Ano escolar	Corresidência	Contato avós maternos	Contato avós paternos	Classificação socioeconômica
Integral	I (1)	Feminino	7	3º	Avós adotivos	Nunca	Nunca	B2
	I (2)	Masculino	9	5º	Avó e mãe	Diariamente	Nunca	C1
Sistemático	S (1)	Masculino	8	4º	Pais	Avó Final de semana Avô Às vezes	Às vezes	B2
	S (2)	Feminino	6	2º	Pais	Dias de semana	Nunca	C1
Esporádica	E (1)	Masculino	6	2º	Pais	Às vezes	Diariamente	B2
	E (2)	Feminino	9	5º	Pais	Diariamente	Às vezes	C1

Fonte: Elaboração própria

A partir dos dados evidenciados no Quadro 2, nota-se que a idade dos netos que formaram o grupo variou entre 6 e 9 anos de idade, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. Acerca da escolaridade, dois cursavam o 2º ano; um o 3º ano; um o 4º ano e dois o 5º ano escolar.

Em relação à coresidência, dois residem em companhia dos avós, um deles em companhia da mãe, e os demais residem com os pais.

Quanto ao contato com os avós de linhagem materna, dois deles convivem diariamente, dois aos finais de semana e dois às vezes ou nunca. E com os de linhagem paterna, um ocorre diariamente, dois às vezes e três nunca. A classe econômica das crianças variou da classe A e C, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2014). O perfil dos netos e avós é:

#### 4.1.1 Neta e Avó: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica média

**Neta I (1)** – Tem 7 anos, estudante do 2º. Ano do Ensino Fundamental, filha única de mãe solteira, não conhece o genitor. A criança foi adotada pelos padrões da genitora desde o nascimento e reside com os mesmos. Atualmente a mãe não trabalha na residência e visita a filha esporadicamente. Os únicos avós que conhece têm contato é esse casal.

**Avó socioafetiva** – 64 anos, casada, avó socioafetiva, professora aposentada, renda familiar 10 salários mínimos, reside, com o marido em casa própria. A neta é filha da ex-empregada que engravidou na adolescência e o casal adotou como neta. A genitora não passou a guarda ao casal para não perder o vínculo com a filha. Atualmente, a mãe da menina não trabalha na residência dos patrões e visita a filha aos domingos.

#### **4.1.2 Neto e Avó: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica baixa**

**Neto I (2)** – Tem 9 anos, estudante do 5º Ano do Ensino Fundamental, filho de mãe solteira, reside em companhia da genitora e avó materna. Era pequeno quando o avô materno faleceu. Não conhece os avós paternos.

**Avó materna** – 72 anos, viúva, possui ensino fundamental incompleto, renda familiar é de 2 salários mínimos, reside em casa própria em companhia da filha solteira e o neto.

#### **4.1.3 Avó e Neto: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica média**

**Neto S (1)** – Tem 8 anos, estudante do 3º ano do Ensino Fundamental, filho de pais casados, tem dois irmãos, reside com a família. O contato com avó é aos finais de semana, com o avô materno e avós paternos não é frequente.

**Avó materna** – 61 anos, divorciada, possui curso superior completo, gerente aposentada do banco, renda familiar 10 salários mínimos, reside em apartamento próprio, sozinha. A dedicação ao cuidado ocorre aos sábados. Paga curso de inglês ao neto.

#### **4.1.4 Avó e Neta: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica baixa**

**Neta S (2)** – Tem 6 anos, estudante do 1º ano do ensino fundamental, filha única de pais casados, reside durante a semana com os avós maternos e aos sábados e domingos com os pais. Não tem avós paternos.

**Avó materna** –67, casada, dona de casa, possui ensino fundamental completo, renda familiar dois salários mínimos. Reside em casa própria em companhia do marido e da neta que passa a semana em companhia dos avós por motivo de estudo e trabalho dos pais, funcionários num resort na Costa do Sauípe, que retornam para casa somente aos finais de semana, levando a filha para casa.

#### **4.1.5 Avó e Neta: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica média**

**Neta E (1)** –Tem 9 anos, estudante do 5º Ano do Ensino Fundamental, filha única de pais casados, reside com os genitores. Convive esporadicamente com avó paterna.

**Avó paterna** –72, viúva, possui segundo grau completo, aposentada e pensionista, renda familiar 10 salários mínimos, reside em apartamento próprio. Fica com a neta somente quando solicitada pelo filho ou nora.

#### **4.1.6 Avó e Neto: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica baixa**

**Neto E (2)** –Tem 6 anos, estudante do 1º Ano do Ensino Fundamental, filho único de pais casados, reside com os genitores. Convive eventualmente com os avós maternos.

**Avó materna** –61 anos, casada, possui o 3º. Grau completo, é Assistente Social, renda familiar é de 4 salários mínimos, reside com o marido em apartamento próprio. Assume o cuidado quando a filha solicita.

Ao analisar aspectos entre netos e avós de tempo integral notou-se semelhança nas histórias de vida. No caso dos netos, ambos são únicos filhos de mães solteiras e as avós são provedoras financeiras. Em relação aos netos e avós sistemáticos, as crianças são filhos de pais casados, as avós pertencem à linhagem materna e colaboram financeiramente com as filhas nas mensalidades educacionais dos netos. Quanto aos esporádicos, os avós são de linhagem materna e paterna, respectivamente e somente assumem o cuidado quando solicitados.

As estruturas familiares contemporâneas têm revelado diferentes papéis desempenhados pelos avós: há avós que cuidam dos netos por um período do dia, há outros que veem os netos nos finais de semana, aqueles que os encontram eventualmente e os que são cuidadores integrais dos netos. No último caso, muitos coabitam com seus netos (CARDOSO, 2010).

Oliveira (2007) destaca que os papéis atribuídos aos avós na família estão relacionados ao contexto social e cultural no qual a família está inserida e classifica os papéis desempenhados pelos avós em três formatos: participativos; cuidadores voluntários e cuidadores involuntários.

De acordo com a autora, os papéis participativos ocorrem quando os avós não são responsáveis por seus netos, mas estão presentes em suas vidas, podendo estar envolvidos total ou parcialmente enquanto parte da rede social das famílias. Já os avós com papéis de cuidadores são aqueles que cuidam dos netos rotineiramente, podendo, ser de forma voluntária. Os avós são as pessoas em quem mais confiam para ficar com as crianças, por passarem confiança, segurança e bem-estar aos filhos (PERDIGÃO; VITORINO; CUNHA, 2004). Por fim, os avós com papéis de cuidadores involuntários são aqueles que assumem a guarda de seus netos e criam assumindo o papel de pais substitutos (OLIVEIRA, 2007).

A função dos avós não se limita simplesmente ao cuidado.

Além da missão instrumental que decorre da satisfação das necessidades básicas das crianças, os avós asseguram outras funções, como ir a médicos, reuniões escolares, práticas extra-escolares e ainda para entreter, brincar e passear com as crianças (PERDIGÃO; VITORINO; CUNHA, 2004, p. 32).

As descrições a seguir referem-se às entrevistas com os netos através da roda de conversa.

## 4.2 RODA DE CONVERSA

A conversa é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo, muda caminhos, forja opiniões, razão por que a Roda de Conversa surge como uma forma de reviver o prazer da troca (MOURA; LIMA, 2014), escutar as crianças sobre suas próprias experiências e legitimar suas narrativas como fonte de pesquisa (PASSEGGI; ROCHA, 2012), além de evidenciar

como ela se constituiu num caminho para o aprendizado da convivência (WARSCHAUER, 1993).

Mas o que aprendemos com elas?

Aprendemos a escutá-las e a reconhecê-las como indivíduos plenos que têm o que contar sobre si mesmas e suas experiências. Aprendemos que a criança tem o que contar que ela sabe sobre o que refletir ao narrar suas experiências de vida (PASSEGGI; ROCHA, 2012, p. 19).

Essa escuta e olhar atentos reduzem as distâncias geracionais e nos aproximam sobremaneira de estudos e pesquisas que permitirão ampliar o conhecimento da díade avós/netos. Esta técnica tem como objetivo mediar a interação da criança com a pesquisadora com o cuidado de minimizar os riscos de constrangimento que poderiam ocorrer se esta respondesse diretamente às perguntas.

Escutar a criança presume uma relação de cumplicidade e de entrega para ir ao seu encontro, reconhecendo sua alteridade e a sua fala como autêntica e legítima. Essa abertura para a alteridade é fundamental para o processo de interpretação que se sobrepõe à interpretação da criança (PASSEGGI; ROCHA, 2012).

Para ouvir as crianças sobre suas próprias experiências e legitimar suas narrativas de convivência com os avós como fonte de pesquisa realizamos a Roda de Conversa. Nesse contexto, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, ou mesmo para concordar com a fala imediatamente anterior.

Esta técnica foi utilizada pela referida autora que entrevistaram cinco crianças de 6 a 12 anos no leito hospitalar utilizando um personagem brinquedo-personagem Alien (Disney) pelas características do permeio imaginário infantil para evitar o risco de constrangimento se respondessem diretamente às perguntas.

Ao questionarmos sobre “*como é a convivências com os avós?*” e “*o que vocês fazem juntos?*”, obtivemos:

Quadro 3 – Roda de Conversa: como é a convivência com os avós? O que fazem juntos? – Salvador, Bahia, 2015

TIPO DE CUIDADO	CLASSE SOCIAL	NETO(A)			RODA DE CONVERSA
		Nome	Gênero	Idade	
Integral	Média	I (1)	Menina	7 anos	<i>“É bom, ela é uma segunda mãe, ela cuida de mim”. “Brincamos no tablet”.</i>
	Baixa	I (2)	Menino	9 anos	<i>“É bom, ela cuida de mim e eu cuido dela”. “Fizemos coleção de figurinhas”.</i>
Sistemático	Média	S (1)	Menino	8 anos	<i>“Legal, é companheira de brincadeiras e passeios”. “Jogamos futebol no parquinho”.</i>
	Baixa	S (2)	Menina	6 anos	<i>“Legal, ela me faz companhia para os meus pais trabalharem”. “Brincamos de boneca”.</i>
Esporádico	Média	E (1)	Menina	9 anos	<i>“Legal, ela é divertida e atenciosa, me pergunta se quero comer alguma coisa”. “Quando vou na casa dela jogamos dama”.</i>
	Baixa	E (2)	Menino	6 anos	<i>“Legal, meu avô joga totó no play e minha avó brinca na piscina comigo”.</i>

Fonte: Elaboração própria

Durante a escutana Roda de Conversa (Quadro 1) cujos questionamentos visam a pensar, a se posicionar e expressar sentimentos, foi possível perceber o quanto a vida das crianças é determinada pelo seu contexto e por seus pertencimentos, apesar de as infâncias serem diversas em cada ambiente (BURCKARDT; SCHWENGBER, 2014). As crianças dizem muito como se relacionam com os avós.

Notou-se que, na concepção de todas as crianças, a convivência é agradável. Para os netos de tempo integral, os avós são cuidadores; para os sistemáticos, companheiros, e para os esporádicos, divertidos.

Segundo Minuzzi (2007), é através da boa convivência entre avós e netos que ambos se conhecem, estabelecem vínculos e constroem uma história em comum que permite que aconteçam as manifestações culturais e também afetivas.

Para a autora, conviver com os avós é, antes de tudo, um valor cultural, ao declarar que a importância da convivência aparece tanto nas lembranças dos avós como nas dos netos, firmando a manifestação cultural que se mantém com o passar dos anos.

Quanto aos momentos de lazer, a televisão foi um dos recursos mais utilizados pelos idosos (DOLL, 2007), o que serve de elemento catalisador para o convívio da díade.

No estudo de Rabinovich e Moreira (2008), há diferença entre ser avó ou avô, pois a avó, embora cuidando e disciplinando, impõe respeito, enquanto o avô pode ser uma figura um pouco mais distante do que a avó no sentido afetivo, mas conta histórias e leva para passear.

Nota-se que há um cuidado especial de ambos os avós; sejam casados ou separados, e os netos declaram que se sentem bem desfrutando da convivência dos mesmos.

Segundo Dias (2008), quando os netos são pequenos, a função de cuidado por parte dos avós é essencial; os netos também valorizam os presentes e a atenção que os avós propiciam.

Em relação ao que fazem juntos fazem juntos, os netos responderam que realizam atividades em espaços internos, tais como: assistir TV, jogar dama, brincar de boneca e em espaços externos, jogar futebol no parquinho, totó no play e brincar na piscina.

Dominguez, Vitorino e Morgado (2011) classificam esses avós como divertidos, sendo uma relação caracterizada como informal e de satisfação recíproca. Esses avós são percebidos como companheiros de jogos, pois acompanham os netos nas suas brincadeiras, e lúdicos, pois têm uma relação com seus netos caracterizada pela informalidade e ludicidade. Eles rompem com a relação de autoridade entre as gerações e promovem atividades nas quais tanto eles quanto seus netos encontrem prazer e diversão (BERNAL; ANUNCIBAY, 2008; RAMOS, 2011). Nesse caso, a cumplicidade e o companheirismo são evidenciados mediante a realização de atividades divertidas e prazerosas (SCHMIDT, 2007, p. 10).

Pode-se depreender que esse companheirismo entre as gerações, traduzido nas tarefas do dia-a-dia, representa momentos significativos e prazerosos. Gomes-Pedro (2006, p. 19) declara que os avós abertos à diversão são excelentes parceiros para as brincadeiras e os preferidos para o lazer.

Além de se sentirem alegres e satisfeitos interagindo com as avós, os netos valorizam o carinho dispensado, como revela Oliveira (2009 a), referindo-se a elas como as pessoas mais importantes da sua vida pelo cuidado dispensado



à alimentação, vestuário, contação de histórias, às brincadeiras/jogos e à preparação dos alimentos que mais gostam (Rodrigues, 2014) enquanto que os avôs se direcionam a atividades fora do ambiente doméstico – como buscar ou levar o neto na escola – e a brincadeiras mais dinâmicas e perigosas, como confirma Ramos (2006).

Assim, constata-se que as atividades costumam ser conjuntas e, por vezes, se tornam cada vez mais complexas com a convivência e a proximidade entre eles, visto que os avôs assumem muitas vezes o papel de cuidadores habituais de seus netos, tornando-se os responsáveis tanto pelas atividades presentes no dia a dia, quanto pela educação e o cuidado infantil (SILVA; MAGALHÃES; CAVALCANTE, 2014).

Na abordagem bioecológica, o processo da interação mútua só resulta se ocorrer regularmente na vida da criança e se realizar em condições que não estejam sujeitas a interrupções e tensões provenientes do meio ambiente. Por quê?

Porque eles estão a ensinar um ao outro e, se estão a aprender, têm que prestar atenção. De outro modo, o adulto e a criança não se encontrariam suficientemente sensíveis para captarem os ensinamentos e para poderem responder aos estímulos um do outro (BRONFENBRENNER, 1995, p. 119-120).

Dessa forma, pode-se constatar que a interação entre avôs e netos contribui para as implicações na trajetória desenvolvimental da criança.

As descrições a seguir se referem às escolhas dos netos no Álbum de Imagens.

#### 4.3      ÁLBUM DE IMAGENS

Para suscitar narrativas individuais, mostrei um álbum de imagens contendo gravuras para seleção de imagens que representam os tipos de atividades que fazem juntos. Trata-se de um instrumento contendo categorias idealizadas pela pesquisadora inspirada em tipologias apontadas por Gomes-Pedro (2006) e Dominguez, Vitorino e Morgado (2011).

Através da apresentação de vinte gravuras do Álbum de Imagem (Anexo E), pretendeu-se levar a criança a se projetar nos personagens para a percepção da

relação entre avós e netos. O instrumento consiste na escolha da gravura com o qual a criança mais se identifica.

Quadro 4 – Resumo do Álbum de Imagens – Salvador, Bahia, 2015

TIPO DE CUIDADO	CLASSE SOCIAL	NETO(A)/ GÊNERO	IDADE	ÁLBUM DE IMAGENS
Integral	média	I (1) menina	7 anos	<b>Brincar:</b> “Brincamos no computador, cada um no seu <i>tablet</i> ”. <b>Passear:</b> “nas férias vamos para a ilha”. <b>Levar e Trazer:</b> “meus avós me levam a escola”. <b>Ensinar:</b> “peço ajuda no dever quando não sei”
	baixa	I (2) menino	9 anos	<b>Brincar:</b> “Jogamos ludo; ensino minha avó mexer no computador. <b>Passear:</b> “viajamos para o interior no fim do ano”. <b>Levar e Trazer:</b> “ela me leva na escola. <b>Ensinar:</b> “ensina o dever”
Sistemático	média	S (1) menino,	8 anos	<b>Brincar:</b> “Jogamos bola no parquinho. <b>Passear:</b> ela me leva na marcha com Jesus; almoçamos no shopping. <b>Ensinar:</b> “me ajuda no dever de inglês”. <b>Levar e Trazer:</b> “ela me leva no inglês”. <b>Contar história:</b> “lê histórias prá mim”
	baixa	S (2) menina	6 anos	<b>Brincar:</b> “minha avó joga dominó comigo” <b>Passear:</b> ela me leva na academia com ela ena praça. <b>Levar e Trazer:</b> “me leva na escola” <b>Ensinar:</b> “me ensina o dever” <b>Contar História:</b> “lê para eu dormir”
Esporádico	média	E (1) menina	9 anos	<b>Brincar:</b> ensino entrar no <i>facebook</i> para ver a vida dos outros; <b>Passear:</b> ela me leva para fazer compras. <b>Ensinar:</b> ela me ensina bordar. <b>Contar História:</b> “lê histórias”
	baixa	E (2) menino	6 anos	<b>Brincar:</b> “faço joguinhos no computador com a minha avó”. <b>Passear:</b> “meu avô me leva na praia com meus primos”. <b>Ensinar:</b> “ajudo o meu avô lavar o carro. <b>Contar História:</b> “minha avó lê história bíblica”; “meu avô toca violão e minha avó teclado para mim”

Fonte: Elaboração própria

Quanto ao tipo de atividades realizadas entre avós e netos, não houve diferença entre as classes sociais (Quadro 4).

Os netos de tempo integral e esporádico brincam com jogos eletrônicos, enquanto os sistemáticos com jogos educativos. Na atividade que envolve passeio, os netos integrais viajam de férias, enquanto que os sistemáticos e esporádicos acompanham os avós em passeatas, compras, praça e praia.

Em relação ao levar e trazer, os netos integrais e sistemáticos costumam ser acompanhados pelos avós na escola e curso, mas não os esporádicos, pelo fato de os filhos não atribuírem tal compromisso aos pais.

Quanto ao contar histórias, os netos sistemáticos e esporádicos declararam que os avós cultivam esse hábito, com exceção dos integrais, que não indicaram tal atividade. Os netos integrais e sistemáticos apontaram que as avós ensinam os deveres, exceto os esporádicos.

Em relação às atividades escolares, Cotrim (2007) declara que a educação escolar é bastante valorizada, que os avós acompanham diretamente os deveres escolares dos netos.

Além do acompanhamento nos deveres, os avós são companheiros de jogos eletrônicos. Por isto, nas brincadeiras entre avós e netos, estes também aparecem como novo espaço de aprendizagem e interação, além de oferecer apoio intergeracional prestado pelos avós. Essa interação desenvolve a cooperação, confiança, cumplicidade, fortalecimento dos laços afetivos (AMARAL; BEHAR; DORNELLES, 2007; ROCHA, 2013).

Na abordagem ecológica, na medida em que a pessoa em desenvolvimento participa de um novo ambiente, o seu mesossistema é ampliado. Essa interconexão pode surgir, também, através de outras pessoas que participem de ambos os ambientes, por exemplo, os avós, podendo trazer um mundo novo a ela, atuando como vínculo intermediário, considerando a percepção que a criança pode ter dos dois ambientes. (KOLLER; DE ANTONI, 2004).

As descrições a seguir se referem ao jogo compartilhado sob o ponto de vista dos netos.

#### 4.4 JOGO COMPARTILHADO

Para melhor conhecer o ambiente familiar em que avós e netos convivem, encontramos no Jogo Compartilhado um recurso descontraído e instigador que utiliza perguntas potencialmente autorreveladoras e reflexivas sobre a relação entre avós e netos. O clima lúdico convida à espontaneidade, favorecendo a expressão genuína de cada membro bem como promovendo a escuta aberta, a interação, a abertura de espaço de conversação e a construção de novas narrativas.

Constatou-se que houve divergência de opiniões por classes sociais observadas (Quadro 5).

Quadro 5 – Resumo do Jogo Compartilhado – Salvador, Bahia, 2015

TIPO DE CUIDADO	CLASSE SOCIAL	NETO(A)/ GÊNERO	IDADE	JOGO COMPARTILHADO
Integral	média	I (1) menina	7 anos	<b>Impressão:</b> os avós são carinhosos porque abraçam, beijam. <b>Convivência:</b> é boa, há cuidado, ajuda nos deveres e viagem nas férias. <b>Rotina:</b> costuma fazer o dever, jogar no <i>tablet</i> , ir à igreja em companhia da avó; O avô leva na escola e assiste TV. <b>Ajuda recebida:</b> quando não entende o dever. <b>Ajuda dada:</b> colocou o termômetro debaixo do braço da avó quando esteve doente. <b>Aprende:</b> a respeitar os mais velhos. <b>Ensina:</b> avó mexer no celular
	baixa	I (2) menino	9 anos	<b>Impressão:</b> Avó é carinhosa, uma segunda mãe. <b>Convivência:</b> é boa, enquanto a mãe trabalha avó cuida, viajamos para o interior nas férias. <b>Rotina:</b> avó leva e traz na escola, deixa conversar com os amigos no portão, dá dinheiro para comprar figurinhas, picolé e assistem TV. <b>Ajuda recebida:</b> dinheiro para comprar figurinhas. <b>Ajuda dada:</b> alcançou água e frutas na cama quando avó foi operada. <b>Aprende:</b> Cozinhar <b>Ensina:</b> assuntos aprendidos na escola.
Sistemático	média	S (1) menino	8 anos	<b>Impressão:</b> Pessoas amigas que ajudam quando preciso. <b>Convivência:</b> A avó é sempre divertida e o avô às vezes o visita. <b>Rotina:</b> aos sábados, depois da aula de inglês, vai ao shopping, cinema ou teatro, joga futebol no parquinho e brinca com diversos joguinhos. <b>Ajuda recebida:</b> quando avó explica o dever. <b>Ajuda dada:</b> guardar os brinquedos. <b>Aprende:</b> pedir com licença ao interromper a conversa entre as pessoas. <b>Ensina:</b> baixar aplicativos no celular da avó.
	baixa	S (2) menina	6 anos	<b>Impressão:</b> É legal, cuida para que os pais trabalhem em hotel na Costa do Sauípe. <b>Convivência:</b> É boa, fica com os avós durante a semana e aos finais de semana retorna para casa dos pais. <b>Rotina:</b> Assiste TV com o avô, brinca no celular da avó, joga dominó, esconde-esconde e frequenta aula de Educação Física com a mesma. <b>Ajuda recebida:</b> avó ajudou a colar palavras no dever. <b>Ajuda dada:</b> ligar para o meu avô <b>Aprende:</b> Esperar. <b>Ensina:</b> mexer no celular.
Esporádico	média	E (1) menina	9 anos	<b>Impressão:</b> É legal, é companheira, pergunta o que quero comer. <b>Convivência:</b> Muito Legal. Porque ela me faz companhia. <b>Rotina:</b> Assiste TV, se diverte com jogos de dama, ludo, trilha. <b>Ajuda recebida:</b> quando ficou doente dois dias na casa do pai. <b>Ajuda dada:</b> lavar os pratos. <b>Aprende:</b> bordado em toalhas <b>Ensina:</b> acessar o <i>instagram</i> , <i>facebook</i> e <i>whatsaap</i> .
	baixa	E (2) menino	6 anos	<b>Impressão:</b> - é bom, pode ir à piscina e ficar mais tempo no computador. <b>Convivência:</b> - Legal, porque avó leva na piscina e o avô leva a passear. <b>Rotina:</b> se chove fica no computador, com a avó ou desce para jogar totó com o avô no salão de jogos. Se fizer sol

				desce com a avó para a piscina ou com o avô e os primos na praia. <b>Ajuda recebida:</b> quando se machucou. <b>Ajuda dada:</b> retirar o prato da mesa e colocar na pia. <b>Aprende:</b> aprendo com o avô, lavar o carro e com avó ligar o computador. <b>Ensina:</b> jogar no celular.
--	--	--	--	---

Fonte: Elaboração própria

Em relação à Impressão, os netos integrais têm o parecer de que os avós são carinhosos porque demonstram afetividade e se assemelham a segundospais. Os sistemáticos os descrevem como amigos que ajudam e são cuidadores substitutos dos pais. Os esporádicos os percebem como boas companhias e que oferecem liberdade com menos controle sobre o tempo de brincar.

Quanto à Convivência, todos a consideram boa: os netos integrais justificam que é no cuidado diário, na ajuda dos deveres e por proporcionarem viagens nas férias escolares; os sistemáticos apontaram para a qualidade de atenção e o tempo de convivência; o de classe média disse que a avó é divertida e o avô, às vezes, o visita, por serem divorciados; enquanto que o tempo que a neta de classe baixa desfruta com os avós é durante a semana, por motivo de trabalho dos pais. Os esporádicos referem a companhia de estarem juntos.

Sobre a Rotina Doméstica, os netos integrais declaram que os avós levam os netos à escola e assistem TV juntos. Constatou-se que uma neta de classe média interage mais com o computador do que o neto de classe baixa, que está interessado em colecionar figurinhas. Ambos os netos saem pouco de casa: a de classe média costuma sair para acompanhar a avó na igreja e o de classe baixa sai sozinho para comprar figurinhas e picolé. Os netos sistemáticos divergem na rotina, talvez pelo fato de um deles, a neta de classe baixa, conviver diariamente com os avós, tendo uma rotina de atividades em espaço interno assemelhada à dos netos integrais, enquanto que o outro neto de classe média tem uma rotina de atividades externas. Os netos esporádicos têm algo em comum: as atividades são planejadas, parecendo haver uma flexibilidade na rotina em dia de sol e chuva.

Com relação à Ajuda Recebida e Ajuda Dada, os integrais têm algo em comum, que é a atenção dispensada às avós quando estas estiveram doentes. Em relação à ajuda recebida, destacaram o apoio educacional para realização do dever e o financeiro, como comprar figurinhas. Os sistemáticos foram unânimes em declarar que a ajuda recebida foi para a realização do dever e a ajuda dada foi em nível de organização pessoal, para guardar os brinquedos e prestação de serviço, e

ligar para o avô. Os esporádicos lembraram a prestação de socorro dado pelas avós em momento de enfermidade e ferimento. Já a ajuda dada foi a prestação de serviço como retirar o prato, colocar na pia e lavar.

Quanto ao Ensinar e Aprender, os netos integrais divergiram em suas respostas. Enquanto que a neta da classe média disse que aprende valores morais e ensina a avó lidar com o celular; o neto de classe baixa aprende a cozinhar e ensina o que aprende na escola. Os sistemáticos foram unânimes nas respostas: aprendem valores morais, como não interromper a conversa entre as pessoas e esperar. Quanto ao ensino, mexer e baixar aplicativos no celular. Os esporádicos, da mesma forma, foram coesos ao responderem que aprendem habilidades manuais como bordado em toalhas, lavar o carro e ligar o computador. Quando ao ensino, ambos ensinam a lidar com as ferramentas digitais, como entrar na internet e jogar no celular.

Ao serem questionados sobre o que ensinam aos avós foi possível reportar à noção de coeducação, enquanto uma possibilidade de troca intergeracional, ou seja, o que efetivamente uma geração pode ensinar a outra (SCHMIDT, 2007).

O computador é, sem dúvida, uma das tecnologias mais citadas pelas crianças. É ali que elas ensinam aos seus avós como se liga, como acessar a internet, entrar no *facebook*, *instagram* e usar o *whatsapp* no celular.

As atividades realizadas nesse espaço cibernético desenvolvem a cooperação e a confiança, o que faz com que essa relação se fortifique com o tempo pela proximidade e cumplicidade entre os atores familiares, que dialogam no ciberespaço e fortalecem os laços afetivos (ROCHA, 2013).

Enquanto os avós transmitem valores relativos à responsabilidade, organização, educação, religiosidade, sentimento de amor, amizade, justiça, colaboração e respeito, as crianças têm mais rapidez e facilidade em manusear a internet e ensinam aos seus avós. Ocorre um “trânsito de mão dupla” e ambos constroem uma relação próxima (CARDOSO, 2010; ROCHA, 2013; RAMOS, 2014).

Para que as transmissões educativas e os valores se perpetuem de uma geração a outra, como também o legado cultural não se perca, é fundamental que ocorram possibilidades de abertura, interação e de interlocução entre as gerações (SCHMIDT, 2007).

Um aspecto a ser considerado é o de transmissores de cultura, ou seja, os avós são contadores de histórias e este é um papel fundamental nas sociedades mais antigas, consistindo na transmissão de conhecimentos, costumes e tradições, de geração em geração, através da oralidade (RABINOVICH; MOREIRA, 2008; DOMINGUEZ; VITORINO; MORGADO, 2011).

A oralidade é o traço de transmissão de um dado conhecimento por meio da linguagem falada. “Talvez essa seja a forma mais antiga de transmissão de conhecimento, pois está arraigado na cultura de todos os povos o ato de contar uma história” (SILVA; MACENA FILHA, 2013, p. 3). Portanto,

[...] o contar histórias permite ao idoso não só lembrar como também permitir a experiência. Na rememoração do passado, por meio das histórias, o idoso acaba realizando uma síntese das experiências vividas e isso permite dar sentido à sua realidade (CARDOSO, 2010, p. 92).

Além do mais a relação de afeto, cumplicidade e carinho dos netos com os avós marca a vida da criança com lembranças positivas. As confidências e os segredos entre netos e avós ocupam um lugar particular que se traduz na disponibilidade de escutar e de aconselhar.

O cotidiano dos pais modernos contribui para a aproximação avós e netos. Pedrosa descreve que, enquanto os pais trabalham, são os avós que assumem a cumplicidade da parceria nos passeios, brincadeiras e conversas. “A relação entre avós e netos passa da admiração e observação da ingenuidade da criança, para uma cumplicidade recíproca” (2006, p. 40).

Isso me remete ao trecho de um poema de Rachel de Queiróz, em “A arte de ser avó” em que declara que ser avó é ser confidente das horas de ressentimento, o último recurso dos momentos de opressão, a secreta aliada nas crises de rebeldia.

Nesse sentido, Bronfenbrenner (2004) corrobora que duas condições ambientais e sociais são cruciais para o desenvolvimento do ser humano desde sua infância precoce: primeiro, a criança necessita do envolvimento duradouro de um ou mais adultos no cuidado, e segundo, ele estar em atividade conjunta com ela.

A observação a seguir se refere à Caixa Lúdica, atividade realizada entre avós e netos.

#### 4.5 CAIXA LÚDICA

Para melhor verificar a forma como ambos interagem e detectar o tipo de vínculo que predomina nesta relação encontramos na Caixa Lúdica um recurso que permite reproduzir acontecimentos do cotidiano na hora do jogo. O clima lúdico proporciona a descontração, favorecendo a expressão genuína dos participantes, bem como promove a escuta aberta, a observação da interação e o tipo de vínculo entre avós e netos no momento das brincadeiras.

Quadro 6 – Atividade Lúdica – Salvador, Bahia, 2015

TIPO DE CUIDADO	CLASSE SOCIAL	NETO(A)/ GÊNERO	IDADE	FORMA DE INTERAÇÃO	TIPO DE VÍNCULO
Integral	média	I (1) menina	7 anos	Nenhuma	Distante
	baixa	I (2) menino,	9 anos	Quebra-cabeça	Próximo
Sistemático	média	S (1), menino	9 anos	Jogo do Uno	Próximo
	baixa	S (2) menina	6 anos	Jogo de Dominó	Próximo
Esporádico	média	S (2) menino	9 anos	Jogo de dama	Próximo
	baixa	M, menino	6 anos	Nenhuma	Distante

Fonte: Elaboração própria

Percebeu-se que os resultados da forma como ambos interagem e o tipo de vínculo que predomina na relação difere por classe social. Na classe social média, a forma de interação se dá através de jogos educativos e de tabuleiro, enquanto que, na classe baixa, somente com jogos educativos. Quanto ao tipo de vínculo, aparece em ambas as classes. (Quadro 6).

**Avó e Neta I(1)** – Percebeu-se que a neta retirou os jogos da caixa a fim de explorá-los. A avó não retirou nenhum jogo, ficou observando. A menina não organizou nenhuma jogada. A avó auxiliou a neta a guardar os jogos na caixa.

*Comentário:* Demonstrou-se inabilidade de interação com jogos educativos. A relação se manifesta por trocas espontâneas de abraços e beijos.

**Avó e Neto I(2)** – Verificou-se que o neto retirou um quebra-cabeça para montar, a avó ficou observando e passou a alcançar as demais peças para a realização da atividade. Após a conclusão, o neto desfez as peças e guardou, sem apoio da avó, na caixa.



*Comentário:* Evidenciou-se envolvimento de companheirismo e apoio com o jogo de quebra-cabeça.

Constatou-se que o vínculo que os netos integrais estabelecem com as avós é próximo, porém, a forma de interação é diferente por classe social: na classe média, se dá por meio de jogos eletrônicos e, na classe baixa, por meio de jogos tradicionais. Esta observação confirmou o que foi dito anteriormente, na Roda de Conversa, no Álbum de Imagem e no Jogo Compartilhado para a menina (I1) que ambas jogam cada uma no seu computador. Quanto ao neto I(2), de classe baixa, atestou o que foi mencionado na investigação: que ambos se auxiliam mutuamente na coleção do álbum de figurinhas.

**Avó e Neto S(1)** – O neto retirou o jogo uno e convidou a avó para jogar. Ambos demonstraram domínio das regras. O neto venceu o jogo; a avó pediu que guardasse as cartas na caixa.

*Comentário:* O relacionamento é fundamentado no jogo, no controle e organização. No jogo, porque há conhecimento do mesmo e da regra; no controle, pela supervisão da avó em dar ordem para o neto guardar o jogo no lugar, a fim de manter tudo em ordem.

**Avó e Neta S(2)** – A neta retirou da caixa o dominó e a avó a convidou para jogar. A avó explicou as regras e percebi que a menina desconhecia o jogo. Ao término, a avó orientou a neta para que guardasse na caixinha e colocasse dentro da caixa dos jogos.

*Comentário:* Notou-se que não há envolvimento com jogos educativos. A neta desconhecia, a avó tomou a iniciativa de convidá-la para brincar e explicar o jogo. No relacionamento, também, predomina o controle e a organização.

Notou-se que o vínculo que os netos sistemáticos estabelecem com as avós é próximo, que a interação na classe média ocorre por meio de jogos educativos e na classe baixa por meio de brinquedos e brincadeiras. Essa verificação testificou o que foi descrito anteriormente pelo neto (S1), que costuma brincar com joguinhos com sua avó, enquanto que a neta S(2) brinca de boneca e de esconde-esconde.

**Avó e Neta E(1)** – A neta abriu a caixa e retirou o jogo de dama. Organizou as peças de ambas no tabuleiro e começaram a jogar. As duas demonstraram domínio, a neta ganhou e, ao término, guardou o jogo sem intervenção da avó.

*Comentário:* Evidenciaram vivência com o jogo de dama.

**Avó e Neto E(2)** – O neto retirou o jogo de memória e a avó, o dominó. O neto esparramou as cartinhas de memória na mesa, mas não soube organizar uma jogada; a avó da mesma forma. Ambos guardaram os jogos e o neto retirou uma folha para desenhar.

*Comentário:* Manifestaram hábito de interação com jogos.

Percebeu-se que o vínculo que os netos esporádicos estabelecem com as avós é próximo, porém a forma de interação é diferente: na classe média se dá por meio de jogos tradicionais e na classe baixa por meio de atividades livres. Esta ação foi confirmada pela neta E(1), que ambas brincavam com jogos de tabuleiros, enquanto, para o neto E(2) o tipo de brincadeiras é ao ar livre e jogos eletrônicos.

Portanto, o tipo de vínculo não parece determinado pela classe social, mas por outros elementos como jogos, brinquedos e brincadeiras.

Como nos diz Fortuna, a palavra brincar resulta das diversas formas que assumiu a palavra *vinculum* na sua etimologia, “[...] tanto o jogo quanto a brincadeira contém a ideia de laço, relação, vínculo, pondo os indivíduos em relação consigo mesmos, com os outros, com o mundo” (2004, p. 49). Esse outro, muitas vezes, é o avô ou a avó que está envolvido/a com seus netos. Além do mais, devemos considerar o jogo como um importante aliado do ensino e promotor do desenvolvimento físico e intelectual.

Contudo, a família pode explorar as vantagens do jogo enquanto contributo para a educação moral e social da criança (CAETANO, 2004). Neste sentido, Ramos (2011) apresenta dados de uma pesquisa italiana *La vita quotidiana di bambini e ragazzi* que mostra que o número de crianças que brinca com seus avós aumentou nos últimos anos.

Durante os dias úteis, 20,6% das crianças italianas com idade entre três e dez anos brinca com o avô e 25,4% com a avó, o que também é um dado relevante nesta pesquisa, uma vez que grande parte dos exemplos dados pelas crianças recai sobre eles (RAMOS, 2011, p. 362).

Além do mais, as crianças se sentem felizes quando os idosos brincam com elas ou gastam horas lhes dando total atenção (OLIVEIRA, 2009 a ou b?).

O fato de a família não ter o hábito de compartilhar jogos educativos ficou claro logo de início; porém, ao término, pôde-se detectar que o vínculo que

predomina nesta relação é próximo pelo fato de todos interagirem no mesmo jogo, espontaneamente, e se mostrarem satisfeitos.

O vínculo próximo é estabelecido entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende, como resultado de uma boa relação entre ambos. O contrário é o vínculo distante, aquele em que as relações do sujeito estão restritas, impossibilitando ressignificações (PICHON RIVIÈRE, 2007).

No entanto, para que haja bom vínculo relacional, Visca (2008) assevera que é necessário que exista laço de afinidade de forma que a relação seja próxima, espontânea e verdadeira.

Na abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a família é vista como o coração do sistema social. Ela provê as condições desenvolvimentais mais importantes: o amor e o cuidado que a criança necessita para florescer o seu potencial. Ele é a favor da criação de políticas familiares que estimulem a criação dos vínculos.

#### 4.6 RETOMANDO OS SEIS CASOS: RELAÇÃO ENTRE NETOS E AVÓS

##### 4.6.1 Avó e Neta: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica média

**Neta I (1)** – Tem 7 anos, é estudante do 2º Ano do Ensino Fundamental, filha única de mãe solteira empregada doméstica, não conheceu o genitor e foi entregue desde que nasceu aos cuidados dos patrões que decidiram criá-la. A guarda da criança permanece com a mãe, que a visita esporadicamente e não trabalha mais na residência. A criança não conhece o pai nem os avós biológicos.

**Avó socioafetiva** – 64 anos, casada, aposentada, classe socioeconômica média, reside com o marido e a neta em casa própria.

Para a neta, a avó é uma segunda mãe; declara: “*Ela cuida de mim*”. Têm uma relação próxima que não se estabelece por brincadeiras, mas por meio de jogos eletrônicos. O convívio é marcado por episódios de troca de beijos e abraços entre ambas. A interação com o avô é formal e se manifesta pelo companheirismo de assistirem televisão juntos.

Constatou-se que a relação entre ambas é próxima e se manifestou no episódio observado por meio de comportamentos espontâneos de troca de abraços e beijos no momento em que estavam juntas.

#### **4.6.2 Avó e Neto: Tipo de cuidado integral e classe socioeconômica baixa**

**Neto I (2)** – Tem 9 anos, é estudante do 5º Ano do Ensino Fundamental, filho de mãe solteira e reside em companhia da genitora e da avó materna. Era pequeno quando o avô materno faleceu. Não conhece os avós paternos.

**Avó materna** – 72 anos, viúva, possui ensino fundamental incompleto, a renda familiar é de 2 salários mínimos, reside em casa própria em companhia da filha solteira e do neto.

Para o neto, a avó é cuidadora. Têm uma relação próxima que se estabelece pela reciprocidade do cuidado. Segundo ele: *“Ela cuida de mim e eu cuido dela”*.

#### **4.6.3 Avó e Neto: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica média**

**Neto S (1)** – 8 anos, estudante do 3º ano do Ensino Fundamental, filho de pais casados, tem dois irmãos, reside com a família. O contato com a avó é aos finais de semana; com o avô materno e os avós paternos não é frequente.

**Avó materna** – 61 anos, divorciada, possui curso superior completo, gerente aposentada, renda familiar 10 salários mínimos, reside em apartamento próprio, sozinha. A dedicação ao cuidado ocorre aos sábados. Paga curso de inglês para o neto.

Segundo o neto, a avó é companheira de brincadeiras e passeios. A convivência com a avó envolve compromisso de levá-lo a cursos e de lazer, como passeios culturais e brincadeiras tradicionais. O avô tem uma relação distante, porém, tem uma boa impressão dos avós ao afirmar: *“Meus avós são pessoas amigas que me ajudam quando preciso”*.

#### **4.6.4 Avó e Neta: Tipo de cuidado sistemático e classe socioeconômica baixa**

**Neta S (2)** –6 anos, estudante do 1º Ano do Ensino Fundamental, filha única de pais casados, reside durante a semana com os avós maternos e, aos sábados e domingos, com os pais. Não tem avós paternos.

**Avó materna** –67 anos, casada, dona de casa, avó materna, possui ensino fundamental completo, renda familiar de dois salários mínimos. Reside em casa própria em companhia do marido e da neta que passa a semana em companhia dos avós por motivo de estudo e trabalho dos pais, funcionários em um resort na Costa do Sauípe, que retornam para casa somente aos finais de semana, levando a filha para casa.

Para a neta, a avó é companheira, como menciona: “*Ela me faz companhia para os meus pais trabalharem*”. A relação que se estabelece é por meio de brincadeiras tradicionais e com o avô, como companheiro de televisão.

#### **4.6.5 Avó e Neta: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica média**

**Neta E (1)** –Tem 9 anos, estudante do 5º Ano do Ensino Fundamental, filha única de pais casados, reside com os genitores. Convive esporadicamente com a avó paterna que mora próximo à sua escola.

**Avó paterna** –72, viúva, possui segundo grau completo, aposentada e pensionista, renda familiar 10 salários mínimos, reside em apartamento próprio. Fica com a neta somente quando solicitada pelo filho ou nora.

Para a neta, a avó é divertida e atenciosa: “*Brinca comigo e está sempre me perguntando se quero comer*”. A relação se estabelece por meio de jogos de tabuleiro e de cuidados alimentares.

#### **4.6.6 Avó e Neto: Tipo de cuidado esporádico e classe socioeconômica baixa**

**Neto E (2)** –Tem 6 anos, estudante do 1º Ano do Ensino Fundamental, filho único de pais casados, reside com os genitores. Convive eventualmente com os avós maternos.

**Avó materna** –61 anos, casada, possui o 3º Grau completo, é Assistente Social, renda familiar de 4 salários mínimos, reside com o marido em apartamento próprio. Assume o cuidado quando a filha solicita.

Para o neto, os avós são divertidos e ele justifica: “*Meu avô joga totó no play e minha avó brinca na piscina comigo*”. A relação que se estabelece é por meio de atividades lúdicas por parte do casal.

## CAPÍTULO 5

---

### DISCUSSÃO

O estudo descritivo que compõe esta tese trouxe, no conjunto de seus dados, subsídios que valorizam a compreensão da relação avós–netos pautados nas palavras das crianças. A Teoria dos Sistemas Ecológicos, com a concepção de ser humano interligado à Pessoa, ao Processo, ao Contexto e ao Tempo – PPCT, e a busca constante de novas e desafiadoras questões de pesquisa e intervenção, possibilitaram o exercício de diferentes estratégias, dentre elas o estudo das relações intergeracionais entre avós e netos, a criação dos instrumentos de pesquisa, a busca de procedimentos adaptados de coleta e análise dos dados colhidos e a compreensão ecológica da realidade acessada na pesquisa.

Neste capítulo de discussão, serão retomados os resultados obtidos de uma forma integrada com a teoria de base da tese, valorizando-se o espaço de explicação, crítica, reflexão e propostas de transformação do desenvolvimento humano presentes na Teoria dos Sistemas Ecológicos. As categorias utilizadas para compor a observação são: 1) cuidar e a pessoa– com o propósito de conhecer como as relações entre avós e netos têm conformações diversas a partir de diferenças associadas a gênero; 2) cuidar e o contexto–que mostra o local de interação e atividades lúdicas que ocorrem entre a díade; 3) cuidar e o processo–que aborda o significado da convivência entre avós e netos; 4) cuidar e o tempo– com a intenção de investigar a rotina dessas crianças, utilizamos falas e acontecimentos que apareceram na investigação, buscando problematizar as questões de gênero dos avós, interação, convivência e o cotidiano dos netos.

## 5.1 CUIDAR E A PESSOA: GÊNERO DOS AVÓS

A expressão “gênero” se refere à construção social dos sexos (GOELLNER, 2013). Nascemos todos iguais, seres humanos, machos e fêmeas, e vamos sendo produzidos e nos produzimos de diferentes modos, pelas roupas, cores e brinquedos, que vão determinando, no contexto social, a qual gênero pertencemos. Segundo Goellner:

O gênero é observado como algo que integra a identidade do sujeito, que faz parte da pessoa e a constitui. Nesse sentido, masculinidade e feminilidade definem-se reciprocamente, visto não existir nenhuma essência a priori determinada para uma e outra identidade. Essas identidades ao contrário são produzidas na cultura, não havendo uma fixidez na sua reprodução. (2013, p. 30).

Assim sendo, as diferenças entre homens e mulheres se constroem ao longo da vida e por meio de inúmeras práticas sociais (BURCKARDT; SCHWENGBER, 2014).

Nesse sentido, a dimensão Pessoa, que ressalta as características do indivíduo em dado momento de sua vida, é uma função conjunta das características individuais e do ambiente ao longo do curso de sua vida (BRONFENBRENNER, 1989, p. 90). Há três núcleos básicos: demanda, recurso e força.

No núcleo demanda, apresentamos as diferenças e semelhanças de gênero. No núcleo recursos, os modos de contato das linhagens. E, por fim, no núcleo força, evidenciamos as preferências dos gêneros na escolha das crianças.

Os dados sociodemográficos da população estudada indicam características pessoais: dentre as crianças, três eram do sexo feminino e outras três do masculino; a idade média era 7,5 anos de idade, todos estudantes do Ensino Fundamental da mesma escola, oriundos de classe socioeconômica média e baixa.

Das características pessoais, dentre as avós, seis eram do sexo feminino, sendo quatro da linhagem materna, uma paterna e uma socioafetiva; a média das idades era 64,5 anos; quanto à situação conjugal, três casadas, duas viúvas e uma divorciada; quanto à escolaridade, duas possuem ensino superior, três o ensino médio e uma o ensino fundamental; em relação à profissão, três eram aposentadas, uma pensionista, uma autônoma e uma funcionária pública; já a classe social, três eram de classe socioeconômica média e três de classe socioeconômica baixa.



Nas relações entre avós e netos, o gênero aparece como uma variável importante que dá compreensão ao convívio intergeracional. Ele se manifesta nas diferenças e semelhanças entre avós e avôs, no modo de contato das linhagens maternas e paternas, na preferência do gênero e na percepção dos netos. Os relatos das crianças são testemunhos de suas próprias escolhas, como nos lembra Scherer (2009, p. 7) que ressalta que as falas das crianças, suas brincadeiras, desenhos e, muitas vezes, até mesmo seu silêncio nos revelam muito de suas percepções em relação ao mundo que as cerca.

### **5.1.1 As diferenças e semelhanças de gênero: avós-mulheres e avôs-homens**

#### *5.1.1.1 Avós–mulheres*

Para as crianças, as diferenças são dadas pela divisão do trabalho: “*Avó faz comida e o avô me leva na escola*” (neta integral); “*Avó ensina o dever e o avô leva a passear*” (neta sistemática); “*Minha avó brinca comigo no computador e o meu avô joga totó no play*” (neto esporádico).

As crianças observam que o espaço doméstico interno é muito mais domínio da avó; contudo, quando os avôs ficam em casa, a imagem que os netos têm é a de um homem que “*fica sentado, só assistindo televisão*” (neta integral). Para a neta sistemática, os homens “*ficam em casa, lendo jornal, porque a mulher fica fazendo as tarefas de casa*”. A avó esteja ela trabalhando ou aposentada, continua bastante ativa no espaço doméstico, dando continuidade às tarefas que, muitas vezes, ela desempenhou ao longo de toda a sua história de esposa e de mãe. “*Eu também vejo isso*” – conta o neto esporádico – “*porque o meu avô ajuda, ele faz as compras no mercado, enquanto a minha avó faz o almoço*”.

Segundo Saraceno e Naldini (2001), o casamento não dá origem apenas a uma vida a dois, mas, também, à divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores e dos destinos pessoais de homens e mulheres.

Ainda que alguns poucos avôs ajudem nas tarefas da casa, como o avô do neto esporádico, as horas destinadas ao trabalho doméstico diferem entre os sexos, o que é comprovado pelos dados do IBGE (2012): enquanto a média

brasileira, em 2011, era de 39,2 horas, contra 43,4 dos homens, ela era de apenas 4,2 de diferença entre homens e mulheres.

As mulheres sempre estiveram mais envolvidas com o cuidado da casa e dos filhos. Muitas dessas avós provavelmente foram socializadas em um sistema voltado à forte divisão de tarefas por gênero, como bem observa a neta integral: “*a minha avó cuida bem mais do que o meu avô*”. As avós da linha materna têm geralmente maior envolvimento com os netos, embora importe a idade da avó, a sua saúde e a proximidade geográfica (HARPER, 2006; SILVA, 2010).

#### 5.1.1.2 Avôs-homens

O lugar do avô se constitui a partir dos contextos socioculturais, como acontece na convivência, ainda que esta não seja uma constante no cotidiano. “Os seus relatos transmitem um patrimônio que se deixa para aquele que escuta: o neto. Numa relação na qual o passado tem valor, recobra significado no presente que se constrói” (PEDROSA, 2006, p. 42).

Atualmente, é fácil encontrar a convivência de até quatro gerações, concomitantemente. Nos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, as configurações familiares mudaram radicalmente nas últimas décadas (MOTTA, 2004). Desta maneira, aumenta o número de avôs/avós e o número de anos que uma pessoa vai viver como avô/avó. É habitual, nos dias de hoje, compartilhar a vida adulta dos netos, criando novas modalidades vinculares de solidariedade mútua, nas quais, frequentemente, estes se transformam em seus cuidadores e/ou exercem uma função mediadora quando existem conflitos com a geração do meio (GOLDFARB; LOPES, 2006).

Nas interações cotidianas, as crianças fazem muito menos referência aos seus avôs do que às suas avós, sendo possível constatar que os homens são menos envolvidos no cuidado intergeracional mencionado na fala dos netos, ainda que muitos tenham o compromisso de levá-los e buscá-los na escola: “*O meu avô é quem me leva e me busca na escola*” (neta integral). Contudo, costumam desempenhar tarefas mais auxiliares e paralelas, ajudando seus netos fora do espaço doméstico ou na fronteira entre o público e o privado.

Porém, quando estão dentro de casa costumam ser companheiros de TV e jogos, como declara a neta sistemática: “*Assisto TV com meu avô e depois*

*jogamos cartas*”; “Quando a minha avó não tá para me ensinar o dever, peço ao meu avô” (neta integral). As diferenças de gênero no envolvimento com as crianças são facilmente percebidas por elas:

**Neta integral** (sobre os avós socioafetivos) – “Os meus avós são muito bons, mas tem uma diferença... eu vou explicar, quem cuida de mim é a minha avó e o meu avô fica na frente da TV, ela conversa mais comigo, se preocupa mais...”.

**Neta sistemática** (sobre os avós maternos) – “O meu avô é diferente da minha avó, ele é mais engraçado, gosta de fazer campeonato, no play, de quem faz mais gol; a minha avó gosta de conversar, saber como foi o meu dia, o que quero fazer, o que quero comer...”.

Quando os avôs têm uma postura mais engajada com seus netos, esta normalmente não acontece no cuidado instrumental, como as avós, mas nas brincadeiras que eles proporcionam aos pequenos, quase sempre divertidas e agitadas, que fazem com que as crianças os caracterizem como engraçados e brincalhões (HARPER, 2006; RAMOS, 2011).

Como podemos observar, os avôs parecem ter uma imagem bastante ambivalente. Por um lado, os relacionamentos com os netos tendem a ser menos calorosos do que aqueles construídos com as avós, o que evidencia um envolvimento menor dos homens nesta relação. Por outro lado, encontramos em alguns avôs – sistemáticos e esporádicos –, momentos de ludicidade que os colocam em lugar de destaque frente àqueles vividos na companhia das avós.

Apesar de não haver diferenças significativas entre os dois sexos no que diz respeito ao desejo de convívio com as famílias, diferenças surgem quando as mulheres se destacam no exercício de trabalhos internos, atividades sociais e religiosas. Os homens se sobressaem em prestações de serviço externo e práticas esportivas. As diferenças entre os dois sexos evidenciam as características tradicionalmente mais altruístas por parte das mulheres e a sua dedicação voltada ao cuidado (PIRES, 2010).

Mas as diferenças de gênero não se encerram nos estilos ou nos modos de interação assumidos pelos avôs e pelas avós. A linhagem também é um recorte de gênero importante, que influencia no modo e na intensidade do contato estabelecido entre eles e seus netos.

Pesquisas mostram que, nas sociedades ocidentais, os laços com o lado materno tendem a ser mais fortes do que aqueles com o lado paterno, em virtude da

centralidade das mulheres nas relações familiares, da solidariedade feminina e da matrilinearidade (MOTTA, 2004; ATTIAS-DONFUT, 2004; HARPER, 2006; KIPPER; LOPES, 2006; MANN; KHAN; LEESON, 2009; MARCONDES, 2010; RAMOS, 2011).

### **5.1.2 Modo de contato das linhagens: solidariedade feminina e matrilinearidade**

#### *5.1.2.1 Solidariedade feminina*

Por meio do suporte emocional oferecido, o neto de tempo integral declara: *“Ela cuida de mim para a minha mãe trabalhar e estudar”*. Assim, as avós permitem que a segunda geração continue trabalhando e estudando.

Essa solidariedade também ocorre entre noras e sogras. Segundo Ramos (2011), quando as relações entre noras e sogras são boas, isto garante que o contato com a linha paterna não se perca, como explica a neta esporádica: *“Às vezes a minha mãe liga prá minha avó que é mãe do meu pai e pergunta se eu posso ir prá lá, aí eu vou”*. Por outro lado, a outra neta de tempo integral associa o cuidado à figura materna: *“Ela é uma segunda mãe”*.

#### *5.1.2.2 Matrilinearidade*

A literatura aponta que grande parte dos cuidadores pertence à linhagem matrilinear (KIPPER; LOPES, 2006; RABINOVICH; AZEVEDO, 2012) e que a intensa convivência assim como o cuidado que elas direcionam aos netos são vistos por eles como fatores importantes, o que faz com que as crianças muitas vezes as identifiquem como uma “segunda mãe”, como comentado por alguns/algumas netas: *“Ela me ajuda nas tarefas escolares quando não sei”* (neta integral); *“Ela faz comidinha gostosa, lê histórias para mim quando eu vou em sua casa”* (neto sistemático); *“Me dá remédio na hora certa”* (neto esporádico).

A ênfase nas avós maternas tem perpetuado a matrilinearidade dos estudos sobre avós, apoiando a ideia de que a continuidade familiar tem mais probabilidades de persistir através das mulheres e que as mulheres, independentemente da idade, têm mais probabilidades de conservar laços mais estreitos com filho(a)s e neto(a)s (HARPER, 2006).

Em relação ao papel feminino, Attias-Donfut (2004) informa que o cuidado é uma função tradicionalmente exercida pelas mulheres. O surgimento da sociedade multigeracional ampliou este papel com o aparecimento de uma geração de mulheres, que a autora designou como “pivô”, pois ajuda, ao mesmo tempo, os pais idosos, os filhos e os netos. A autora denomina como uma rede de ajuda mútua que se estrutura nas relações multigeracionais femininas, pois as mulheres da família se ajudam mutuamente e assim perfazem um ciclo de reciprocidades.

As mulheres tomam conta de seus filhos, depois dos netos, ao mesmo tempo em que se ocupam dos seus pais e, quando ficam mais velhas, recebem o apoio de seus filhos, principalmente, das filhas e noras em um ciclo de reciprocidade diretas (por parte dos filhos pela ajuda que eles mesmos receberam), mas, também, indiretas (pela ajuda que deram aos seus próprios pais). (ATTIAS-DONFUT, 2004, p. 102).

É importante ressaltar, neste estudo, que, da linhagem materna e paterna, a figura mais presente na vida das crianças são as avós e os avôs maternos, coabitando ou não, enquanto a avó paterna foi citada mais do que os avôs paternos, como no estudo de Rabinovich e Azevedo (2012). Como bem destaca Britto da Motta, “[...] as mulheres ‘tecem’ ou intermediam as relações domésticas e de família, mantendo tradicionalmente unidas duas ou três gerações” (2004, p. 6). Por isto, salvo algumas situações de conflito ou de impossibilidades, as jovens mães costumam buscar mais apoio de suas próprias mães do que de suas sogras no cuidado das crianças, intensificando o contato com a linhagem materna. Também, a avó materna é considerada mais influente do que os avós paternos, em termos de proximidade, estreitamento de laços e em proporcionar uma sensação de segurança (HARPER, 2006; MANN; KHAN; LEESON, 2009).

Segundo Marcondes (2010), duas possíveis causas para a matrilinearidade são: a ausência do homem ou a maior confiança da mãe em sua própria genitora como cuidadora secundária pois, historicamente, no Brasil, há muitas mulheres sem companheiros fixos. Como aponta o autor:

[...] intensos fluxos migratórios, uma alta mortalidade masculina e outros aspectos da vida social relacionados aos contextos socioeconômicos e culturais historicamente tornaram os arranjos monoparentais femininos algo há muito presente na realidade das famílias nordestinas, destacadamente nos segmentos sociais mais pobres (MARCONDES, 2010, p. 6).

Na pesquisa, foi possível constatar a ausência dos avôs na convivência com os netos por motivo de falecimento e/ou separação conjugal, visto que o índice de divórcios não é alto apenas entre a população mais jovem. Ele também tem aumentado no grupo com mais de 60 anos que, devido à maior longevidade e às mudanças no estilo de vida, tem optado por redefinir seus relacionamentos conjugais e sua satisfação pessoal mesmo em uma idade mais avançada (RAMOS, 2011). Segundo dados do IBGE (2010), entre 2003 e 2006, o número de pedidos de divórcio nesta faixa etária aumentou em 27,8%, quando feitos pelos homens e 29,3% quando feitos pelas mulheres.

Nesta pesquisa, um dos netos possuía avós maternos divorciados e enquanto ele tem um relacionamento próximo e intenso com a sua avó, o contato com o avô materno é distante e quase inexistente, ocorrendo apenas por telefone: “*Meu avô não mora com a minha avó; de vez em quando ele fala comigo por telefone*” (neto integral). Contudo, a qualidade da relação também tende a se modificar, principalmente quando ela vem acompanhada da desaprovação dos filhos (ATTIAS-DONFUT, 2004).

### 5.1.2.3 Preferência dos gêneros

Em relação à preferência, a literatura aponta que a eleição afetiva dos avós em relação aos netos e dos netos em relação aos avós, acontece, principalmente, na infância, momento em que há uma redefinição dos papéis familiares em virtude do nascimento do novo descendente e quando estas duas gerações tendem a conviver por mais tempo, principalmente nas situações de cuidado e guarda dos netos (RAMOS, 2011).

Quando os elos são fortes, os avós tendem a ocupar “*um bom espaço no coração*” (neta integral) das crianças e elas mostram que esta afeição tem amor suficiente para durar a vida inteira, estendendo-se durante a adolescência e a fase adulta. O neto integral, por exemplo, diz assim: “*Eu gosto tanto da minha avó que se a minha mãe morrer eu sei que ela cuidaria bem de mim*”. Isso mostra a singularidade e a importância que certos avós ocupam na vida de seus netos.

Contudo, a predileção não acontece espontaneamente, sendo atravessada por diferentes fatores que influenciam essa relação, tais como: a assiduidade do contato, a frequência com que os avós cuidam de seus netos, as

afinidades entre eles, as brincadeiras, as condições de saúde dos avós e a própria troca de presentes e serviços que, como destaca Peixoto (2004, p. 100), “traduzem a atenção com o outro e alimentam a afeição”.

Para o neto sistemático, por exemplo, sua avó materna é sua “*avó preferida porque ela é muito legal, divertida, leva a passear no shopping quando [ele vai] na casa dela*”. O mesmo acontece com o neto esporádico, que acha os seus avós muito legais porque “*o meu avô joga totó no play e minha avó brinca na piscina comigo*”. A predileção pela linha materna tende a ser mais intensa do que a convivência com a linhagem paterna tanto nas famílias nucleares, monoparentais quanto nas conviventes.

As motivações que impulsionam as escolhas das crianças podem ser de várias ordens. Em relação aos avôs, sejam eles paternos ou maternos, o critério de escolha normalmente recai sobre a brincadeira e a diversão, aspectos que, como comentei anteriormente, caracterizam o modo como os homens mais engajados vivem este papel. Para as avós, os critérios tendem a ser mais variados, mas o jogo e a ludicidade também são fatores importantes, tendo sido destacados como critério de preferência, principalmente para as avós paternas: “*Quando eu vou na casa da minha avó, ela joga dama, me ensina a bordar, faz coisas diferentes que a outra avó faz comigo que é de me cuidar*”, declara a neta esporádica.

Outro critério que impulsiona as escolhas dos netos é a coabitação. Quando elas moram com os avós, este aspecto é ainda mais visível: “*Eu cuido dela e ela cuida de mim*” (neto integral). Da mesma forma, pensa a neta socioafetiva: “*Ela é a minha segunda mãe; ela cuida de mim*”. Assim, morar junto parece ser, de fato, um fator determinante quanto à predileção e, novamente, a avó materna foi a mais lembrada (mesmo quando o avô também morava junto), mostrando que a convivência é um critério importante nos elos de afeição, pois possibilita o cuidado, a ajuda e a reciprocidade.

As avós cuidadoras também costumam ser emocionalmente mais próximas de seus netos. Um contato mais assíduo possibilita a criação de vínculos mais fortes, que são permanentemente reforçados pelo cotidiano (HARPER, 2006; CUNHA; MATOS, 2010).

As relações intergeracionais são, também, influenciadas pela frequência de encontros entre avós e netos. De acordo com Oliveira (2007), quanto mais avós e

netos se encontram, menor o impacto das relações dos avós com seus filhos sobre as relações avós-netos.

É claro que uma convivência mais intensa também pode acontecer quando avós e netos não dividem a mesma casa. Avós que não moram junto mas que são cuidadores integrais, cuidando deles no turno oposto ao da escola, diariamente, que convivem durante algum dia específico da semana ou ajudam quando solicitados pelos filhos a assumirem o cuidado, também ocupam um lugar especial na vida das crianças, principalmente as avós maternas, que contribuem para a eleição de suas predileções, como declara o neto esporádico: *“Nunca sei o dia em que vou para a casa dos meus avós; gosto de ir prá lá porque tenho liberdade... mais tempo de ficar no computador”*.

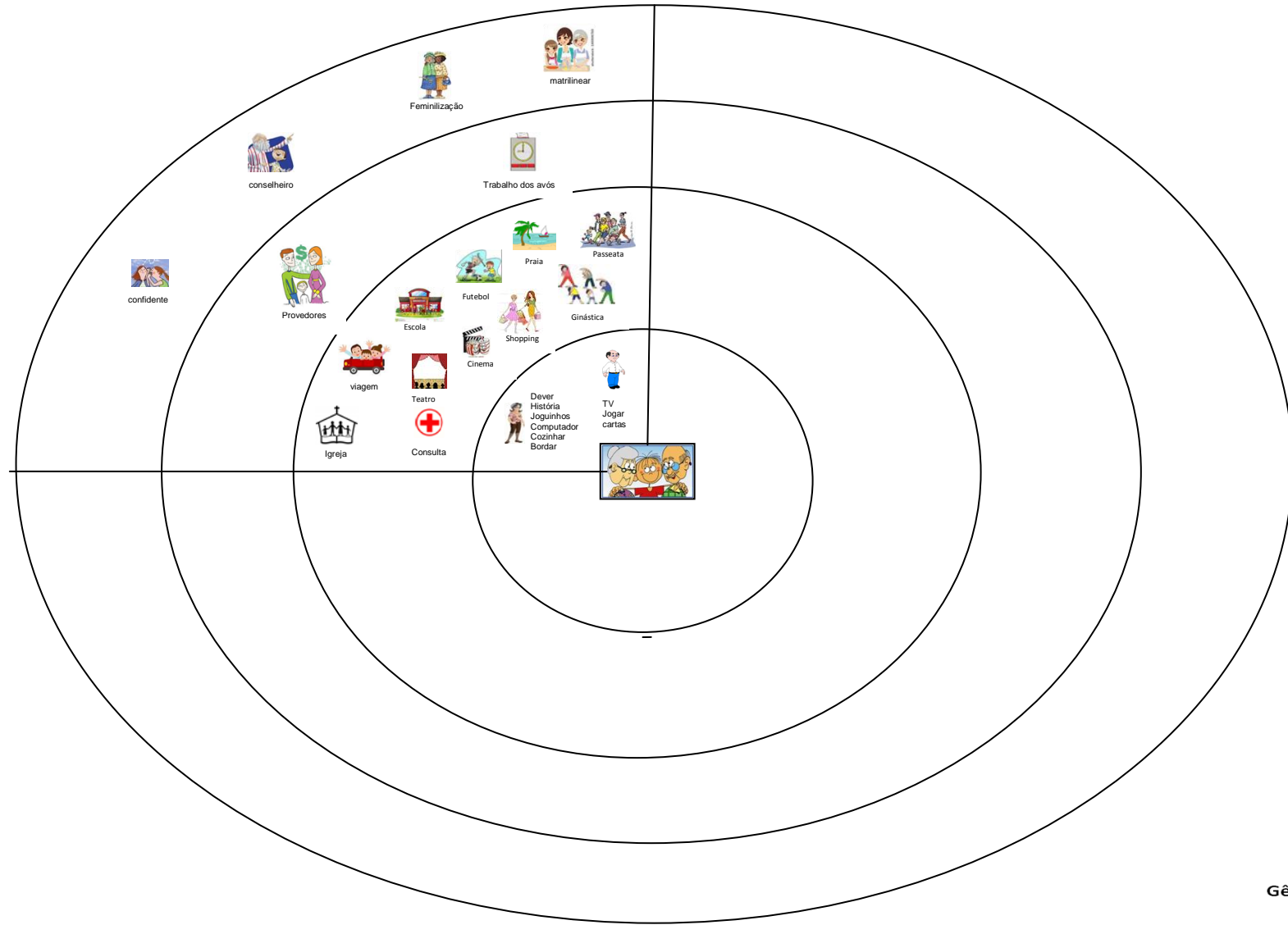
Attias-Donfut, Lapierre e Segalen (2002) declaram que existem componentes que também são da ordem do afetivo, o que faz com que os aspectos psicológicos dos comportamentos não possam ser negligenciados na análise dessas relações. Por isto, nem sempre a motivação da preferência se dá pela proximidade de residência, às vezes pode vir de longe.

Esses são aspectos relevantes tanto para os meninos quanto para as meninas, não havendo grandes diferenças de gênero quanto às expectativas e experiências intergeracionais das crianças entrevistadas.

Segue abaixo a ilustração do esquema do Cuidar na dimensão Pessoa narrado pelos netos.



Figura 1 – Esquema do Cuidar/Pessoa



## 5.2 CUIDAR E O CONTEXTO: LOCAL DE INTERAÇÃO E ATIVIDADES LÚDICAS

Na dimensão do contexto, a abordagem bioecológica se refere ao meio ambiente global em que o indivíduo está inserido e onde se desenrolam os processos desenvolvimentais e, neste sentido, segundo Bronfenbrenner (2002), seria quando a criança sai de um microsistema conhecido, como a família, para integrar um novo microsistema, a moradia dos avós.

Assim, apresentamos como contexto nesta análise a **residência dos avós** como um local em que ocorrem interações e brincadeiras na visão dos netos.

### 5.2.1 Residência dos avós

A casa dos avós é o ponto de encontro familiar e o espaço mediador do diálogo, este de fundamental importância, pois possibilita a troca educacional entre as gerações (SCHMIDT, 2007).

Declaram os netos: *“Eu gosto de ir na casa dos meus avós, porque é divertido”* (neto sistemático); além do mais, *“tenho liberdade”* (neto esporádico); *“Ela me dá atenção, conversa comigo”* (neta esporádica). O neto esporádico se refere à liberdade que sente em usufruir de um tempo maior para ficar no computador e explica para a pesquisadora que, em casa, o tempo é restrito, enquanto que a neta esporádica declara que a avó tem mais disponibilidade para conversar do que sua mãe.

Seja durante a semana, nos feriados ou nas férias, a casa dos avós representa um “espaço privilegiado para a construção e a vivência das relações de amizade, cumplicidade, afeto e brincadeira”, afirma Lins de Barros (1987, p. 125).

Constata-se, atualmente, que uma parcela expressiva de filhos, netos e bisnetos estão morando junto com seus pais e avós, fenômeno mundial denominado “corresidência”, e que os fatores que têm levado a este tipo de organização familiar são: o prolongamento da permanência dos filhos em casa, devido à necessidade de investimento em sua formação para enfrentar um mercado de trabalho bastante competitivo, a instabilidade deste e a inconsistência das relações afetivas, que ocasiona o retorno dos filhos à família de origem, por ocasião de uma separação (PEIXOTO, 2004; SANTOS, 2005; SANTOS; DIAS, 2008).

Portanto, é relevante discutir a residência dos avós e o contato com os avós maternos e paternos. Mesmo caracterizando-se por uma seleção específica dos participantes, os dados coletados mostram parâmetros descritivos importantes.

Segundo Ramos, o cuidado das crianças normalmente acontece no domicílio dos avós, o que foi confirmado neste estudo: “Lá as crianças entram em contato com novos mobiliários e objetos, conhecem outros cheiros e sabores e exploram tudo aquilo que o seu interior e o seu exterior podem oferecer” (2011, p. 269).

A casa, para a referida autora, é um espaço de encontro: é ali, entre as fotografias, as roupas e os utensílios de uma época que muitas gerações se encontram e as crianças podem conhecer a materialidade da sua história familiar: “*A minha avó me mostra o álbum de fotografia e me conta as histórias da minha mãe*” (neto esporádico).

Em geral, os avós são os transmissores da história familiar, firmando a identidade do grupo (DIAS; SILVA, 1999). Nesse aspecto, Lins de Barros (1987, p. 125) corrobora, ao declarar que, seja durante a semana, nos feriados ou nas férias, a casa dos avós representa um espaço privilegiado para a construção e a vivência das relações de amizade, cumplicidade, afeto e brincadeira. Mas, apesar das crianças se divertirem e gozarem de muitas descobertas e vivências, dormir na casa dos avós não é necessariamente fácil para elas: às vezes, o motivo é o ronco, a distância dos pais ou um espaço delimitado, como comenta o neto sistemático: “*Não tem uma cama só prá mim, por isso não gosto de dormir lá*”. Porém, mesmo quando não há um dormitório na casa dos avós, existe um cantinho preparado, justifica o mesmo neto: “*Quando eu vou para casa de minha avó, ela arruma os meus brinquedos na varanda para brincar*”. Este espaço, nem sempre específico para esse fim, se transforma com a chegada dos netos em um ambiente prazeroso e descontraído para o neto brincar sozinho ou com os avós.

### **5.2.2 Tipos de interações**

No decorrer desta pesquisa, presenciamos diferentes tipos de situações que remetem aos múltiplos cuidados oferecidos pelos avós os quais poderiam ser agrupados seguindo as categorias descritas por Ramos (2011): interações diretas, indiretas e simbólicas.

As interações diretas são aquelas que ocorrem sem o intermédio da geração dos pais. Elas se fazem ver nos momentos que nos mostram os relatos desses meninos: *“Quando eu preciso de ajuda eu peço prá minha avó”* (neto sistemático); *“Se eu preciso de dinheiro para comprar figurinhas e picolé, ela dá”* (neto integral).

Quanto às interações indiretas, estas ocorrem quando os avós ajudam seus filhos a manejar as tarefas da vida cotidiana, resolvendo conflitos e contribuindo financeiramente para a manutenção do lar. É *“quando a minha avó dá dinheiro para mãe pagar a minha escola”* (neto integral), quando o avô ajuda *“a mãe comprar um quarto cor de rosa prá mim”* (neta sistemática). Com esta ajuda, os avós melhoram o bem-estar físico dos netos.

Já as interações simbólicas remetem à disponibilidade afetiva dos avós, aos vínculos geracionais e à própria memória familiar. Elas colocam em relevo os laços de amizade, a confiança e o fato de as crianças saberem que *“têm com quem contar”* nos momentos de crise ou quando ela precisa de ajuda, como nos mostram os seguintes relatos: *“Eu conto segredinhos para minha avó”* (neta sistemática); *“Quando eu fico nervoso conto tudo pra minha avó”* (neto integral). Na ótica de Araújo e Dias (2002), os avós, assim como beneficiam, também são beneficiados pelo contato com os netos.

A literatura aponta que os avós são referidos pelos netos, em sua grande maioria, como as pessoas mais importantes da sua vida e que a relação entre eles é de autoridade, sendo repreendidos e disciplinados quando não obedecem aos avós. Aquilo a que as crianças mais se referem é quanto aos cuidados com a alimentação, vestuário e o prazer que sentem de escutar histórias ou contos (SILVA, 2012). Esses dados corroboram os encontrados na presente pesquisa.

### **5.2.3 Brincadeiras dentro e fora de casa**

Ao serem questionados sobre o que fazem juntos dentro e fora de casa com os avós, os netos de tempo integral responderam que assistem TV, brincam no computador e fazem joguinhos com os avós. Este fato ficou evidente nas seguintes falas dos netos de tempo integral: *“Faço coleção de figurinhas com minha avó”* (neto integral, 9 anos); *“Brincamos no computador, cada uma com seu tablet”* (neta integral, 7 anos); *“Gosto de jogar ludo com a minha avó”* (neto sistemático, 8

anos). Para Bernal e Anuncibay (2008), esses avós são percebidos como companheiros de jogos, que acompanham os netos nas suas brincadeiras (PLANILLO, 2004; SOUSA, 2006; GALLARDO, 2007).

Em relação aos netos cuidados de modo sistemático e esporádico, em sua maioria, estes destacaram que a programação pode diferir, por exemplo, em função da condição atmosférica: “Quando chove, assisto filme com os meus avós e brinco no computador com a minha avó e quando tem sol, brinco de totó com o meu avô no salão de jogos e na piscina com a minha avó” (neto esporádico, 6 anos); “Quando ficamos em casa, jogamos e assistimos TV e quando saímos brincamos no parquinho” (neto sistemático, 8 anos).

Com relação ao brincar, Dominguez, Vitorino e Morgado (2011) classificam esses avós como divertidos, sendo uma relação caracterizada como informal e de satisfação recíproca. No estudo de Ramos (2011), esse tipo de avô é considerado lúdico, pois tem uma relação com seus netos caracterizada pela informalidade e pela ludicidade. Eles rompem com a relação de autoridade entre as gerações e promovem atividades nas quais tanto eles quanto seus netos encontrem prazer e diversão (CARDOSO, 2010; SILVA; MAGALHAES; CAVALCANTE, 2014).

Na concepção de Bronfenbrenner (1979/1996), a interação da pessoa com o ambiente é caracterizada pela reciprocidade. A pessoa em desenvolvimento se molda, muda e recria o meio no qual se encontra. O ambiente também exerce influência no desenvolvimento da pessoa, sendo este um processo de mútua interação.

Os níveis estruturais do mapa ecológico são: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema, e aqui será dada ênfase na análise dos elementos do microsistema.

O microsistema “é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas” (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 18). Trata-se, portanto, de um ambiente ou local onde o indivíduo pode estabelecer interações face a face e que, neste estudo, é a relação entre avós e netos. Em ecologia humana, a díade é considerada uma unidade básica de análise. Bronfenbrenner (1996) considera-a como a estrutura interpessoal mais simples e, conseqüentemente, como o contexto mais imediato do desenvolvimento humano.

No caso dos avós de tempo integral, qual seja, os que se ocupam integralmente dos cuidados dos netos, as crianças brincam principalmente sozinhas. Nesse sentido, os avós integrais interagem prestando atenção ao comportamento dos netos (díade observacional), enquanto que os esporádicos e sistemáticos se envolvem em atividades lúdicas (díade de atividade conjunta), o que pode resultar em aprimoramento do desenvolvimento dos netos, pois, conforme Bronfenbrenner,

Uma díade de atividade conjunta apresenta condições especialmente favoráveis não apenas para a aprendizagem no transcurso de uma atividade comum, mas também para aumentar a motivação na busca e aperfeiçoamento da atividade quando os participantes não mais estão juntos (1996, p. 56).

De fato, uma das mais expressivas contribuições da abordagem ecológica se refere às propriedades atribuídas à díade. Segundo Bronfenbrenner (1979/1996), três características são essenciais para o desenvolvimento de atividade conjunta: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva.

A reciprocidade está relacionada à maneira como os participantes interagem entre si, como um influencia o desenvolvimento do outro, pois, quando um membro de uma díade sofre um processo de desenvolvimento, o outro também o sofrerá.

Em uma relação diádica, um membro pode ser mais influente que o outro, embora a ideia de reciprocidade sugira igualdade de poder. O ideal é que esta maior influência seja alternada entre os participantes da díade, havendo, então, um equilíbrio de poder. No caso dos netos da pesquisa, percebeu-se esta relação mútua, pois recebem ajuda nos deveres da escola assim como ajudam os avós na prestação de serviços, como tirar os pratos, enxugar os pratos, guardar os brinquedos no lugar certo. No momento dos jogos, são os netos que exercem maior influência sobre a situação, passando a ter o domínio.

Vale lembrar que Bronfenbrenner enfatiza que, no caso de uma criança pequena, a participação em uma interação diádica oferece a oportunidade para aprender a lidar com a relação de poder e desenvolver capacidades para o exercício de controle sobre a situação. Nesta pesquisa, todos os netos foram unânimes em declarar que tanto recebem conselhos dos avós quanto os ensinam a lidar com as novas tecnologias, como celular, computador, redes sociais. “Na medida em que ocorrem interações diádicas, desenvolvem-se sentimentos diferenciados e duráveis

entre seus membros” (1996, p. 47). Nesta medida, pode-se pressupor que, destas trocas lúdicas, uma relação de trocas de longo prazo possa estar sendo estabelecida.

Para o referido autor, relações afetivas positivas e genuínas evoluem para um tipo de relação denominada díade primária, que é o tipo mais duradouro de interação. As díades primárias existem para os participantes mesmo que eles não estejam fisicamente juntos. De fato, constatou-se que as crianças pesquisadas possuem bom vínculo relacional com os avós cuidadores.

A convivência, sob a ótica proposta por Bronfenbrenner (1996), pode ser vista como relações microssistêmicas, envolvendo contatos de proximidade (com interações face a face) entre avós e netos, estabelecidos no cotidiano e em seu ambiente imediato: “*Brincamos de totó*” (neto esporádico 6 anos); “*Jogamos ludo*” (neta esporádica, 9 anos).

A convivência também ocorre em mesossistemas, em função da interação existente em outros contextos, como a moradia dos avós e locais onde circulam: “*Vou com minha avó na aula de educação física*” (neta sistemática, 6 anos); “*Vou à igreja com meus avós*” (neta socioafetiva, 7 anos).

É importante mencionar que as mesmas propriedades que definem um mesossistema protetor do desenvolvimento humano – formas de ligação, comunicação e disponibilidade de conhecimento –, acontecem em outras atividades realizadas conjuntamente, ampliando o referencial de experiência dos netos.

Segundo a teoria bioecológica, essas comunicações interambientais podem ocorrer de forma unilateral ou bilateral, dependendo das características e condições dos ambientes em que os comunicantes se encontram. Por exemplo, muitos netos mencionaram que assistem televisão e veem filmes com os avós em espaços internos: “*Brinco no tablet junto com minha avó, cada um no seu*” (neta socioafetiva, 7 anos); “*Assistimos vídeos com a minha avó e avô*” (neto esporádico, 6 anos).

Essas informações transmitidas por via televisiva tendem a ser unilaterais, pois não se caracterizam por reciprocidade e interação pessoal imediata, embora isto possa ocorrer; enquanto que as bilaterais ocorrem com reciprocidade pessoal e verbalmente. Isso acontece em ambientes externos: “*Passeamos e comemos pizza*” (neta esporádica, 9 anos); “*Brinco na piscina com minha avó*” (neto esporádico, 6

anos);“*Jogamos futebol no parquinho*”(neto sistemático, 8 anos); “... *de esconde-esconde no pátio*” (neta sistemática, 6 anos).

Portanto, as concepções fundamentais do modelo ecológico de Bronfenbrenner pressupõem que, além destes indivíduos e seus ambientes estarem em mútua e recíproca interação através dos processos proximais, é preciso atentar para a importância do aprendizado daquilo que o autor chama de “experiência humana” (1979/1996, p. 43), essencial para o desenvolvimento individual e coletivo, com vistas ao aprendizado da convivência, das práticas de cuidados de si, de outrem e dos ambientes, com prioridade para a solidariedade. “*Quando fui hospitalizado, minha avó cuidou de mim e quando adoeceu eu levava suco para ela beber*” (neto integral, 9 anos); “*Ensino meu avô jogar no celular e aprendo obedecer*”(neta integral socioafetiva, 7 anos).

Percebe-se que os avós integrais são acompanhantes e estão mais ocupados com os cuidados da rotina, preferindo atuar em ambientes internos com os netos, enquanto que os sistemáticos e esporádicos planejam e interagem nas atividades lúdicas em espaços externos, como praia, piscina e jogos de salão e futebol nos parquinhos e, especialmente, nos *playgrounds*: “*Meu avô joga totó no salão de jogos*” (neto esporádico, 6 anos).

Esses dados nos remetem ao espaço externo, pois, quando os avós moram em apartamentos, o pátio pode ser bastante restrito, uma vez que nem todos os prédios são dotados de áreas abertas ou de lazer. Todavia, com afirma Ramos (2011), quando os condomínios possuem espaços de brincar, muitas crianças fazem uso destes ambientes para suas brincadeiras.

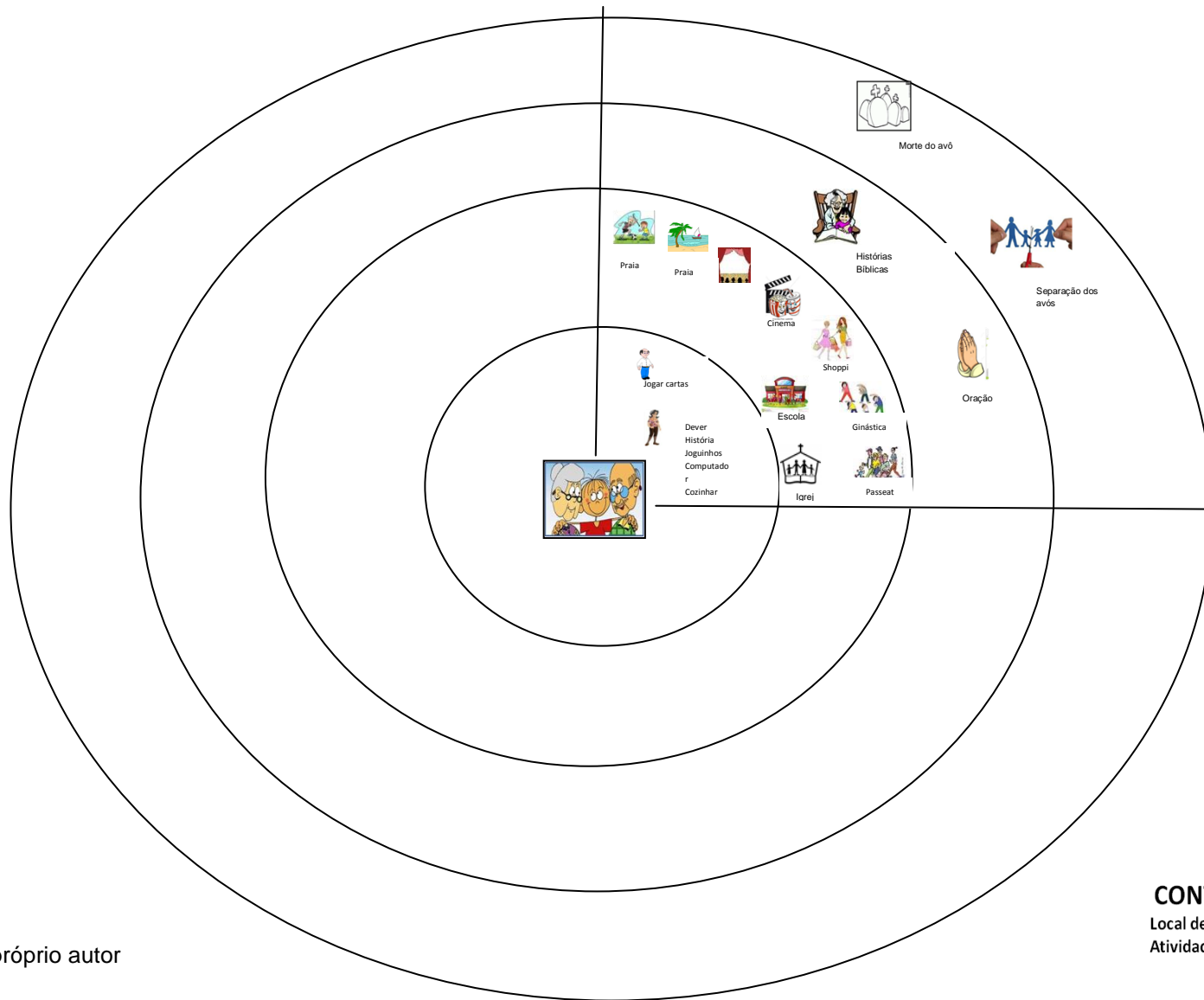
No que concerne às atividades externas, Cotrim e Bichara ressaltam que a prática das brincadeiras tem migrado, desde a década de 1950, dos espaços externos para os espaços internos, de domesticação das crianças. Esta tendência parece ocorrer em diversos países do mundo, o que é sugerido por estudos que identificam o cerceamento da liberdade das crianças durante as brincadeiras e os novos modos de apropriação dos espaços por elas. No Brasil, vários estudos, como os desenvolvidos na cidade de Salvador, comprovam esta mesma tendência. As autoras acrescentam que a violência e a insegurança nas metrópoles emergem como fatores que contribuem decisivamente para o cerceamento da liberdade infantil na atividade do brincar, pois a urbanização das cidades trouxe diversas mudanças como o aumento do número de veículos, o crescimento populacional desenfreado e,



com o aumento da violência, a sensação de insegurança. Se essas transformações afetaram os adultos, também atingiram as crianças que não têm outra opção senão negociar o uso do interior das casas transformando espaços, como corredores e salas, em lugares de brincadeira. Todavia, consideram que há uma tendência crescente na contemporaneidade de desenvolver espaços especialmente estruturados para as crianças, como parques cada vez mais bem equipados e os chamados *playgrounds* ou parquinhos, locais criados especialmente para as brincadeiras com segurança. (2012, p. 389).

A seguir a ilustração do esquema do Cuidar na dimensão Contexto abordado pelos netos.

Figura2 – Esquema do cuidar/Contexto



**CONTEXTO**  
Local de interação  
Atividades lúdicas

Fonte: Acervo do próprio autor

### 5.3 CUIDAR E O PROCESSO: CONVIVÊNCIA COM OS AVÓS

A abordagem bioecológica do desenvolvimento humano se mostra útil para compreender o processo de cuidar, uma vez que parte da premissa de que o desenvolvimento só pode ser entendido se devidamente contextualizado.

Assim, a seguir, tomaremos como alvo de análise a dimensão Processo, representada pela interação recíproca entre díades desenvolvimentais formadas pela pessoa em estudo e seus diferentes objetos de interação, que incluem parceiros, símbolos e objetos (BRONFENBRENNER, 2011). Neste tópico, abordaremos o significado da convivência, motivos dos cuidados e tipos de cuidadores na visão das crianças.

#### 5.3.1 Significado da convivência

A convivência entre as gerações permite revisitar o passado por meio do qual é possível rever o papel que desempenharam como pais e que continuam exercendo como avós. “Passado, presente e futuro se condensam e num misto de alegrias e tristezas por ver, através do tempo, aquilo que realizaram e o que não conseguiram pôr em prática e que foi postergado” (SANTOS, 2005, p. 61).

Segundo Minuzzi, o convívio entre gerações é garantia da manutenção dos saberes tanto do grupo familiar quanto da cultura regional. “A figura dos avós é símbolo da memória, sobre os avós e sobre os netos, aspectos lúdicos e afetivos permeiam as relações” (2007, p. 59). Este convívio permite uma nova maneira de estar e, nesta relação que é recíproca, os avós e os netos trocam experiências de vida e, assim, embora vivam tempos diferentes, ocorre a coeducação entre as gerações (SANTOS, 2005).

A esse respeito Oliveira afirma:

Os avós educam, portanto, os netos e, ao mesmo tempo embora de modo diferentes, são reeducados por essas crianças. Quer dizer, se há uma socialização ela precisaria ser vista não de modo unívoco (dos avós para os netos) e sim mediante relações recíprocas, num movimento que a todo instante constrói ou redefine a feição dos sujeitos, física e simbolicamente (1999, p. 24).

Soam aqui pertinentes as palavras de Bronfenbrenner e Morris (1988) sobre reciprocidade. A análise das relações de reciprocidade entre as pessoas da família e suas crianças deve levar em conta os processos proximais ao considerarem que o desenvolvimento humano ocorre permeado por esses processos progressivos de interação duradoura em seu ambiente e em períodos estendidos de tempo.

Assim, o autor pontua a relação de complementaridade que ocorre entre a díade, através da troca de experiência de vida atemporal, revisitando o passado, vivendo o presente e traçando planos para o futuro (SANTOS, 2005) e, em muitos casos, assumindo a educação e a tutela dos netos na condição de pais substitutos (LOPES; NERI; PARK, 2005; MARANGONI, 2007).

Em nossa pesquisa, os netos entrevistados são crianças que fazem parte de um contexto em que há uma relação próxima com os avós, por motivo de pais substitutos e cuidadores de tempo integral, sistemático e esporádico, que vivenciam o prazer de se sentirem objetos de atenção especial. Os entrevistados disseram que gostam de conviver com os avós: *“É bom, ela é uma segunda mãe; ela cuida de mim”* (neta integral).

Nota-se que a avó pode ser entendida na relação do imaginário de “ser mãe duas vezes”. Schmidt afirma que ela demonstra seu papel, ora exercendo a função materna, ora a função mediadora, no momento em que existem conflitos com a geração do meio. “As avós procuram afirmarem-se como mediadoras nas relações entre os pais e filhos, pois se acreditando mãe dos netos, elas têm o direito de opinar em favor de seus filhos, isto é, de seus netos” (2007, p. 11).

O neto sistemático manifestou em sua fala a retribuição de cuidados: *“É bom, ela cuida de mim e eu cuido dela”*. O neto demonstra carinho e preocupação para com sua avó, uma atitude cuidadosa e zelosa para com os mais velhos.

Na concepção de Boff (1999), a noção do “cuidado” está intrinsecamente relacionada com o amor e a amizade. Para ele, o cuidado somente surge quando uma pessoa tem importância para outra e cuidar de alguém implica zelar, dar atenção, tratar bem e esta atitude de cuidado pode provocar senso de responsabilidade, como declara a neta sistemática: *“Conviver com minha avó é legal, ela me faz companhia para os meus pais trabalharem”*.

Esse parecer consensual nos remete ao parecer de Boff (1999, p. 96) sobre a convivência: “O cuidado pressupõe uma relação e essa não deve ser de domínio sobre o outro, mas de com-vivência”. Talvez seja por isto que a companhia dos avós, pautada no amor e na tolerância seja tão agradável e prazerosa como declararam os netos.

Dias et al. (2010) observam que, de modo geral, o sentimento de lealdade e de gratidão pelo fato de os avós os acolherem nos momentos de dificuldade e a longa convivência com eles levaram os netos a uma boa adaptação a este tipo de configuração familiar. Talvez, por estes motivos, não tenham exteriorizado os conflitos.

Outro aspecto que emerge na fala dos netos, de NSE médio e baixo, é o significado atribuído à convivência com os avós que, como vimos, para netos de tempo integral, são cuidadores, para os sistemáticos, companheiros, e para os esporádicos, divertidos, como declarou o neto: “*Eles são brincalhões*”.

Nesse sentido, Minuzzi declara:

A diferença está nas formas de interação entre avós e netos que antigamente eram mediadas pelo trabalho diário e inseria os netos nas atividades dos avós. Mais recentemente, na memória dos avós sobre os netos, a convivência se dá pelo brinqueado (2007, p. 59).

Pensando na importância destas relações nos momentos de interação promovidos pelas brincadeiras no convívio com os avós, pode-se antecipar que tais atividades contribuem para que as práticas educativas da família resultem em trocas positivas. Essas atribuições nos remetem aos estilos e funções dos avós. Neugarten e Weinstein (1964 citados por DIAS, 1985) destacam que um dos estilos de avós é o que busca prazer, cuja relação com o neto é caracterizada pela informalidade e brincadeira, com o propósito de obter divertimento, como se fosse seu companheiro de folgedos.

Nessa mesma perspectiva, Rico, Serra e Viguer (2001 apud DOMINGUEZ, VITORINO; MORGADO, 2011) acrescentam que uma das funções dos avós é a de ser confidente, companheiro, depositário de segredos, percebidos como os que escutam e melhor entendem os netos que sentem que podem confiar e podem contar com eles para qualquer situação. Dias e Silva (2001) corroboram que os avós são figuras importantes na socialização, transmissão de valores, na esfera

emocional, atitudinal, cognitiva e social, funcionando também como companheiro dos netos e muitos deles adoram seus conselhos e conversas.

Tais constatações foram confirmadas tanto com os netos não-conviventes como com os conviventes: os avós são parceiros e esta relação parece ser construída por uma convivência positiva e constante. Desta forma, o contato diário, semanal ou esporádico é condição para florescer e se cristalizar a reciprocidade entre as gerações (CARDOSO, 2010).

De fato, a convivência entre avós e netos pode ser benéfica para ambos, principalmente porque ambos podem aproveitar uma relação que não é tão complicada por responsabilidades, obrigações e conflitos, como a relação pais e filhos. Sousa ressalta que:

Para os netos, os avós representam a possibilidade de viver uma relação educativa e afetiva diferente: os avós têm mais tempo para brincar, passear [...] enquanto os pais têm pouco tempo, trabalham muito e chegam a casa cansados e chateados. Acresce que os avós têm um potencial de imaginação e criatividade superior, pois têm mais maturidade, experiência de vida e disponibilidade (2006, p. 45).

Na opinião de Rabinovich, Moreira e Franco (2012), as avós sucedem aos pais em importância nos papéis familiares e há mais uma interdependência emocional do que econômica/funcional com relação à criança. As avós costumam se fazer presentes na vida dos netos pela transmissão de histórias de vida e informações (RABINOVICH, MOREIRA, 2008), na tarefa de cuidar de netos cujas mães estão trabalhando (COUTRIM et al., 2007). Por outro lado, têm-se evidenciado situações em que as avós se tornam cuidadoras integrais e até legais dos netos (MAINETTI; WANDERBROOKE, 2013).

### **5.3.2 Motivos do cuidado**

Os resultados da investigação de Araújo e Dias (2010) sobre os motivos que levaram os avós a criar os netos foram variados, destacando-se a gravidez na adolescência por parte de um filho e a sua separação. A iniciativa da criação, em geral, partiu dos próprios avós e os sentimentos experimentados são de satisfação e felicidade, em que pese a difícil situação financeira e a criação que deve continuar com os próprios avós.

Esses dados são confirmados nesta pesquisa através das narrativas dos netos integrais: *“Moro com minha mãe na casa de minha avó, não conheci meu pai”*. Como foi mencionado acima, trata-se de uma gravidez na adolescência em que o pai não quis assumir a responsabilidade do filho e a avó se tornou cuidadora integral (MAINETTI; WANDERBROOKE, 2013). No outro caso, a neta declara: *“Moro com minha avó emprestada desde que nasci; minha mãe não mora comigo, me visita às vezes”*. Neste caso, assim como no caso anterior, a iniciativa da adoção também partiu dos avós de consideração.

Estes dados corroboram, junto com outros estudos que o cuidar dos netos seria prova de amor, trabalho e sentimento de utilidade (OLIVEIRA, 1993; ATALLA, 1996; SILVA, 2010) em casos de maternidade adolescente (FALCÃO; SALOMÃO, 2005), separações e divórcios (DIAS; COSTA; RANGEL, 2008), no provimento das famílias (CAMARANO; PASINATO; LEMOS, 2007), em situações de orfandade (OBURU, 2005), de prisão de mães encarceradas e drogaditas (ENGSTROM, 2008), de construção de relacionamentos dialogais e afetivos (LINS DE BARROS, 2006), de portadores de doenças mentais, falecidos precocemente, recasados sem a aceitação das crianças por parte do novo cônjuge e, ainda, de abuso infantil e/ou abandono por parte dos progenitores (LOPES; NERI; PARK, 2005; OSÓRIO; SILVA NETO, 2008).

Pensando nas crianças que são criadas pelos avós, Lopes, Neri e Park (2005) ressaltam que pode ser benéfico tê-los como mentores, porque, na ausência dos pais, poderão ter uma sensação de pertencimento à sua família de origem, como declara a neta integral: *“Eu não conheci a minha avó, mãe da minha mãe, mas essa daqui [se referindo à adotiva] é a minha única avó que me cuida e eu amo”*.

A imagem que as crianças e adolescentes têm em relação aos avós é positiva (RABINOVICH; MOREIRA, 2008). Os avós representam o papel de pais em suas vidas, corrigindo, quando necessário, e aconselhando sempre (DIAS et al., 2010). Ao contrário do que possa parecer, a educação escolar é bastante valorizada pelos mais velhos, que percebem, aí, um caminho para a ascensão social e, embora não acompanhem diretamente os deveres escolares dos netos, definem e fazem cumprir estratégias para que estes sejam feitos por meio da ajuda de vizinhos, amigos, filhos mais velhos, etc. Além disto, os avós acompanham o desempenho escolar das crianças e somente deixam de comparecer em festas e reuniões na escola quando os pais se encarregam de tal tarefa (COUTRIM et al., 2007).

### 5.3.3 Papéis dos cuidadores

O papel dos avós na família varia de acordo com o contexto social e cultural no qual a família está inserida (OLIVEIRA, 2007) o que lhes permite ter uma relação muito individualizada: cada neto tem, em princípio, quatro avós (dois maternos e dois paternos), podendo manter com cada um uma relação específica (PIRES, 2010).

No período da infância, as avós sucedem aos pais na importância nos papéis familiares (RABINOVICH; MOREIRA, 2008). A “avosidade” é representada por atividades realizadas com os netos (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010) e, em geral, está associada a um forte sentimento de paternidade com os avós demonstrando uma enorme satisfação na relação com os netos (PEDROSA; LOPES, 2008). Porém, sabe-se que há avós abusadores e agressivos (PELISOLI; TEODORO; DELL’AGLIO, 2007).

Tomamos emprestadas as classificações de Reynolds et al. (2003 citado por OLIVEIRA, 2007), atribuídas aos avós– participativos, cuidadores voluntários e cuidadores involuntários–, associando-os aos tipos de cuidadores da presente pesquisa.

Os papéis participativos ocorrem quando os avós não são responsáveis por seus netos, mas estão presentes em suas vidas, podendo estar envolvidos total ou parcialmente, como relata a neta esporádica: “*Quando a minha mãe não tem com quem me deixar, ligo pra minha avó e eu vou pra casa dela*”. É comum que os avós provenham ajuda emocional.

Entretanto, cuidar dos netos e ajudar com apoio afetivo e emocional não é o único apoio que os avós provêm; há o apoio instrumental como guarda da criança, o auxílio nas tarefas domésticas e os suportes financeiros, moral e afetivo (DUTRA, 2008). A fala dos netos assim evidencia: “*A minha avó paga o curso de inglês*” (neto sistemático); “*A minha escola*” (neta sistemática e integrais). Diante de uma crise conjugal, é possível que os netos procurem os avós: “*Quando os meus pais brigam, ligo pra minha avó*” (neta esporádica). Diante de uma crise e eventual separação dos pais, os avós são o porto seguro no cuidado da criança (TIMONEN; DOYLE; O’DWYER, 2009).



Quanto aos cuidadores **voluntários** isto acontece quando os avós decidem cuidar de seus netos, pelo menos, por um período da maioria dos dias da semana. Este é o caso da neta sistemática que passa a semana na casa dos avós e, aos finais de semana, volta para a casa dos pais: “*Fico na casa dos meus avós para ir à escola; vou explicar direito, meus pais trabalham num hotel na Costa do Saúpe e no final da semana vêm me buscar para ir pra casa*”. Apesar de se tratar de uma escolha voluntária, os avós podem se sentir como se não houvesse outra escolha, como no caso de os genitores trabalharem a semana fora, tal como neste caso. É possível ainda, que os avós tenham feito a escolha de cuidar de seus netos simplesmente por terem disponibilidade de tempo, como declara o neto sistemático: “*Eu vou na casa da minha avó aos sábados*”.

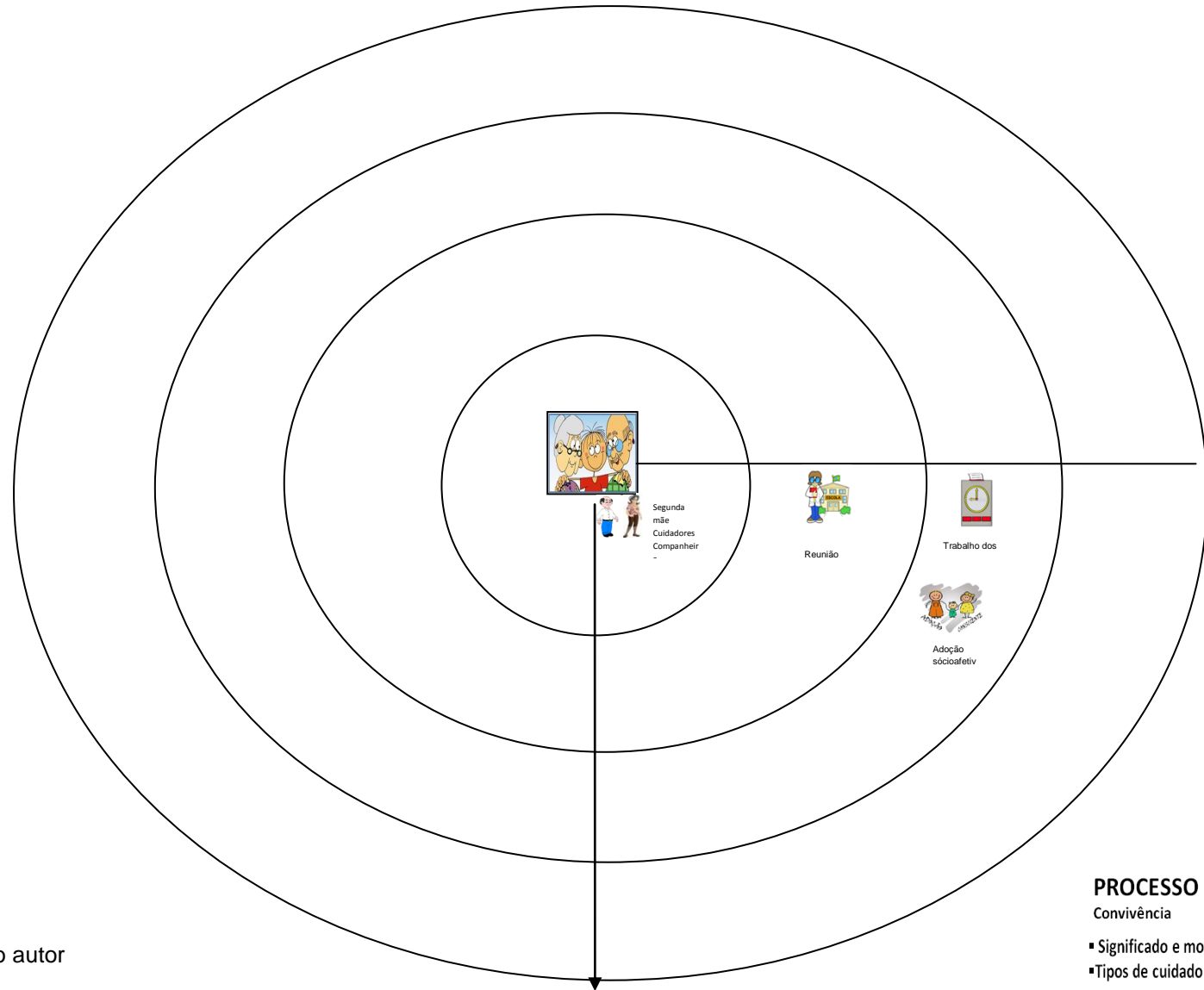
Por fim, os avós com papéis de cuidadores involuntários são aqueles que assumem os cuidados primários dos seus netos, com ou sem a presença dos pais, como no caso do neto integral que diz: “*Minha avó cuida de mim para minha mãe trabalhar*”. Apesar de se tratar de uma escolha voluntária, os avós podem se sentir como se não houvesse outra escolha, como no caso da genitora trabalhar o dia inteiro e residir com a mãe. “É possível, ainda, que os avós tenham feito a escolha de cuidar de seus netos simplesmente por terem disponibilidade de tempo, saúde e disposição para exercer tais funções” (OLIVEIRA, 2007, p. 48).

Percebe-se, por exemplo, que no século XXI, há aqueles que são cuidadores integrais dos netos, os que se responsabilizam por apenas um período do dia, os que veem os netos nos finais de semana e aqueles que os encontram eventualmente (CARDOSO; BRITO, 2014).

Esta classificação em participativo, voluntário e involuntário, aproxima-se da de tipo esporádico, sistemático e integral. A diferença é que a nossa classificação está sendo proposta como uma tipologia por integrar aspectos de Pessoa, Contexto e Tempo, enquanto esta classificação pensa mais em Processo.

A seguir a ilustração do esquema do Cuidar na dimensão Processo descrito pelos netos.

Figura3–Esquema do Cuidar/Processo



Fonte: Acervo do próprio autor

## 5.4 CUIDAR E O TEMPO: COTIDIANO DOS NETOS NA CASA DOS AVÓS

A dimensão Tempo consiste na sucessão de eventos que, segundo Bronfenbrenner (2011), constituem a história e o cotidiano de uma pessoa, servindo como um organizador social e emocional que direciona para a estabilidade e a instabilidade dos eventos no ciclo vital ou diário, sendo dividido em: microtempo, mesotempo e macrotempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O microtempo foi aqui analisado pela continuidade e descontinuidade dos episódios relativos ao processo proximal, ou seja, o tempo de convivência dos netos e a transmissão intergeracional, através dos valores morais, espirituais e das novas tecnologias. O mesotempo foi visto pela periodicidade desses episódios através da regularidade dos encontros e regras de convivência. E o macrotempo correspondeu, neste estudo, às expectativas de mudanças e de ocorrência de eventos que possam advir, tais como doença, envelhecimento e morte.

### 5.4.1 Microssistema

#### 5.4.1.1 *Tempo de convivência*

Com os avós, a noção de tempo é outra. Sem urgência de ritmos acelerados, desfrutando de tempo para observar o mundo e contemplar o belo e de qualidade para as atividades necessárias (LUZ; FAVRETO, 2013). A este respeito, Dutra acrescenta:

O seu tempo já não é igual ao tempo dos filhos. Enquanto estes ainda se mantêm na ilusão temporária de uma certa imortalidade, os avós sabem que o seu tempo está contado. É este tempo vivido e amadurecido que permite aos avós a transmissão da pluralidade de valores, de referências e a abertura à diferença, sendo frequente compensarem os netos com o que não fizeram com os filhos (2008, p. 16).

Para a autora, esta é uma competência que se inicia com a maternidade/paternidade e que se atinge na plenitude, na condição de avós.

No que diz respeito ao tempo de convivência, percebe-se, no relato dos netos de tempo integral que os avós são companhias presentes: “*De manhã, o meu avô me leva na escola; à tarde, faço o dever com minha avó e assisto TV com meu avô e domingo vou à igreja com minha avó*” (neta integral).

Nota-se que a função dos avós não se limita simplesmente ao cuidado.

Além da missão instrumental que decorre da satisfação das necessidades básicas das crianças, os mesmos asseguram outras funções, como idas a médicos, reuniões escolares, práticas extra-escolares e ainda para entreter, brincar e passear com as crianças (PERDIGÃO; VITORINO; CUNHA, 2004, p. 32).

No cuidado dos netos sistemáticos, há uma rotina que envolve compromisso e planejamento, como evidenciado nestas falas: “*Aos sábados, minha avó me leva no curso de inglês, almoçamos no shopping e vamos ao cinema ou teatro*” (neto sistemático); “*De manhã, minha avó me leva a escola, à tarde assisto TV com o meu avô e com a minha avó jogo dominó; brinco de esconde-esconde e vou para a Educação Física com ela*” (neta sistemática).

Para os referidos autores, esse tipo de relacionamento se baseia em uma atitude de companheirismo, forte componente de organização dos tempos livres dos netos que são atividades lúdicas, desportivas, passeios e visitas.

É importante ressaltar que educação e transição entre gerações são noções que diferem entre si:

Com efeito, de um lado, é possível dizer que a educação, sendo ela concebida quer como projeto, quer como processo, está necessariamente vinculada à realidade da sucessão e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si. E, de outra parte, é evidente que as transições entre gerações pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, socialização, formação, ensino e aprendizagem (SCHMIDT, 2007, p. 57).

Mas, o que se deve entender exatamente por transmissões educativas? Para isto, é necessário se reportar à noção de coeducação, enquanto possibilidade de troca intergeracional, isto é, o que efetivamente uma geração pode ensinar à outra. Oliveira (1999) entende que é necessário pensar essa relação como uma interação recíproca. Avós e netos se relacionam na vida em comum e se modificam mutuamente e isto ocorre, segundo o autor, exatamente porque há uma

possibilidade de coexistência de gerações diferentes em situações sociais e familiares.

Nesse sentido, quanto ao processo de coeducação, além da transmissão de valores morais entre avós e netos, é possível haver a troca de conhecimentos instrumentais entre as gerações. Em relação a isto, no momento em que os avós ensinam, no dia-a-dia, aos netos, a “*fazer comida*” (neto integral) ou “*fazer bordado*” (neta esporádica), estão ensinando aos seus descendentes conhecimentos práticos. Também, ao passo em que o avô demonstra para o neto como lavar o carro corretamente, está transmitindo um conhecimento instrumental.

Por outro lado, Osuna (2006), citando o estudo de Kennedy (1992) apontou para quatro tipos de atividades que avós e netos realizam juntos: sociabilidade (conversar, ver TV, reuniões familiares); companheirismo (contar histórias, fazer esporte, brincar, ir pescar); ajuda doméstica (cozinhar, trabalho da casa, fazer compras); lazer (comer fora, passear).

Nesta pesquisa, foi possível identificar seis tipos de atividades conjuntas, que poderiam ser descritas como parte da dimensão processual: 1) Brincar (ao ar livre, computador, joguinhos); 2) Passear (caminhada, praça, praia, *shopping*); 3) Levar e trazer (escola, esporte, cursos, consulta); 4) Ensinar (cozinhar, costurar, dever, lavar carro); 5) Histórias/Música (lê, conta, toca, ensina); 6) Confidenciar (escuta, aconselha, conversa, envia mensagem eletrônica).

A realização de atividades comuns favorece a criação de laços mais estáveis e duradouros entre os avós e netos aumentando a cumplicidade (OSUNA, 2006), pois as avós costumam tratar as crianças através de conversa, onde se resguarda a sabedoria, modificando o cotidiano em contos, cantigas e aventuras (DIAS; COSTA, 2006) e as crianças se sentem felizes por seus avós brincarem e gastarem horas dedicando-lhes total atenção (GUSMÃO, 2003). De outra parte, os netos podem igualmente ensinar aos avós conhecimentos cognitivos. As crianças costumam orientar aos mais velhos como fazer uso adequado dos meios de comunicação: “*Ensino a minha avó entrar nas redes sociais*” (neta esporádica); “*Mexer no celular*” (neta sistemática).

Nas trocas geracionais, os avós atuais têm características diferentes daqueles de gerações anteriores, conforme explica Oliveira:

Os avós mais jovens tendem a ser divertidos e participantes, enquanto os mais velhos são mais distantes e demandam ajuda por parte dos netos. Esta função parece ser mais importante para a mulher do que para o homem. As avós tendem a ser ativas e participantes, a se comprometerem preferencialmente com os aspectos emocionais e a saúde dos netos. Os avôs participam do lazer, preocupam-se com os estudos e o trabalho dos netos. Tanto os avôs quanto as avós tendem a se relacionar mais com os netos que sejam filhos de seus filhos favoritos. Ambos frequentemente sentem-se abandonados pelos netos quando estes chegam à adolescência ou à juventude (2009b, p. 152).

Nesse sentido, Oliveira (2007) alerta para um importante fator na compreensão das relações intergeracionais em que os avós funcionam como perpetuadores da cultura familiar e são valorizados pela sua maturidade, experiência, capacidade de transmitirem valores morais e religiosos para as novas gerações, conforme será descrito no tópico a seguir.

#### 5.4.1.2 *Transmissão intergeracional: valores morais, religiosos e novas tecnologias*

**Valores morais** - A transmissão de valores é um dos fortes papéis assumidos pela geração mais velha em suas famílias. As crianças mostram como os valores familiares atravessam as culturas escolares complementando, de algum modo, a educação para a vida recebida em casa (RAMOS, 2014).

Os valores transmitidos pelos avós também são presentes nas atitudes de respeito e solidariedade. Estas, muitas vezes, podem estar baseadas nas crenças e nos ensinamentos religiosos dos avós ou em princípios éticos mais universais que evidenciam a justiça, a honestidade e a compaixão. (RAMOS, 2011). A neta integral diz que a avó lhe “*ensina a respeitar os mais velhos*”; o neto sistemático, a “*pedir com licença ao interromper a conversa entre as pessoas*”; e o neto esporádico, a “*esperar*”.

Portanto, a percepção acerca dos avós, em nossa sociedade, contribuiu para modificar as relações entre as gerações e diversificar as funções dos avós na dinâmica familiar (MARANGONI; OLIVEIRA, 2010). Nesse estudo, os depoimentos dos netos deixam claro o forte envolvimento dos avós nesta tarefa, lembrando algum tipo de valor aprendido com elas.

**Valores religiosos**—Em se tratando de valores religiosos, muitos netos observaram seus avós envolvidos em atividades espirituais, indo a um espaço de culto: “*Vou com minha avó na igreja*” (neta integral); “*Minha avó me leva na Marcha para Jesus*” (neto sistemático); ou desenvolvendo seus hábitos religiosos em casa: “*Minha avó me ajuda a ler a Bíblia, leio um pedacinho prá ela e ela lê um pedacinho prá mim*” (neta esporádica).

Na convivência contínua ou descontínua, as avós mostram iniciar seus netos da vida religiosa, levando a passeatas, à igreja, lendo a Bíblia ou ensinando a primeira oração. A religião desde a infância funciona em muitas culturas não só no sentido de instrumentalizar a criança a servir, como a convidá-la desde cedo a fazer uso de forma de religiosidade (DORNELLES, 2010). O neto esporádico lembra que foi sua avó materna quem lhe ensinou a orar o Pai Nosso juntando “*as mãozinhas antes de dormir*”.

É possível identificar, nesses relatos, a preocupação dos avós em transmitir valores religiosos e em reforçá-los constantemente para conservar e reproduzir aquilo que, para eles, podemos supor, é um valor bastante significativo (JANELA, 2006). Assim, a difusão do conhecimento da importância de Deus na vida do homem constitui, aqui, a chave principal do desenvolvimento de um dos principais traços característicos da vida do ser humano: a fé (SCHMIDT, 2007). É o que o Apóstolo Paulo fez, trazendo à memória de Timóteo a fé, que primeiro habitou em sua avó Loide, depois em sua mãe Loide e, por fim, “estou certo de que também habita em ti” (2Tm 1.5).

Da mesma forma, as transmissões verbalizadas estão presentes nos relatos da neta esporádica reportando-se à avó que, segundo ela, a incentiva a ler histórias bíblicas e a ir à igreja. “*Ela sempre me dá livrinhos de histórias bíblicas e me pergunta se estou indo à igreja*”.

Nas narrativas dos netos, fica clara a necessidade das gerações mais velhas em transmitir valores às gerações mais jovens. O primeiro relato é sobre o ensino da oração universal do Pai Nosso e, no segundo, a preocupação da avó é ensinar à neta o valor da fé e a frequentar a igreja.

Por outro lado, surge um novo questionamento: Como, em uma época em que o conhecimento se transforma dentro da mesma geração, o avô poderá ensinar para o seu neto? visto que se está diante de um fenômeno novo na história da humanidade: pela primeira vez, geralmente, os netos têm mais conhecimento do que

os avós, além de que os velhos possuem outro tipo de conhecimento (SCHMIDT, 2007).

**Novas Tecnologias**—De fato, atualmente, as crianças estão imersas em uma nova cultura da sociedade em rede. Os espaços e as relações infantis com o mundo mudaram, bem como seus brinquedos, seu brincar e suas formas de pensar e construir sua realidade. Por isto, nas brincadeiras entre avós e netos, os jogos eletrônicos também aparecem como um novo espaço de aprendizagem e interação (BEHAR et al., 2009; RAMOS, 2011).

Os netos de tempo integral relataram que são jogos educativos e eletrônicos. Percebe-se que grande parte desses jogos é compartilhada com os avós, mas o funcionamento e as regras são dadas pelas crianças, que ensinam a geração mais velha a brincar com as brincadeiras de hoje, como relatam alguns netos: *Ensino minha avó jogar no celular*” (R., 8 anos); *“Jogo vídeo game com o meu avô”* (M., 6 anos); *“Ensino usar o wats app, baixar imagens, vídeos porque ela me pede”* (E., 7 anos).

Acerca da relação entre avós e netos, a dinamização através das TIC e da Internet proporciona a aquisição de competências básicas para a interação/comunicação, além de oferecer apoio intergeracional prestado pelos avós através do Skype, que é o telefone pela internet, mas com imagem em tempo “real”, sendo uma situação que aproxima as pessoas, porque a imagem e a voz podem ser recebidas diariamente. Assim, os avós podem acompanhar o crescimento dos netos, dando conselhos, ajudando nas tarefas escolares, ouvindo as queixas contra os pais. Esta comunicação desenvolve a cooperação e a confiança, o que faz com que esta relação se fortifique com o tempo, pela proximidade e cumplicidade entre os atores familiares, que dialogam no ciberespaço e fortalecem os laços afetivos.

Quanto à percepção das crianças a respeito do uso das novas tecnologias pelos avós, os netos mostraram o quanto os recursos tecnológicos têm sido importante, diminuindo a fronteira entre eles. Com o uso da *webcam*, as crianças conseguem conversar e interagir virtualmente as suas casas, acompanhando muitos dos acontecimentos que lá ocorrem (ROCHA, 2013).

Os avós e netos que utilizam essa tecnologia são beneficiados com a diminuição da distância geográfica e, também, da distância entre o conhecimento de ambos. As crianças e jovens têm mais rapidez e facilidade em manusear a internet e ensinam aos seus avós; enquanto que os avós transmitem valores como respeito e



honestidade para os netos. Ocorre um “trânsito de mão dupla” e ambos constroem uma relação próxima.

De fato, a importância da companhia de um cuidador é enfatizada por Bronfenbrenner (1979/1996) ao afirmar que a transição ecológica possibilita um maior desenvolvimento quando, ao entrar em novos ambientes, a criança tem a presença de pessoas com as quais compartilha outros ambientes.

#### **5.4.2 Mesotempo**

Quanto ao mesotempo, é a periodicidade desses episódios através de intervalos amplos como os dias e as semanas, envolvendo as rotinas, o estabelecimento de organização disciplinar, percepção dos limites, horários e regras de convivência (BRONFENBRENNER, 2011).

##### *5.4.2.1 Regularidade dos encontros (dias da semana e rotina)*

Relativamente à regularidade dos encontros, verificou-se que os netos sistemáticos veem os avós com mais regularidade “*de segunda a sexta*” e no “*final de semana*”. Os netos esporádicos, encontram-mensalmente: “*Não tenho dia certo para ir à casa da minha avó, mas todos os meses vou lá*”; “*Vejo a minha avó no final do mês*”. A partir de então, a frequência de contato com o neto passou a ser fator importante no aumento dos efeitos positivos desta relação, pois, quanto maior o contato avó-neto, maior o número e o tempo de atividades executadas em conjunto, o que possibilita estabelecer uma relação mais forte entre os dois sujeitos (OLIVEIRA, 2010).

A convivência entre netos e avós é permeada de significados. Insere-se em uma temporalidade na qual o compromisso maior não é com as tarefas objetivas que os pais se esforçam para que os filhos apreendam: os avós se preocupam em passar, para seus descendentes, lições morais, extraídas, em grande parte, de casos, de suas próprias histórias de vida.

Nesse sentido, Coutrim et al. ressaltam que:

O que OLIVEIRA (1993) chamou de *conhecimentos* dos mais velhos transmitidos aos mais jovens VITALE (2000) denominou de *legados*. De acordo com esta autora, dos legados que as gerações mais velhas se esforçam para transmitir aos mais jovens podem ser classificados em *legados de ordem*, que se referem à responsabilidade, organização e educação; *legados de solidariedade*, que dizem respeito aos sentimentos como amor, amizade, senso de justiça, colaboração e respeito; e os *legados da fé*, que são relativos à fé e à religiosidade. Tais ensinamentos são orientadores de condutas que nem sempre encontram receptividade por parte dos mais jovens (2007, p. 7).

O conceito denominado legado, é transmitido de geração a geração e revela uma extensão transgeracional do princípio da delegação. Ampliando este conceito, Helm Stierlin (apud DIAS, 2005) destacou que tal termo é derivado do latim *delegare* e se refere a “enviar” e “confiar uma missão”, como se fosse uma ligação que se estende através de várias gerações, um compromisso de transmitir os ensinamentos às novas gerações da missão que lhe foi encomendada (MACEDO, 2007).

Além das transmissões intergeracionais, foi possível constatar que os ensinamentos passados pelos avós, por meio de lições cotidianas, oferecem às crianças elementos necessários para a vida em sociedade, além de prepará-los para a vida adulta, como é o caso dos pequenos serviços domésticos, a que nos remete a fala dos netos: “*Eu ajudo a colocar os talheres, pratos e copos na mesa*”(neta integral); “*Retiro os pratos*” (neto esporádico); “*Lavo a louça*” (neta esporádica); “*Varro o chão*” (neto integral). Tais habilidades aprendidas servem para ocupar o tempo, para disciplinar a criança e, também, como estratégia para manter a casa limpa. Além do mais, o “saber cuidar da casa” é uma habilidade valorizada, principalmente pelas mães e pelas avós, pois irá, segundo elas, interferir diretamente no futuro da criança (COTRIM, 2007).

Além da rotina doméstica, os avós ficam atentos às tarefas escolares: “*Eu faço as minhas tarefas sozinha, mas, se preciso de ajuda, pergunto a minha avó*” (neta integral). Além disto, acompanham o desempenho escolar das crianças e somente deixam de comparecer às festas e reuniões na escola quando os pais se encarregam de tal tarefa: “*Na entrega do boletim é a minha avó quem vai mas, no dia em que a minha mãe pode buscar, a minha avó fica em casa*” (neto integral).

Portanto, na convivência com os avós, segundo os netos, são valorizados os pequenos serviços domésticos e os hábitos de estudo.

#### 5.4.2.2 *Percepção dos limites (horários e regras de convivência)*

Na casa dos avós, há regras e uma delas está relacionado aos horários das refeições, banho e descanso. “*Quando chego na casa da minha avó, ela manda que eu tome banho antes do almoço e depois deite para descansar*” (neta esporádica, L., 9 anos). Quanto ao horário de dormir, dois netos fizeram o seguinte comentário: “*Na casa de minha avó depois do jornal nacional [em torno de 20h30] ela manda que eu vá me deitar... acho chato, porque não tenho sono ainda*”(neto esporádico, M., 6 anos).

Da mesma forma, Machado (2008) constatou em sua investigação que as avós valorizam a alimentação saudável e as refeições tomadas em horas certas; promovem a sesta relativamente à frequência, quantidade e qualidade do sono; impulsionam a autonomia nas rotinas do cotidiano; estimulam a atividade física ao não delimitarem zonas de interdição na casa; permitem e favorecem as brincadeiras externas no quintal e na natureza; promovem a brincadeira e despendem muito do seu tempo com os netos; desenvolvem a relação no cotidiano com muita comunicação e afetividade; atentando para as questões de segurança.

Mas é claro que o envolvimento afetivo emocional não impede que os avós tomem atitudes disciplinadoras em relação aos netos. Quando os pais não estão, muitas vezes, cabe a eles este papel de impor limites “*A minha mãe disse que quando ela não estiver em casa tenho que obedecer a minha avó*”; “*Quando eu apronto... o meu avô me deixa de castigo e depois ele conversa comigo*” (neto esporádico, M., 6 anos). De um modo geral, quando os avós precisam “agir” isto parece assumir mais a forma de um conselho, o que não necessariamente ganha a forma de conflito intergeracional (RAMOS, 2011). Além disso, a convivência com os netos os faz retomar a esperança, já que, ao mesmo tempo em que educam seus netos, eles são reeducados por essas crianças. É uma participação tão ativa que os conduz a reviver situações, trazendo à tona lembranças de outrora, e os fazem colocar em prática velhos conhecimentos, que são tidos como mágicos, como também poderão existir fatos que lhes proporcionarão aprendizado, mediante as novas situações, programas e hábitos. (DIAS; COSTA, 2006), isto sem falar que sua importância simbólica no contexto familiar irá facilitar as compreensões dos acontecimentos, pois os avós são os únicos que podem impor o silêncio e o respeito aos poderosos pais, justamente por serem guardiões de atos e travessuras desses

personagens que, porventura, podem vir a lembrá-los de que um dia eles também foram crianças (ARATANGY; POSTERNAK, 2005).

### 5.4.3 Macrotempo

Em relação ao macrotempo, este está centrado na história dos netos, avós e dos contextos nos quais interagem e nas expectativas de mudanças e de ocorrência de eventos que possam ter influência no desenvolvimento durante o ciclo vital (BRONFENBRENNER, 2011). Isto fica bem claro quando passam a perceber o processo de envelhecimento e a fragilidade da saúde dos avós.

#### 5.4.3.1 *Expectativas de mudanças: envelhecimento e fragilidade na saúde*

O mundo está envelhecendo. De acordo com estudos efetuados, entre 2000 e 2050, a porcentagem de pessoas com mais de 65 anos irá duplicar. Este envelhecimento se deve a vários fatores, entre eles, a diminuição da taxa de natalidade, a melhoria das condições de vida, a melhor cobertura das necessidades sociais e de saúde e a diminuição das taxas de mortalidade (MARTINS, 2006; FLORES, 2008;).

Nesse sentido, há um aumento de número de gerações que convivem (HARPER, 2006) com membros de famílias de três ou quatro gerações, principalmente com as mulheres se tornando longevas (MOTTA, 2004).

As pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Reino Unido com dados fornecidos pelos estudos de ligações intergeracionais da Associação de Reformados dos Estados Unidos (AARP) revelam que mais de metade dos entrevistados eram membros de famílias de quatro gerações. Três quartos dos adultos virão a ser avós e há um estudo que preconiza que um quinto de todas as mulheres que ultrapassem os 80 anos viverão algum tempo em uma família de cinco gerações, na qualidade de trisavós. Quase um terço dos avós passarão pela experiência de serem bisavós, em famílias de quatro gerações. O quadro no Reino Unido é semelhante com as estimativas indicando que um terço das pessoas do Reino Unido serão avós, papel que desempenharão em média durante 25 anos, com algumas previsões a sugerirem que possivelmente três quartos da população ascenderão à condição de avô/avó (HARPER, 2006, p. 29).

Uma transição geracional ocorre quando uma pessoa passa da condição de pai para a de avô/avó, ou mesmo de bisavô/avó e leva a mudanças tanto em sua própria identidade como nos papéis e funções que lhe competem; por exemplo, a relação que o neto tem com os avós nos primeiros tempos pode vir a determinar, mesmo que parcialmente, o modo como ele assume o seu papel e como se relacionará mais tarde com os seus próprios netos.

Outro aspecto relevante é que as oportunidades de maior interação entre gerações têm aumentado devido ao crescente número de avós vivos (SOUSA, 2006) em função do período de velhice saudável e, por isto, é mais provável que os avós construam com os netos uma relação que se prolongue. Por exemplo, o papel de avô/avó surge, em média, aos 50 e 60 anos de idade, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver em comum duas a três décadas, sendo que a terceira década ocorrerá já com os netos adultos e com os bisnetos.

Sousa (2006) chama a atenção de que este maior tempo de convivência pode ocorrer em um contexto de dependência ou independência dos avós, onde não apenas os avós cuidariam dos netos, como, cada vez mais, poder-se-á esperar que também os netos cuidem dos avós. “Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior debilidade” (HARPER, 2006, p. 40).

Neste contexto de prolongamento da vida, verifica-se que a atual geração de netos é a primeira que pode esperar conhecer os quatro avós. Há poucas décadas atrás, de esperança de vida mais reduzida, apenas alguns avós resistiam mais anos, por isso, o mais natural seria os netos conhecerem um ou outro avô e raramente os quatro.

### *Fragilidade na saúde*

A convivência com os avós também permite que as crianças sejam introduzidas no processo de fragilidade na saúde, como declaram os netos— “Quando a minha avó voltou do hospital eu levava água e frutas para ela” (neto integral); “Colocava o termômetro debaixo do braço dela” (neta integral)—, passando a lidar com o processo de fragilidade e envelhecimento. Assim, as crianças também ajudam e enfrentam a doença de seus avós, além da perda: “O meu avô ficou doente

e morreu” (neto integral). Os sinais da velhice para as crianças são, também, indícios da finitude, sobretudo, os velhos doentes (LINS DE BARROS, 2006; LOPES; PARK, 2007).

Segundo as crianças, o envelhecimento é um processo relacionado à passagem do tempo, a um ciclo natural ao qual todos estão sujeitos. Em um momento de diálogo com o grupo de crianças, durante a Roda de Conversa, estas afirmaram que para ficar velhos demora muito, tem que crescer, estudar, casar, ter filhos e depois ficar velhos. A passagem do tempo indica o envelhecimento para as crianças. Elas sabem que com o passar do tempo, as pessoas envelhecem. Os netos vivem um período de elevada competência física e construção da maturidade e sabem que serão, um dia, idosos. Na visão dos netos, o envelhecimento pode causar medo, mas também pode ser previsível e não assustador (OLIVEIRA, 2010; SOUSA, 2006).

Mas é interessante pontuar que a solidariedade entre as gerações, sobretudo, é determinante do cuidado e está relacionada às particularidades culturais: “Quando fiquei doente a minha avó cuidou de mim no hospital e quando ela adoeceu cuidei dela” (neto integral).

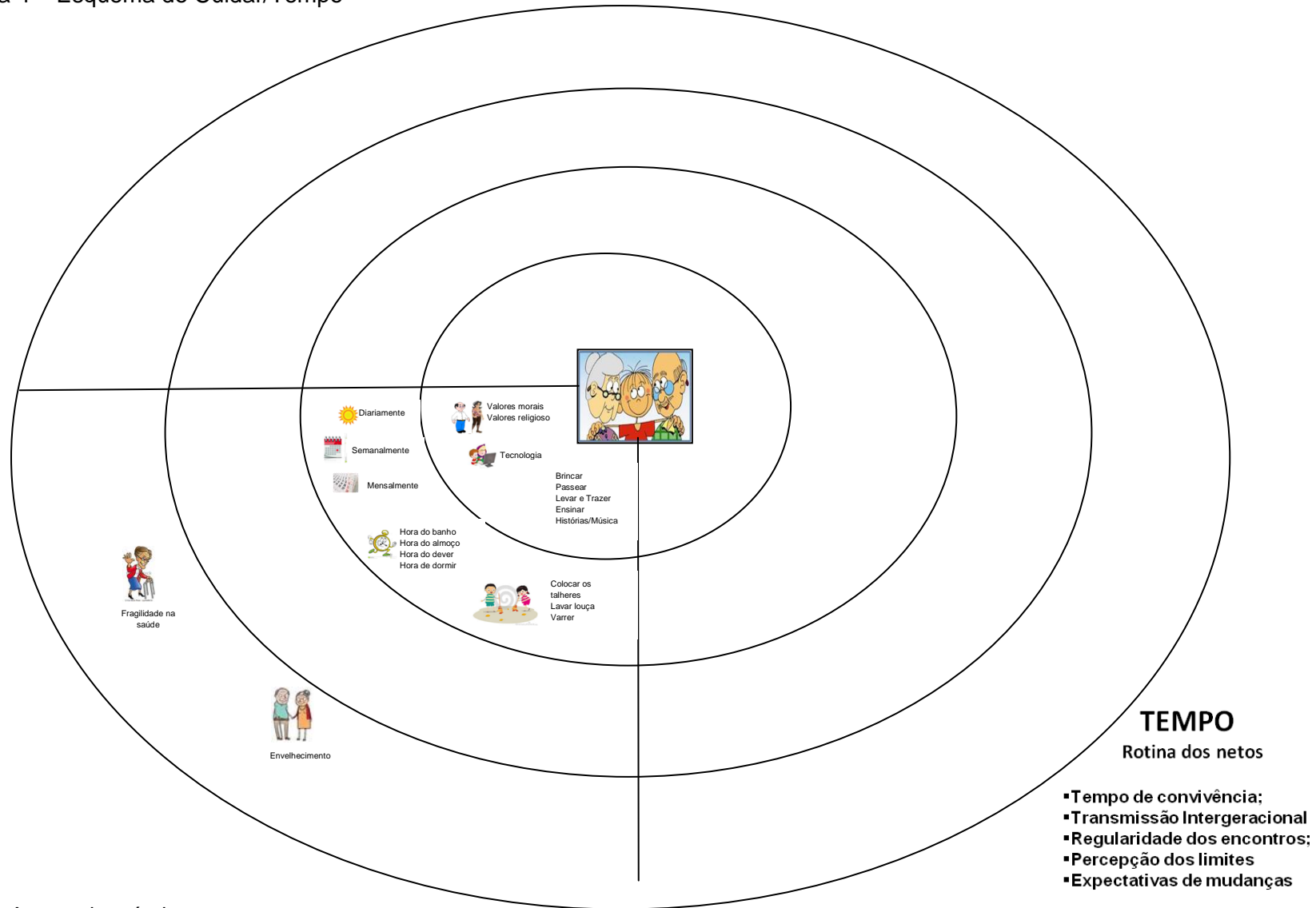
Segundo Flores (2008), no cuidado humano, ocorre a circulação entre dar, receber e retribuir e isto pressupõe continuidade. É um ciclo que não tem fim, sendo inerente e fundamental à sobrevivência das pessoas.

Igualmente para Sousa, o aumento da esperança de vida tende, cada vez mais, a adicionar outra geração nestas relações: os bisavós. “Verifica-se, atualmente, que 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos são bisavós, por isso a relação bisavós-bisnetos começa a emergir como potencialmente importante a ser investigado” (2006, p. 41).

De fato, o aumento da longevidade humana nas últimas décadas tem proporcionado às famílias contemporâneas conviverem por um maior período de tempo com mais de duas gerações (DIAS, 2003). Estas são as chamadas famílias multigeracionais, que surgiram com maior frequência a partir da década de 1980, acarretando uma maior importância da relação entre netos e avós no contexto familiar e social (GOLDMAN, 2000).

Abaixo, segue a ilustração do esquema do Cuidar na dimensão Tempo referido pelos netos.

Figura 4 – Esquema do Cuidar/Tempo



Fonte: Acervo do próprio autor

## 5.5 SÍNTESE

Considerando haver uma divisão artificial entre as quatro dimensões de análise do desenvolvimento propostas por Bronfenbrenner e Morris (1998) – pessoa, contexto, processo e tempo –, vamos apresentá-las em conjunto, associadas aos sistemas por ele proposto, conforme Figuras 2, 3, 4 e 5 nas quais estão representados os três sistemas – micro, meso, exo e macro, atravessados pelas quatro dimensões. No centro, encontra-se a relação netos/avós.

Quanto à dimensão Pessoa, por nós acessada por meio do gênero dos avós, a diferença associada ao gênero foi percebida pelos netos através da divisão do trabalho. Assim, no microsistema, as avós fazem comida, auxiliam nas tarefas escolares, leem historinhas; ensinam a cozinhar, a bordar, brincam com brinquedos educativos e jogos eletrônicos. Já os avôs fazem compras, assistem TV, jogam cartas e ensinam a lavar o carro. No mesossistema, as avós acompanham os netos à piscina do prédio, ao shopping, ao teatro, ao cinema e às consultas, enquanto que os avôs se ocupam de levar e trazer da escola, levam à praia e ao Parque da Cidade. Já no exossistema, a avó leva à passeata evangélica e ambos, avó/avô levam os netos à igreja. E o macrossistema evidencia que as avós eleitas são da linha matrilinear, coabitando ou não, e que a solidariedade feminina ocorre em ambas as linhagens, materna e paterna. Elas ensinam valores morais e religiosos aos netos, além de serem confidentes e consideradas mais atenciosas que os avôs. Tanto os avôs como as avós são concebidos como disciplinadores, conselheiros e provedores.

A dimensão Contexto foi analisada a partir da residência dos avós onde ocorrem as interações e brincadeiras. Nos microsistema e mesossistema, percebe-se as atividades internas e externas mencionadas anteriormente na dimensão gênero. Quanto ao exossistema e macrossistema, os avós viajam com os netos, em período de férias ou recesso escolar, e assumem o custeio de algumas atividades, como a escola.

A dimensão Processo foi representada pela interação recíproca entre díades desenvolvimentais através do significado da convivência, motivos dos cuidados e tipos de cuidadores. No microsistema, os netos definiram os avós como cuidadores, companheiros e brincalhões. Já no mesossistema, foi possível identificar que os avós participam de reuniões na escola e festas, desde que os pais não



possam comparecer. O motivo dos avós cuidarem dos netos é devido ao trabalho dos pais e à adoção socioafetiva, constatado no exossistema.

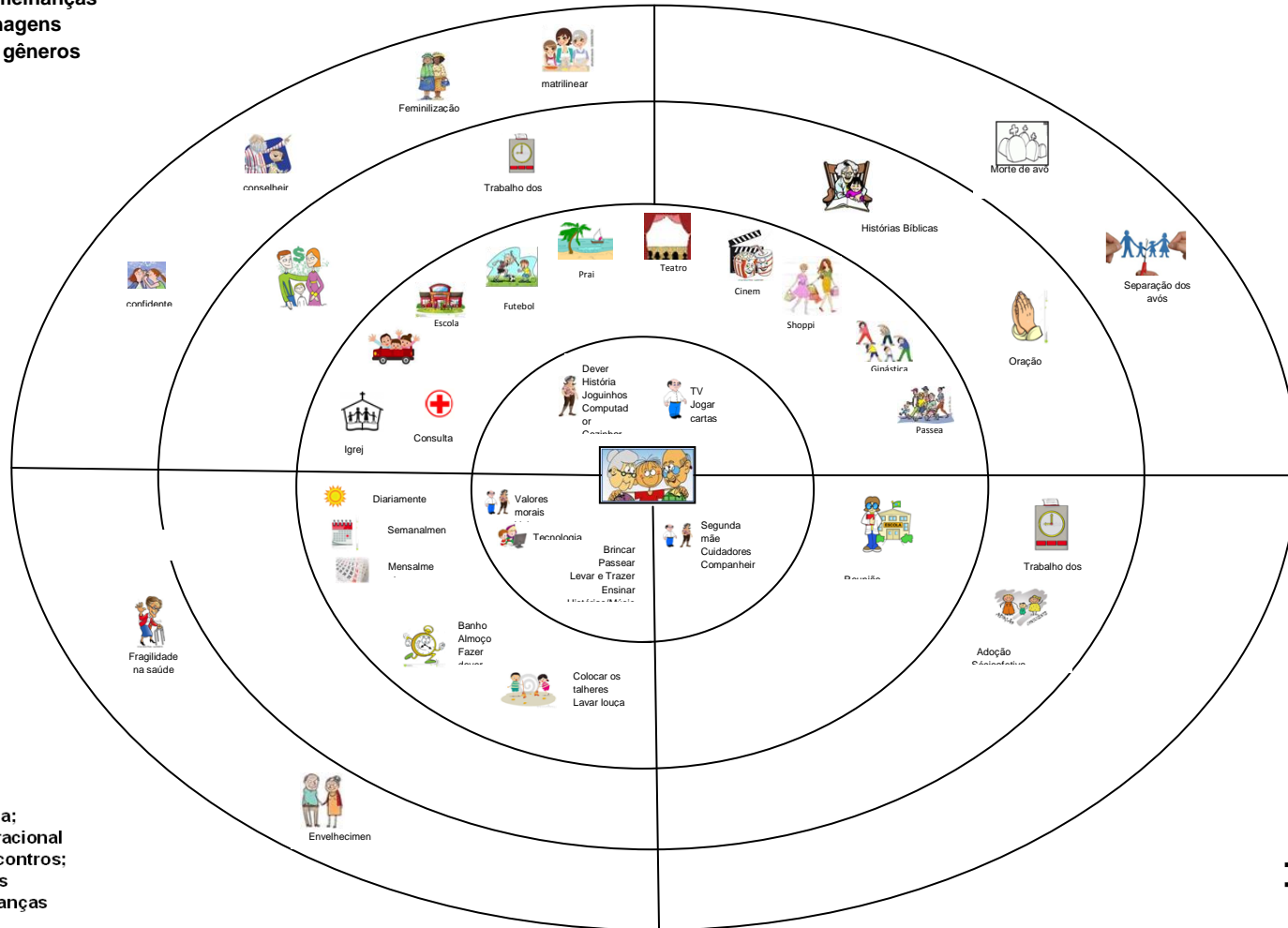
A dimensão Tempo consiste na sucessão de eventos que ocorrem através da convivência. No microssistema, ocorreu a coeducação, através do ensino de valores morais e religiosos por parte dos avós para com os netos e, dos netos para os avós, o ensino das novas tecnologias. Já no mesossistema, existe a frequência dos encontros, que ocorrem diariamente com os netos integrais, semanalmente, com os sistemáticos, e mensalmente, com os esporádicos. Quanto ao exossistema, ficou evidenciada a perda da convivência com os avôs por meio da separação e do falecimento. E no macrossistema, há a possibilidade de que as crianças sejam introduzidas ao processo de fragilidade na saúde dos avós e envelhecimento.

O esquema a seguir contém as ilustrações apresentadas, anteriormente, em cada dimensão, evidenciando o cuidar dos avós visto pelos netos, nesta pesquisa.

**PESSOA**  
Gênero dos avós

Diferenças e semelhanças  
Contato das linhagens  
Preferência dos gêneros

**CONTEXTO**  
Local de interação  
Atividades lúdicas



**TEMPO**  
Rotina dos netos

- Tempo de convivência;
- Transmissão Intergeracional
- Regularidade dos encontros;
- Percepção dos limites
- Expectativas de mudanças

**PROCESSO**  
Convivência  
Transmissão Intergeracional

- Significado da convivência
- Tipos de cuidado

Fonte: Acervo do próprio autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho interessou conhecer a compreensão dos netos acerca do seu posicionamento a partir do contexto bio-sócio-histórico com os avós. Esta proposta ofereceu um olhar sobre o tipo de vínculo que se estabelece na díade na esfera privada. Compreender a criança como membro da família e como objeto de cuidado corresponde a uma visão de desenvolvimento como molar, com suas implicações práticas. Para as crianças, o cuidar envolve uma articulação estreita com a convivência e a interação.

Percorrer o caminho das relações entre netos e avós é estar aberto às surpresas que nos aguardam a cada esquina desta trilha e, no nosso estudo, olhar especificamente para as circunstâncias vinculares e os posicionamentos dos netos analisados à luz da abordagem ecológica do desenvolvimento.

O presente estudo teve como objetivo geral compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos dos netos a partir do contexto bio-sócio-histórico e, para isto, buscou-se conhecer os motivos que levam os netos a serem cuidados pelos avós e determinar o tipo de cuidadores, perceber o significado dos avós cuidadores segundo o olhar das crianças, identificar como e em que direção os avós influenciam a vida dos netos, verificar se e como as relações entre avós e netos têm conformações diversas a partir de diferenças associadas a gênero.

Para uma melhor percepção da convivência de avós e netos, optou-se por quatro recursos que possibilitaram detectar conhecimentos, atitudes e áreas de expressão da conduta da criança, a fim de levantar informações como pontode partida para a percepção da relação no contexto familiar.

Como primeiro recurso, utilizou-se a ficha de caracterização sociodemográfica que ajudou a conhecer os motivos que levam os netos a serem cuidados pelos avós e determinar o tipo de cuidadores. Já o segundo recurso empregou a roda de conversa que auxiliou na percepção do significado dos avós e na descrição da relação a partir de diferenças associadas a gênero. Quanto ao terceiro e quarto recursos, sobre a compreensão de em que direção os avós influenciam a vida dos netos, optou-se pelo Jogo Compartilhado e pela Caixa Lúdica.

A pesquisa possibilitou uma análise detalhada dos dados, a partir do diálogo com os participantes, atendendo, assim, aos objetivos que se propôs investigar.

O primeiro objetivo, o de conhecer os motivos que levam os netos a serem cuidados pelos avós e determinar o tipo de cuidadores, evidencia que os motivos que levam os netos a serem cuidados pelos avós foram adoção, gravidez na adolescência e apoio aos filhos. O tipo de cuidado que os avós desempenhavam foi de tempo integral e sistemático assumindo compromisso com os filhos de cuidado diário ou em alguns dias específicos da semana. Os avós esporádicos ficam à disposição caso sejam solicitados.

Com relação ao segundo objetivo do estudo, que era perceber o significado dos avós cuidadores segundo o olhar das crianças, constatou-se que este varia de acordo com a convivência, sendo que, para os netos de tempo integral, os avós são cuidadores; para os sistemáticos, companheiros; e para os esporádicos, divertidos.

No que diz respeito ao terceiro objetivo proposto, que era identificar como e em que direção os avós influenciam a vida dos netos, foi possível perceber que os avós influenciam os netos no ensino dos valores morais e espirituais através de aconselhamento, leitura de histórias bíblicas e levando à igreja.

Quanto ao último objetivo, o de verificar como as relações entre avós e netos têm conformações diversas a partir de diferenças associadas a gênero, percebeu-se que há diferença de gênero na relação com os netos. As avós são mencionadas mais nos cuidados internos, enquanto que os avôs em atividades externas.

Pode-se deduzir que a relação entre avós e netos está baseada no tipo de relacionamento determinado pela frequência de encontros. Esta frequência possibilita não apenas a quantidade das interações como a sua qualidade.

Além disto, o local onde habitam determina hábitos que se refletem igualmente nas brincadeiras. Convivendo em ambientes fechados, a tendência será por jogos internos.

Portanto, os principais resultados apontam, na opinião dos netos de tempo integral, que as brincadeiras que ocorrem dentro de casa são jogos, embora haja também atividades lúdicas como esconde-esconde e pinturas, enquanto que as atividades fora de casa ocorrem em praças, parques ou piscina.

O mesmo ocorre em relação aos netos de tempos sistemáticos e esporádicos, para os quais predominam as atividades de jogos, havendo maior variedade de atividades fora de casa, como futebol e praia.

Nota-se que as atividades lúdicas entre avós e netos de tempo integral tendem a ocorrer em espaços internos, como jogos educativos e eletrônicos, enquanto os avós sistemáticos e esporádicos priorizam brincadeiras em espaços externos, como praia, piscina, jogos de salão e futebol, nos parquinhos e, especialmente, nos *playgrounds*.

Os avós de hoje são percebidos como ajudando na condução da vida familiar, tornando-se figuras ativas e presentes nos moldes do pensamento de Bronfenbrenner (1996).

Desse ponto de vista, os avós emergem no cenário contemporâneo como uma forma de apoio social, instrumental e afetivo com que os pais contam rotineiramente para a tarefa de cuidar de suas crianças e educá-las. Na convivência cotidiana em família, os avós se preocupam em passar para os descendentes, em especial, os netos, as lições por eles extraídas dos acontecimentos de suas próprias histórias de vida.

A percepção que as crianças têm em relação aos avós é positiva. As avós maternas são preferidas porque elas estão mais envolvidas no cuidado das crianças, ajudando-as nas pequenas e nas grandes tarefas. O fato de ser mais mencionada (mesmo quando o avô também morava junto) mostra que a convivência é um critério importante nos elos de afeição que possibilita o cuidado, a ajuda e a reciprocidade.

Neste sentido, deve-se remarcar a importância dos seguintes aspectos: a) a comunicação bidirecional em contraposição à unidirecional; b) a existência de informações precisas e fidedignas; c) o sentimento de objetivos comuns de dois ou mais sistemas envolvidos; d) a confiança mútua; e) o equilíbrio de poder, que são elementos que favorecem o desenvolvimento de todos os participantes.

Como, em geral, as crianças têm maior domínio das novas tecnologias do que seus avós, isto revela que há uma interação de mutualidade e reciprocidade em torno do computador e dos jogos eletrônicos, por meio dos quais essas duas gerações se ajudam, brincam e interagem e estabelecem modos alternativos de domínio e poder. No entanto, os jogos e as brincadeiras de hoje em dia não são apenas feitos de computadores, celulares e videogames, mas de outros brinquedos e brincadeiras que não perderam o seu espaço.

Deve-se ressaltar que o processo de urbanização das cidades trouxe mudanças para os modos de morar e viver: a vida das crianças se dá cada vez mais em apartamentos, condomínios fechados e *shopping centers* onde o contato com a natureza é quase inexistente e, mesmo assim, a casa dos avós é um lugar de diversão, de adaptação para criar ambientes interativos, lúdicos e acolhedores para seus netos e onde as crianças podem brincar com seus irmãos e primos. Avós e netos se adaptam às novas circunstâncias de vida, modificando as formas de interagir e brincar com o intuito de continuar interagindo e continuar brincando.

Os dados encontrados na pesquisa apresentam um predomínio dos brinquedos educativos, aspecto que demonstra uma preocupação dos avós com a formação cognitiva das crianças até mesmo no momento de lazer que é o brincar.

Contudo, os dados trazem outro aspecto importante, o oferecimento de brinquedos tradicionais – boneca, carrinho e bola. Talvez isto possa revelar um olhar específico para com a infância que perdura na contemporaneidade apesar dos avanços tecnológicos.

Tais conclusões, não obstante, não nos distanciam da necessidade de pensar estudos prospectivos, principalmente no que diz respeito a desenvolver outras investigações sobre o tema, mas tendo agora como foco os avós socioafetivos. Deste modo, o pesquisador poderá compreender a visão dos netos adotivos acerca da convivência entre ambos, tendo em vista que há uma lacuna na literatura a respeito deste assunto.

Finalmente, a pesquisa aponta que as crianças muito têm a dizer sobre a cultura na qual estão inseridas. Por meio de seus saberes, elas permitem apreender a percepção a respeito da díade avós e netos, mostram que o convívio com os avós contribui para a sua própria subjetividade, explicam que o contato intergeracional surge como um processo interativo e coeducativo onde tanto os mais velhos, quanto os mais novos têm a chance de aprender e ensinar e ajudam a perceber que os vínculos que os unem podem ser tão fortes que nem a finitude dos avós é capaz de desfazer esses laços eternos de amor. Enquanto que para os avós a convivência com os netos lhe permite revisitar o passado, por meio do qual é possível rever e refletir o papel que desempenharam como pais e que continuam exercendo como avós, embora vivam tempos diferentes, ocorre a co-educação entre as duas gerações.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paula. **Grandparents in multigenerational households**. School of Economics and Management, Technical University of Lisbon, 2008.

ALVES, Samea M. M. **Cuidar ou ser responsável?** uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

AMARAL, Caroline; BEHAR, Patrícia; DORNELLES, Leni. Ciberinfância: um desafio para os planejamentos pedagógicos. **Revista Renove**– Novas Tecnologias na Educação, v. 5, n. 2, dez. 2007.

ANTONI, Clarissa Deand; KOLLER, Silvia Helena. O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. **Psicol. cienc. prof.** [online], v. 21, n. 1, p. 14-29, 2001.

ANTÓNIO, Stella. Netos e avós: a matrilinearidade dos afectos. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE DEMOGRAFIA, II. **Demografia e população: novos desafios**. Lisboa, 2004.

\_\_\_\_\_. **Avós e netos, relações intergeracionais:** a matrilinearidade dos afectos. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2010.

ARATANGY, Lídia Rosemberg.; POSTERNAK, Leonardo. **Livro dos avós:** na casa dos avós é sempre domingo? São Paulo: Artemeios, 2005.

ARAÚJO, Cristina P.; DIAS, Cristina Maria de S. B. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 4, n. 2, jul. 2010.

ARAÚJO, Mayeve R. G. L.; DIAS, Cristina Maria de S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 91-101, 2002.

ARIÈS, Phillip. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARRAIS, Alessandra; BRASIL, Katia; CÁRDENAS, Carmen; LARA, Luisa. O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 159-176, mar. 2012.

ATALLA, Márcia Maria . **Netos, o olhar das avós:** vivências de avós que cuidam de seus netos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1996.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_.; LAPIERRE, N.; SEGALEN, M. **Le nouvel esprit de famille**. Paris: Odile Jacob, 2002.

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. **O vínculo nas relações familiares em crianças com dificuldade de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2011.

\_\_\_\_\_. Genealogia: uma análise autobiográfica. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira et al. (Org.). **Nomes de famílias; subjetividade, genealogia, juridicidade e historicidade**. Salvador: Quarteto, 2013. v. 1, p. 175-182.

AZEVEDO, Joaquim. Os avós do século XXI: desafios para a escola e a universidade. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 61-64, 2005-2006.

AZEVEDO, Tâmara Melo. **Retratos da avó na literatura infantil de Ana Maria Machado e Ruth Rocha**. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2009.

\_\_\_\_\_.; RABINOVICH, Elaine. P. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. **Revista Psicologia USP**, v. 23, n. 1, p. 211-231, 2012. <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v23n1/v23n1a11.pdf>

BAKER, Lindsey; SILVERSTEIN, Merrill; PUTNEY, Norella. Grandparents raising grandchildren in the United States: changing family forms, stagnant social policies. **J Soc Soc Policy**, n. 7, p. 53-69, 2008.

BACKHOUSE, Jan. **Grandparents raising their grandchildren: impact of the transition from a traditional grandparent role to a grandparent-as-parent role**. PhD thesis, Southern Cross University, Lismore, NSW, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2004.

BARROS, Célia. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2000.

BEHAR, Patrícia; SOUZA, Ana Paula Frozi; AMARAL, Caroline Boher. Objetos de aprendizagem para professores da ciberinfância. **RENOTE**– Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 7, p. 56-66, 2009.

BERNAL, Jerônimo González et al. Funciones que desempeñan los abuelos. **International Journal of Developmental and Education Psychology**, XXII, v. 2, n. 1, p. 625-633, 2010.

\_\_\_\_\_.; ANUNCIBAY, Raquel de la Fuente. Relevancia psico-socio-educativa de las relaciones generacionales abuelo-nieto. **Revista Española de Pedagogía**, v. LXVI, n. 239, p. 103-118, jan./abr. 2008.



BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas psicol.** [online]., v. 5, n. 3, p. 33-49, 1997.

\_\_\_\_\_. Cuidado e negligência na educação da criança na família. In: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. (Org.). **Família e educação: olhares da Psicologia.** São Paulo: Paulinas, 2008. p. 17-32.

BISCAIA, Jorge. Os avós. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 81-86, 2005-2006.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão social**, v. 1, n. 1, 2005.

BOTELHO, Alexandra Bernadete Roçadas. Aprendendo a vida, escutando as vozes das crianças. In: DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natália (Org.). **Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso brasileiras.** Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2012. p. 50-71.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro (ECA)**, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 525-535, 2003.

BRONFENBRENNER, Urie. Developmental research, public policy, and the ecology of childhood. **Child Development**, v. 45, p. 1-5, 1974.

\_\_\_\_\_. The ecology of cognitive development: research models and fugitive findings. In: WOZNIAK, Robert; FISCHER, Kurt (Org.). **Development in context: acting and thinking in specific environments.** Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. p. 3-44.

\_\_\_\_\_. Uma família e um mundo para o Bebê XXI: sonho e realidade. In: GOMES-PEDRO, João (Coord.). **Bebê XXI: criança e família na viragem do século.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 115-126.

\_\_\_\_\_. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Tradução M. A. V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Trabalho original publicado em 1979).

\_\_\_\_\_; MORRIS, P. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W. (Org.). **Handbook of child psychology.** New York: John Wiley & Sons, 1998. p. 993-1027.

\_\_\_\_\_. **Making human beings:** human bioecological perspectives on human development. Sage: Califórnia, 2004.

\_\_\_\_\_. **Bioecologia do desenvolvimento humano:** tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BURCKARDT, Eduarda Virginia; SCHWENGBER, Maria Simone. Uma investigação acerca do modo de brincar de crianças e os efeitos de gênero em diferentes contextos socioculturais. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA PESQUISA COM CRIANÇAS, II: Desafios Éticos e Metodológicos. **Anais...** 2014.

CAETANO, Ricardo Jorge Bastos. **Identificação e análise das práticas lúdicas e recreativas em idosos:** jogos, brinquedos e brincadeiras dos nossos avôs: um estudo do gênero. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Muito além dos 60:** os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

\_\_\_\_\_. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 35-63, 2003.

\_\_\_\_\_. KANSO, S.; MELLO, J. L.; PASINATO, M. T. **Família; espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades.** Estudos macroeconômicos do IPEA, 2004.

\_\_\_\_\_, PASINATO, Maria Teresa.; LEMOS, Vanessa. Cuidados de longa duração para a pessoa idoso: uma questão de gênero? In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice.** Campinas: Alínea, 2007. p. 13-60.

CARDOSO, Andréia R. **Ser avó para “estragar” ou para “educar”?** um estudo com grupos de avós que cuidam de netos. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Avós no século XXI, mutações e rearranjos na família contemporânea.** Curitiba: Juruá, 2011.

\_\_\_\_\_; BRITO, Leila. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, set./dez. 2014.

CARDOSO, Vanessa S.; COSTA, Liana F. “Não me perguntem com quem eu quero ficar”: a voz da criança e os avós no pedido de guarda judicial. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 1, p. 58-64, jan./jun. 2014.

CARVALHO, Ana Maria A.; BERVALDO, Katharina E. A.; PEDROSA, Maria Isabel; COELHO, Maria Teresa. O uso de entrevistas em estudos com crianças. **Psicol. estud.**[online], v. 9, n. 2, p. 291-300, 2004.

\_\_\_\_\_; MOREIRA, Lúcia Vaz de C.; RABINOVICH, Elaine P. Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online], v. 26, n. 3, p. 417-426, jul./set. 2010.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Sílvia Helena. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 515-524, 2003.

CERVENY, Ceneide. **Intergeracionalidade**: heranças na produção do conhecimento. São Paulo: Rocca, 2011.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico**: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista. São Paulo: Vetor, 2004. p. 147-162.

CHEN, Feinian; LIU, Guangya; MAIR, Christine A. Intergerational ties in context: grandparents caring for grandchildren in China. **Soc Forces**, v. 90, n. 2, p. 571-594, dec. 2011.

CONWAY, Marcia Ane. **Rural grandparents raising grandchildren**: predictors of parental stress. Master of Science. Montana State University. 2004.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COTRIM, Gabriela; BICHARA, Ilka D. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [Online], v. 26, n. 2, p. 388-395, 2013.

COUTO, Fabiana P. **Vidas compartilhadas**: avós e netos com deficiência em situação de violência e abandono. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

COUtrim, Rosa Maria. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006.

\_\_\_\_\_, BROTO, Ivonicleia, MAIA, Iara, VIEIRA, Lívia. Apontamentos a respeito do papel dos avós no cotidiano escolar de crianças do ensino fundamental. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, IV. **GT-16**. Teresina, 2006.

\_\_\_\_\_, BOROTO, Ivonicleia, VIEIRA, Lívia; MAIA, Iara. O que os avós ensinam aos netos? a influência da relação intergeracional na educação formal e informal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIII. **Anais...** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

\_\_\_\_\_; FIGUEREDO, Adriana Maria de. Quando os avós são os pais: um estudo sobre o papel dos mais velhos na educação das crianças. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31. **Anais...** Caxambu/MG, 2007.

CUNHA, Bebiana; MATOS, Paula M. Relações intergeracionais: significados de adolescentes sobre avós idosos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA, VII. **Actas**. Universidade do Minho, Portugal, 4-6 fev. 2010.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Tempos e espaços das infâncias. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 2006.

DELGADO, Paulo. O acolhimento familiar numa perspectiva ecológico-social. **Revista Lusófona de Educação**, n. 14, p.157-168, 2009.

DIAS, Cristina Maria de S. B. **A influência dos avós na família nuclear**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 31-40, 1985.

\_\_\_\_\_. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Revista Symposium**, v. 6, n. 1/2, p. 34-38, jan./dez. 2002.

\_\_\_\_\_. Aspectos teóricos e de pesquisa na relação avós-netos. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 6, n. 7, p. 89-98, 2004.

\_\_\_\_\_. Relación abuelos-nietos; teoría y investigación. **Alternativas en Psicología**, México, v. 11, n. 14, p. 109-115, 2006.

\_\_\_\_\_. Pais são para criar e avós para estragar: será? In: GOMES, I. C. (Coord.). **Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2008. p. 67-72.

\_\_\_\_\_; AGUIAR, Ana Gabriela; HORA, Flávia F. A. Netos criados por avós: motivos e repercussões. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 41-58.

\_\_\_\_\_; ARAÚJO, Mayeve R. G. L. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 91-101, 2002.

\_\_\_\_\_; COSTA, Juliana M. Um estudo sobre avó guardiã na cidade do Recife. In: AMAZONAS, M. C. L. A.; LIMA, A. O.; DIAS, C. M. S. B. **Mulher e família**: diversos dizeres. São Paulo: Oficina do Livro, 2006. p. 127-138.

\_\_\_\_\_; COSTA, Juliana M; RANGEL, Verônica A. Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal, efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2005. p. 158-176.

\_\_\_\_\_; HORA, Flávia Fernanda A.; AGUIAR, A. G. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia Teoria e Prática**[online], v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010.

\_\_\_\_\_; SILVA, Deusivânia. Os avós na perspectiva de netos adolescentes: um estudo qualitativo. In: FERÉS-CARNEIRO, T. (Org.). **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Nau, 2001. p. 53-66.

\_\_\_\_\_; SILVA, Márcia Andréa S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. esp., p. 55.

\_\_\_\_\_; VIANA, Maria Lúcia C. L.; AGUIAR, Fabiana S. L. A auto-percepção das avós precoces. In: FERÉS-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Loyola; São Paulo: PUC, 2003. p. 119-140.

-----; ATAÍDE, Everson; MAGALHAES, Kécia; ALBUQUERQUE, Nathália. As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In: FERÉS-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 79-95.

DOLAN, Melissa; CASANUEVA, Cecilia; SMITH, Keith; BRADLEY, Robert. Parenting and the home environment provided by grandmothers of children in the child welfare system. **Children and Youth Services Review**, v. 31, n. 7, p. 784-796, 2009.

DOLL, Johannes. **Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida**. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 109-124.

DOMINGUEZ, Tatiana; VITORINO, Anabela; MORGADO, Sónia. Relações intergeracionais: a visão dos avós. **International Journal of Developmental and Educational Psychology – INFAD, Revista de Psicología**, v. 4, n. 1, p. 237-248, 2011.

DORNELLES, Leni Vieira. Sobre o devir-criança ou discursos sobre as infâncias. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, V. Rio de Janeiro. **Anais...**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

DUARTE, Sara Maria de J. **Avós e netos, duas gerações unidas: um projecto de actividades intergeracionais na Aldeia de São José de Alcalar**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Escola Superior de Educação/Escola Superior de Saúde de Faro, Universidade do Algarve, 2009.

DURÃO, Mário Carlos Marques. **Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens: estudo exploratório com alunos do 2º ciclo do ensino básico**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

DUTRA, Helena Maria de S. M. O. M. **O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos**. Dissertação (Mestrado em Saúde Escolar) – Faculdade de Medicina de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

ENGSTROM, Malitta. Involving caregiving grandmothers in family interventions when mothers with substance use problems are incarcerated. **Family Process**, v. 47, n. 3, p. 357-371, 2008.

EULER, Harald A.; MICHALSKI, Richard L. Grandparental and extended kin relationships. In: SALMON, C.; SHACKELFORD, T. K. (Org.). **Family relationships: an evolutionary perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 185-204.

FALCÃO, Deusivânia. V. S.; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S. N. F. O impacto da doença de Alzheimer nas relações intergeracionais. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 137-152, 2009.

\_\_\_\_\_; SALOMÃO, Nádia Maria R. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia**(Natal), v. 8, n. 1, p. 135-145, 2003.

\_\_\_\_\_; SALOMÃO, Nádia Maria R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**[online], v. 22, n. 2, p. 205-212, 2005.

FARIA, Roselly C. **A função do Jogo Colaborativo na terapia familiar sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, out./dez. 2013.

FLORES, Gisela C. **“Eu cuido dela e ela cuida de mim”**: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FONSECA, Ana Lúcia B.; BASTOS, Ana Cecília. S. Maternidade em contexto cultural: um estudo com mães adolescentes de duas comunidades (uma urbana e outra semi-rural) na Bahia. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 11, n. 1, p. 80-89, 2001.

FONSECA, Fabio S.; YAMIN, Giana A. Histórias de crianças moradoras no assentamento São Pedro com seus/suas avós. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – ENIC, 8. **Anais...** Mato Grosso do Sul, UEMS, n. 2, 2010.

FORTUNA, Tânia Ramos. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, Ivany. S. (Org.). **Escola e sala de aula: mitos e ritos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 47-59.

FRANÇA, Maria Cristina C. C. A memória intrageracional e a memória compartilhada sobre as experiências transmitidas entre avós e netos em Teutônia (RS). **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 6, p. 53-81, 2004.

GALLARDO, Mercedes C. **Relaciones intergeneracionales y bienestar de las personas mayores**. Tese (Doutorado em Psicogerontologia) – Departamento de

Psicología Evolutiva y de la Educación, Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Granada, Granada, 2007.

GARCIA, Cristina N.; VEJA, Cristina V. Relaciones abuelos-nietos: una aproximación al rol del abuelo. **Sociedad y Utopía – Revista de Ciencias Sociales**, n. 41, p. 464-482, jun. 2013.

GEORGAS, James; BERRY, John, VAN DE VIJVER, Fons; KAGITÇIBASI, Çigdem; POORTINGA, Ype. **Families across cultures: a 30-nation psychological study**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GERONDO, Vanessa. **As avós idosas cuidadoras dos netos hospitalizados**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) –Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013.

GOLDFARB, Delia C.; LOPES, Ruth G. C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: FREITAS, Elisabete. V.; PY, Lígia (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006.

GOLDMAN, Sara N. Velhice e direitos sociais. In: GOLDMAN, S. N.; PORTELA, A.; ARNAUT, T. (Coord.). **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?**. Rio de Janeiro: ANG-RJ/CBCISS, 2000. p. 13-42.

GOMES, Iracema Patrícia Freire de Lima. **A relação entre avós e netos: fatores facilitadores e de risco nessa convivência**. Monografia (não publicada). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2013.

GOMES-PEDRO, João. O papel dos avós no século XXI. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 11-24, 2005-2006.

GONÇALVES, Vitor; PATRICIO, Maria Raquel. TINA: um projecto para netos e avós. In: ENCONTRO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, I. **Anais...** Instituto Politécnico de Bragança-Portugal, 2011.

GOODMAN, Catherine C. Caregiving grandmothers and their grandchildren: well-being nine years later. **Children and Youth Services Review**, v. 34, n. 4, p. 648–654, 2012.

GRAND PARENTS PLUS. A prestação de cuidados pelos avós na Europa: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis. **Síntese**, mar. 2013.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Infância e velhice**. pesquisa de ideias. Campinas, SP: Alínea, 2003.

HAGESTAD, Gunhild; BURTON, Linda. Grandparenthood: life context and family development. **American Behavioral Scientist**, v. 29, n. 4, p. 471-484, 1986.

HARPER, Sarah. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 25-38, 2005-2006.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUGHES, Mary Elizabeth et al. All in the family: the impact of caring for grandchildren on grandparents' health. **J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci.**, v. 62, n. 2, p. S108–S119, mar. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil, 2000**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 9, Rio de Janeiro: Autor, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mulher no mercado de Trabalho**. 2012.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>>.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, 2013**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/>>.

JANELA, Antonio. Os avós como transmissores da fé. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 51-59, 2005-2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. A entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 90-113.

KIPPER, Caroline; LOPES, Rita Sobreira. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online], v. 22, n. 1, p. 29-34, 2006.

KOLLER, Silvia; DE ANTONI, Clarissa. Violência familiar: uma visão ecológica. In: KOLLER, S. H. (Ed.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 293-310.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEITE, Leila. **Gênero, família e representação social da velhice**. Londrina: Eduel, 2004.



LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade & afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. São Paulo: Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 52, p. 109-132, 2006.

LOPES, Ewellyne Suely L.; NERI, Anita L.; PARK, Margareth B. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2005.

\_\_\_\_\_; PARK, Margareth B. Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. **Estudos Psicol. (Natal)** [online], v. 12, n. 2, p. 141-148, 2007.

LUZ, Ane Carolina; FAVRETTO, Liliani. Influência da presença dos avós no desenvolvimento psicossocial de crianças que frequentam a educação infantil. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IX. **Anais...** Universidade do Contestado, Concórdia/SC, 9-10 maio 2013.

MACEDO, Márcia Santos. Gênero, família e chefia feminina: algumas questões para pensar. In: BORGES, Ângela; CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Família, gênero e gerações**: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 135-178.

\_\_\_\_\_. **Na trama das interseccionalidades**: mulheres chefes de família em Salvador. 2008, Salvador. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MACHADO, Selma Suely L. **O legado das avós e os bens do cuidado**: estudo sobre família, gerações e redes sociais em bairro popular de Belém/PA. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Gênero, geração e o lugar das avós: estudo com famílias de bairro popular em Belém. **R. Pol. Públ.**, São Luis, v. 14, n. 1, p. 131-137, jan./jun. 2010.

MACIEL, Priscila Cristina; PESSIN, Gisèle; TENORIO, Luiza Carla. Terceira idade e novas tecnologias: uma relação de possibilidades e desafios In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. **Anais...** Niterói RJ, 2012.

MAINETTI, Ana Carolina; WANDERBROOKE, Ana Claudia N. S. Avós que assumem a criação de netos. **Pensando fam.** [online], v. 17, n. 1, p. 87-98, 2013.

MANN, Robin; KHAN, Hafiz; LEESON, George. Age and gender differences in grandchildren's relations with their maternal grandfathers and grandmothers. **Oxford Institute of Ageing Working Papers**. 2009. p. 1-20.

MARANGONI, Jacqueline F. C. **“Meu tempo, seu tempo”**: refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. C. S. L. Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: FALCÃO, D. V. S. (Org.). **A família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2010. p. 37-56. (Coleção Vivacidade).

MARCONDES, Glaucia dos S. Uns ficam, outros vão e alguns voltam: composição e dinâmicas dos grupos domésticos em Salvador. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARIANO, Fabiana Leite Rabello. **Interações entre avós e seus netos com deficiência: uma experiência em musicoterapia**. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

\_\_\_\_\_; FIAMENGHI JÚNIOR, Geraldo A. Avós/cuidadoras e seus netos com deficiência: uma experiência em musicoterapia. **Aletheia – Revista de Psicologia**, Canoas, n. 34, p. 138-150, 2011.

MARQUES, Fernanda R. B. et al. A presença das avós no cotidiano das famílias de recém-nascidos de risco. **Cienc Cuid Saude**, v. 10, n. 3, p. 593-600, jul./set. 2011.

MARTÍNEZ, Antonio Luis M. Aproximación a los conflictos generados entre los abuelos cuidadores de nietos y los padres en la sociedad actual. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Revista Eumed, Universidad de Málaga, 2010.

MARTINS, Aquiles. Envelhecimento, sociedade e cidadania. **Revista Transdisciplinar de Gerontologia**, Porto, Universidade Sénior Contemporanea, v. 1, n. 1, p. 77-78, 2007.

MARTINS, Lígia Maria. A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade. In: ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (Org.). **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 27-50.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Centauro, 2005.

MARTINS, Edna; SZYMANSKY, Heloísa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, ano 4, n. 1, p. 63-79, 1 sem. 2004.

MATSUKURA, Thelma S.; YAMASHIRO, Juliana A. Relacionamento intergeracional, práticas de apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. **Rev. bras. educ. espec.** [online], v. 18, n. 4, p. 647-660, 2012.

MEDEIROS, Blenda Carine; FRANCISCHINI, Rosângela. Pesquisa e intervenção com crianças: a participação desses sujeitos enquanto pressuposto. In: SIMPÓSIO

LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA PESQUISA COM CRIANÇAS, II: Desafios Éticos e Metodológicos. **Anais...** 2014.

MELCA, Fátima Maria A. **Ser uma avó cuidadora**: um estudo de caso. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MENESES, Avelino de Freitas de. Os avós na sociedade contemporânea. In: RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, Aida. **A voz dos avós**: migração, memória e patrimônio cultural. 2. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2014. p.23-32.

MESTRE-MIQUEL, Joana Maria. Repercusión de la conciliación de la vida social y familiar en las abuelas cuidadoras en el siglo XXI. In: CONGRESO ANUAL DE LA REPS (Red Española de Política Social), III. **Anais...** Pamplona, 2011.

\_\_\_\_\_; GUILLEN-PALOMARES, Juliana; CLARO-BLANCO, Fernanda. Abuelas cuidadoras en el siglo XXI: recurso de conciliación de la vida social y familiar. **Portularia**, v. XII, n. extra, p. 231-238, 2012.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MINUZZI, Ivi Helena. **Elos da memória**: o discurso dos avós sobre a cultura. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

MORAES, Avany Berman de. **Significados atribuídos pelos avós no cuidado com a saúde bucal dos netos**: um enfoque qualitativo. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Olhares de crianças baianas sobre família. **Paidéia**(Ribeirão Preto) [online], v. 19, n. 42, p. 77-85, 2009.

MOREIRA, SILVA, Célia N.; ALVES, Daisy; SILVA, Dyana; SILVA, Ivone; GUIMARAES, Leonor; MORAES, Rita de Cassia; CHAVES, Roberta. Bronfenbrenner e o modelo bioecológico: contribuições para a família. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, SEMOC, X, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UCSAL, 2007.

MORGADO, Sónia; VITORINO, Anabela. Envelhecimento positivo ao serviço dos netos. **Internacional Journal of Developmental and Educational Psychology – Envejecimiento positivo y solidaridad intergeneracional**, Instituto Politécnico de Santarém. **INFAD Revista de Psicología**, v. 1, n. 2, p. 13-24, 2012.

MOTTA, Alda Brito da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 109-142.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Gloria. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014.

NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Sílvia Helena. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, Sílvia Helena. **Ecologia do desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-65.

OBURU, Paul Odhiambo. Caregiving stress and adjustment problems of Kenyan orphans raised by grandmothers. **Early Development and parenting**, v. 14, n. 2, p. 199-220, 2005.

OLIVEIRA, Ana Lúcia; LUSTOSA, Helaine P.C; FARIA, Maria Isabel; OLIVEIRA, Renata; LOPES, Ruth. Avós e netos: espaço de encontro de gerações? **Revista Kairós**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 252-253, jun. 2008. (Anais da X Semana de Gerontologia – Retrospectiva e Desafios).

OLIVEIRA, Alessandra R. V. **Avosidade**: visão das avós e de seus netos. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009a.

\_\_\_\_\_; GOMES, Lucy; TAVARES, Adriano; CARDENAS, Carmen. Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 149-158, nov. 2009b.

\_\_\_\_\_; VIANNA, Lucy G.; CÁRDENAS, Carmen J. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 461-474, 2010.

\_\_\_\_\_; PINHO, Diana. Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 633-642, 2013.

OLIVEIRA, Caroline M.; MARIOTTO, Rosa Maria M. Dois casos e uma questão: qual é o lugar do cuidador na subjetivação da criança? **Estilos clin.** [online], v. 13, n. 24, p. 176-189, 2008.

OLIVEIRA, Cristina Maria N. **Relações intergeracionais**: um estudo na área de Lisboa. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.

OLIVEIRA, Gilzacarla A. S. **Percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, 2015.

OLIVEIRA, Janaína T. S. et al. Pais no exterior e netos sob total responsabilidade das avós: uma análise desta realidade. **Encontro Revista de Psicologia**, v. 13, n. 18, p. 59-70, 2010.

OLIVEIRA, Maíra Ribeiro de. **Nascimento de filhos**: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2007.

OLIVEIRA, Paulo S. **Vidas compartilhadas**: o universo cultural nas relações entre avós e netos. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Vidas compartilhadas**: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1999. (Coleção Linguagem e Cultura).

ORTIZ, Lourdes P. Las abuelas como recurso de conciliación entre la vida familiar y laboral: presente y futuro. In: ESPANHA. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Secretaría General de Políticas de Igualdad. Instituto de la Mujer. **Estudios e investigaciones**. Universidad Autonoma de Madrid, 2005-2006.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luis Sinésio. O valor dos avós na sociedade brasileira. **Partes Revista Virtual**, 2008. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/terceiridade/ovalordosvos.asp>>

OSUNA, Maria José. Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas con sus nietos y nietas en la infancia. **Revista Multidisciplinar de Gerontología**, v. 16, n. 1, p. 16-25, 2006.

\_\_\_\_\_; VIANNA, Lucy; CÁRDENAS, Carmen. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 461-474, 2010.

PASQUALOTTI, Adriano; BARONE, Dante; DOLL, Johannes. As tecnologias de informação e comunicação na vida de idosos com sintomas de depressão: significado, experiências e relacionamentos. **Saúde Soc.**, v. 21, n. 2, p. 435-445, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ROCHA, Simone Maria da. A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 44, n. 30, p. 36-61, set./dez. 2012.

PAULA, Flávia Viana de; SILVA, Maria Josefina da ; BESSA, Maria Eliana Peixoto ; MORAIS, Geridice Lorna ; MARQUES, Marília Braga. Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. **Rev Rene** – Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, Fortaleza, v. 12, n. esp., p. 913-921, 2011.

PEDROSA, Aline S. **Homens idosos avôs**: significado dos netos para o cotidiano. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Avôs na contemporaneidade: significado dos netos para o cotidiano. **Revista Imaginário**, v. 13, n. 16, p. 257-269, 2008.

PEDROSO, Maria de Lourdes Rodrigues. **Situações de vulnerabilidade e ambiente ecológico**: interseções no cotidiano de famílias de crianças convivendo com doenças crônicas. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PEIXOTO, Clarice. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PELISOLI, Cátula; TEODORO, Maycoln Leôni Martins; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar: estudo de caso. **Arq. bras. psicol.** vol.59, n.2, pp. 256-269, 2007.

PERDIGÃO, Florbela; VITORINO, Paulo; CUNHA, Sandra. **O papel educativo dos avós**. Educação Familiar – Trabalho Final. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. 2004. p. 1-37

PICHON RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PINAZO-HERNANDIS, Sacramento; LLUNA, Jezabel. Menores criados por sus abuelas: mejora de la pautas de cuidado a menores en acogimiento familiar en familia extensa a través de un programa de intervención psicoeducativo. **Revista sobre la Infancia y la Adolescencia**, v. 1, p. 14-34, 2011.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). **As crianças: contextos e identidades**. Portugal: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

PIRES, Maria de Fátima F. **Presença e papel dos avós**: estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, 2010.

PLANILLO, Alfredo H. Abuelos, abuelas, nietos e nietas: el punto de vista infantil. **Indivisa – Boletín de Estudios e Investigación**, La Salle Centro Universitario España, n. 5, p. 35-42, 2004.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estud. psicol.** (Campinas) [online], v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008.

PONCE, Roberto; BENAVENT, José; VALLE, Remédios. La relación abuelos-nietos-escuela: una excusa o una necesidad. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEORIA DE LA EDUCACION, XII. **Comunicaciones...** Universitat de Barcelona, 2011.

PORTERFIELD, Fonda K. **Family coping and adaptation among grandparents rearing grandchildren**. Master of Science in Health and Human Development. Montana State University. Bozeman, Montana, 2007.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRATI, Larissa et al. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 1, p. 160-169, 2008.

PRIORE, Mary del. Mulheres, histórias e perspectivas. In: FREITAS, M. C. (Org.). **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 96-98.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lucia Campos Vaz. Significados de família para crianças paulistas. **Psicologia em Estudo**[online], v. 13, n. 3, p. 447-455, 2008.

\_\_\_\_\_; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Significados de família para crianças paulistas. **Psicol. estud.** [online], v. 13, n. 3, p. 447-455, 2008.

\_\_\_\_\_; CAMPOS, Lúcia V.C.; FRANCO, Anamélia. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

\_\_\_\_\_; AZEVEDO, Tâmara. Participação dos avós no cuidado cotidiano dos netos pequenos. In: CASTRO, Mary Garcia; CARVALHO, Ana Maria Almeida; MOREIRA, Lucia Vaz de Campos (Org.). **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos. Salvador: Edfuba, 2012. p. 205-238.

\_\_\_\_\_; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; FRANCO, Anamélia. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

\_\_\_\_\_; DINIZ, Edith. L.; BASTOS, Ana Cecília S. A maternidade em três gerações de mulheres da localidade de Pau Grande, Bahia. **CONINTER**, v. 14, n. 3, p. 1-11, 2014.

\_\_\_\_\_; DINIZ, Edith.; BASTOS, Ana Cecília S. Relato descritivo da experiência de parto por parteira: o poder da mulher quilombola. In: MANDARINO, A. C. S.; GOMBERG, E. (Org.). **Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes**. São Cristóvão: Editora UFS/ EDUFBA, 2009. p. 63-80.

\_\_\_\_\_; AZAMBUJA, Rosa Maria M.; MOREIRA, Lúcia V.C. Significados dos bisavós para crianças baianas. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 1, p. 179-199, 2014.

RAMOS, Anne Carolina. "Avó é feminino e avô é masculino": relações de gênero e entre gerações na perspectiva das crianças. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL, XV. **Anais...** Universidade Federal do Piauí, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cultura infantil e envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice?** um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8929/000591048.pdf?...1>>. Acesso em: 9 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Meus avós e eu:** as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RAMOS, Natália. Relações e solidariedades intergeracionais na família – dos avós aos netos, in **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 39, n.º1, 2005, p.195-216.

RAMOS, Natália. Avós e netos através da(s) imagem(s) e cultura. In: RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, Aida. **A voz dos avós:** migração, memória e patrimônio cultural. 2. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2014. p. 33-56.

REIS, Alcinda Maria Sacramento Costa dos. Avós e netos interações de hoje... que opções profissionais amanhã? In: RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, Aida. **A voz dos avós:** migração, memória e patrimônio cultural. 2. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2014. p. 57-67.

REIS, Lilian; RABINOVICH, Elaine. O fantasma da repetição e a relação mãe-criança. **Revista Bras Crescimento Desenvolvimento Hum**, v. 16, n. 3, p. 39-52, 2006.

\_\_\_\_\_; RABINOVICH, E. Educação compartilhada entre mães e avós. In: MOREIRA, L. V.C.; CARVALHO, A. M. (Org.). **A família e a educação:** olhares da psicologia. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 61-78.

ROA, Sandra G. **Rol que desempeñan los abuelos con nietos escolares en el sector de Bellavista-Tomé.** Tese apresentada na Universidad de Concepcion no Chile, 2006.

ROCHA, Sheila. Laços afetivo-virtuais entre avós e netos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES – CONINTER, II. **Anais...** UFMG, 2013.

RODRIGUES, João Paulo V. **Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças:** uma abordagem intergeracional e intercultural. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Saúde) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

\_\_\_\_\_. Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças: uma abordagem intergeracional. In: RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, Aida. **A voz dos avós:** migração, memória e patrimônio cultural. 2. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2014. p. 70-90.



RODRIGUES, Sara. **A relação entre avós e netos após a separação conjugal dos pais**. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2013.

ROSIER, Michele; STOLTZ, Tânia. A interação da criança com seus pares na escola e sua relação com os contextos familiares. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, VII. ANPED SUL. **Anais...** Univali, Itajai, SC, 2008.

RUIZ SOTO, María Claudia et al. Los abuelos favoritos desde la percepción de preadolescentes de la ciudad de Armenia. **Rev. invest. univ. quindío**, n. 19, p. 28-41, Colombia, 2009.

SANTANA, Nívia. **Criança e adolescente sob a guarda de avós**: proteção integral, dignidade da pessoa humana e reflexos previdenciários. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011.

SANTOS, Ivanilza Etelvina. **Homem idoso**: vivência de papéis durante o ciclo vital da família. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_; DIAS, Cristina M. S. B. Homem idoso: vivências de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. **Aletheia**, v. 27, n. 1, p. 98-110, 2008.

SANTOS, Sílvia M. A. **Idosos, família e cultura**: um estudo sobre a construção do papel do cuidador. Campinas: Alínea, 2003.

SANTOS, Thamyris Maués dos; SILVA, Simone Souza da Costa; PONTES, Fernando Augusto Ramos. A participação dos avós no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazônica. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 13, n. 1, p. 182-197, 2011.

\_\_\_\_\_; SILVA, Simone; PONTES, Fernando. A participação dos avós no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazônica. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 13, n. 1, p. 182-197, 2011. (citado acima)

SANTOS, Valéria Antunes dos. Pais que retornam a residir com os filhos na velhice. novas ou velhas parcerias? Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SANTOS, Vanessa Luz dos. **As avós idosas cuidadoras dos netos hospitalizados**. Curitiba, 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. **Sociologia della famiglia**. Bologna: Mulino, 2001.

SARAT, Magda. Avós e netos: as relações estabelecidas nos processos educativos e “civilizadores”. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, X. **Anais...** Unicamp, Campinas, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA, 2004. p. 9-34.

\_\_\_\_\_; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: \_\_\_\_\_. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Bezerra, 1997. p. 7-30.

SCHERER, Márcia Rejane. A globalização e a infância: reflexos e reflexões nas falas das crianças. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10. Anais... 2009.

SCHMIDT, Cristiane. **As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13741>>. Acesso em: 11 maio 2013.

SCHULER, Flávia de Maria Gomes; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. “Deixados para trás”? as repercussões da migração da mãe na vida dos filhos que ficaram. Atas CIAIQ 2015. v. 1, p.129-134.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SILVA, Ana Mateus. A colaboração dos avós na educação dos netos. **Revista Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 1, n. 1, p. 67-75, 2012.

SILVA, Anna Paula. **Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

SILVA, Anderson Costa; MACENA FILHA, Maria de Lourdes. O que fica de minha avó – registro de lendas e mitos populares de um bairro de fortaleza na atualidade. Congresso Brasileiro de Folclore, XVI. **Anais eletrônicos**. Florianópolis, UFSC 14 a 18 de outubro de 2013.

SILVA, Candido de Jesus. **Nas malhas das redes de solidariedade familiar: um estudo sobre avós que cuidam ou criam netos em um bairro da zona norte de Aracaju**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2012.

SILVA, Deusivania Vieira da; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; DIAS, Mardonio Rique. Os avós na perspectiva dos netos adolescentes. **Mente Social**, Rio de Janeiro, v. 5, 1999. p. 89-117.

\_\_\_\_\_; SALOMÃO, Nádia. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia** [online], v. 8, n. 1, p. 135-145, 2003.

SILVA, Janaina Teixeira; COELHO, Raquel Santos; CAMPOS, Carla Alves; OLIVEIRA, Edilene; BORGES, Fernanda Correa, OLIVEIRA, Kaline. Pais no exterior e netos sob total responsabilidade das avós: uma análise desta realidade. **Revista Encontro de Psicologia**, v. 13, n. 18, p. 59-70, 2010.

SILVA, Keila Queiroz. Narrativas memorialistas de mulheres idosas: novas identidades maternas e o mito da avoternagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTORIA, IV. **Anais...** Maringá PR, 2009.

SILVA, Niedja Pereira; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito Avôs e avós: percepção do papel. *Revista Symposium, Psicologia*, v. 3, n. esp., p. 51-67, 1999.

SILVA, Tamires Santos Rufino; MAGALHAES, Celina Maria Colino; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves. Interações entre avós e netos em instituição de acolhimento infantil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 49-60, 2014.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão da literatura. **Psicologia e Sociedade**, n. 18, p. 71-80, 2006.

SMORTI, Martina. Grandparents-grandchildren relationship. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, n. 46, p. 895-898, 2012.

\_\_\_\_\_; TSCHIESNER, Reinhard; FARNETI, Alessandra. Grandparents-grandchildren relationship. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, n. 46, p. 895-898, 2012.

SOUSA, Liliana. Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 39-50, 2005-2006.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS – SEI. **Projeções demográficas apontam mudança de estrutura da população baiana até 2030**. 6 set. 2013.

TAYLOR, Alan; ROBILA, Mihaela; SEUG-LEE, Hae. Distance, contact, and intergenerational relationships: grandparents and adult grandchildren from an international perspective. **Journal of Adult Development**. p. 33-41, 2005.

TIMONEN, Virpi; DOYLE, Martha; O'DWYE, Ciara. **The role of grandparents in divorced and separated families**. School of Social Work and Social Policy Trinity College Dublin, 2009.

TODARO, Monica de Ávila. **Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos**. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas, 2008.

TRIADÓ, Carme, VILLAR, Feliciano., SOLÉ, Carme., CELDRÁN, Montserrat PINAZO, Sacramento, CONDE, Lluís, MONTORO-RODRIGUES, Julián. Las abuelas/os cuidadores de sus nietos/as: tareas del cuidado, beneficios y dificultades del rol. **International Journal of Development and Educational Psychology**, v. 1, n. 4, p. 455-464, 2008.

TUDGE, Jonathan. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In: OREIRA, Lúcia Vaz de; CARVALHO, Ana M. **Família e educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008.

VILLANUEVA, Tomàs Yerro. Abuelas y abyekis españoles de hoy: imprescindibles? **Rev. Cuadernos gerontológicos**, n. 15, p. 10-27, 2013.

VISCA, Jorge. **O diagnóstico operatório na prática psicopedagógica**. São Paulo: Pulso, 2008.

VITALE, Maria Amália. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana; VITALE, Maria Amália. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 93-105.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

WEISBROT, Mariela; GIRAUDO, Nanci. Conceptos y percepciones de las abuelas sobre el cuidado de sus nietos: estudio cualitativo en una población del Hospital Italiano de Buenos Aires. **Arch Argent Pediatr**, v. 110, n. 2, p. 126-131, 2012.

WHITE, Dawn Rajean. **Grandparents raising their grandchildren new roles being defined**. Master of Science, Faculty of Miami, University Oxford, Ohio, 2007.

WILLIAMSON, Jonathan; SOFTAS-NALL, Basilia; MILLER, Jill. Grandmothers raising grand children: an exploration of their experiences and emotions. **The Family Journal**, v. 11, n. 1, p. 23-32, 2003.

YUNES, Maria Ângela Mattar; JULIANO, Maria Cristina. A bioecológica do desenvolvimento humano e suas interfaces com educação ambiental. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 37, p. 347-379, set./dez. 2010.

ZENG, Zhen; XIE, Yu. The effects of grandparents on children's schooling: evidence from rural China. **Demography**, v. 51, n. 2, p. 599–617, April 2014

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A</b>	<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AVÓS .....</b>	<b>212</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS .....</b>	<b>214</b>
<b>APÊNDICE C</b>	<b>TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENOR .....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICE D</b>	<b>CARTA CONVITE AOS PAIS DAS CRIANÇAS .....</b>	<b>216</b>
<b>APÊNDICE E</b>	<b>PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UCSAL</b>	<b>217</b>

---

**APÊNDICE A**

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AVÓS  
PESQUISA – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS E NETOS:  
O OLHAR DAS CRIANÇAS**

Prezados avós,

Esta pesquisa é parte de um estudo do Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea desenvolvido no programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). O foco deste estudo é analisar essas relações em famílias buscando conhecer os modos como as crianças e seus avós se relacionam os espaços compartilhados entre eles, o que ensinam e aprendem uns com os outros e as formas de cuidado entre as gerações. O motivo que me leva a estudar esse assunto é a necessidade de pesquisar sobre as relações intergeracionais e seus impactos sobre as famílias. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a pedagoga Rosa Maria da Motta Azambuja. A professora orientadora é a Profa. Elaine Pedreira Rabinovich. Assinando o termo de consentimento você se torna ciente de que haverá um único encontro com tempo de entrevista de cerca de 90 min. As respostas serão gravadas e posteriormente transcritas. Os instrumentos utilizados para a aquisição do conteúdo e análise desta pesquisa são: Ficha de caracterização sociodemográfica para avós e pais. Roda de Conversa e Álbum de Imagens com a criança; Jogo colaborativo e Sessão Lúdica entre avós e netos. Os dados e resultados desta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes verdadeiros dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, incluindo a própria tese de doutorado, que venha ser publicado. A sua participação nesta pesquisa é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora. Além de não oferecer nenhum risco ou prejuízo as pessoas entrevistadas. Porém, na eventualidade de a criança ou avós manifestarem algum indício de emotividade e constrangimento, me comprometo a interromper o protocolo, garantindo-lhes um ambiente acolhedor e afetivo durante a entrevista. O seu consentimento na pesquisa não acarretará nenhum gasto adicional nem benefício financeiro para você nem para a criança. Poderá entrar em contato com a responsável principal pelo estudo, Rosa Maria da Motta Azambuja, sempre que julgar necessário, pelos telefones: (71) 3353-3884/ 9964-6458. A pesquisadora se compromete a informar os resultados da pesquisa aos participantes bem como a divulgar os resultados da pesquisa em congressos e em revisões científicas.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Rosa Maria da Motta Azambuja, sempre que julgar necessário, pelos telefones: (71) 3353-3884/ 9964-6458. Declaro que concordo em participar desse estudo. Desta forma, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Salvador, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do avô/avó participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, poderá ser consultado o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador  
Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h e das 13h às 17h.  
Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 Bairro: Federação – Salvador/BA  
CEP: 40231-902 - Tel: (71) 3203-8913 - Email: [cep@ucsal.br](mailto:cep@ucsal.br)

**APÊNDICE B****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS****PESQUISA – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS E NETOS:  
O OLHAR DAS CRIANÇAS**

Prezados pais ou responsáveis,

Estamos realizando a pesquisa acima descrita, com o objetivo é conhecer os modos como as crianças e seus avós se relacionam, os espaços compartilhados entre si, o que eles ensinam e aprendem uns com os outros e as formas de cuidado entre as gerações. O motivo que me leva a estudar esse assunto é a necessidade de pesquisar sobre as relações intergeracionais e seus impactos sobre as famílias. Caso concorde em autorizar a participação de seu filho ou filha como voluntário (a) da pesquisa, sob a responsabilidade de Rosa Maria da Motta Azambuja, aluna do curso de pós-graduação em nível de doutorado, da Universidade Católica do Salvador, sob orientação da Profa. Elaine Pedreira Rabinovich, Assinando o termo de consentimento você se torna ciente de que os dados pessoais de meu filho (ou filha) serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho acima exposto, cujos dados deverão ser publicados. Os procedimentos aplicados não causarão nenhum tipo de constrangimento e não oferecerão riscos à integridade moral, física ou mental de meu filho (ou filha). Poderá interromper a participação do seu filho (ou filha) a qualquer momento. Poderá entrar em contato com a responsável principal pelo estudo, Rosa Maria da Motta Azambuja, sempre que julgar necessário, pelos telefones: (71) 3353-3884/ 9964-6458

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para permitir a participação do seu filho (ou filha) nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem: Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão a respeito da participação do meu filho (ou filha) na pesquisa se assim o desejar. Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Rosa Maria da Motta Azambuja, sempre que julgar necessário, pelos telefones: (71) 3353-3884/ 9964-6458. Declaro que dou o consentimento livre e esclarecido para a participação do meu filho(a) \_\_\_\_\_ como voluntário (a) da pesquisa supracitada. Desta forma, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pais ou responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, poderá ser consultado o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador  
Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h e das 13h às 17h.  
Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 Bairro: Federação – Salvador/BA  
CEP: 40231-902 - Tel: (71) 3203-8913 - Email: cep@ucsal.br

## APENDICE C

---

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENOR

#### PESQUISA – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS E NETOS: O OLHAR DAS CRIANÇAS

Prezada criança,

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Os seus pais permitiram que você participasse. Como pesquisadora, quero conhecer os modos como as crianças e seus avós se relacionam, os espaços compartilhados entre si, o que ensinam e aprendem uns com os outros e as formas de cuidado dos avós com os netos. Você não precisa aceitar esse convite se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se quiser participar. A pesquisa será feita aqui na escola, onde algumas crianças entre 6 a 11 anos foram selecionadas para conversarem comigo numa roda de conversa; observar gravuras de avós e netos através de um álbum de imagens e participarem de jogos em companhia de seus avós, isso tudo em 90 minutos. Durante a entrevista você tem o direito à garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo; garantia de que caso haja algum constrangimento e emotividade, me comprometo a interromper o protocolo, garantindo-lhes um ambiente acolhedor e afetivo durante a entrevista. Nos casos de dúvidas você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora Rosa Maria da Motta Azambuja, sempre que julgar necessário, pelos telefones: (071) 3353-3884/ 9964-6458.

Eu \_\_\_\_\_ (nome completo do responsável), após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor \_\_\_\_\_, recebeu todos os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa. Desta forma, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da criança

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pais ou responsáveis

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, poderá ser consultado o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h e das 13h às 17h. Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 Bairro: Federação – Salvador/BA CEP: 40231-902 - Tel: (71) 3203-8913 - Email: cep@ucsal.



**APÊNDICE D**

---

**CARTA CONVITE AOS PAIS DAS CRIANÇAS**

---

Senhores pais,

Será realizada uma pesquisa com avós e criança estudante do Colégio Batista Brasileiro, com o objetivo de analisar as relações intergeracionais e seus impactos sobre as famílias, buscando conhecer os modos como as crianças e seus avós se relacionam, os espaços compartilhados, o que eles ensinam e aprendem uns com os outros e as formas de cuidado entre as gerações.

Queremos convidar os senhores e os avós para participar desta pesquisa que será realizada através do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL.

Se aceitar participar, os senhores pais e avós responderão a entrevista que poderá ser feita na escola ou em sua residência de acordo com sua preferência.

Aceita participar? ( ) SIM ( ) NÃO

Caso aceite participar, por favor, devolva este comunicado com seus dados para que a pesquisadora entre em contato com você.

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone (s) para contato:

\_\_\_\_\_

Obrigada por sua colaboração.

Atenciosamente,  
Rosa Maria da Motta Azambuja  
Pedagoga  
Doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea - UCSAL

## APÊNDICE E

### PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SALVADOR - UCSAL



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS E NETOS: O OLHAR DAS

**Pesquisador:** Rosa Maria da Motta Azambuja

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 35769214.3.0000.5628

**Instituição Proponente:** Universidade Católica do Salvador

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.053.125

**Data da Relatoria:** 04/03/2015

##### Apresentação do Projeto:

O estudo toma como objeto as relações intergeracionais entre avós e netos, na percepção das crianças.

À luz da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano, busca compreender "o desenvolvimento como uma mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente".

Tal estudo propõe uma metodologia qualitativa descritiva baseada no estudo de casos múltiplos.

A pesquisa de campo será realizada em uma escola religiosa, que oferece sistema de bolsa para alunos filhos dos funcionários de baixa renda, localizada no bairro itaigara, Salvador – BA, onde estão matriculados 104 alunos do ensino fundamental I, no ano 2014. Os estudantes e seus avós, participantes da pesquisa, serão indicados pela coordenação escolar.

Participarão da pesquisa doze grupos familiares, consistindo em avós e seus netos, pertencentes aos níveis socioeconômicos alto, médio e baixo, subdivididos, por sua vez, em avós cuidadores de tempo integral ou substitutos e avós esporádicos.

##### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

Compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos recíprocos entre avós-netos,

**Endereço:** Av. Cardeal da Silva, nº 205

**Bairro:** Federação

**CEP:** 40.231-902

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3203-8913

**Fax:** (71)3203-8975

**E-mail:** cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 1.053.125

focalizando a visão dos netos, a partir do contexto biosociohistórico.

Objetivos secundários:

- Conhecer os motivos que levam os netos a serem criados pelos avós e determinar o tipo de cuidadores;
- Perceber o significado dos avós cuidadores segundo o olhar das crianças;
- Identificar como e em que direção os avós influenciam a vida dos netos e outras indicações futuras do ponto de vista dos netos;
- Descrever os posicionamentos recíprocos entre avós-netos e propor indicadores de análise deste relacionamento;
- Conhecer se e como as relações entre avós e netos têm conformações diversas a partir de diferenças associadas a gênero.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Dos riscos: A pesquisadora considera como riscos para a criança "a possibilidade de se emocionar ao falar sobre suas experiências ou de escutar a experiência dos avós; cansar-se de sua participação; sentir-se constrangida ao ouvir comentários a seu respeito; sentir-se incomodada; aborrecer-se por disputar a vez de falar com os avós; sentir-se obrigada a participar.

Na eventualidade de a criança manifestar algum indício de constrangimento, há o compromisso de sempre interromper o protocolo, garantindo-lhe um ambiente acolhedor e afetivo.

Prevê, ainda, que "estimuladas a interagir com o pesquisador dentro de uma situação lúdica, essa situação permitiria as crianças expressarem-se mais livremente sobre suas experiências".

Não foram incluídos os riscos para os avós, entretanto as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos – Resolução 466/12, estabelecem no item "V – DOS RISCOS E BENEFÍCIO"

"Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variadas. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico."

Dos benefícios: A pesquisadora espera que o estudo contribua com informações que acrescentem

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205		CEP: 40.231-902
Bairro: Federação	Município: SALVADOR	
UF: BA		
Telefone: (71)3203-8913	Fax: (71)3203-8975	E-mail: cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 1.053.125

elementos importantes para a literatura.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante e apresenta uma cuidadosa revisão de literatura, indicando a existência de poucos estudos sobre o relacionamento avós/netos, sob a ótica dos netos.

Nota-se a necessidade de revisão da metodologia, quanto às terminologias utilizadas, bem como os critérios de inclusão e exclusão dos participantes.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora atualizou a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (196/96), para 466/2012.

Foi apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, para as crianças participantes da pesquisa.

**Recomendações:**

Não existem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora considerou as recomendações elencadas no Parecer Consubstanciado emitido em 08 de janeiro de 2015, e adequou o quantitativo de participantes da pesquisa, ao longo das folhas do processo. Esclareceu os benefícios da pesquisa, a relevância científica e, na questão ética, deixou claro os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, reservando o espaço para assinatura da criança, de maneira a demonstrar o seu desejo de participar da pesquisa.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em concordância ao Parecer do Relator, em 07/05/2014, fica deliberado que a Emenda do Projeto se encontra Aprovada, tendo em vista que a pesquisadora cumpriu com todas as recomendações explicitadas no Parecer Consubstanciado, emitido em 08/01/2015.

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205  
 Bairro: Federação CEP: 40.231-902  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SALVADOR - UCSAL**



Continuação do Parecer: 1.053.125

SALVADOR, 08 de Janeiro de 2015

Assinado por:  
Aparecida Netto Teixeira  
(Coordenador)

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205  
Bairro: Federação CEP: 40.231-902  
UF: BA Município: SALVADOR  
Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO A</b>	<b>CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL (CCEB) ...</b>	<b>222</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>FICHA DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA AVÓS MATERNNOS E PATERNOS .....</b>	<b>227</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>FICHA DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA PAIS .....</b>	<b>228</b>
<b>ANEXO D</b>	<b>RODA DE CONVERSA .....</b>	<b>229</b>
<b>ANEXO E</b>	<b>ÁLBUM DE IMAGENS .....</b>	<b>231</b>
<b>ANEXO F</b>	<b>JOGO COLABORATIVO ENTRE AVÓS E NETOS .....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO G</b>	<b>SESSÃO LÚDICA ENTRE AVÓS E NETOS .....</b>	<b>236</b>
<b>ANEXO H</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXO I</b>	<b>PUBLICAÇÃO DO TEMA .....</b>	<b>239</b>
<b>ANEXO J</b>	<b>LEVANTAMENTO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS NOS ESTUDOS .....</b>	<b>241</b>
<b>ANEXO K</b>	<b>ESQUEMA DO CUIDAR .....</b>	<b>243</b>
<b>ANEXO L</b>	<b>CONFIGURAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS FAMILIARES..</b>	<b>244</b>

## ANEXO A

## CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL (CCEB)



## Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/01/2014

A dinâmica da economia brasileira, com variações importantes nos níveis de renda e na posse de bens nos domicílios, representa um desafio importante para a estabilidade temporal dos critérios de classificação socioeconômica. Em relação ao CCEB, os usuários têm apresentado dificuldades na manutenção de amostras em painel para estudos longitudinais. As dificuldades são maiores na amostragem dos estratos de pontuação mais baixa.

A ABEP vem trabalhando intensamente na avaliação e construção de um critério que seja fruto da nova realidade do país. Porém, para que os estudos produzidos pelos usuários do Critério Brasil continuem sendo úteis ao mercado e mantenham o rigor metodológico necessário, as seguintes recomendações são propostas às empresas que tenham estudos contínuos, com amostras em painel:

- A reclassificação de domicílios entre as classe C2 e D deve respeitar uma região de tolerância de 1 ponto, conforme descrito abaixo:
  - Domicílios classificados, no momento inicial do estudo, como classe D --> são reclassificados como C2, apenas no momento em que atingirem 15 pontos;
  - Domicílios classificados, no momento inicial do estudo, como classe C2 --> são reclassificados como D, apenas no momento em que atingirem 12 pontos;
  - O momento inicial de estudos desenvolvidos a partir de amostra mestra é o da realização da amostra mestra;
  - O momento inicial de estudos desenvolvidos sem amostra mestra é o da primeira medição (onda) do estudo.

**IMPORTANTE:** As alterações descritas acima são apenas para os estudos que usem amostras contínuas em painéis. Estudos *ad hoc* e estudos contínuos, com amostras independentes, devem continuar a aplicar o Critério Brasil regularmente.

Outra mudança importante no CCEB é válida para todos os estudos que utilizem o Critério Brasil. As classes D e E devem ser unidas para a estimativa e construção de amostras. A justificativa para esta decisão é o tamanho reduzido da classe E, que inviabiliza a leitura de resultados obtidos através de amostras probabilísticas ou por cotas, que respeitem os tamanhos dos estratos. A partir de 2013 a ABEP deixa de divulgar os tamanhos separados destes dois estratos.

Finalmente, em função do tamanho reduzido da Classe A1 a renda média deste estrato deixa de ser divulgada. Assim, a estimativa de renda média é feita para o conjunto da Classe A.



O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é de classes econômicas.

### **SISTEMA DE PONTOS**

#### **Posse de itens**

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

#### **Grau de Instrução do chefe de família**

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Fundamental 1 Incompleto	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Fundamental 1 Completo / Fundamental 2 Incompleto	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental 2 Completo/ Médio Incompleto	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio Completo/ Superior Incompleto	4
Superior completo	Superior Completo	8

### **CORTES DO CRITÉRIO BRASIL**

Classe	Pontos
A1	42 - 46
A2	35 - 41
B1	29 - 34
B2	23 - 28
C1	18 - 22
C2	14 - 17
D	8 - 13
E	0 - 7



## **PROCEDIMENTO NA COLETA DOS ITENS**

É importante e necessário que o critério seja aplicado de forma uniforme e precisa. Para tanto, é fundamental atender integralmente as definições e procedimentos citados a seguir.

Para aparelhos domésticos em geral devemos:

Considerar os seguintes casos

Bem alugado em caráter permanente Bem emprestado de outro domicílio há mais de 6 meses

Bem quebrado há menos de 6 meses

Não considerar os seguintes casos Bem emprestado para outro domicílio há mais de 6 meses

Bem quebrado há mais de 6 meses

Bem alugado em caráter eventual

Bem de propriedade de empregados ou pensionistas

### **Televisores**

Considerar apenas os televisores em cores.

Televisores de uso de empregados domésticos (declaração espontânea) só devem ser considerados caso tenha(m) sido adquirido(s) pela família empregadora.

### **Rádio**

Considerar qualquer tipo de rádio no domicílio, mesmo que esteja incorporado a outro equipamento de som ou televisor. Rádios tipo walkman, conjunto 3 em 1 ou microsystems devem ser considerados, desde que possam sintonizar as emissoras de rádio convencionais. Não pode ser considerado o rádio de automóvel.

### **Banheiro**

O que define o banheiro é a existência de vaso sanitário. Considerar todos os banheiros e lavabos com vaso sanitário, incluindo os de empregada, os localizados fora de casa e os da(s) suite(s). Para ser considerado, o banheiro tem que ser privativo do domicílio. Banheiros coletivos (que servem a mais de uma habitação) não devem ser considerados.

### **Automóvel**

Não considerar táxis, vans ou pick-ups usados para fretes, ou qualquer veículo usado para atividades profissionais. Veículos de uso misto (lazer e profissional) não devem ser considerados.

### **Empregado doméstico**

Considerar apenas os empregados mensalistas, isto é, aqueles que trabalham pelo menos 5 dias por semana, durmam ou não no emprego. Não esquecer de incluir babás, motoristas, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, considerando sempre os mensalistas. Note bem: o termo empregados mensalistas se refere aos empregados que trabalham no domicílio de forma permanente e/ou contínua, pelo menos 5 dias por semana, e não ao regime de pagamento do salário.

### **Máquina de Lavar**

Considerar máquina de lavar roupa, somente as máquinas automáticas e/ou semiautomática O tanquinho NÃO deve ser considerado.

### **Videocassete e/ou DVD**

Verificar presença de qualquer tipo de vídeo cassete ou aparelho de DVD.

### **Geladeira e Freezer**

No quadro de pontuação há duas linhas independentes para assinalar a posse de geladeira e freezer respectivamente. A pontuação será aplicada de forma independente:

Havendo geladeira no domicílio, independente da quantidade, serão atribuídos os pontos (4) correspondentes a posse de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2ª. porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer.

As possibilidades são:

Não possui geladeira nem freezer	0 pt
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	4 pts
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	6 pts
Possui geladeira de duas portas e freezer	6 pts
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	2 pt

### **OBSERVAÇÕES IMPORTANTES**

Este critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas. Não pode, entretanto, como qualquer outro critério, satisfazer todos os usuários em todas as circunstâncias. Certamente há muitos casos em que o universo a ser pesquisado é de pessoas, digamos, com renda pessoal mensal acima de US\$ 30.000. Em casos como esse, o pesquisador deve procurar outros critérios de seleção que não o CCEB.

A outra observação é que o CCEB, como os seus antecessores, foi construído com a utilização de técnicas estatísticas que, como se sabe, sempre se baseiam em coletivos. Em uma determinada amostra, de determinado tamanho, temos uma determinada probabilidade de classificação correta, (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja baixa). O que esperamos é que os casos incorretamente classificados sejam pouco numerosos, de modo a não distorcer significativamente os resultados de nossa investigação.

Nenhum critério, entretanto, tem validade sob uma análise individual. Afirmações frequentes do tipo "... conheço um sujeito que é obviamente classe D, mas

pelo critério é classe B..." não invalidam o critério que é feito para funcionar estatisticamente. Servem porém, para nos alertar, quando trabalhamos na análise individual, ou quase individual, de comportamentos e atitudes (entrevistas em profundidade e discussões em grupo respectivamente). Numa discussão em grupo um único caso de má classificação pode pôr a perder todo o grupo. No caso de entrevista em profundidade os prejuízos são ainda mais óbvios. Além disso, numa pesquisa qualitativa, raramente uma definição de classe exclusivamente econômica será satisfatória.

Portanto, é de fundamental importância que todo o mercado tenha ciência de que o CCEB, ou qualquer outro critério econômico, não é suficiente para uma boa classificação em pesquisas qualitativas. Nesses casos deve-se obter além do CCEB, o máximo de informações (possível, viável, razoável) sobre os respondentes, incluindo então seus comportamentos de compra, preferências e interesses, lazer e hobbies e até características de personalidade.

Uma comprovação adicional da conveniência do Critério de Classificação Econômica Brasil é sua discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões brasileiras, revelando importantes diferenças entre elas.

### **Renda média bruta familiar no mês em R\$ por classe das 9 RM's**

<b>Classes</b>	<b>Renda média bruta familiar no mês em R\$</b>
Classe A	11.037
Classe B1	6.006
Classe B2	3.118
Classe C1	1.865
Classe C2	1.277
Classe DE	895

Fonte: LSE 2012 Ibope Média

**Distribuição das classes por praça**

	GDE. FORT.	GDE. REC	GDE. SALV	GDE. BH	GDE. RJ	GDE. SP	GDE. CUR	GDE. POA	DF	9 GRANDES ÁREAS
Classe A1	0,5	0,5	0,4	0,8	0,2	0,3	0,8	0,8	1,9	0,5
Classe A2	2,6	3,1	2,2	4,2	3,3	4,7	5,0	4,7	9,1	4,2
Classe B1	5,4	7,4	8,4	9,7	10,5	11,2	15,1	11,1	15,6	10,6
Classe B2	11,0	12,3	15,3	19,5	20,0	25,5	29,8	27,2	23,0	21,6
Classe C1	17,5	22,9	24,7	27,4	30,1	29,0	25,3	29,0	22,4	27,3
Classe C2	33,4	28,6	28,5	22,6	23,2	19,8	15,3	19,0	16,2	22,2
Classe DE	29,6	25,2	20,5	15,8	12,7	9,5	8,7	8,2	11,8	13,6
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: LSE 2012 Ibope Média



Av. Nove de Julho, 4855, cj. 31 A, Jd. Paulista,  
São Paulo - SP - CEP: 01407-200  
Fone: (11) 3078.7744 | Fax: (11) 3168.2026

## ANEXO B

**FICHA DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA AVÓS  
MATERNOS E PATERNOS**

ENTREVISTADO(A) DE NÚMERO:			
NOME DO(A) ENTREVISTADO(A):			
IDADE:			
SEXO: <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino			
ESTADO CIVIL: <input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> divorciado <input type="checkbox"/> viúvo			
BAIRRO DE MORADIA:			
ESCOLARIDADE:			
Ensino fundamental	<input type="checkbox"/> completo	<input type="checkbox"/> incompleto	
Ensino médio	<input type="checkbox"/> completo	<input type="checkbox"/> incompleto	
Ensino superior	<input type="checkbox"/> completo	<input type="checkbox"/> incompleto	
Pós-graduação	<input type="checkbox"/> completo	<input type="checkbox"/> incompleto	
OCUPAÇÃO ATUAL:			
RENDA FAMILIAR:			
<input type="checkbox"/> 1 a 3 salários mínimos	<input type="checkbox"/> 68 a 10 salários mínimos		
<input type="checkbox"/> 4 a 7 salários mínimos	<input type="checkbox"/> Maior que 10 salários mínimos		
NÍVEL SOCIOECONÔMICO:			
<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> médio baixo		
<input type="checkbox"/> médio alto	<input type="checkbox"/> baixo		
<input type="checkbox"/> médio			
COM QUEM MORA ATUALMENTE?			
<input type="checkbox"/> Cônjuge	<input type="checkbox"/> Filho, nora e neto(s)	<input type="checkbox"/> Filha, genro e neto(s)	<input type="checkbox"/> Sozinha
TIPO DE MORADIA:			
casa	<input type="checkbox"/> próprio	<input type="checkbox"/> alugado	<input type="checkbox"/> financiado
apartamento	<input type="checkbox"/> próprio	<input type="checkbox"/> alugado	<input type="checkbox"/> financiado
DISTÂNCIA GEOGRÁFICA DO(A) NETO(A)			
<input type="checkbox"/> Nenhuma. Moro na mesma casa	<input type="checkbox"/> Próximo. Posso ir à pé	<input type="checkbox"/> Distante. Mais de trinta minutos.	
DEDICAÇÃO AO CUIDADO DO(A) NETO(A):			
Integralmente	<input type="checkbox"/> todos os dias		
Sistematicamente	<input type="checkbox"/> somente no(s) dia(s) de:		
Esporadicamente	<input type="checkbox"/> às vezes		

## ANEXO C

## FICHA DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA PAIS

Entrevistado de número:					
<b>Dados Pessoais da Criança</b>					
Nome:					
Sexo:					
<input type="checkbox"/> masculino			<input type="checkbox"/> feminino		
Idade:					
6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos
Escolaridade do Ensino Fundamental					
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
<b>Situação Familiar</b>					
Estado Civil dos pais					
PAI					
<input type="checkbox"/> casado com a mãe da criança			<input type="checkbox"/> solteiro		
<input type="checkbox"/> divorciado			<input type="checkbox"/> viúvo		
<input type="checkbox"/> vive com outra pessoa					
Profissão:					
MÃE					
<input type="checkbox"/> casada com o pai da criança			<input type="checkbox"/> solteira		
<input type="checkbox"/> divorciada			<input type="checkbox"/> viúva		
<input type="checkbox"/> vive com outra pessoa					
Profissão:					
<b>Agregado familiar</b> (lista de pessoas que vivem com a criança)					
Parentesco	Idade	Gênero M/F	Profissão	Nível de escolaridade	
Posição da criança na família					
<input type="checkbox"/> filho único			<input type="checkbox"/> primogênito		
<input type="checkbox"/> filho do meio			<input type="checkbox"/> caçula		

## ANEXO D

---

### RODA DE CONVERSA

#### Objetivo

A presença de Chapeuzinho Vermelho tem como objetivo mediar a interação, com o cuidado de minimizar os riscos de constrangimento que poderiam ocorrer se a criança respondesse diretamente a nossas perguntas. Nossa intenção é melhor apreender, pelo olhar da criança, a condição de “ser criança” e pensar com elas o relacionamento com os avós-cuidadores.

#### Justificativa

A escolha feita pela personagem Chapeuzinho Vermelho permeia o imaginário infantil e se aproxima da realidade porque trata de uma menina que tem uma vovozinha, assim como as crianças tem a sua avó. A diferença é que a vovó da personagem não aparece no enredo como uma avó cuidadora e isto faz com que possamos investigar este tema.

#### Materiais:

História de Chapeuzinho Vermelho; papel; lápis; borracha e lápis de cor.

#### Procedimento:

Visa suscitar narrativas sob forma de respostas à curiosidade de Chapeuzinho Vermelho, personagem dos clássicos infantis, que tem uma vovozinha que mora distante e deseja saber **como é a convivência com os avós cuidadores?** Seguindo a orientação de Passeggi (2012), esta técnica de entrevista-conversa compreende três momentos: abertura, diálogo e encerramento.

Na **abertura**, apresentamos Chapeuzinho Vermelho e recordamos que a menina tem uma avó que mora distante e a personagem está curiosa para entender o que a criança que convive perto de seus avós fazem juntos.

A partir daí, iniciaremos o **diálogo** com a criança, a quem pediremos para conversar com a personagem.

Como **fechamento**, anunciaremos que Chapeuzinho Vermelho tem pressa de voltar para casa e contar à vovozinha muitas coisas que escutou da criança sobre o

relacionamento com as suas avós. Pediremos que a criança envie uma mensagem para a vovozinha: ela poderá escolher escrever, desenhar ou falar.

### **Análise de Dados**

Seguimos as orientações propostas por Minayo (2004) quanto ao procedimento de análise hermenêutico-dialético para a compreensão das narrativas.

## ANEXO E

### ÁLBUM DE IMAGENS<sup>3</sup>

#### Objetivo

O álbum de imagens tem como objetivo identificar as atividades que aparece mais frequentemente na vida das crianças. Nossa intenção é compreender, através da escolha das imagens, o tipo de atividades que ocorre entre os avós cuidadores e os/as netos(as).

#### Justificativa

A escolha do álbum de imagens foi inspirada a partir do estudo da tipologia dos avós (PEDRO-GOMES, 2006; OZUNA, 2006; DOMINGUEZ, 2011).

#### Material:

Álbum de imagens contendo atividades específicas:

Brincar	Ensinar
Passear	Ler história/Tocar música
Levar/Trazer	Confidenciar

#### Procedimento

Para suscitar narrativas, pedimos que a criança selecionasse imagens que representa a convivência com os avós, através da seguinte consigna:















- Escolha imagens que representam o que o vovô e a vovó fazem juntos com você.

#### Avaliação

Para a descrição das imagens pelas crianças será utilizada as orientações propostas por Minayo (2004) para a compreensão das narrativas.

<sup>3</sup>Retiradas do banco de imagens da internet.



ATIIDADES				
BRINCAR	Ao ar livre	Computador	Joguinhos	Não brinca
				
PASSEAR	Caminhada	Praça	Praia	Shopping
				
LEVAR E TRAZER	Escola	Futebol	Cursos	Consultas
				
ENSINAR	Cozinhar	Costurar	Dever escolar	Lavar carro
				
HISTÓRIA/ MÚSICA	Lê	conta	Toca	ensina
				
CONFIDENCIAR	Escuta	Aconselha	Conversa	Envia mensagem eletrônica
				

## ANEXO F

---

### JOGO COLABORATIVO ENTRE AVÓS E NETOS<sup>4</sup>

#### Origem do jogo

O Jogo Colaborativo foi um trabalho desenvolvido por Faria (1998), na conclusão de sua especialização em Terapia Familiar e de Casal pela PUC-SP, que visa promover um espaço de brincadeira e conversação e, certamente, poderá se constituir em um útil recurso para identificar as modalidades de aprendizagem presentes no contexto familiar.

#### Objetivo

O objetivo do jogo é dar ao pesquisador a possibilidade de ter uma compreensão mais clara de como se dá a relação entre avós e netos, identificando a figura mais presente na vida das crianças; aspectos da vida dos netos em que os avós estão mais presentes; significados atribuídos aos avós e papéis que têm em relação ao desempenho escolar dos netos, tudo isto de forma lúdica.

#### Materiais

Descrição do jogo: 01 tabuleiro; 01 dado; 01 marcador para se mover nos espaços do tabuleiro; 01 ampulheta; 30 cartões de instruções.

#### Instruções

As instruções são transmitidas por escrito através da escolha de cartões coloridos que contêm quatro tipos de intenções de perguntas ou tarefas a serem respondidas ou realizadas durante o jogo.

1. Cartões azuis: perguntas reflexivas: levam o jogador e a família a pensarem em possibilidades não pensadas antes.
2. Cartões verdes: perguntas autorreveladoras. Ao respondê-las, os avós e netos ficarão sabendo mais sobre as opiniões daquela pessoa naquele momento.
3. Cartões amarelos: perguntas colaborativas. Avós e netos devem estar envolvidos na resposta.

---

<sup>4</sup> FARIAS (1998)

### Como jogar

1. Para começar, uma pessoa escolhe um cartão de instrução do monte, lê em voz alta o que nele está escrito e toda a família coopera, seguindo as instruções do cartão.
2. Depois de realizar a atividade sugerida na instrução do cartão este deve ser colocado à parte, e então, a mesma pessoa que o escolheu deverá jogar o dado.
3. Esta mesma pessoa move o marcador tantos espaços quanto estiver indicado no dado. Então seguirá a orientação que estiver indicada no espaço em que parar o marcador (se houver alguma tarefa).
4. Depois disto, será a vez do próximo jogador, que dará continuidade ao jogo a partir do espaço em que o marcador estiver.
5. O jogo será concluído após todas as perguntas terem sido respondidas.
6. A pesquisadora registrará as perguntas e as respostas com o auxílio do gravador.

### Avaliação

Seguimos as orientações propostas por Minayo (2004) quanto ao procedimento de análise hermenêutico-dialético para a compreensão das narrativas.

### Questões dirigidas aos avós

<b>Cartões azuis: perguntas reflexivas</b>
1. O que é ser avô(ó) cuidador(a) para você?
2. Qual/Quais a/as motivação/motivações que o/a levaram a ser cuidador(a) de seu/sua neto(a)?
3. Onde você cuida de seu/sua neto(a)?
4. Qual a frequência do contato que estabelece com o seu/sua neto(a)?
5. Há quanto tempo cuida de seu/sua neto(a)?

<b>Cartões verdes: perguntas autorreveladoras</b>
1. Conte uma historia de seu neto(a)?
2. Você utiliza as mesmas estratégias de ensino utilizada com seu/sua filho(a) na infância, agora com o(a) neto(a)?
3. Quais as vantagens e desvantagens de ser avô e/ou avó cuidador(a)?
4. Tem alguma lembrança marcante de um momento com seu/sua neto(a)?
5. Alguma vez lhe ocorre pensar em seus próprios avós? Encontra semelhanças ou diferenças na atuação?

**Cartões amarelos: perguntas compartilhadas**

1. Quais as atividades que você frequenta com o/a seu/sua neto(a)?
2. Quais as atividades domésticas que realiza com o/a seu/sua neto(a)?
3. Quais são as atividades lúdicas que realiza com o/a seu/sua neto(a)?
4. O que ensina a seu/sua neto(a)?
5. O que aprende com seu/sua neto(a)?

**Questões dirigidas aos netos****Cartões azuis: perguntas reflexivas**

1. O que você acha de seus avós (maternos e paternos)?
2. Como é ser neto(a) da vovó e do vovô?
3. Como é o seu dia em companhia dos avós?
4. O que aprendo com os meus avós?
5. O que ensino para meus avós?

**Cartões verdes: perguntas autorreveladoras**

1. Tem alguma lembrança marcante de um momento com seus avós?
2. Complete a frase: Os meus avós são para mim...
3. Complete a frase: Uma ajuda que recebi dos meus avós foi quando...
4. Complete a frase: Uma ajuda que dei aos meus avós foi quando...
5. Você gostaria de morar na casa de seus avós, por quê?

**Cartões amarelos: perguntas compartilhadas**

1. Com que avós você convive mais: maternos ou paternos?
2. Com que frequência está com os teus avós maternos e paternos?
3. Quais as atividades que realiza com o avô e/ou a avó?
4. Quais são as atividades que o seu avô e/ou sua avó acompanham?
5. Quais são as atividades que você mais gosta de realizar com os seus avós?

## ANEXO G

### SESSÃO LÚDICA ENTRE AVÓS E NETOS

#### Origem

Essa técnica de diagnóstico psicopedagógico originou-se no trabalho clínico de Chamat (2004) com a necessidade de levantar o tipo de vínculo que permeia a relação entre mãe e filho(a), neste estudo, avós e neto(a).

#### Objetivo

Por meio do jogo, busca-se detectar o tipo de vínculo que predomina na interação entre avós e netos.

#### Materiais

01 Caixa Transparente grande contendo: (1) jogos – dominó, memória, cartinhas do uno, pegas-varetas; (2) livros de histórias; (3) artes – massa de modelar; tintas e pincéis; papéis (folha de ofício e E.V.A., crepom e cartolina); tesoura; cola; lápis de cor; apontador e borracha.

#### Instruções

O pesquisador convida a avó e neto(a) para brincarem juntos e dá a seguinte consigna:

“Este material (abre a tampa da caixa transparente) está disponível para vocês usarem como quiserem. Vou ficar um pouco afastada, mas anotando o que preciso observar; caso surja alguma dúvida, me perguntem”.

#### Modelo de Interpretação dos Dados<sup>5</sup>

Aspectos a serem observados	Conteúdo Manifesto (onde a situação se evidencia)	Conteúdo Latente (significado da ação)
Tipo de vínculo que predomina na interação neto-avós		
Outros aspectos que surgem durante a dinâmica		
Síntese da interpretação		
Hipóteses		

<sup>5</sup> CHAMAT, Leila Sara José. *Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista*. São Paulo: Vetor, 2004. p.147-162.

## ANEXO H

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Quadro 7 – Dissertações e Teses nacionais da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2013)

ANO	TITULO	TIPO
2004	Tornar-se avó no processo de individuação	Dissertação
2005	Pais que retornam a residir com os filhos na velhice. Novas ou velhas parcerias?	Dissertação
2006	Homem idoso: vivência de papéis durante o ciclo vital da família	Dissertação
2006	Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano	Dissertação
2006	As avós idosas cuidadoras dos netos hospitalizados	Dissertação
2006	Cultura infantil e envelhecimento	Dissertação
2007	As relações entre avós e netos: possibilidades coeducativas?	Dissertação
2007	Famílias ludovicenses: um estudo sobre a transmissão dos valores culturais e familiares na perspectiva de avós e netos	Dissertação
2007	Elos da memória - o discurso dos avós sobre a cultura	Dissertação
2007	Meu tempo, seu tempo: refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar	Dissertação
2007	Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós	Dissertação
2008	Legado das avós e os bens do cuidado. Estudo sobre família, gerações e redes sociais em bairro popular de Belém/PA	Tese
2008	Significados atribuídos pelos avós no cuidado com a saúde bucal dos netos: um enfoque qualitativo	Dissertação
2008	Laços intergeracionais na família em contexto infracional: quando a relação avós e netos pode ser libertadora	Tese
2008	Eu cuido dela e ela me cuida”: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso	Dissertação
2008	Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando a mudança de atitudes de crianças em relação a idosos	Tese
2008	O Direito de visita dos avós aos netos	Dissertação
2009	Avosidade: visao das avós e seus netos	Dissertação
2009	Interações entre avós e seus netos com deficiência: uma experiência em musicoterapia	Dissertação
2009	Retratos da avó na literatura infantil de Ana Maria Machado e Ruth Rocha	Dissertação
2010	Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos	Dissertação
2010	Vidas compartilhadas: avós e netos com deficiência em situações de violência e abandono	Dissertação
2010	Ser avó para estragar ou para educar? Um estudo com grupos de avós que cuidam de netos	Tese
2011	Criança e adolescente sob guarda de avós: proteção integral, dignidade da pessoa humana e seus efeitos previdenciários	Dissertação
2011	Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças relações intergeracionais entre avós e netos a partir da perspectiva das crianças	Tese

2011	Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação a velhice e percepção sobre demência	Dissertação
2012	Nas malhas das redes de solidariedade familiar: um estudo sobre avós que cuidam ou cuidam ou criam netos	Dissertação
2013	Cotidiano, práticas de apoio e interacionalidade em famílias de crianças com deficiência intelectual e de crianças com desenvolvimento típico: a ótica de três gerações	Dissertação
2013	Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a Intergeracionalidade na relação avós e netos	Dissertação
2013	Ser uma avó cuidadora	Tese
2013	Discursos de avós sobre o bebê, sua educação e cuidado	Dissertação

Fonte: Elaboração própria

Quadro 8 –Dissertações e Teses internacionais *abuelos/nietos; grandparents/grandchildren* no título (2004-2013)

ANO	TITULO	TIPO
2004	Rural grandparents raising grandchildren: predictors of parental stress	Tese
2006	Rol que desempeñan los abuelos con nietos escolares en el sector de Bellavista-Tomé	Dissertação
2007	Grandparents raising their grandchildren new roles being defined	Dissertação
2007	Relaciones intergeneracionales y bienestar de las personas mayores;	Tese
2007	Family coping and adaptation among grandparents rearing grandchildren	Dissertação
2008	O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos	Dissertação
2008	Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças: uma abordagem intergeracional e intercultural.	Dissertação
2009	Avós elevar seus netos: impacto da transição de um papel tradicional dos avós para um papel de avô-as-mãe	Tese
2009	Avós e Netos duas gerações unidas: Um projecto de atividades intergeracionais na Aldeia de São José de	Dissertação
2010	Presença e papel dos avós: estudo de caso	Dissertação
2011	Relações Intergeracionais: Um Estudo na área de Lisboa	Dissertação
2012	Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens	Dissertação
2013	A relação entre avós e netos após a separação conjugal dos pais	Dissertação

Fonte: Elaboração própria

## ANEXO I

## PUBLICAÇÃO DO TEMA

Quadro 9 – Período de maior publicação nacional do tema da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2013)

ANO	TÍTULO
2004	Tornar-se avó no processo de individuação.
2005	Pais que retornam a residir com os filhos na velhice. Novas ou velhas parcerias?
2006	Homem idoso: vivencia de papéis durante o ciclo vital da família.
2006	Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano.
2006	As avós idosas cuidadoras dos netos hospitalizados.
2006	Cultura infantil e envelhecimento.
2007	As relações entre avós e netos: possibilidades coeducativas?
2007	Famílias ludovicenses: um estudo sobre a transmissão dos valores culturais e familiares na perspectiva de avós e netos.
2007	Elos da memória - o discurso dos avós sobre a cultura.
2007	Meu tempo, seu tempo: refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar.
2007	Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós.
2008	Legado das avós e os bens do cuidado. Estudo sobre família, gerações e redes sociais em bairro popular de Belém/PA.
2008	Significados atribuídos pelos avós no cuidado com a saúde bucal dos netos: um enfoque qualitativo.
2008	Laços intergeracionais na família em contexto infracional: quando a relação avós e netos pode ser libertadora.
2008	“Eu cuido dela e ela me cuida”: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso.
2008	Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando a mudança de atitudes de crianças em relação a idosos
2008	O Direito de visita dos avós aos netos.
2009	Avosidade: visao das avós e seus netos.
2009	Interações entre avós e seus netos com deficiência: uma experiência em musicoterapia.
2009	Retratos da avó na literatura infantil de Ana Maria Machado e Ruth Rocha.
2010	Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos.
2010	Vidas compartilhadas: avós e netos com deficiência em situações de violência e abandono.
2010	Ser avó para estragar ou para educar? Um estudo com grupos de avós que cuidam de netos.
2011	Criança e adolescente sob guarda de avós: proteção integral, dignidade da pessoa humana e seus efeitos previdenciários.
2011	Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças relações intergeracionais entre avós e netos a partir da perspectiva das crianças.



2011	Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação a velhice e percepção sobre demência
2012	Nas malhas das redes de solidariedade familiar: um estudo sobre avós que cuidam ou cuidam ou criam netos.
2013	Cotidiano, práticas de apoio e interacionalidade em famílias de crianças com deficiência intelectual e de crianças com desenvolvimento típico: a ótica de três gerações.
2013	Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a Intergeracionalidade na relação avós e netos.
2013	Ser uma avó cuidadora.
2013	Discursos de avós sobre o bebê, sua educação e cuidado

Fonte: Elaboração própria

Quadro 10 – Período de maior publicação internacional do tema da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2013)

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>
2004	<i>Rural grandparents raising grandchildren: predictors of parental stress.</i>
2006	<i>Rol que desempeñan los abuelos con nietos escolares em el sector de Bellavista-Tomé.</i>
2007	Grandparents raising their grandchildren new roles being defined.
2007	<i>Relaciones intergeneracionales y bienestar de las personas mayores</i>
2007	<i>Family coping and adaptation among grandparents rearing grandchildren</i>
2008	O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos
2008	Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças: uma abordagem intergeracional e intercultural.
2009	<i>Grandparents raising their grandchildren: impact of the transition from a traditional grandparent role to a grandparent-as-parent role.</i>
2009	Avós e Netos duas gerações unidas: Um projecto de atividades intergeracionais na Aldeia de São José de Alcalar
2010	Presença e papel dos avós: estudo de caso
2011	Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa
2012	Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens.
2013	A relação entre avós e netos após a separação conjugal dos pais.

Fonte: Elaboração própria

## ANEXO J

## LEVANTAMENTO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS NOS ESTUDOS

Quadro 11 – Entrevistas nacionais realizadas com avós da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2014)

AUTOR/ES		CAPITAL	ANO
01	Dias, Silva e Rangel	Pernambuco	2005
02	Pedrosa	São Paulo	2006
03	Santos	Bahia	2006
04	Gerondo	Paraná	2006
05	Dias, Viana e Aguiar	Recife	2007
06	Moraes	Pernambuco	2008
07	Couto	Minas Gerais	2010
08	Fonseca e Yasmim	Minas Gerais	2010
09	Cardoso	Rio de Janeiro	2010
10	Silva	Minas Gerais	2010
11	Araujo e Dias	Pernambuco	2010
12	Silva e cols	Goiás	2010
13	Mariano e Flamenghi Jr.	Minas Gerais	2011
14	Santana	Bahia	2011
15	Paula e cols.	Fortaleza	2011
16	Silva	Minas Gerais	2012
17	Silva	Aracaju	2012
18	Mainetti e Wanderbroocke	Paraná	2013
19	Rocha	Bahia	2013
20	Melca	Rio de Janeiro	2013
21	Alves	Ceará	2013
22	Cardoso e Costa	Distrito Federal	2014

Fonte: Elaboração própria

Quadro 12 – Entrevistas internacionais realizadas com avós da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2014)

AUTOR/ES		CAPITAL	ANO
01	Conway	Montana	2004
02	Gallardo	Espanha	2007
03	Bernal e Anuncibay	Espanha	2008
04	Rodrigues	Portugal	2008
05	Dutra	Portugal	2008
06	Pires	Portugal	2010
07	Pinazo-Hernandis e Lluna	Espanha	2011
08	Dominguez, Vitorino e Morgado	Lisboa	2011
09	Weisbrot e Giraudo	Argentina	2012
10	Weisbrot e Giraudo	Argentina	2012
11	Smort, Tschiesner, Farneti	Estados Unidos	2012
12	Rodrigues	Portugal	2013

Fonte: Elaboração própria

Quadro 13 – Entrevistas nacionais realizadas com mães da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2014)

<b>AUTOR/ES</b>		<b>CAPITAL</b>	<b>ANO</b>
01	Oliveira	Distrito Federal	2007
02	Silva, Santos e Pontes	Amazonas	
03	Marques e cols	Paraná	2010
04	Matsukura e Yamashiro	São Paulo	2012

Fonte: Elaboração própria

Quadro 14 – Entrevistas nacionais realizadas com adolescentes da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2014)

<b>AUTOR/ES</b>		<b>CAPITAL</b>	<b>ANO</b>
01	Dias, Hora, Aguiar	Pernambuco	2010
02	Schmidt	Rio Grande do Sul	2010
03	Arrais e cols	Distrito Federal	2012
04	Moreira, Rabinovich e Silva	Bahia	2012

Fonte: Elaboração própria

Quadro 15 – Entrevistas internacionais realizadas com adolescentes da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2014)

<b>AUTOR/ES</b>		<b>CAPITAL</b>	<b>ANO</b>
01	Cunha e Matos	Portugal	2010

Fonte: Elaboração própria

Quadro 16 – Entrevistas nacionais realizadas com crianças da base de dados da Capes com os termos avós/netos no título (2004-2014)

<b>AUTOR/ES</b>		<b>CAPITAL</b>	<b>ANO</b>
01	Contrin	Minas Gerais	2007
02	Oliveira	Distrito Federal	2008
03	Rabinovich e Moreira	Bahia	2008
04	Moreira, Rabinovich e Silva	São Paulo	2009
05	Ramos	Rio Grande do Sul	2011
06	Ramos	Rio Grande do Sul	2012

Fonte: Elaboração própria

Quadro 17 – Entrevistas internacionais realizadas com crianças sobre a relação avós e netos

<b>AUTOR/ES</b>		<b>CAPITAL</b>	<b>ANO</b>
01	Roa	Portugal	2006
02	Silva	Portugal	2012

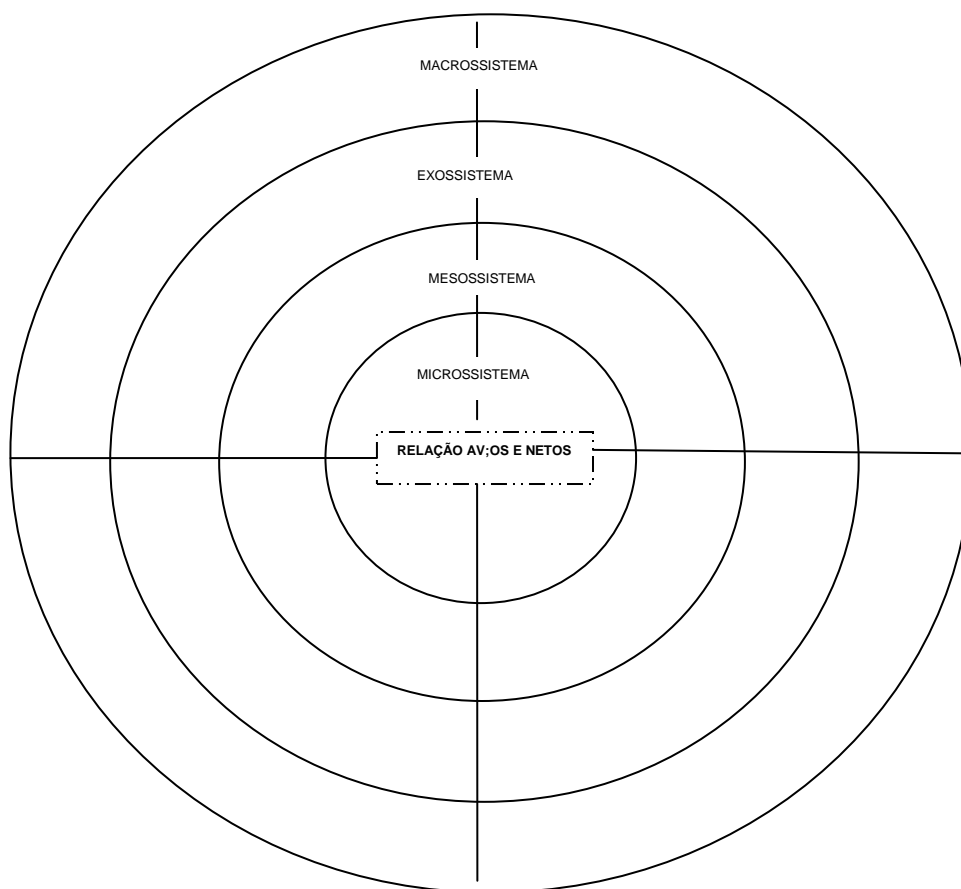
Fonte: Elaboração própria

## ANEXO K

## ESQUEMA DO CUIDAR

**PESSOA**  
Gênero dos avós

**CONTEXTO**  
Local de interação  
Atividades lúdicas



**TEMPO**  
Rotina dos netos

**PROCESSO**  
Convivência

## ANEXO L

## CONFIGURAÇÃO DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS FAMILIARES

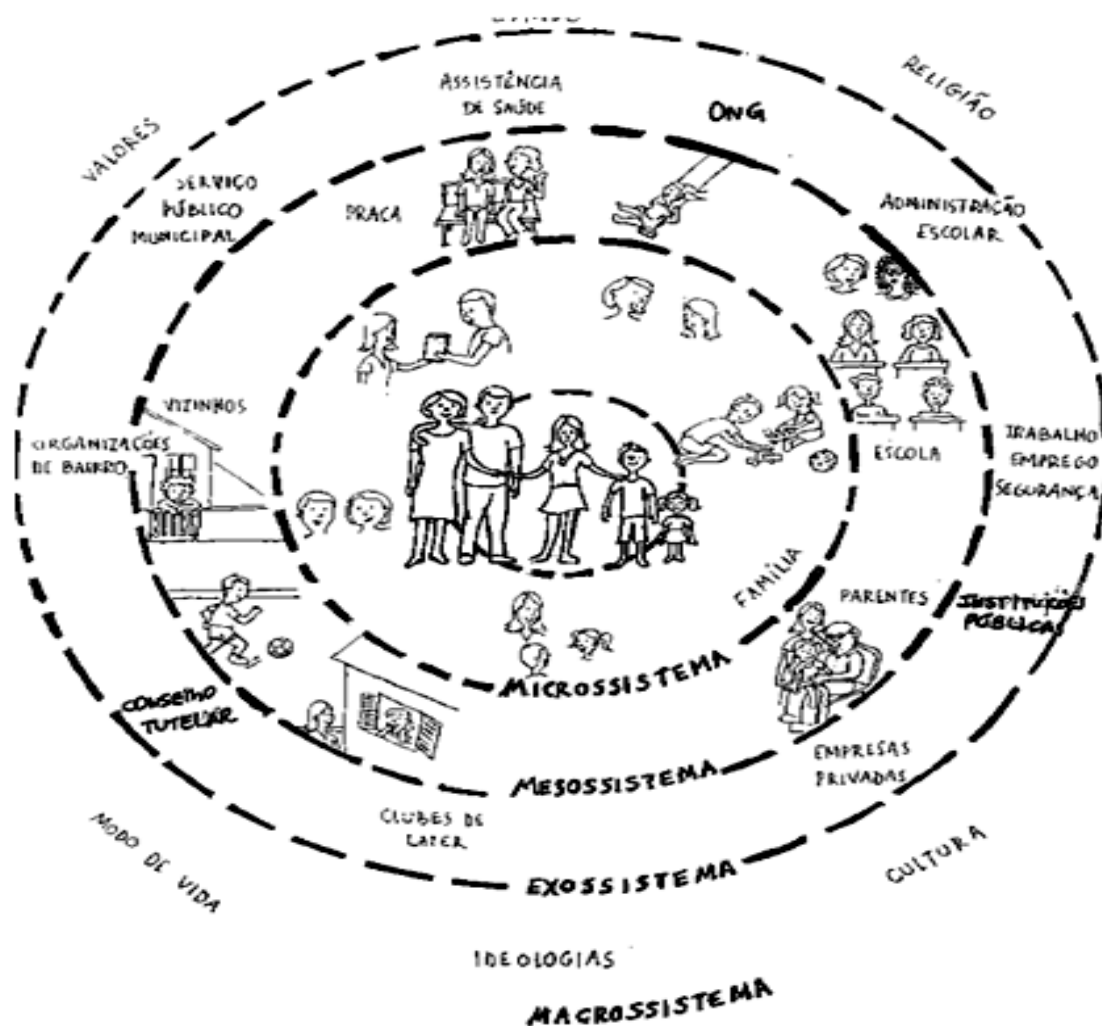


Figura 1. Configuração dos sistemas ecológicos familiares